



UFAM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- PPGH/UFAM

ANDREZA MICHELLE DOS SANTOS ALVES

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E TEOLOGIA DA
LIBERTAÇÃO: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS.
(MANAUS, 1980/1990)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MANAUS/AM
2023



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS- IFCHS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PPGH/UFAM

ANDREZA MICHELLE DOS SANTOS ALVES

**COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E TEOLOGIA DA
LIBERTAÇÃO: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS.
(MANAUS, 1980/1990)**

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Amazonas, como requisito
para obtenção do título de Mestre em História.*

Orientador: Prof. Dr. Nelson Tomelin Junior.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A474c Alves, Andreza Michelle dos Santos
Comunidades eclesiais de base e teologia da
libertação: experiências, memórias e resistências
(Manaus, 1980/1990) /Andreza Michelle dos Santos
Alves . 2023
198 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Nelson Tomelin Junior
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Cebs. 2. Teologia da Libertação . 3. Manaus. 4. Experiências.
5. Resistências. I. Tomelin Junior, Nelson. II. Universidade
Federaldo Amazonas III. Título

Ao meu querido avô Agripino Avelino dos Santos (In Memoriam).

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa- Presidente.
Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Prof. Dr. Júlio Cláudio da Silva- Membro Interno.
Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Profa. Dra. Cláudia Maria de Farias – Membro Externo.
Universidade do Estado do Amazonas- UEA.

AGRADECIMENTOS

As experiências vivenciadas durante o curso de mestrado foram desafiantes, principalmente, por acreditar que este foi um processo de amadurecimento pessoal e profissional. Desenvolvi este trabalho e posso dizer que muitos compartilharam essa caminhada comigo, alguns apontaram caminhos e deram “aquele empurrão” – Vai! Outros me ajudaram financeiramente, e não posso esquecer também das palavras de ânimo que escutei, “vamos em frente”, “vai dar tudo certo” e “mana, você consegue”. Então, neste momento tenho a oportunidade de mostrar um pouco dessa gratidão em palavras.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela força, sabedoria e determinação, dons doados, principalmente nas horas mais difíceis dessa jornada.

Aos meus pais, Iraci Avelino dos Santos e Osvaldino Alves, pelo eterno incentivo aos meus estudos, em especial, minha mãe, pela dedicação, conversas e conselhos, sempre me ajudando nessa minha caminhada.

Aos meus avós maternos Catarina da Silva Santos “dona Anita” e Agripino Avelino dos Santos “Padú” (In Memoriam), aos meus avós paternos Eli Alves e Eni Maria de Jesus, a todos eles pelo carinho, bondade e conselhos, que sempre ouvi.

Aos meus irmãos, tios, tias, primos e primas por compreenderem a minha ausência nos encontros familiares para que eu pudesse construir este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão de bolsa para a constituição dessa pesquisa, mesmo num contexto de retrocesso por que se passa a ciência brasileira.

À Universidade Federal do Amazonas - UFAM, principalmente aos trabalhadores e trabalhadoras, que gerenciam, limpam, arrumam, organizam e cozinham, transformando a universidade em minha segunda casa.

À minha Coorientadora Profa. Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa pela confiança e dedicação neste trabalho de pesquisa.

Aos professores que participaram da defesa, a profa. Dra. Cláudia Maria de Farias (UEA) e o prof. Dr. Júlio Cláudio da Silva (UFAM) pelas observações e leitura minuciosa do texto, das quais contribuíram para aprimorar este trabalho.

Ao corpo técnico do Programa de Pós-graduação, na figura do secretário Jailson Mota, pela boa vontade em ajudar, confiança e presteza em seu trabalho.

Aos professores do Programa de Pós- graduação: Dr. Auxiliomar Ugarte, Dr. Davi Avelino Leal, Dra. Patrícia Maria de Mello Sampaio, Dra. Patrícia Rodrigues da Silva, Dra. Kátia Cilene do Couto, Dra. Márcia Eliane Alves de Souza e Melo, Dra. Maria Luiza Pinheiro Peixoto, Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, Dr. César Augusto Bubolz Queirós, Dr. Hideraldo Lima da Costa, Dr. James Roberto da Silva, Dr. Nelson Tomelin Junior, Dra. Joana Clímaco e Dr. Glauber Biazo, pelos conselhos, explicações e trocas de conhecimentos.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica PROCAD/CAPES PUC-SP/UFAM/UFCG, do qual tive a oportunidade de participar. Minha gratidão a essa experiência, pela recepção generosa como aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC- SP. Ao mesmo tempo, gostaria de estender minha gratidão aos professores e professoras dessa instituição: Dra. Olga Brites, Dra. Heloisa de Faria Cruz, Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Dra. Maria Antonieta Martines Antonacci e Dr. Amailton Magno Azevedo, pelas observações feitas ao meu trabalho.

Ao corpo técnico do Centro de Documentação e Informação Científica – CEDIC- PUC/SP, especialmente na figura de Ana Célia Navarro, pelas instruções no período da missão de estudos.

Aos amigos que pude conhecer e dialogar nesta instituição: Júlio César Minga Tonetti, Maria Carolina Alves, Robélia Sousa, Márcia Soares, Suelen, Sthefane, Amanda e tantos outros.

À equipe do Centro de Formação da Arquidiocese de Manaus - CEFAM, na figura de Patrícia Cabral e Osvaldina, pelas primeiras orientações indicando nomes, lugares e arquivos.

Aos entrevistados Antônia Santos, Areolino da Silva Santana, Carlos Alberto Maciel do Nascimento, Francy Júnior, Helma Sampaio Aragão, Irmã Cristiane Rodrigues de Melo, Irmã Helena Augusta Walcott, Julie Joy de Souza Mesquita, Moisés Aragão, Pe. Alberto Panichella, Pe.

Luis Miguel Mondino e Raimundo Souza dos Santos. Pessoas que compartilharam um pouco de suas vidas comigo, alegrias e tristezas: sem eles essa pesquisa não teria sentido.

Aos que ajudaram com materiais, livros e informações sobre as CEBs, Nete Souza, dona Dalila e Zélia Guimarães.

À equipe do Serviço Amazônico de Ação e Reflexão e Educação Socioambiental - SARES, especialmente, Pe. Paulo e Mary Neres pela indicação de caminhos para minha pesquisa, doação do espaço para entrevistas e livros.

À equipe da CNBB/Seção Norte 01 pela recepção e cessão de alguns documentos e livros da Igreja Católica.

Aos examinadores da minha banca de qualificação, os professores doutores César Augusto de Bulboz Queirós, do PPGH/UFAM, e Raimundo Nonato da Silva, do PPGAS/UFAM, que contribuíram imensamente para o prosseguimento desta pesquisa, apontando caminhos e referências.

Aos meus amigos da comunidade católica St^a. Luzia da Cidade Nova, Dona Rose, Dona Dora, Dona Deusa, Hélder, Marcos, Mário, Sigrid, White, em especial, meus amigos do grupo de canto, Helma Sampaio, Wellington Nogueira, Silvio, Raimundo Aragão, Victória Arruda e Luiz Vinhorte, pelo companheirismo e amizade na missão.

Aos sacerdotes que passaram na minha comunidade, Pe. Luís Mendelli, Pe. José Cheregato e Pe. Jailson Souza, que também foram importantes na minha vida.

Aos meus eternos e queridos amigos da graduação Luciana Bernardo, Walcineide Mota, Jordana, Erick, Carlos Patrick, Jéssica Hermínio, José Mário Gomes, Juliana Moura e Elson Santos, pelos quatros anos de caminhada, aprendizado e amizade que passamos juntos.

Aos meus amigos do Núcleo de Pesquisas em Políticas, Instituições e Práticas Sociais – POLIS; Laboratório em Estudos Culturais – LEC e do Laboratório de História Oral e Audiovisual do Amazonas - LABHORA, Rafaela Martins, Rafaela Bastos, Tamily e Ramily Frota, Lucas Moura, João Bosco, Erika Freitas, Michelle Pires, Bárbara, Leonardo Bentes, Miguel Akel. E tantos outros

amigos que me ouviram, me incentivaram, aconselharam e também pelos momentos de descontração na universidade.

Às minhas amigas do Fórum de Juventude Negra do Amazonas – Fojune/AM, Aline Ribeiro, Raescla, Amanda, Jéssica Dandara, pelas experiências de luta e resistência na universidade.

Aos meus amigos do TRT da 11ª Região, Sunamita Gomes de Oliveira, Maria Sampaio, Indira Leite, Rosângela Santos, Safira Souza, Sarah Araújo dos Santos, Jennifer Carvalho e Tamir Carvalho, sendo que uma experiência de trabalho se tornou uma amizade verdadeira e duradoura.

Aos meus colegas de mestrado, Ricardo Ferro, Márcia Gabrielle, André Oliveira Reis, Alexandre dos Santos pelas conversas e conselhos.

Agradeço!

RESUMO

O problema histórico que constitui o cerne deste trabalho é compreender as experiências e Testemunhos de pessoas que atuaram nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Manaus, entre os anos de 1980 e 1990, em um contexto dos anos finais da Ditadura civil-militar (1964-1985) e início do processo de redemocratização política do país. Em um primeiro momento, iremos fazer um dimensionamento e análise dos caminhos traçados pela Igreja Católica, principalmente as que anunciaram a constituição de uma Teologia Libertadora da América Latina. Em especial, os fatos que marcaram essas experiências tais como o Concílio do Vaticano II (1962- 1965), a II Conferência Episcopal de Medellín (1968) e a III Conferência de Puebla (1979). Percebemos que o início da experiência de CEBs no Brasil, deu-se a partir de embates tanto no campo de atuação da Igreja, quanto fora dela, influenciando as disputas políticas e transformações sociais vividas nas décadas de 1970 e 1980. Posteriormente, iremos revalorizar as trajetórias e os fazeres sociais dos sujeitos entrevistados e analisar por meio das narrativas, documentos da CNBB e da Arquidiocese de Manaus como o trabalho das CEBs se tornou prioridade, por meio de círculos bíblicos, formações teológicas, catequese na periferia e nas ruas. E por fim, iremos evidenciar a construção de novos sujeitos, que a partir de perspectivas pastorais da Teologia da Libertação se organizam em movimentos sociais, projetos alternativos de sociedade e em articulações políticas na cidade. Dito isso, enfatizo neste momento, a experiências de homens e mulheres importantes na defesa e manutenção dessas lutas, tendo apoiado este trabalho de pesquisa em metodologia e encaminhamentos teóricos da História oral, bem como um campo de fontes documentais como (relatórios da CNBB e das CEBs, caderno de campo, e documentos da Igreja Católica). Assim, como resultado dessa pesquisa evidenciam-se os processos pelos quais as experiências das CEBs na cidade de Manaus formaram territórios de memórias, transformando os espaços, lutando pela ampliação de direitos e de cidadania.

Palavras-chave: CEBs, Teologia da Libertação, Manaus, História Oral.

ABSTRACT

The historical problem that constitutes the core of this work is to understand the experiences and narratives of people who worked in the Base Ecclesial Communities (CEBs) in Manaus, between the 1980s and 1990s, in a context of the final years of the civil-military dictatorship (1964-1985) and the beginning of the process of political redemocratization in the country. In a first moment, we will do a sizing and analysis of the paths traced by the Catholic Church, mainly those that announced the constitution of a Liberating Theology of Latin America. In particular, the facts that marked these experiences such as the Second Vatican Council (1962-1965), the II Episcopal Conference of Medellín (1968) and the III Conference of Puebla (1979). We noticed that the beginning of the experience of CEBs in Brazil, took place from clashes both in the field of action of the Church and outside it, influencing the political disputes and social transformations experienced in the 1970s and 1980s. trajectories and social actions of the interviewed subjects and analyze, through the narratives, documents of the CNBB and the Archdiocese of Manaus, how the work of the CEBs became a priority, through biblical circles, theological formations, catechesis in the periphery and in the streets. And finally, we will highlight the construction of new subjects, who, from the pastoral perspectives of Liberation Theology, are organized in social movements, alternative projects of society and in political articulations in the city. That said, I emphasize at this point the experiences of important men and women in the defense and maintenance of these struggles, having supported this research work in methodology and theoretical referrals of Oral History, as well as a field of documentary sources such as (CNBB reports and CEBs, field notebook, and Catholic Church documents). Thus, as a result of this research, the processes by which the CEBs in the city of Manaus formed territories of memories, transforming spaces, fighting for the expansion of rights and citizenship.

Keywords: CEBs, Liberation Theology, Manaus, Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Quadro Destacando as Assembleias Pastorais Arquidiocesanas	95
Figura 02: Mapa da Evolução da expansão urbana de Manaus, 2019.	140
Figura 03: Quadro dos eixos temáticos do 1º Intereclesial do Regional Norte 01 (AM/RR).	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB- Ação Católica Brasileira.

ACO – Ação Católica Operária.

APA – Assembleia Pastoral Arquidiocesana.

CAL – Comissão para América Latina

CEFAM- Centro de Formação da Arquidiocese de Manaus.

CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina.

CELAM- Conferência Episcopal Latina – Americana.

CNBB- Conselho Nacional dos Bispos do Brasil.

CIMI- Conselho Missionário Indigenista.

CEBs- Comunidades Eclesiais de Base.

CNV – Comissão Nacional da Verdade.

CBJP- Comissão Brasileira de Justiça e Paz.

FNT – Frente Nacional do Trabalho.

ICAR- Igreja Católica Apostólica Romana.

ITERAM- Instituto de Terras e Colonização do Amazonas.

JEC- Juventude Estudantil Católica.

JIC- Juventude Independente Católica.

JFC- Juventude Feminina Católica.

JOC- Juventude Operária Católica.

JUC- Juventude Universitária Católica.

MEB- Movimento de Educação de Base.

MOB- Movimento Organizado Profissional.

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	-----------

Cap. 01. AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	35
---	-----------

1.1. Os caminhos para uma mudança na Igreja	35
1.1.1. Em busca de influência	36
1.1.2. Uma Igreja desafiada.....	43
1.1.3. A opção pelos pobres	53
1.1.4. Os anseios de Puebla	69
1.2. As CEBs no Brasil	81

Cap. 02. QUE POVO É ESSE QUE SE FAZ IGREJA?	86
--	-----------

2.1. As linhas de Ação.....	86
2.2. As CEBs como prioridade para a Igreja em Manaus	90
2.3. As experiências nas CEBs: Uma Igreja- comunhão.....	98
2.3.1. A Igreja na base.....	102
2.3.2 “Sair da Paróquia e buscar a Periferia”	110
2.3.3 “As nossas sementes eram os círculos bíblicos”	117

Cap. 03. CONSTRUINDO O “REINO DE DEUS EM MUTIRÃO”: A LIBERTAÇÃO COMO RESISTÊNCIA NA CIDADE	129
---	------------

3.1. Irmã Helena, uma liderança religiosa na luta pela terra.....	129
3.2. Padre Alberto e rearticulação das CEBs	142
3.3. Francy Júnior, ações de Fé e Política	151
3.4. Moisés Aragão e os trabalhos Pastorais	158
3.5. Antônia Santos e a coordenação das CEBs	165

Considerações Finais.....	173
----------------------------------	------------

Fontes	176
---------------------	------------

Bibliografia.....	177
--------------------------	------------

Anexos	185
---------------------	------------

INTRODUÇÃO

O problema histórico que constitui o cerne deste trabalho é compreender as experiências e testemunhos de pessoas que atuaram nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Manaus, entre os anos de 1980 e 1990, em um contexto dos anos finais da Ditadura civil-militar (1964-1985) e início do processo de redemocratização política do país. Busca-se, assim, evidenciar a construção de novos sujeitos, que a partir de perspectivas pastorais da Teologia da Libertação se organizam em movimentos sociais, projetos alternativos de sociedade e em articulações políticas na cidade.

E ao pensar na temática deste trabalho inicialmente questionamos: por que tal tema? Qual é o interesse da pesquisadora sobre este assunto? Como conseguiu chegar às fontes e aos objetivos? Por que esse recorte temporal e espacial? Dessa forma, será importante mencionar alguns detalhes da minha experiência de vida, tanto de ordem pessoal quanto acadêmica.

A minha relação e interesse com a temática deu-se primeiramente pela convivência no meio religioso das comunidades católicas que visitei e congregei, e algumas indagações nasceram com as experiências que tive com padres, religiosas, catequistas e leigos da área missionária Santa Clara, na comunidade católica de Santa Luzia¹.

Praticamente cresci nessa comunidade, e desde oito anos de idade observava as ações de seus membros. Essa convivência trouxe muitas contribuições para a minha formação pessoal, quando pude constituir amizades e aprendizados, nas feiras de artesanatos, nos brechós comunitários, nas festas dos Santos padroeiros da área missionária, nos encontros do natal em família, visitas aos doentes, festas juninas e nas feijoadas beneficentes.

Tais ações foram organizadas pela comunidade para a arrecadação de fundos financeiros, viabilizando a melhoria do templo, do centro pastoral, da área de lazer para as crianças e jovens; enfim, para a compra de instrumentos musicais e artigos religiosos. Do mesmo modo, tive contato com as leituras e reflexões bíblicas, pelas quais me chamavam atenção para a trajetória de vida de

¹ A comunidade de Santa Luzia foi inaugurada em 13 de dezembro de 1995, e fica localizada na rua 52, nº 25, conjunto habitacional Francisca Mendes, bairro Cidade Nova, Manaus – AM. Faz parte da área missionária de Santa Clara.

Jesus Cristo nos evangelhos, trajetória esta ligada ao povo, em sua maioria os excluídos daquela sociedade em que viveu, pobres, pecadores, bandidos, prostitutas e doentes.

Embora tenha vivido momentos de solidariedade e comunhão, não conhecia a existência de uma teologia da libertação, ou mesmo das Comunidades Eclesiais de Base, visto que minha experiência de catequese² só contemplou os ensinamentos de doutrinas da Igreja, mandamentos e leituras da bíblia.

Ao ingressar no curso de graduação em História da UFAM, aos poucos, com leituras, disciplinas do curso³, diálogos com os professores e colegas, conheci a História como ciência, construída com pesquisa, fontes e métodos. Descobri que o trabalho do historiador possui grande força de transformação do social, e nessa oportunidade, pesquisei o tema “*Movimentos de moradia na cidade: imprensa, memória e vida urbana em Manaus (1985- 1989)*”⁴.

No desenvolvimento da pesquisa, analisei o conjunto documental do jornal A crítica de Manaus, procurando evidenciar a resistência de trabalhadoras e trabalhadores inseridos na luta por moradia digna e acesso à cidadania em Manaus, no pós-ditadura militar⁵ (1964- 1985).

Do mesmo modo, procuramos problematizar a construção de territórios de memória referidos a movimentos sociais de moradia no período, quase sempre representados de forma pejorativa, discriminatória e por muitas vezes como “casos policiais” naquelas páginas. Neste processo metodológico de pesquisa histórica com fontes da imprensa escrita e periódica de jornal de grande

² Os anos que compreenderam a minha formação na catequese foram de 2002 a 2006.

³ A disciplina de Brasil IV, ministrada na graduação pelo Prof. Dr. César Augusto Bubolz de Queirós, foi importante para instigar a minha curiosidade sobre a temática deste trabalho. Com foco no estudo sobre o Golpe militar de 1964 e os anos que seguiram nesse processo, tive a oportunidade de analisar em um seminário o relatório da Comissão Nacional da Verdade. Tal relatório trouxe evidências das graves violações dos direitos humanos cometidos nesse período ditatorial, incluindo as Igrejas Cristãs.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFAM/Projeto de Pesquisa - PIB – H/0063/2015.

⁵ Na historiografia brasileira há vasta discussão pelos historiadores sobre as denominações da ditadura militar ou da ditadura civil-militar de 1964-1985. Há a denominação de ditadura militar, em que seus defensores evidenciam que os militares estavam à frente em último grau nas decisões políticas e econômicas a serem definidas no país. Outra denominação desse período é a de ditadura civil-militar, sendo justificada pelo apoio de civis à ditadura, evidenciando a articulação de interesses mais amplos da sociedade de classes naquele processo. Cf: FICO, Carlos. *Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas*. Revista *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05 - 74. jan./abr. 2017; REIS, Daniel. A. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000; MELO, Demian Bezerra de. (Org.). O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 157 – 188.

circulação na cidade, entendido então como “uma força constitutiva do social”⁶, observou-se as variadas dimensões sociais vivenciadas por esses agentes na luta pela garantia dos seus direitos, principalmente, a cidadania e o reconhecimento de suas experiências próprias na construção de suas memórias e histórias.

O que essas trajetórias de vida evidenciaram como experiência e prática de construção do próprio presente era um “alargamento das noções de política”⁷. Nessa perspectiva, o direito à moradia que esses homens e mulheres reivindicavam não era simplesmente ter uma casa, um teto ou um terreno, mas garantir modos de vida, trabalho, educação para os filhos, viver em comunidade e criar laços afetivos de solidariedade e organização.

Então, o recorte temático desse trabalho de iniciação científica aprofundou a leitura histórica sobre o conjunto de imagens e fotografias publicadas no referido jornal, logo pude localizar preocupações que estão no cerne do atual trabalho.

Naquelas fotografias muitos detalhes nos chamaram atenção, por exemplo, cruzeiros de madeira fincadas nas ocupações de terra, cartazes com dizeres como: “a terra é pra quem precisa, a terra é de todos, a terra é de Deus”⁸, tal como, a presença frequente de leigos⁹ da Igreja Católica e de uma religiosa negra chamada Irmã Helena¹⁰. Analisando essas fotografias, fui desafiada a aprofundar essa história: quem era essa mulher negra que estava sempre rodeada de muitas pessoas e era chamada de Irmã Helena? Por que uma religiosa enfrentava as forças policiais na luta pela moradia?

A princípio, conseguir levantar algumas informações sobre ela, tratava-se de Helena Augusta Walcott, conhecida como “Irmã Helena”, filha de Clarissa Knights Walcott e Lorenzo Walcott,

⁶ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do Historiador: conversas sobre História e Imprensa*. In: Projeto História, São Paulo, n 35, p.253- 270, dez., 2007, p. 253.

⁷SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970/1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

⁸ Cf: *Invasão sem solução: famílias continuam na terra*. A crítica, Manaus, 27 de outubro de 1985, p.01.

⁹ “Sob o nome de leigos entendem-se aqui todos os cristãos, exceto os membros das Sagradas Ordens ou do estado religioso reconhecido na Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados a Cristo pelo batismo, constituídos em Povo de Deus e a seu modo feitos participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, exercem, em seu âmbito, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo.” Cf: VATICANO. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 257.

¹⁰ Cf: *Prisão não intimida: Irmã Helena prossegue apoiando os carentes*. A Crítica, Manaus, 26 de outubro de 1985, Caderno Cidade, p.07; *Polícia afasta invasores e prende freira no local*. A Crítica, Manaus, 21 de outubro de 1985, manchete.

barbadianos vindos ao Brasil para a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, no início do século XX. Ingressou na Associação das Adoradoras do Sangue de Cristo, como freira consagrada aos 24 anos, era assistente social e professora. A busca por respostas e evidências sobre sua atuação na década de 1980 não me levou diretamente a sua pessoa, mas a Carlos Alberto Maciel do Nascimento, um dos narradores desse trabalho.

Mas, por que Carlos? Em 1982, Carlos ingressa no grupo de juventude no bairro da Compensa¹¹, zona Oeste da cidade, bairro que nasceu de uma ocupação organizada por Irmã Helena. Ele já era familiarizado com o trabalho na Igreja, seu pai era ministro da eucaristia, sua mãe ajudava na catequese e organização do templo.

Nesse período, ele também inicia como catequista e a partir de suas experiências nos círculos bíblicos e nos encontros de espiritualidade compromete-se com uma caminhada “mais pé no chão” e a “opção pelos pobres” das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sendo atuante ainda hoje.

Ao narrar sua iniciação nas CEBs, Carlos relembra que Irmã Helena possuía um jeito diferenciado de catequizar os jovens, pois a catequese não se dava somente nos muros da capela, e sim debaixo de árvores, nas ocupações de terra, nas ruas, nas casas das famílias. Comenta Carlos sobre esses primeiros passos:

Então, por volta de 1982, com uma idade de 15 anos aproximadamente, eu já estava envolvido mais para o lado da juventude né. Então, a irmã Helena foi uma forte orientadora pra juventude na Compensa, que era setor três na época, que agora eu não lembro o nome do setor agora¹². Então, na Compensa ela tomava conta da espiritualidade da juventude né, e por ela já ter essa espiritualidade de CEBs, como chamamos hoje “cebiana”, não de CEBI¹³, mas de CEBs. Então, ela passava pra juventude essa visão, mais ampla, digamos dessa religiosidade né, então a partir dos anos de 1982, mais ou menos, foi quando realmente eu comecei a me inserir nesse jeito de viver a religiosidade, através dessa questão da Teologia da Libertação e opção pelos pobres.¹⁴

¹¹ Bairro da Compensa, atualmente fica na Zona Oeste da Cidade de Manaus.

¹² Atualmente é o setor da Av. Brasil.

¹³ Centro de Estudos Bíblicos – CEBI.

¹⁴ Carlos Alberto Maciel do Nascimento. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

A metodologia diferenciada utilizada por Irmã Helena era a educação popular¹⁵, pois utilizando o método ver, julgar e agir o processo de catequização não era uma simples verbalização de textos bíblicos e dogmas da Igreja, mas uma prática e compromisso histórico com a missão de ser cristão.

Nesse caso, ela assumiu esse compromisso, assim como muitos religiosos que no período optaram por redimensionar suas trajetórias no campo da luta de classes, experiência percebida pelo teólogo João Batista Libânio: o cristão é chamado hoje a uma acolhida construtiva do reino de Deus, seguindo a trajetória de Jesus:

Eu sou religiosa, Cristo não ia permitir que os pobres morassem na miséria e no barro e tudo. Isso foi uma das primeiras coisas que nós fizemos. Dar ao jovem e às famílias o que ele merece. Então, nessa época eu fui morar na Compensa, não sei se você ouviu falar na Compensa. Lá na Compensa nós tínhamos um grupo de jovens, e fazíamos reuniões na Igreja do Perpétuo Socorro¹⁶. Nós tínhamos o nosso hino oficial que cantávamos assim: “O povo de Deus no deserto, agora nós vamos pra luta” mil, quinhentas pessoas andando nas ruas, cantando. Com as barracas nas costas, terçado e tudo. E ninguém podia tirar a vida de ninguém.¹⁷.

Mostra-se neste processo de leitura e reflexão bíblica desenvolvida por Irmã Helena nas ocupações de terra uma experiência de libertação coletiva em lugar de perspectivas de salvação individual. A partir das experiências de Jesus Cristo, sob a ótica e leitura da Teologia da Libertação, o que se evidenciava era o martírio das pessoas pobres no cotidiano dos vários lugares da exploração do trabalho e da vida em que atuavam como religiosos, lutando contra a opressão e a miséria.

A experiência aí, de união e solidariedade, estava em colocar-se ao lado daqueles homens e mulheres, bem como de suas resistências e apostas em seus modos de vida e trabalhar. Tais métodos de articulação e organização atribuídos à Irmã Helena chamaram atenção para um novo jeito de ser cristão, de organização e vida na Igreja, à luz das práticas e fundamentos pastorais da Teologia da

¹⁵ Quando pensamos em educação popular usamos como referência as reflexões e discussões do educador e filósofo Paulo Freire. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 65ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018; _____. *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Porto: Edições Base, 1978.

¹⁶ A comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro faz parte da área Missionária Nossa Senhora Mãe da Misericórdia, no Setor Av. Brasil, Rua Castelo Branco, Compensa II.

¹⁷ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravado, 04 de julho de 2018, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

libertação e das CEBs.

Dessa maneira, os diálogos que tive com Carlos e posteriormente com Irmã Helena fomentaram muitas perguntas sobre essas experiências de CEBs em Manaus, na década de 1980, tais como: quem eram essas pessoas? Como eram os encontros bíblicos? O que é CEBs? Como e onde se organizavam? Como era realizado esse trabalho?

As fontes evidenciam que havia uma complexa organização de base que ia além de uma simples “conscientização” do pobre, na direção de uma experiência real de trabalho dentro e fora da Igreja. Em outras palavras, a Teologia da Libertação teve êxito a partir da ação transformadora de homens e mulheres nas CEBs e nos movimentos sociais articulados aos seus fundamentos.

Desse modo, podemos demarcar nessas trajetórias de vida traçadas nessas comunidades de base, novas experiências e modos de agir na Igreja Católica e fora dela, isto é, quando o “povo de Deus”, aquele constituído pela base, os leigos e leigas, não se veem como “fregueses de uma Igreja caritativa e assistencialista, que não questionava as diferenças de classe nem se propunha modificá-la”¹⁸.

Em Manaus, esses homens e mulheres estão então comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, inseridos na luta pela moradia, na Comissão Pastoral da Terra, na luta pelo custo de vida, nas associações de bairros, nas creches e rádios comunitárias e pastorais, criando novas comunidades, transformando os espaços e compondo suas memórias na história dessa cidade.

Em vista disso, as análises neste trabalho estão encaminhadas a partir de referenciais teóricos e metodológicos que contribuíram para um olhar político sobre as experiências e memórias narradas pelos entrevistados ao longo da pesquisa.

Desta forma, o conjunto de entrevistados desta pesquisa é composto por dez narradores, sendo um padre, uma religiosa e oito leigos com atuações diferenciadas dentro e fora das CEBs. São os narradores:

¹⁸ BOFF, Leonardo; O.F. M. E a Igreja se fez povo. *Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

Carlos Alberto Maciel do Nascimento, atuou na pastoral da juventude no Bairro da Compensa, é catequista de adultos na comunidade de São Francisco no Bairro Colônia Terra Nova e animador nas CEBs.

Julie Joy de Souza Mesquita, professora de História da rede estadual, foi catequista no Bairro Cidade Nova, foi atuante nas CEBs, na CPT, nas creches comunitárias e na Pastoral Operária.

Areolino da Silva Santana, analista da tecnologia da PRODAM aposentado, é coordenador e ministro da eucaristia da comunidade Imaculado Coração de Maria, da área missionária Nossa Senhora de Fátima, no bairro Praça 14, e atuou como coordenador regional e arquidiocesano das CEBs.

Helma Sampaio Aragão, professora de História da rede municipal, vice-coordenadora da comunidade católica Santa Luzia, animadora de canto e vice-presidente do Sindicato dos Professores e Pedagogos de Manaus – ASPROM/SINDICAL.

Francy Júnior, professora de História, atuou nas escolas de fé e política em Manaus, líder comunitária, atua na rádio voz das comunidades 87.9, e é militante no movimento das mulheres negras Dandaras.

Antônia Santos, dona de casa, trabalha na associação Nova Recicla de catadores de papel, é artesã, atua no projeto de economia solidária confeccionando vassouras de garrafa pet e sabão com óleo reciclado. Foi coordenadora arquidiocesana das CEBs.

Irmã Helena Augusta Walcott, religiosa da Associação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, atuou nos anos de 1970 a 1990 como líder nos movimentos de ocupação de terra em Manaus.

Moisés Aragão, assessor parlamentar do PT Amazonas, atuou nas CEBs, foi locutor da Rádio voz das comunidades 87.9, atuou como coordenador da Pastoral da criança no bairro Amazonino Mendes, mais conhecido como Mutirão.

Raimundo Souza dos Santos, técnico da UFAM aposentado, foi coordenador dos círculos bíblicos na Paróquia do São Jorge é um dos primeiros coordenadores das CEBs em Manaus, atuava nas comunidades ribeirinhas do Iranduba como ministro da palavra e catequista.

Padre Alberto Panichella, missionário italiano xaveriano, ajudou na rearticulação das CEBs em Manaus nos anos 2000 e atualmente é missionário no município amazonense de Atalaia do Norte.

A realização de entrevistas para este trabalho apoiou-se no campo de pesquisa em história oral¹⁹. E são constantes os esforços de historiadores e profissionais de outras áreas do conhecimento em colaborar com reflexões e caminhos, qualificando os diálogos sobre esta temática. Inicialmente, encontramos o antropólogo e historiador mexicano Jorge Eduardo Aceves Lozano²⁰, que faz apontamentos sobre os usos da história oral nos dias atuais.

Ele observa que estudar a oralidade é defrontar-se com uma característica fundamental dos seres humanos, a comunicação, que é permeada por significados. Segundo o autor, o estudo da oralidade nasce inicialmente com a antropologia, no âmbito das pesquisas de campo, nos estudos dos processos de transmissão das tradições orais e das sociedades que ainda preservam os conhecimentos através da oralidade.

No entanto, ele pontua que os estudos da oralidade ultrapassaram o campo da antropologia e influenciaram outras áreas do conhecimento, exemplo disso foi a constituição de uma metodologia chamada de “história oral”. Essas características fornecem uma diversidade de métodos, técnicas e pontos de vista sobre os usos e definições da história oral, dos quais classificou em duas vertentes: a faceta técnica e a faceta metódica²¹.

A faceta técnica está dividida em duas variantes, a primeira delas é o estilo do arquivista-documentalista. O pesquisador que segue essa variante percebe a história oral como uma oportunidade de criar e organizar arquivos, sua preocupação não é analisar as narrativas, e sim

¹⁹ A história oral surge no Brasil nos anos de 1970, temos como exemplo o trabalho pioneiro do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, que fomentou a criação de um vasto acervo de entrevistas da elite política e cultural do país. Outro exemplo desse pioneirismo no Brasil é o trabalho de Ecléa Bosi, coletando e analisando depoimentos de operárias e idosos, nos livros *Cultura de Massa, cultura popular: leituras de operárias, 1972 e Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 1998. Contudo, sua expansão é observada nos anos 1990, com a criação de seminários e a criação da Associação Brasileira de História Oral, cursos sobre história oral em programas de pós-graduação e o crescimento expressivo de mestrados, doutorandos e graduandos utilizando a história oral. Cf MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana K. *História Oral como fonte: problemas e métodos*, Historiae, Rio Grande do Sul, nº 2 (1), p. 95-108, 2011; MEIHY, José C. Sebe Bom. *Desafios da História oral Latino-americana: o caso do Brasil*. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia M; FERREIRA, Marieta, M. (Orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 85- 98.

²⁰ ACEVES LOZANO, Jorge Eduardo. *Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: _____. FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 15-26.

²¹ O autor observa que essas tipologias dimensionadas resultam de suas reflexões da bibliografia produzida sobre o tema. Ibidem, p. 21.

sistematizar informações, gravações e entrevistas para um uso futuro.

A segunda variante é o estilo do difusor populista, nesse estilo o pesquisador percebe a história oral como uma “alternativa” para trazer a história daqueles que não foram registrados nas fontes escritas. O perigo dessa variante é cair no pressuposto de “dar voz” aos sujeitos estudados.

Na faceta metódica, o autor observa também duas variantes, a primeira é o estilo reducionista. Para esses pesquisadores, a fonte oral é vista apenas como uma ilustração, comprovação factual, testemunhal ou como um apêndice.

A segunda variante é o estilo do analista completo. O pesquisador que segue essa variante considera a fonte oral em sua essência e não como um mero apoio ou ilustração. Eles colhem as informações, organizam, criticam, analisam e interpretam as fontes, não se limitam a uma única metodologia. Esses pesquisadores situam historicamente o processo de produção das fontes orais e complementam suas fontes com outras evidências inerentes ao seu trabalho. O autor observa que essas tipologias dimensionadas resultam de suas reflexões da bibliografia produzida sobre o tema.

Assim sendo, na concepção deste estudioso, fazer história oral não é simplesmente um domínio sobre as técnicas de gravação, de transcrição de fontes e de procedimentos de arquivamentos das entrevistas. Fazer história oral é produzir conhecimento científico, posto que, possibilita ao pesquisador a reflexão teórica, o trabalho empírico na pesquisa de fontes e o trabalho de campo.

Além do mais, traz uma dimensão multidisciplinar para a análise, pois incita ao historiador o contato com outras ciências humanas e sociais, tais como a antropologia, a sociologia, psicologia, linguística e a semiótica.

Assim, apontamos como nossa principal referência a obra de Alessandro Portelli²². A experiência de pesquisa desse historiador oral italiano traz implicações edificantes para pensarmos as fontes orais, as entrevistas e as análises de forma crítica e ética.

Dito isso, faz-se necessário pontuar algumas reflexões sobre o tema, possibilitando um entendimento de nossas escolhas metodológicas neste trabalho. Pois, como todas as fontes históricas, as fontes orais possuem suas particularidades, havendo muitas discussões e reflexões

²² Alessandro Portelli é historiador oral, pesquisador de literatura e cultura americana, musicólogo e escritor.

sobre os seus usos, técnicas e métodos.

A primeira implicação apontada pelo autor é pensar a definição de história oral, que para ele é uma “arte da escuta” envolvendo o uso complexo e articulado das fontes orais na História e nas Ciências Sociais²³. E quando pensamos em fontes orais, o autor nos ajuda a pensar que tais fontes não são “encontradas”, mas construídas pelo diálogo entre o historiador e o narrador, somada ao trabalho de observação e de campo.

Então, refletindo sobre as entrevistas e os seus narradores, fui percebendo a importância do trabalho de campo na constituição dessa pesquisa. E pontuo que cada entrevista contribuiu para um duplo processo de aprendizagem, pois em primeiro lugar, fui pouco a pouco me encaixando nessa experiência de CEBs, participando dos círculos bíblicos, das reuniões e conhecendo os trabalhos exercidos dentro e fora das comunidades.

Em segundo lugar, contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal como pesquisadora, sendo que esses sujeitos compartilharam comigo mais do que fatos ou memórias de uma experiência, sobretudo, seus projetos pessoais, sentimentos, esperanças e decepções²⁴.

Sendo assim, essa reflexão de minha prática como pesquisadora trouxe um comprometimento com os entrevistados que eu não estava ali somente para colher informações ou tirar fotos, como disse irmã Helena: “(...) esse pessoal vem aqui, promete as coisas e depois nem aparece (...)”²⁵, mas para aprender com eles, para conhecer essa história das CEBs em Manaus da qual eu não conhecia.

Outra relação importante que torna a história oral “uma arte da escuta” é a relação com a

²³ Segundo Alessandro Portelli, quando falamos sobre história oral é importante distinguir dois conceitos que se situam dentro dos estudos da oralidade e da memória, os conceitos de fonte oral e tradição oral. Para o autor, a tradição oral é constituída por construtos verbais, transmitidos, formalizados e compartilhados, à proporção que as fontes orais são narrativas individuais, nascidas do processo de diálogo entre o historiador e o narrador. Não que os historiadores orais não possam recorrer à tradição oral para as suas pesquisas, mas é importante distinguir. Cf: PORTELLI, Alessandro. *História oral: uma relação dialógica*. In: História Oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, p. 09 – 25.

²⁴ KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social*. In: _____, Projeto História. São Paulo. nº 22, p. 79-103, jun. 2001; PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

²⁵ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravado, 04 de julho de 2018, pág. 05. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

memória²⁶. Deste modo, quando pensamos em memória nesta pesquisa lembro-me da historiadora Maria do Rosário ao refletir sobre a literatura infanto-juvenil da década de 1970²⁷.

A autora nos propõe considerar a memória no plural, isto é, em “muitas memórias”, mas não apenas como aporte teórico-metodológico para entendermos a produção de memórias hegemônicas e alternativas dentro das experiências cotidianas, contudo, também como um posicionamento político dentro da produção historiográfica.

Do mesmo modo, Alessandro Portelli²⁸ observa a memória não como um depósito de dados, em que o pesquisador recolhe do narrador as informações puras, simples e necessárias, o trabalho da memória nos permite criar e recriar significados e interpretações sobre os fatos.

E mesmo que as memórias sejam influenciadas por um contexto histórico e pelas experiências sociais coletivas como a família, trabalho e religião, o autor observa que cada pessoa que narra e conta a sua história possui uma “responsabilidade narrativa”²⁹.

Então, quando buscamos neste trabalho compreender as experiências e testemunhos de pessoas que atuaram nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Manaus, entre os anos de 1980 e 1990, percebemos que não estamos lidando com um simples testemunho do passado, mas com a produção de um olhar complexo do presente sobre ele, em que os sujeitos relatam suas experiências sobre os fatos.

Nesse caminho, cabe ao historiador a tarefa de analisar criticamente essas fontes, pois como aponta Alessandro Portelli³⁰, ao se trabalhar com fontes orais devemos refletir sobre três pontos que se conectam na análise: a reconstrução de eventos passados, a interpretação da entrevista e a

²⁶ Existem outras contribuições sobre o conceito de memória. Maurice Halbwachs nos traz o conceito de “memória coletiva”, em que as lembranças dos sujeitos estão inseridas em um contexto familiar e social, portanto, símbolo de uma identidade coletiva. Paul Thompson, por exemplo, percebe que a história oral é importante para resgatar uma memória nacional, na qual a memória de um indivíduo pode ser a de outros inseridos numa identidade nacional. Cf: HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 88; THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 17.

²⁷ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *E as palavras têm segredo... Literatura, Utopia e Linguagem na escritura de Ana Maria Machado*. In: MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara A. (Orgs.). *Outras Histórias: memórias e linguagens*. São Paulo, 2006, p. 156 -176.

²⁸ PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*, Projeto História, São Paulo, n° 10, p. 41-58, dez. 1993.

²⁹ PORTELLI, Alessandro. *História oral: Uma relação dialógica*. In: *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 20.

³⁰ Ibidem, p. 18.

percepção de como esses eventos produzem as memórias e as narrativas.

Seguindo as mesmas perspectivas de revalorização de experiências, João Carlos de Souza³¹, que também utiliza fontes orais em seu trabalho, nos serviu também como importante referência neste processo de pesquisa.

O autor nos faz problematizar, a partir de seu trabalho com migrantes nordestinos inseridos nos movimentos pela terra e moradia na cidade de São Paulo, na década de 1980, não o institucional do Movimento Sem Terra, mas o cotidiano desse movimento a partir das experiências de trabalhadores de fábricas, empregadas domésticas, pedreiros e agricultores.

Para tanto, buscou o autor, pelo cuidado e transcrição das narrativas, perceber no processo de entrevistas, expressões, identidades e concepções de mundo, revalorizando as memórias de seus protagonistas.

Dessa maneira, percebemos as fontes orais como um campo de possibilidades, fazendo uma história com olhares diversos, ampliando nossos entendimentos e hipóteses interpretativas sobre as CEBs e a Teologia da Libertação, revalorizando experiências e memórias de lutas pela superação de injustiças sociais e econômicas durante a ditadura militar (1964-1985), e suas permanências no tempo presente.

Nesse sentido, “valorizar o saber e a experiência de vida”³² será um dos nossos objetivos, como também perceber como foi o processo de constituição dessas comunidades na cidade, como por exemplo, os fazeres e saberes desses homens e mulheres; ou ainda em saber como ingressaram na vida religiosa das comunidades. E como essas experiências modificaram as realidades de exclusão social no cotidiano.

Motiva-nos também a procurar entender quais foram suas expectativas de mudança, buscando observar seus saberes e práticas de resistência articuladas dentro desse “novo jeito de ser Igreja”, do qual ainda fazem parte do tempo presente.

³¹ SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: EDUC, 1995.

³² VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Maria Aun Yara. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991.

Buscamos assim em experiências exitosas de pesquisa no campo da História Oral, compreender e revalorizar práticas sociais, experiências cotidianas, memórias e resistências de leigos, padres e religiosas ligadas à Teologia da Libertação, nas CEBs em Manaus, na década de 1980, evidenciando também outras questões, utopias e dimensões sociais do presente concebidas na produção da memória.

A contribuição teórica e metodológica de Enrique Dussel³³ foi também relevante para o campo de problematização que traçamos a partir do conjunto documental levantado ao longo da pesquisa, tais como fontes orais e escritas em documentos diversos. Enrique Dussel, sociólogo e filósofo argentino radicado no México desde 1975.

Em sua obra sobre a Igreja latino-americana dos anos de 1930 – 1985, explora de forma didática a partir de teóricos e estudiosos da Igreja, encíclicas papais e documentos conciliares, as transformações ocorridas em seus países.

Assim, ele percebe a mudança de uma concepção colonial da Igreja para um modelo de “nova cristandade” e, posteriormente, uma “Igreja dos Pobres”. Como Enrique Dussel, contei com a ajuda de alguns teólogos e historiadores que têm como objeto de estudo as CEBs. Então, buscando compreender de forma mais aprofundada o que são as CEBs e a Teologia da Libertação, primeiramente encontramos no trabalho “O que é Comunidade Eclesial de Base”³⁴, ou seja, um dimensionamento das metodologias e ações dessas comunidades espalhadas pelo Brasil, intensamente influenciadas pela libertação.

De tal modo, Frei Betto explica que as CEBs são dinâmicas em suas ações e diferem de acordo com o local e seus participantes, tendo cada uma delas suas particularidades e atitudes de ação.

Eder Sader³⁵, ao analisar os novos personagens que entraram em cena na Grande São Paulo, nos anos de 1970 a 1980, percebe nas experiências cotidianas dos trabalhadores uma nova composição de luta, em que a resistência é atribuída também às suas ações políticas e cotidianas na cidade e não somente na organização de sindicatos e greves. Também nos ajuda o sociólogo a

³³ DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930 – 1985)*. Caxias do Sul: Paulus, 1995.

³⁴ BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

³⁵ SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo /1970- 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

entender como se deu o processo de transformação das matrizes discursivas da Igreja, do novo sindicalismo e do marxismo. Com relação à Igreja Católica, o autor elenca o aparecimento das primeiras Comunidades de Base em São Paulo, na capela do Socorro, em 1968, quando essas comunidades se beneficiam do popular, de seus conhecimentos e crenças.

Os “novos personagens” apresentados por Eder Sader tratam em suas narrativas de experiências diversas, como trabalhadores de fábrica, empregadas domésticas e líderes sindicais, mas também, muitos deles, como trabalhadores engajados em suas comunidades pela construção do direito à fé e à esperança sem que essas dimensões se vejam desvinculadas da luta, e da luta política, como militantes nas associações de bairro, clubes de mães, e também partidos políticos.

Neste processo de transformação do social apontado por Eder Sader, podemos entender que as experiências desses trabalhadores estão permeadas de ambiguidades, contradições, sonhos, projetos alternativos e resistências.

Marilena Chauí em seu trabalho “Conformismo e Resistência”³⁶, revoluciona a forma como enxergamos e fazemos a resistência, principalmente, mostrando que o conformismo não é apenas um estado de alienação ou falta de perspectiva, mas é também uma dimensão do resistir. Tal trabalho reflete sobre as divisões ideológicas entre cultura popular e a cultura de elite, assim como os embates nesse processo de resistência pelos dominados e luta pela superação das diversas formas de dominação na sociedade.

A filósofa faz discussão interessante sobre o autoritarismo não só do estado brasileiro, mas também das classes dominantes, percebendo na tentativa de conceder direitos que retiram o protagonismo das classes populares de suas ações e conquistas no país, quando supostamente acenderam os “desfavorecidos” e “humildes”, conforme nomeados pela elite social, pelos seus favores e clientelismos, como forma de construção de uma hegemonia de “invisibilização” de fazeres e saberes das próprias classes populares na criação, manutenção e defesa de direitos.

³⁶ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Nesse caminho, a autora nos ajuda a entender que a construção de uma memória que reprime as ações vindas de baixo, isto é, aquela que privilegia as ações vindas de cima, é uma memória autoritária.

Nessa discussão de uma memória construída a partir de baixo, as obras de Edward Palmer Thompson³⁷ representam um pilar central das reflexões encaminhadas pela presente pesquisa, avançando possibilidades teórico-metodológicas aqui enfrentadas, principalmente nos diálogos sobre experiência e cultura.

Logo, em “Miséria da Teoria ou Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser”, o autor critica uma visão determinista e etapista feita por Althusser, e longa tradição de autores, inclusive no Brasil, sobre perspectivas de análise social e histórica abertas pelo marxismo. A partir de esquemas de explicação do social, a experiência entra como ilustração de “paradigmas” teóricos predefinidos.

Tal obra abriu no campo da pesquisa histórica possibilidades renovadas por um olhar crítico de uma “história vista de baixo”. No processo de pesquisa deste trabalho, muitas ideias surgiram a partir das reflexões de E. P. Thompson.

Ao analisar o conjunto de investigações produzidas sobre a temática da Teologia da Libertação e sobre as CEBs, percebemos a importância de fazer esse diálogo e perceber a partir das fontes orais a “vida real” desses sujeitos, suas experiências e modos de vida articulados a partir de seu presente e aposta na luta e construção de direitos.

Também no trabalho “Economia Moral da Multidão Inglesa no século XVIII”³⁸, observa E. P. Thompson, sobre os motins da fome na Inglaterra do século XVIII, uma forma generalizada de se pensar as mobilizações populares, a partir de uma visão dessas experiências como espasmódicas³⁹,

³⁷ THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*: Estudos sobre a Cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 e *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

³⁸ THOMPSON, Edward Palmer. Economia Moral da Multidão Inglesa no século XVIII. In:____. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pág.150- 202.

³⁹ Ibidem. p.150.

quando os trabalhadores se organizaram pela fome e pela necessidade, não sendo sujeitos de sua própria história.

Aponta ainda o autor que essa visão acaba reduzindo uma organização complexa e legitimadora de defesa de interesses e direitos tradicionais ao fator econômico e determinista biológico. A carência alimentar, apesar de experiência terrível e sofrida, não determina as experiências históricas necessariamente, sendo essas o desdobramento das escolhas de homens e mulheres em seu próprio destino, e na possibilidade de alterá-lo pela organização e cultura.

Assim, o historiador inglês nos ajuda a entender as muitas formas de resistência de trabalhadores, de ribeirinhos, de leigos, de agentes de pastorais, de padres e religiosas, que lutam pela defesa de seus modos de vida nas CEBs de Manaus nos anos de 1980 a 1990.

No conjunto das contribuições teóricas e metodológicas das problematizações que fizemos aqui, Raymond Williams foi igualmente referência fundamental. A obra luminosa desse autor sobre cultura “como todo um modo de vida” nos permitiu perceber fazer e saberes da classe trabalhadora como criação e invenção democrática, e não expressão ou mediação no social de um conjunto de valores formado alhures.

Foram importantes nesse aspecto as obras de Williams⁴⁰, *Marxismo e Literatura* (1979) e *O campo e a cidade: na história e na literatura* (1989), como importantes estudos sobre ideologias que “dicotomizam” experiências sociais.

E ao pensarmos as complexas questões que envolvem as experiências sociais de homens e mulheres nas CEBs, observamos também perspectivas de raça, etnia e gênero em suas narrativas. Desse modo, avançamos também nos entendimentos sobre cultura com a complexa obra do teórico cultural anglo-jamaicano Stuart Hall⁴¹Da *Diáspora: identidades e Mediações Culturais*. Hall também revolucionou a forma como entendemos e pesquisamos cultura, a partir da qual, os diferentes modos de vida e de luta são permeados também por relações sociais de poder, em que identidades de gênero, etnia e raça estão fortemente imbricadas.

⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro Zahar, 1979 e *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

⁴¹ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

O que nos chama atenção em sua obra é seu olhar crítico, constituindo uma visão de cultura diaspórica e nos fazendo questionar algumas coisas, entre elas: que negro é esse da cultura negra? Aprofundamentos sobre estas questões são iniciadas pelos historiadores Amailton Magno Azevedo e Maria Antonieta Antonacci⁴², na revista Projeto História de nº 56, com o objetivo de elencar a importância deste intelectual nos estudos culturais, e também no seu posicionamento no fazer de sua obra.

Os historiadores acima também percebem uma renovação nos estudos culturais a partir do olhar crítico de Stuart Hall, principalmente em destacar um alargamento de olhares sobre o negro, tais como ritmos, imagens, gestos, danças, racismo e lutas raciais. Afirmam-se aí perspectivas diferentes dos estudos que percebiam esses agentes sociais apenas em chave negativa, sem que se observassem suas lutas, contra a escravidão, a opressão, criando, e resistindo pela manutenção de direitos nas condições históricas e humanas de grandes adversidades, construindo nesse meio de disputas a sua cultura, os seus modos de vida.

Segundo os autores, “Hall produziu análises sob o foco de lutas culturais”⁴³. Neste sentido, Stuart Hall nos ajuda a entender não somente sobre a importância de uma visão crítica sobre a história dos povos africanos e negros na diáspora, mas também perceber a cultura como um processo que é construído sob correlações de forças, e que desses processos se articulam identidades diversas.

Acompanhando as linhas de tais encaminhamentos teórico-metodológicos, buscamos perceber nesta pesquisa as múltiplas identidades que são produzidas nesse “novo jeito de ser Igreja”, das CEBs em Manaus.

Assim, o presente trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro, “As comunidades eclesiais de base e a Teologia da Libertação”, este, por sua vez, dividido em dois tópicos. O primeiro tópico é “Os caminhos para uma mudança na Igreja”, que será dividido em quatro partes: “Em busca de Influência”, “Uma Igreja desafiada”, “A opção pelos pobres” e os “Anseios de Puebla”. Este tópico irá fazer um dimensionamento e análise dos caminhos traçados pela Igreja Católica, principalmente, as transformações que anunciaram a constituição de uma Teologia libertadora na América Latina.

⁴² ANTONACCI, Maria Antonieta Martinez; AZEVEDO, Amailton Magno. Em lutas culturais com Stuart Hall, *Projeto História*, São Paulo, n.56, p. 7-12, Mai. – Agos. 2016.

⁴³ Ibidem, p. 9.

Em especial, alguns marcos históricos, tais como o Concílio do Vaticano II (1962- 1965), a II Conferência Episcopal de Medellín (1968) e a III Conferência de Puebla (1979).

No segundo tópico “As CEBs e a Teologia da Libertação no Brasil”, a partir das fontes e referências bibliográficas iremos compreender a articulação e início dessa perspectiva libertadora das CEBs no Brasil. Dessa forma, observando que a constituição dessa experiência deu-se a partir de disputas tanto no campo de atuação da Igreja Católica quanto fora dela, influenciando fortemente as disputas políticas e transformações sociais vividas nas décadas de 1970 e 1980.

No segundo capítulo, “Que povo é esse que se faz igreja?”, que será dividido em três tópicos, iremos revalorizar as trajetórias e fazeres sociais dos sujeitos entrevistados. No primeiro tópico, “As linhas de Ação”, iremos analisar a influência do Concílio do Vaticano II (1962- 1965), e das Conferências Episcopais latino- americanas nas prioridades a serem alcançadas na Igreja da Amazônia brasileira.

No segundo tópico “As CEBs como prioridade da Igreja em Manaus”, iremos analisar por meio de narrativas orais e dos documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e dos documentos da Arquidiocese de Manaus, como a perspectiva libertadora e o trabalho das CEBs tornaram-se prioridade na Igreja Católica da cidade, principalmente, no desafio de transformar a realidade vivida naquela época. A Igreja Católica na Amazônia assumiu o compromisso de fomentar o trabalho das CEBs.

No terceiro tópico “As experiências nas CEBs: Uma Igreja- comunhão”, que será dividido em três partes, “A Igreja na Base”, “Sair da Paróquia e buscar a periferia” e “As nossas sementes eram os círculos bíblicos”, iremos compreender e evidenciar o início da organização das CEBs na cidade. Analisando as narrativas dos sujeitos históricos e suas iniciações na vida em comunidade, como conheceram a Teologia da Libertação e a prática nas CEBs por meio da catequese, círculos bíblicos, encontros e celebrações da palavra.

“No terceiro capítulo “Construindo o Reino de Deus em Mutirão”: A libertação como resistência na cidade”, que será dividido em cinco tópicos buscaremos perceber a construção e a organização de movimentos sociais, projetos alternativos de sociedade e na articulação política de ações na cidade, a partir de perspectivas pastorais da Teologia da Libertação. Esta dimensão de

transformação social da cidade a partir de diálogos entre fé e política, foi trazida pelas narrativas orais, quando observamos que a atuação desses narradores transcendia o campo religioso das comunidades católicas e passavam a transformar a cidade com as suas demandas.

No primeiro tópico deste terceiro capítulo, “Irmã Helena, uma liderança religiosa na luta pela terra”, observamos a participação expressiva de Irmã Helena Augusta Walcott e sua defesa de perspectivas de luta ao lado dos pobres, principalmente jovens e crianças. A sua ajuda não se constituía de forma assistencialista, mas na catequização e compartilhamento de uma visão mais politizada dos evangelhos, mostrando que o pobre não estava condicionado pela miséria e, sobretudo, fazendo política junto e solidariamente ao seu lado. Estes métodos de articulação e organização atribuídos à Irmã Helena nos chamam atenção para a construção de uma caminhada para a libertação, quando esses sujeitos são constituídos nesse processo.

No segundo tópico “Padre Alberto e a rearticulação da CEBs”, iremos analisar a trajetória de Padre Alberto Panichela, um missionário Xaveriano italiano, que teve sua trajetória pautada na cidade de Manaus, na rearticulação e promoção das CEBs, nos anos 2000. Além disso, poderemos destacar o acontecimento do 1º Intereclesial do Regional Norte 1(AM/RR), em 2007.

No segundo terceiro tópico “Francy Júnior, ações de Fé e Política”, iremos problematizar a partir das narrativas de Francismar dos Santos Júnior, mulher negra, professora, historiadora e ativista política, os trabalhos realizados na base, que são responsáveis pela transformação da cidade nos meados da década de 1990 aos anos 2000, a partir da defesa dos pobres, assim como a participação de leigos da igreja nas associações de moradores e escola de fé e política.

No quarto tópico, “Moisés Aragão e os trabalhos pastorais”, iremos evidenciar a criação de novas comunidades católicas, envolvidos pelos esforço dos trabalhos pastorais de leigos e padres, que resistiram contras as injustiças sociais e pelos direitos das crianças, adolescentes, idosos, homens e mulheres das periferias. Com redes de colaboração realizadas por esses sujeitos através da solidariedade, bem como através de simbolismos e novas formas de luta.

No quinto tópico, “Antônia Santos e a coordenação das CEBs” iremos evidenciar através da trajetória de vida da narradora, quais são as maiores dificuldades encontradas pelos sujeitos que ainda permanecem na luta movidos pela libertação.

Nesse sentido, a partir do trabalho de campo, poderemos observar por meio de narrativas, fotografias e documentos o processo de organização e ação das CEBs e das perspectivas da Teologia da Libertação na atualidade.

Importante perceber as formas de luta e resistências com que as CEBs têm se articulado nesses encontros, e suas ações de evangelização e libertação na cidade, bem como processos ambíguos nessa caminhada.

Dessa forma, percebemos o processo de construção social e histórica de manifestações e formas de resistência pelo fim das injustiças e desigualdades, pelos operários, pelas mulheres da periferia, com novo sentido das redes de colaboração realizadas por esses sujeitos através da solidariedade, bem como através de simbolismos e novas formas de luta. Buscamos perceber através dos relatos dos narradores, as dimensões de entendimento e experiências, bem como os modos de vida e de trabalhar no cotidiano, no mais das vezes ocultadas por uma história oficial.

CAPÍTULO I - AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Então, aquelas pessoas que se chamavam de beatas, se preocupavam muito com orações né, e o catecismo ele era já um livrinho todo já que vinha de não sei de onde, São Paulo. Você tinha que seguir à risca aquilo, então quando a Teologia da Libertação chegou, ela chegou pra abrir a mente da pessoa, sair daquele campo fechado e partir pra lutas e dentro dessas lutas havia muitos desafios como cristão né. Até porque foi Puebla ou Medellín o primeiro conselho que teve dos bispos latino-americanos. Mas, eu acredito até que foi um desafio além do que eles imaginaram quando eles optaram pelos pobres e essa questão de libertar em todos os sentidos ⁴⁴.

1.1 Os Caminhos para uma mudança na Igreja

Continuando a conversa com Carlos Alberto sobre sua iniciação na vida religiosa nos anos de 1982, em Manaus, ele relembra que antes de conhecer a Teologia da Libertação e o trabalho nas CEBs era muito comum a catequese ser pautada em “um livrinho todo já que vinha de não sei de onde, São Paulo”.

Segundo o narrador, quando entrou em contato com os círculos bíblicos e manifestações nas ocupações de terra organizadas por Irmã Helena naquela época, seu primeiro compromisso como cristão foi tornar-se, entre seus 16 e 17 anos de idade, catequista de jovens nos novos bairros que surgiam na cidade.

Posto isso, ele nos conta que o seu compromisso estava aliado aos desafios que essa perspectiva de Igreja possibilita: “sair do templo de quatro paredes e partir para as lutas”, uma experiência que ia além de seguir à risca um livro de catequese que vinha de outro lugar e não

⁴⁴ Carlos Alberto Maciel do Nascimento é um dos narradores desta pesquisa. Ele tem 52 anos de idade, toca violão nos encontros das CEBs, sendo também animador de canto e catequista da comunidade São Francisco e das demais comunidades da Área Missionária Santa Helena. Possui experiência profissional como eletricitista, serigrafista, pintor letrista, encarregado de obras e auxiliar de produção. Carlos Alberto Maciel Nascimento. *As comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017, pág. 05. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

condizia com a sua realidade e de sua comunidade. A narrativa de Carlos da qual iremos conhecer melhor no decorrer do trabalho traz evidências de dimensões transformadoras nas experiências sociais de luta, memórias, resistência e diálogos entre perspectivas de fé, política e cidadania nas CEBs de Manaus, influenciadas fortemente pela Teologia da Libertação.

E quando pensamos em caminhos, não queremos definir essa teologia a partir de pontos de partida e de chegada, isto é, como uma história linear, com sentido obrigatório ou preestabelecido⁴⁵. Mas, como aponta Carlos em sua fala, o processo de constituição da Teologia da Libertação “foi um desafio além do que eles imaginaram”.

Dessa maneira, iremos fazer nesse tópico um dimensionamento e análise dos caminhos traçados pela Igreja Católica, principalmente, as transformações que anunciaram a constituição de uma nova Teologia libertadora na América Latina⁴⁶, em especial, alguns fatos históricos, tais como o Concílio do Vaticano II (1962- 1965), a II Conferência Episcopal de Medellín (1968) e a III Conferência de Puebla (1979).

1.1.1 Em busca de influência

Os anos de 1960 trouxeram ares de transformação para a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR)⁴⁷, principalmente para a Igreja da América Latina que presenciou a gênese da Teologia da Libertação e das CEBs.

Faustino Teixeira, teólogo e pesquisador sobre essa temática no Brasil, percebe que o Concílio do Vaticano II realmente foi fundamental para sensibilizar a Igreja para os “sinais dos tempos”⁴⁸, mas que tal Concílio absorveu muitas inquietações que já estavam sendo construídas

⁴⁵ PEIXOTO, Maria do Rosário da C. *O trem da História: A Aliança PCB/CSCB/O PAIZ, Rio de Janeiro, 1923/1924*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

⁴⁶ Segundo Clodovis Boff quando pensamos em América Latina compreendemos também nessa designação todo o Caribe. Cf: BOFF, Clodovis. *A originalidade histórica de Medellín*. CEBs do Brasil, 2018. Disponível em: <https://cebsdobrasil.com.br/a-originalidade-historica-de-medellin-clodovis-boff/>. Acesso em: 25 de Outubro de 2020.

⁴⁷ Cf: GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 2000; TEIXEIRA, Faustino. *Cristianismos e Teologia da Libertação*. São Paulo, 2014.

⁴⁸ TEIXEIRA, Faustino. A teologia no tempo. In: *Cristianismos e Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p.16.

no meio eclesial.

Tal análise também é percebida pelo filósofo e pesquisador argentino Enrique Dussel. Para este autor, os anos de 1930 a 1985 são de profundas transformações sociais e culturais na sociedade, percebendo que o processo de modernização da Igreja inicia-se bem mais cedo.

A tentativa de retomada da influência da Igreja Católica, já tinha sido anunciada no Concílio do Vaticano I⁴⁹, que ocorreu entre os anos de 1869 e 1870. Tal concílio foi convocado pelo Papa Pio IX (1846- 1878), e aconteceu em um contexto muito conturbado nos meados do século XIX, quando a Itália e a Alemanha (antiga Prússia) passavam pelo processo de unificação.

Tal concílio contou com a aprovação de duas constituições *Dei Filius* (1870) que elenca a doutrina católica e condenando tudo o que fosse contra a sua doutrina e a fé Católica e *Pastor Aeternus* (1870) que fortalecia as funções do Papa como autoridade indiscutível.

O historiador Ítalo Santirocchi⁵⁰, observa que em meio a esse contexto conturbado, havia também outros fatores que traziam muita preocupação para a Igreja Católica, tais como o liberalismo político e econômico, o socialismo científico, o cientificismo, o anarquismo e o positivismo. De acordo com ele, essas escolas e linhas de pensamento tinham um ponto em comum, consideravam a Igreja Católica uma instituição arcaica, anticientífica e alienante.

A resposta da Igreja Católica foi centralizadora, no caso do Brasil⁵¹, as formas de religiosidade popular como as festas de reis, congadas, festa de São Benedito e irmandades foram passando pelo crivo desta instituição, em alguns casos passando pelo processo de romanização.

Assim, no início do século XX, há uma modernização do aparelho eclesial, “uma mudança apoiada em uma nova Cristandade”⁵² quando a Igreja Católica tenta mais uma vez retomar a sua influência e poder em um mundo moderno.

Por sua vez, na América Latina, como também no Brasil, o peso dessa influência começa a dar sinais no período. No meio intelectual há o aparecimento de diversas revistas teológicas de

⁴⁹ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização –Ultramontanismo – Reforma. In. Temporalidades, Doutorado, vol. 2, nº 2. Agos./Dez. 2010. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/temporalidades>. Acesso em: 20 de Abril de 2023, p. 24-33.

⁵⁰ Ibidem, pág. 26.

⁵¹ Ibidem, pág. 28.

⁵² Para Enrique Dussel, havia na América Latina uma espécie de “Cristandade Colonial (1442- 1808), e que a partir de 1930, há uma tentativa de construir uma “Nova Cristandade” onde tem um fortalecimento do poder da Igreja e a necessidade de aliança com a nascente burguesia. Cf: DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino- Americana (1930- 1985)*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1986. P. 38.

universidades católicas⁵³, como a Revista Eclesiástica Brasileira (Petrópolis), Teologia y Vida (Santiago), Stromatra (Buenos Aires), Sapientia (Buenos Aires), Christus (México), Universidade Católica Xaveriana de Bogotá (1937), Universidade Católica de Lima (1942), Universidade Católica de Medellín (1945), Universidade Católica do Rio de Janeiro e São Paulo (1947), Universidade Católica de Porto Alegre (1950), Universidade Católica de Campinas (1956), Universidade Católica de Quito (1956), Universidade Católica de Córdoba (1956) e Universidade Católica de Buenos Aires (1960).

No Brasil, o projeto de “neocristandade”⁵⁴, como aponta o pesquisador e frade Henrique Cristiano José Matos, é visto desde 1920 como uma tentativa de reaproximação da Igreja Católica com a República, ou seja, quando o Estado brasileiro assegurava à Igreja sua influência na política e nas tomadas de decisões. A partir de sua missão evangelizadora e moral, a Igreja “salvaria o país do eminente perigo de subversão política e ideológica”⁵⁵.

Alguns trabalhos de pesquisa nos ajudam a perceber esse processo de reaproximação e de centralização da Igreja, como é caso da dissertação de mestrado de Elisângela Socorro Maciel Soares, intitulada “Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: A diocese de Manaus vivendo a romanização (1892- 1926)”⁵⁶.

Neste trabalho de pesquisa, em um primeiro momento, a autora buscou entender a constituição de uma Igreja mais romana, quando percebe que a constante laicização da sociedade foi advento da modernidade.

A autora observa ainda a expressão de tristeza e de indignação⁵⁷ da instituição com os desafios do mundo moderno para a sua doutrina, elencando o racionalismo, o progresso científico e a tentativa de fragilizar os seus dogmas como inimigos da cristandade, quando só a partir de um latente processo de normatizar a moda romana poderia se combater tais inimigos.

Neste projeto reformador católico romano, a autora analisa o comprometimento dos bispos brasileiros, como Dom Romualdo Antônio de Seixas, Dom Afonso de Moraes Torres e Dom Antônio

⁵³ DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino- Americana (1930- 1985)*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, págs. 18 – 19.

⁵⁴ Matos, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.59.

⁵⁵ Ibidem, p. 59 .

⁵⁶ SOARES, Elisângela Socorro Maciel Soares. *Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: A diocese de Manaus vivendo a romanização (1892- 1926)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFAM, Manaus, 2008.

⁵⁷ A autora traz algumas encíclicas papais que evidenciam essas questões tais como: *Qui Pluribus* (1848), de Pio IX, *Humanum Genus* (1884), de Leão XIII, *Lamentabili* (1907), *Pascendi Domini Gregis* (1907), de Pio X, entre outras.

de Macedo Costa, que tomaram este projeto na diocese do Pará, contribuindo para a constituição da Diocese de Manaus em 27 de abril de 1892.

O que nos chama atenção neste trabalho é a compreensão da autora em perceber também a constituição de ordens e associações religiosas com esse objetivo de centralizar o poder da Igreja na Amazônia, a partir de 1897, quando “O papa Leão XIII promoveu uma grande expansão catequética para a América, a África e Oceania, espalhando as congregações religiosas como uma nova cruzada”⁵⁸.

Outro trabalho de suma importância para entendermos esse processo de romanização, e centralização da Igreja Católica no Brasil é a dissertação de mestrado de Júlio César Minga Tonetti⁵⁹, intitulada “Nossa Senhora Aparecida: a nova padroeira do Brasil – diálogos sobre a devoção popular e a romanização”.

Neste trabalho de pesquisa, o autor tem o objetivo de mostrar como se deram os diálogos culturais frente ao processo romanizado de proclamação da Padroeira do Brasil, e a consagração à imagem organizada por Dom Leme, em 1931, bem como as formas de devoção popular a Nossa Senhora de Aparecida na região de Guaratinguetá, no estado de São Paulo.

Este trabalho de pesquisa aponta, a partir de análise de fotografias, fontes eclesiais e jornais católicos dos anos 1930, um processo de negociação entre o poder religioso na figura dos bispos do Brasil e do poder político do então presidente Getúlio Vargas.

Em vista disso, como observado até agora, percebemos no período uma Igreja Católica posicionada a partir do lugar das classes dominantes e letradas no país, promovendo ações sociais de caridade e assistencialismo. Esse modelo de Igreja, na perspectiva de Leonardo Boff⁶⁰, é construído a partir do poder hegemônico de condução do clero.

Observa-se também a partir dessas pesquisas a atuação de um laicato⁶¹, principalmente jovem, que assegurava a missão de moralizar a sociedade a partir de temas como a família, a educação e o

⁵⁸ Ibidem. p. 148.

⁵⁹ TONETTI, Júlio César Minga. *Nossa Senhora Aparecida: A Nova Padroeira do Brasil: Diálogos sobre a Devoção Popular e a Romanização*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da PUC-SP, 2019.

⁶⁰BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Ecclesiogênese: a Igreja que nasce da Fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.59.

⁶¹ Para Henrique Cristiano José Matos, nesse período, trata-se uma organização de leigos a serviço da hierarquia da Igreja, na dependência direta do episcopado. A igreja procurava influenciar, principalmente, fiéis da classe média, dando a missão de viverem no espírito, na ordem e disciplina. Cf: Matos, Henrique Cristiano José Matos. *Nossa História*: 500

trabalho, constituindo uma nova cruzada ideológica contra o comunismo, o progresso científico, as liberdades sexuais e religiosas.

Um exemplo dessa empreitada no Brasil é a fundação da Ação Católica Brasileira (ACB), em 1935, movimento religioso criado a exemplo da Ação Católica Italiana, fundada por Pio XI em 1922.

O objetivo desse movimento religioso era difundir o projeto moralizador da Igreja, pelo qual os leigos poderiam ser influenciadores dos princípios católicos na sociedade. Como observa Henrique Matos, “na realidade, a Ação Católica estava a serviço da nova ordem social, a ser implantada em perspectiva de neocristandade”⁶².

Deste modo, a Igreja Católica neste projeto reformador da cristandade na sociedade como um todo, tornou-se autoritária, legitimadora da opressão e omissa quanto às injustiças sociais, evidenciando assim sua leitura própria e elitista da trajetória bíblica de Jesus Cristo⁶³.

No entanto, essa atmosfera de organização leiga estruturada e dependente da Igreja, vai aos poucos sendo modificada, e tornando-se organizações ideologicamente “preocupadas” com as injustiças sociais, com os pobres, bem como uma prática pastoral, mas ainda não muito disposta aos enfrentamentos políticos, sobretudo o da superação da divisão de classes na sociedade.

Tal processo é identificado por Déa Ribeiro Fenelon e Yara Aun Khoury ⁶⁴, tendo as historiadoras coletado conjuntos expressivos⁶⁵ de fontes orais, documentos e fotografias relacionados à atividade de leigos da Igreja, nos movimentos religiosos.

Assim, percebem naquela pesquisa, a Ação Católica Brasileira (ACB), como também os movimentos ligados à juventude, aos trabalhadores e à educação popular, tais como: Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Feminina Católica (JFC), Juventude Universitária Católica (JUC), Movimento Organizado Profissional (MOP), Ação Católica Operária (ACO), Movimento de Educação de Base (MEB), este último com papel importante na educação do meio rural.

anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 105.

⁶² Ibidem, p. 105.

⁶³ Para Dom Paulo Evaristo Arns, a Igreja Católica “deve manifestar-se na simplicidade e na verdade, em todas as circunstâncias, mas, sobretudo nas crises e nos sofrimentos do povo”. Cf: ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja?* São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1981.

⁶⁴ FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun. Ensino e pesquisa: fontes para estudo dos movimentos dos leigos da Igreja Católica no Brasil 1920 – 1980. In: *Projeto História*, São Paulo, nº 7, fev. 1987.

⁶⁵ Esses arquivos encontram-se, atualmente, no Centro de Documentação e Informação Científica – CEDIC- SP.

Destaca-se ainda que muitos desses movimentos foram desaparecendo com a repressão da ditadura militar (1964-1985), outros ainda se reinventaram e muitos iniciaram suas resistências e práticas nesse processo, demonstrando uma verdadeira transformação nas formas de luta dos leigos nos movimentos sociais.

Na segunda metade do século XX, a sociedade passava por um contexto de pós-guerra mundial, de Guerra Fria, com divisões sociais e políticas que demarcavam campos de influência capitalista e comunista, com o recrudescimento de projetos neoliberais na década de 1990, além da independência de países africanos e asiáticos.

Em referência a esses blocos de influência internacional, falava-se em países de primeiro mundo e de terceiro mundo para tentar explicar as desigualdades sociais, assim como a teoria de dependência para justificar o desenvolvimento dependente de capital estrangeiro.

Neste âmbito, a CNBB é fundada em outubro de 1952, em assembleia no Palácio de São Joaquim, no Rio de Janeiro, tendo como seu primeiro presidente Cardeal Mota, e o secretário Geral Dom Hélder Câmara⁶⁶.

No cenário daqueles enfrentamentos e divisões ideológicas do mundo, costumava dizer Dom Hélder⁶⁷ que “Se dou pão aos pobres, todos me chamam de santo. Se mostro por que os pobres não têm pão, me chamam de comunista e subversivo”⁶⁸. Dito isso, podemos observar que a introdução desse cardeal na organização da Igreja Católica no Brasil foi expressivamente importante, pois suas ações e posicionamentos políticos entravam em contradição com um modelo de Igreja assistencialista, autoritária e omissa.

⁶⁶ Dom Helder Câmara, nascido no dia 7 de fevereiro de 1909, em Fortaleza – CE, e falecido em agosto de 1999, em Recife - PE. Em 1964, foi ordenado Arcebispo de Olinda e Recife, foi perseguido durante a ditadura militar por se posicionar a favor dos pobres na Igreja.

⁶⁷ É interessante pontuar que a trajetória de Dom Helder Câmara é envolta ainda de muita discussão e pesquisa. Por exemplo, no início de sua vida pública nos anos de 1930, ele se engajou na Ação Integralista Brasileira (AIB). Esse movimento foi fundado em 1932 e era liderado por Plínio Salgado, tendo como lema “Deus, Pátria e Família”. Tratava-se de movimento de cunho tradicionalista, católico e conservador e tinha forte influência do fascismo italiano, sendo dissolvido em 1937 no governo de Getúlio Vargas. Segundo Dom Hélder Câmara, sua passagem por este movimento foi para ele um “erro de juventude”, retirando-se em 1936. Contudo, sua atuação foi se modificando no decorrer dos anos, teve um importante papel na resistência contra a ditadura e na construção de uma Igreja voltada para os pobres. Em 2017 foi considerado o patrono brasileiro dos direitos humanos pela lei 13. 581/2017. Cf: CÂMARA, Helder. *Verbetes Biográfico de Helder Pessoa Câmara*. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara>. Acesso em 19 de Junho de 2019.

⁶⁸ Dom Hélder Câmara, *Biografias da Resistência*. Cf: <http://memoriasdadtadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/>. Acesso no dia 19 de Junho de 2019.

Nessa perspectiva, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) começa a ser pensada como uma organização colegiada, assumindo postura diferente das lideranças católicas no contexto de Getúlio Vargas⁶⁹. Sobretudo, por favorecer os diálogos entre dioceses e arquidioceses a nível regional e nacional, dessa maneira, tornando-se mais próxima e ouvinte dos desafios que a Igreja encarava em cada região.

Dom Hélder Câmara e a fundação da CNBB no Brasil são exemplos de renovação da Igreja Católica, apontadas por Enrique Dussel⁷⁰, com renovações pastorais e institucionais, tais como centros de pesquisas sociais, conferências episcopais na América Latina e órgãos confederativos.

Temos como exemplo, a I Conferência Geral do Episcopado latino-americano realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 25 de Julho e 04 de Agosto, em 1955. Sua convocação e organização foram de responsabilidade pontifical⁷¹, contando com o auxílio da CNBB, na figura de Dom Helder Câmara e de bispos de outros países como Chile, México e Santo Domingo.

O encontro tinha como preocupação central a perda de influência da Igreja, principalmente pela escassez do clero e do crescente número de adeptos ao protestantismo.

Foram propostas algumas ações para retomar essa perda de influência, tais como melhorar o trabalho pastoral e vocacional, promover o apostolado dos leigos, superar a fragmentação, fomentar o diálogo entre as igrejas locais e viabilizar a vinda de missionários estrangeiros para renovar os métodos pastorais mais adequados à realidade da Igreja Latino Americana. E mesmo com uma perspectiva de Igreja centrada no poder de condução do clero, o encontro trouxe a necessidade de criar um Conselho Episcopal que posteriormente seria conhecido como Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)⁷². Desde então, o CELAM tornou-se um organismo da Igreja Católica, com

⁶⁹A CNBB propiciou o diálogo e a exposição dos grandes problemas pastorais do país. Cf: Matos, Henrique Cristiano José Matos. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.156.

⁷⁰DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930- 1985)*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1986.

⁷¹ A conferência foi convocada pelo Papa Pio XII (1939 – 1958) e teve como representante da Santa Sé o secretário da Sagrada Congregação Consistorial o cardeal Adeodato Giovanni Piazza (1884- 1957) e o Monsenhor Antonio Samoré (1905 – 1983). Essa conferência também foi marcada pelo acontecimento de dois eventos importantes e quase simultâneos, o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional e o II Encontro Latino- americano de Jovens da JOC. Cf: DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930- 1985)*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1986, p.63.

⁷² Gustavo Gutierrez comenta que o CELAM apesar de ter nascido em 1955 como um organismo novo dentro da estrutura eclesial, seu plano de ação manteve-se tradicional. Essa realidade mudou em 1963, quando o bispo de Talca (Chile), D. Manuel Larraín assumiu vários trabalhos pastorais. Esses trabalhos contavam com a colaboração de outros bispos e estudiosos. A partir da vice-presidência de Dom Avelar Brandão Vilela arcebispo de Teresina (PI), em 1966, o CELAM passou a produzir textos e reflexões surpreendentes sobre a realidade da Igreja Latino-americana, das quais, prepararia

o objetivo de ser comunicação, reflexão, serviço de ação pastoral e colaboração com a Igreja universal⁷³.

1.1.2. Uma Igreja desafiada

A constituição de uma teologia da libertação na América Latina não ocorreu da noite para o dia como se fosse um computador bem programado e sistematizado⁷⁴, mas foi nutrida pela experiência de uma Igreja pensada e feita a partir de um lugar social, o dos pobres. E para que possamos entender esse processo de constituição, é importante analisar os apontamentos e reflexões de historiadores, filósofos, teólogos e sociólogos que pesquisam a temática.

Luciana Muszinski, por exemplo, ao escrever sobre “A Teologia da Libertação e a Reforma Agrária”⁷⁵, com o intuito de entender a gênese da Teologia da Libertação, faz um estudo profundo das transformações teológicas ocorridas no decorrer do século XX.

Inicialmente, ela observa que após a Primeira Guerra Mundial (1914- 1918), houve uma renovação no campo teológico, tanto da Igreja Católica, quanto da Igreja Protestante. Essa renovação deu-se pela necessidade de encontrar um instrumental hermenêutico que superasse os gastos modelos de séculos anteriores, como a filosofia escolástica, no caso da Igreja Católica, e a filosofia humanista no caso da Igreja Protestante⁷⁶.

A autora reconhece que houve muitas tentativas de superar tais modelos, como é o caso da Teologia da “Morte de Deus”, que surgiu nos Estados Unidos, em 1960, propondo um “cristianismo sem religião”, tendo os teólogos Rudolf Karl Bultmann, Paul Tillich e do Teólogo e Pastor Luterano antinazista Dietrich Bonhoeffer como seus maiores colaboradores. Esta perspectiva teológica buscava, de uma forma geral, afastar-se do mítico e do sobrenatural, defendendo o uso da

os bispos para a II Conferência em Medellín, em 1968. Cf. GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000, p.187.

⁷³ O Papa Pio XII nomeou em Maio de 1956, o primeiro secretário geral da CELAM, o bispo Julián. O Conselho reuniu-se quatro vezes depois da Conferência do Rio de Janeiro em 1955. Em Medellín (1968); Puebla (1979); Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) Cf: *Consejo Episcopal Latinoamericano*. Acesso em 02 de Setembro de 2020. Disponível em: https://www.celam.org/quienes_somos.php; <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1475>.

⁷⁴ Essa analogia foi feita pelo teólogo brasileiro José Marins ao estudar os documentos episcopais latino- americanos. Cf: MARINS, José; TREVISAN, Teolide. M. CHANONA, Carolee. *De Medellín a Puebla: a práxis dos padres da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979, p.194.

⁷⁵MUSZINSKI, Luciana. *A Teologia da Libertação e a Luta pela Reforma Agrária: os casos dos assentamentos 24 de Novembro e 25 de Outubro – Capão do Leão (RS)*. Dissertação apresentada no Programa de Ciências Sociais da UFPEL, Rio Grande do Sul, 2010.

⁷⁶ Ibidem, p. 32.

filosofia existencial para desmistificar o Novo Testamento e o Cristianismo. Sendo sua prática baseada na caridade cristã e na luta pela justiça⁷⁷.

Da mesma maneira, na Europa cresciam outras perspectivas teológicas, como a Teologia da Esperança do teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann⁷⁸. Essa Teologia buscava dar uma nova razão à escatologia⁷⁹, através da esperança, da humanização do ser humano, da socialização da humanidade e da paz com toda a criação. Para Moltmann a esperança é uma força suprema, intocável e infinita que nos faz caminhar para o novo horizonte⁸⁰.

Há também nesse contexto, a expressiva “Teologia Política” do teólogo católico alemão Johann Baptist Metz⁸¹, que foi um dos peritos do Concílio do Vaticano II (1962- 1965). Ele, por sua vez, acreditava que a política é essencial para reflexão teológica, cabendo a esta teologia fazer uma análise crítica da situação vigente de cada sociedade⁸². Outros teólogos também foram responsáveis por essa renovação no decorrer do século XX, na França, por exemplo, temos o sacerdote Jesuíta Jean – Yves Calvez, o cardeal dominicano Yves Marie Joseph Congar, o cardeal jesuíta Henri de Lubac, o sacerdote da ordem dos pregadores Marie Dominique Chanu e o sacerdote dominicano Christian Duquoc⁸³.

Muitos desses teólogos tiveram uma relevante participação no Concílio do Vaticano II, uns como peritos, outros como ouvintes, e, além disso, fomentaram muitas críticas e discussões de teólogos latino-americanos como é o caso do sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez. Dito isso, observamos até aqui que houve o nascimento de diversas perspectivas teológicas que ansiavam renovar a forma de pensar e fazer teologia. Mas, como observa Luciana Muszinski, na América

⁷⁷ Ibidem, p. 33.

⁷⁸ KUZMA, Cesar Augusto. *A Esperança Cristã na “Teologia da Esperança”*: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. Revista Pistis Prax, Teologia Pastoral, Curitiba, v.1,n.2, p. 443-467, Jul/dez, 2009.

⁷⁹ Na religião é a parte da Teologia que trata do fim dos tempos e do que acontecerá no fim do mundo. Centra-se também nos estudos das profecias do Apocalipse. Cf: WEBER, Dom Rodolfo. *Escatologia*. CNBB, 2019. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/escatologia-2/>. Acesso em 18 de Junho de 2020.

⁸⁰ KUZMA, Cesar Augusto. *A Esperança Cristã na “Teologia da Esperança”*: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. Revista Pistis Prax, Teologia Pastoral, Curitiba, v.1,n.2, p. 443-467, Jul/dez, 2009, p. 444.

⁸¹ Ibidem, p. 446.

⁸² IHU. *Metz e Gutiérrez: duas teologias irmãs*. 90 anos de Johann Baptist Metz, pai da Teologia Política. Revista On-line do Instituto Humanitas Unisinos, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/78-noticias/582517-metz-e-gutierrez-duas-teologias-irmas-90-anos-de-johann-baptist-metz-pai-da-teologia-politica> Acesso em 18 de Junho de 2020.

⁸³ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina*. 2ªed.São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 84.

Latina, nesse contexto, nascia um novo marco do pensamento das Igrejas Cristãs, uma reflexão teológica “centrada no processo de libertação dos povos oprimidos: A Teologia da Libertação”.

O filósofo Michael Löwy ao questionar o que é a Teologia da Libertação, observa que é um conjunto de textos produzidos no período da década de 1970, por figuras latino-americanas⁸⁴, citando as mais conhecidas como Gustavo Gutiérrez (Peru); Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto (Brasil); Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría (El Salvador); Segundo Galilea, Ronaldo Muñoz (Chile); Pablo Richard (Chile- Costa Rica); José Miguez Bonino, Juan Carlos Scanone, Ruben Dri (Argentina), Enrique Dussel (Argentina e México) e outros.

Contudo, essa teologia é também a expressão de um vasto movimento social que surge bem antes desses escritos teológicos. Este movimento que tem início da década de 1960, contou, segundo aquele autor, com setores significativos da Igreja Católica (padres, ordens religiosas, bispos); Movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Católica, Juventude Operária Cristã, Pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base – CEBs). E outros movimentos populares organizados por ativistas das CEBs tais como clube de mulheres, associações de bairros, sindicatos de camponeses e trabalhadores.

Assim, o autor propõe chamar este vasto movimento não de Teologia da Libertação, sendo que muitos de seus ativistas não são teólogos, e também pelo fato de ter surgido antes mesmo de uma perspectiva teológica libertadora. Também, não acha apropriado chamar de “Igreja dos Pobres”, pois vai além dos limites institucionais da Igreja Católica.

Diante disso, ele propõe chamar de “Cristianismo da Libertação”⁸⁵, pois é um conceito bem mais amplo que “Teologia” ou “Igreja”, incorporando a cultura religiosa, as redes de mobilização social, a fé e a prática dessa fé.

Já Gustavo Gutierrez⁸⁶, observa que durante muito tempo a Igreja Católica se consolidou em uma perspectiva *eclesiocêntrica*⁸⁷, ou seja, como depositária da “verdade”, da fé, e como única possibilidade para salvação.

⁸⁴ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 73.

⁸⁵ Ibidem, p.74.

⁸⁶ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000, p.311.

⁸⁷ Gustavo Gutierrez observa que essa perspectiva de Igreja passa a ser vista principalmente na Idade Média (476 d. C – 1453), em que era muito comum a noção de que “fora da Igreja não há salvação”. Essa noção de Igreja eclesiocêntrica ainda repercute nos dias atuais, influenciando na vida e reflexão dessa instituição. Cf: Ibidem, p. 314.

Portanto, ele pontua que a transformação da Igreja na América Latina não se tratou de uma simples renovação de métodos, mas de um verdadeiro “descentramento” que influenciou uma nova consciência eclesial do papel da Igreja na sociedade, uma *eclesiogênese* orientada para o serviço de promoção da dignidade humana.

Posto isso, o autor observa que a Teologia da Libertação é um movimento vasto, complexo e em desenvolvimento⁸⁸, trazendo ricos diálogos entre as igrejas cristãs e outras religiões. Contudo, para além desse vasto campo de reflexões teológicas, a matriz histórica dessa teologia está ligada à práxis de homens e mulheres, principalmente, nas comunidades cristãs que se formaram no continente latino-americano.

O filósofo Luigi Bordin⁸⁹ ao analisar a relação entre a Teologia da Libertação e o marxismo observa não ver conflitos entre a obra e experiência de Karl Marx e a de Jesus Cristo. Pois, a Teologia da Libertação, como uma teologia que é política, ao se perguntar sobre o sentido da fé em um mundo de exploração cria um fenômeno histórico de libertação dos pobres e oprimidos⁹⁰. Ele observa que a Teologia da Libertação ao questionar o sentido da fé, utiliza como suporte filosófico e científico os fundamentos do marxismo como a práxis e a perspectiva materialista histórica dialética.

Esses fatores também são trazidos nas reflexões de Leonardo Boff⁹¹, pois, segundo esse autor, as CEBs representam à prática de libertação popular e a Teologia da Libertação a parte teórica desta prática, não sendo possível pensá-las separadamente, mas de maneira articulada.

E é nessa articulação entre reflexão e prática, que os bispos, padres e religiosas ao se comprometerem com o serviço missionário deixam para trás o antigo modelo de evangelização autoritária, assistencialista e centralizadora. Eles passam por um processo de descoberta pessoal, aprendizagem e abertura aos diferentes modos de vida das comunidades, pois são o “povo de Deus”⁹².

⁸⁸ Gustavo Gutiérrez comenta que há esforços de uma teologia da libertação em outras religiões como é o caso do judaísmo e do islamismo. Além do mais, há também uma renovação no campo teológico que perpassa os grandes centros europeus e norte-americanos, como evidenciam as teologias negras, hispânicas, indígenas e indianas, as teologias na perspectiva feminista. Cf: Ibidem, p. 14.

⁸⁹ BORDIN, Luigi. *O Marxismo e a Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1987.

⁹⁰ Ibidem, p. 14-15.

⁹¹ BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Eclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 93.

⁹² O termo “Povo de Deus” é encontrado na constituição de *Lumen Gentium* (1964), do Papa Paulo VI, como referência à nova aliança que Deus fez com seu povo. Esse novo povo de Deus, que não é constituído apenas pelos israelitas, mas sim a todos que acreditam no filho de Deus, Jesus Cristo e no Espírito Santo, nasceu como promessa de uma nova Aliança entre Deus e os homens. Segundo a constituição, esse novo povo de Deus tem como cabeça Jesus Cristo, sua condição é

Os leigos e leigas, por sua vez, assumiram esse compromisso como um corpo⁹³, em que cada membro tem seu dom e sua importância, demonstrando cada vez mais o protagonismo de donas de casa, trabalhadoras domésticas, trabalhadores do meio rural e urbano na organização e vida da Igreja.

Enrique Dussel⁹⁴ também aponta que a Igreja da América Latina foi se transformando a partir de algumas fases e desafios, como exemplo, a fase dos dois momentos colegiais. O primeiro momento (1959–1968)⁹⁵ é marcado pela preparação de grandes acontecimentos para a Igreja, como é o caso do Concílio do Vaticano II e a realização de várias assembleias pelo CELAM, tais como: o Encontro Episcopal Latino-americano de Baños, no Equador, em 1966, que discutiu temas sobre educação, apostolado secular, ação social e pastoral; A X Assembleia do CELAM em Mar del Plata, na Argentina, em 1966, que tinha o objetivo de discutir a o papel da Igreja no desenvolvimento e integração da América Latina, sendo proibida a presença de Dom Helder Câmara pelo governo ditatorial de Juan Carlos de Onganía (1966-1970)⁹⁶.

Temos o encontro da Pastoral Universitária em Buga, na Colômbia, em 1967, com o propósito de discutir as reformas nas universidades católicas e a construção de centros intelectuais; o encontro Latino-americano de Vocações, em Lima, em 1967, com o intuito de reformar os seminários teológicos; o encontro Pastoral de Missões Indígenas em Melgar na Colômbia, em abril de 1968, tendo como proposta inserir a questão dos povos indígenas no campo de atuação e reflexão da Igreja; E o encontro Pastoral Social em Itapoã- BA, no Brasil, em 1968.

Para o autor, esses encontros foram fundamentais para preparar a II Conferência Episcopal Latino-americana, em Medellín, em 1968, que dá vida ao segundo momento de transformação da Igreja (1968–1972). Esse segundo momento é marcado pelo intenso trabalho de renovação da Igreja, visto principalmente entre os anos de 1967 e 1969, em que os bispos latino-americanos passaram a participar em peso dos sínodos romanos.

a dignidade da pessoa humana e a liberdade. Seu mandamento é de amar como o próprio Cristo amou (Jo, 13-34). Cf. *Lumen Gentium*. Arquivos da Santa Sé. Concílios Ecumênicos – Concílio do Vaticano II. 18 de novembro de 1965.

⁹³ ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja?* São Paulo: Brasiliense, coleção primeiros passos, 1981, p.13.

⁹⁴ DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino- Americana (1930- 1985)*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1986. P. 40.

⁹⁵ O teólogo João Batista Libanio observa que foi no período de 1962 a 1968 que a Teologia da Libertação começou a ser gestada. Cf: LIBANIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, nº 24(1992), p. 148 – 192, p. 148.

⁹⁶ Ibidem, p.41.

Assim, a Igreja latino-americana nutria esforços de organização e articulação, e nesse processo os desafios surgiam aliados a esse trabalho. Para Enrique Dussel⁹⁷, o primeiro desafio enfrentado pela Igreja foi pensar os homens e mulheres da América-latina como sujeitos históricos inseridos no processo de formação da sociedade, aprendendo com suas memórias, sua cultura, sua religiosidade popular e seu protagonismo político. Como exemplo, o autor cita as Comunidades Eclesiais de Base, que surgem principalmente no nordeste brasileiro em meados dos anos de 1970, como organização cristã do “povo de Deus”.

O segundo desafio foi a opção de setores da Igreja em viver a revolução e a reforma, como é o caso da Revolução Cubana de 1959, em que muitos cristãos viram a revolução e a luta armada como possibilidade de mudança. Desse modo, o socialismo foi pensado seriamente como opção de governo⁹⁸, tendo como exemplo, a fundação do Movimento de Ação Popular Unitária – MAPU, em 1972, no Chile, em que um grupo denominado “Cristãos para o socialismo” iniciou vários diálogos entre católicos e marxistas⁹⁹.

O terceiro desafio foi o processo de mudança de uma Igreja apoiada em um modelo de cristandade, que se baseava no subsídio do Estado para apoiar suas atividades, para uma Igreja que testemunha a opção pelos pobres. O autor cita como prática dessa mudança o nascimento da Teologia da Libertação.

Este fato foi observado pelo historiador Sandro Ramon da Silva¹⁰⁰ em sua dissertação de mestrado *Revolução e reação interiorizada na Igreja*. Nela, o autor aponta que a América Latina, nos anos de 1960 a 1970, testemunhou o nascimento de uma nova concepção do papel histórico da

⁹⁷ Ibidem, p.42.

⁹⁸ No governo de Salvador Allende (1970 – 1973), por exemplo, temos a via chilena para o socialismo que contou com reformas e programas como o Unidade Popular, que visava promover o desenvolvimento nacional, emancipação da subordinação ao capital estrangeiro e a justiça social. Cf: PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. Che Guevara e os movimentos revolucionários latino-americanos. In: *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 151-166.

⁹⁹ O historiador Inglês Eric Hobsbawm em seu livro *Era dos Extremos (1914- 1991)* observa que o fim da década de 1970, a América Latina e o Caribe que eram dominados por Washington, esteve imersa numa onda revolucionária que inclinou muitos setores para a esquerda. Nesse contexto, o autor aponta que a Revolução Cubana em 1959, foi crucial para enfraquecer o domínio norte-americano. Contudo, o que impressionou tanto os conservadores quanto a velha guarda da esquerda, na sua grande maioria anticlerical, foi o surgimento de padres católicos-marxistas, que participavam das insurreições e até mesmo lideravam. Cf: HOBBSAWM, Eric. Terceiro Mundo e Revolução. In: *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995, p. 348. Conferir também: SADER, Eder. Notas para o estudo da ideologia da Revolução Cubana. In: *Che Guevara: Política*. 1a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 114 – 125.

¹⁰⁰ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UFF, Niterói, 2006.

Igreja, a partir da Teologia da Libertação, pois “de alguma forma, ao cruzar o século XX, a instituição deixou de ser a Igreja dos coronéis e tornou-se Igreja dos pobres”¹⁰¹.

Em vista disso, aponta o autor que o nascimento dessa teologia deu-se em um contexto de frenéticas transformações, em especial, a convocação do Concílio do Vaticano II; a constituição de um clero progressista, a ascensão de governos ditatoriais e opressores, como no Brasil (1964), Chile (1973) e Argentina (1966; 1976); assim como movimentos revolucionários e opositores contra esses regimes, como Ação libertadora Nacional (ALN); Forças Revolucionárias Colombianas (Farc); Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN); a Revolução Cubana em 1959, entre outros.

Foi nesse contexto de frenéticas transformações que o Concílio Ecumênico do Vaticano II é convocado, em 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII, em sua constituição Apostólica *Humanae Salutis*:

O próximo concílio reúne-se, felizmente, no momento em que a Igreja percebe, de modo mais vivo, o desejo de fortificar a sua fé e de espelhar-se na própria e maravilhosa unidade; como, também, percebe melhor o dever urgente de dar maior eficiência à sua robusta vitalidade, e de promover a santificação de seus membros, a difusão da verdade revelada, à consolidação de suas estruturas. Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se orna de um novo esplendor, irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo(...).¹⁰²

O trecho do documento acima nos evidencia que a Igreja Católica Apostólica Romana não somente percebe os sinais dos tempos, como também se propõe a dialogar com eles. E, além disso, demonstrou o posicionamento de uma figura importante nesse processo, o Papa João XXIII.

Segundo Sandro Ramon da Silva¹⁰³, o Papa João XXIII¹⁰⁴, com quase oitenta anos de idade foi escolhido para ser um papa de transição, ou seja, dar continuidade ao governo de Pio XII enquanto outro cardeal era preparado para assumir este cargo. Apesar disso, ao assumir esta responsabilidade

¹⁰¹ Ibidem, p. 24.

¹⁰² João XXIII. Constituição Apostólica. *Humanae Salutis* (1961).

¹⁰³ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada na UFF, Niterói, 2006, p.29.

¹⁰⁴ Angelo Giuseppe Roncalli, nasceu a 25 de novembro de 1881, em Sotto il Monte, Província de Bérgamo, Itália. E faleceu no dia 03 de junho de 1963, sendo beatificado pelo Papa João Paulo II em 03 de setembro de 2000. Cf: Perfil biográfico de João XXIII (1881- 1963). Disponível em: [Biografia de Sua Santidade João XXIII](#). Acesso em: 29 de outubro de 2020.

ele convoca o concílio e inicia um diálogo fértil com a modernidade e com os temas dos quais a Igreja durante tanto tempo teria se esquivado.

Neste contexto, a figura de João XXIII passou a ter grande impacto, pois ao lançar as encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*¹⁰⁵, aproxima a Igreja ainda mais das temáticas sociais, como a promoção da dignidade das classes trabalhadoras, promoção da mulher e as formas de dominação e violência entre as nações. Porém, segundo o autor, o que mais surpreendeu a opinião pública e o Vaticano seria a convocação de um concílio ecumênico por um papa que estava ali apenas para “não mudar nada”¹⁰⁶.

Assim, o Concílio do Vaticano II começa no dia 11 de outubro de 1962, contando com a participação de mais de três mil pessoas de diversas nacionalidades¹⁰⁷, das quais, algumas tiveram direito ao voto, sendo 02 papas, 129 superiores gerais, 12 patriarcas, 02 vigários patriarcais, 122 cardeais, 398 arcebispos, 1980 bispos, 91 prelados, 70 prefeitos, 01 ordinário, 49 núncios apostólicos, 155 vigários e 51 abades. Outros participaram como ouvintes sem direito ao voto, sendo 52 ouvintes leigos, 168 ouvintes de outras religiões e 480 peritos.

As assembleias conciliares foram divididas em quatro sessões¹⁰⁸ e ocorreram na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Segundo Henrique Matos¹⁰⁹, o âmbito conciliar demonstrou uma boa participação dos bispos e arcebispos brasileiros, sendo que a maioria deles ficaram hospedados na sede da Ação Católica Feminina *Domus Mariae*, próximo ao colégio Pio-brasileiro, em Roma.

¹⁰⁵ A encíclica *Mater et Magistra* (1961) sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã; A encíclica *Pacem in Terris* (1963) sobre a paz de todos os povos, na base da verdade, justiça, caridade e liberdade.

Cf: *Encíclicas de João XXIII*. Disponível em: < [Encíclicas | João XXIII](#) >.
Acesso em 03 de setembro de 2020.

¹⁰⁶ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada na UFF, Niterói, 2006, p.30.

¹⁰⁷ Aproximadamente 1059 padres de 31 países da Europa, 408 padres de 25 países da Ásia, 352 padres de 51 países da África, 74 padres de seis países da Oceania, 416 padres de quatro países da América do Norte, 89 padres de 16 países da América Central e 531 padres de 12 países da América do Sul. Cf: “Publicação evidencia o quadro geral de bispos vivos que participaram do Concílio do Vaticano II”: *Quadro geral dos bispos que participaram do Concílio do Vaticano II*. Disponível em: [Publicação evidencia o quadro geral de bispos vivos que participaram do Concílio Vaticano II | CNBB Nordeste 1](#). Acesso em 19 de outubro de 2020.

¹⁰⁸ 1ª Sessão (11/10/1962 – 08/12/1962); 2ª Sessão (29/09/1963 – 04/12/1963); 3ª (14/09/1964- 21/11/1964); 4ª (14/09/1965 – 08/12/1965). Cf: COMPÊNDIO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.html .Acesso em 22 de outubro de 2020.

¹⁰⁹ MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.162.

Mais uma vez, a CNBB assume um grande papel articulador, principalmente, na figura do secretário geral Dom Hélder Câmara, que convida peritos e padres conciliares para conversar e debater sobre as temáticas do concílio com os bispos brasileiros.

Nesse contexto, a CNBB teve um segundo nascimento¹¹⁰, pois, foi um momento único para os bispos se conhecerem e terem uma aproximação com as novas tendências teológicas da Europa, com as reflexões do Oriente Cristão, com as tradições protestantes, ortodoxas e com a crescente experiência teológica-pastoral latino-americana.

O desenvolvimento do concílio trouxe também uma expressiva figura para este processo, o Papa Paulo VI¹¹¹, que ao iniciar o seu papado em 1963, após a morte de João XXIII, assumiu o compromisso de continuar com o Concílio do Vaticano II, assim como debater os temas nos sínodos romanos no contexto pós-concílio.

Acredita-se que o Papa Paulo VI durante o seu papado contribuiu para criar um modelo de evangelização compreendida a partir de um diálogo ecumênico e inter-religioso, ajudando a ampliar inúmeras experiências pastorais e trabalhos missionários, sobretudo na América Latina¹¹².

Em 08 de dezembro de 1965, o tão memorado Concílio do Vaticano II é finalizado após um discurso do Papa Paulo VI¹¹³, deixando explícito em sua fala que tal evento não foi suficiente para sanar todas as demandas da Igreja. No entanto, ele elenca que o concílio seria fundamental para dar continuidade aos estudos, aos temas e às reformas que foram propostas.

E podemos observar também que o processo de condução e organização do concílio deixou um considerável legado documental¹¹⁴: 02 constituições dogmáticas, 02 constituições pastorais conciliares, 03 declarações e 09 decretos.

¹¹⁰ Ibidem, p.160.

¹¹¹ Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, conhecido como Papa Paulo VI, nasceu em 1897, em Concesio da Itália. Foi o 262º papa da Igreja Católica, e governou por 15 anos. Cf: Perfil biográfico de Paulo VI (1897 – 1978) .Disponível em: [Biografia de Sua Santidade Paulo VI](#) Acesso em 30 de Outubro de 2020.

¹¹²Cf: Jornal Santuário. “Saiba fatos importantes sobre o pontificado de Paulo VI”. Disponível em: [Saiba fatos importantes sobre pontificado de Paulo VI - A12.com](#). Acesso em 30 de outubro de 2020.

¹¹³ Epílogo do Concílio Ecumênico Vaticano II. Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do concílio do Vaticano II. COMPÊNDIO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm .Acesso em 30 de outubro de 2020.

¹¹⁴ Constituição dogmática sobre a revelação divina Dei *Verbum* (Palavra de Deus) 1965; Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (Luz dos Povos) 1964; Constituição Pastoral Conciliar sobre a liturgia *Sacrosanctum Concilium* (Sagrado Concílio) 1963; Constituição Pastoral conciliar sobre a Igreja no mundo atual *Gaudium et Spes* (A alegria e a esperança) 1965; Declaração sobre a educação cristã *Gravissimum educationis* (Educação importante) 1965; Declaração sobre a Igreja e as religiões não cristãs *Nostra Aetate* (Nossa era) 1965; Declaração sobre a liberdade religiosa na atualidade *Dignitates Humanae* (Dignidade Humana) 1965; Decreto sobre a atividade missionária da Igreja

Esses documentos foram produzidos em meio a um intenso trabalho no Vaticano, trazendo temas sobre os dogmas da Igreja, liberdade religiosa na atualidade, relação da Igreja católica com as religiões não cristãs, relação da Igreja Católica Romana com as Igrejas Católicas do Oriente, atividade missionária da Igreja, apostolado dos leigos e ecumenismo.

Logo, podemos perceber que tal concílio trouxe diversos desafios para a reflexão teológica e para a organização eclesial da Igreja como instituição, tais como a revelação divina da Igreja e a inspiração das sagradas escrituras e sua interpretação, a importância do antigo testamento para os cristãos católicos, pois demonstra a vontade de salvação e de libertação do “povo de Deus” na terra, a importância do novo testamento como prática de salvação a partir de perspectivas da trajetória bíblica de Jesus Cristo, então revalorizadas pela instituição, pelo diálogo ecumênico com diferentes culturas, pelo caráter missionário da Igreja.

Sendo assim, há de se observar até aqui a importância que muitos teólogos atribuem ao Concílio do Vaticano II para o desdobramento da Teologia da Libertação na América Latina. Dom Paulo Evaristo Arns¹¹⁵ aponta que tal concílio acarretou mudanças profundas, tanto na doutrina da Igreja quanto na organização eclesial, em que essa instituição assumiu a missão de ser profética, denunciando as violações dos direitos humanos, apontando os caminhos para mudança e dando testemunho da realidade do povo.

Para Faustino Teixeira¹¹⁶, o Concílio do Vaticano II foi um momento de impacto, pois trouxe uma abertura aos novos movimentos eclesiais e teológicos que cresciam nesse período. A principal influência desse concílio na vida da Igreja foi a transformação de um modelo eclesial inoperante para um acelerado e enérgico trabalho pastoral.

Ad Gentes (Para as nações) 1965; Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes *Presbyterorum ordinis* (Ministério dos presbíteros) 1965; Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem* (Atividade Apostólica) 1965; Decreto sobre a formação sacerdotal *Optatum Totius* (Treinamento a todos) 1965; Decreto sobre a conveniente renovação da vida religiosa *Perfectae Caritatis* (Caridade perfeita) 1965; Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja *Christus Dominus* (Cristo o senhor) 1965; Decreto sobre o ecumenismo *Unitates Redintegratio* (Reintegrando a unidade) 1964, Decreto sobre as Igrejas orientais católicas *Orientalium Ecclesiarum* (Igreja Oriental) 1964; Decreto sobre os meios de Comunicação social *Inter Mirifica* (Entre o maravilhoso), 1966. COMPÊNDIO VATICANO II. Arquivos da Santa Sé. *Constituições, decretos e declarações*.

¹¹⁵CF: ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. *Brasil: Nunca mais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

¹¹⁶ TEIXEIRA, Faustino. Teologia da Libertação: eixos e desafios. In: __. *Cristianismos e Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p.31.

Do mesmo modo, Sandro Ramon F. da Silva elenca que o Concílio do Vaticano II “foi o mais importante acontecimento na história da Igreja nos últimos séculos”¹¹⁷, uma vez que a instituição ao dialogar com a modernidade abriu várias frentes de trabalho.

Um deles foi construir um sentimento de colaboração com as ciências, principalmente as sociais, tentando buscar respostas teológicas, eclesiais e pastorais ao mundo contemporâneo. E já no plano teológico-pastoral pôde ser notada uma maior liberdade de ação, tendo como exemplo, a mudança da língua latina para a língua nacional nas missas e cultos.

No Brasil pós-concílio, a Igreja católica através da CNBB ¹¹⁸ iniciou uma nova fase, buscando colocar em prática todas as perspectivas de mudança assumidas através do Plano Pastoral de Conjunto¹¹⁹, desenvolvendo cada vez mais um espírito de colaboração, diálogo e comunhão eclesial com as dioceses e arquidioceses do país.

1.1.3. A opção pelos Pobres

São notáveis as mudanças que o Concílio do Vaticano II acarretou, contudo, observamos também que não foi um momento de perfeita harmonia. A especialista em ciências da religião Rita Suriane Lamas¹²⁰ aponta que apesar da grande popularização do viés progressista deste concílio os documentos não foram finalizados de forma homogênea, visto que iniciou com o papado de João XXIII, em 1962 e finalizou com o papado de Paulo VI, em 1965.

De tal modo, alguns documentos acabaram absorvendo pautas conservadoras e até mesmo tratando de maneira superficial temas realmente importantes. Segundo a autora, o Concílio do Vaticano II foi crucial para abrir os caminhos, mas a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968) é compreendida por muitos teólogos como o momento em que se constituíram as raízes da Teologia da Libertação¹²¹.

¹¹⁷ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada na UFF, Niterói, 2006, p.31.

¹¹⁸ MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.160.

¹¹⁹ Ibidem, p.191.

¹²⁰ LAMAS, Rita Suriani. *A Igreja Católica e a sua atuação política no Brasil: A oposição frente ao governo ditatorial militar ocorrida entre os anos de 1960 e 1980*. Revista Faces de Clio. Vol. 5, nº 10, jul./ dez. 2019, p. 159 – 168.

¹²¹ Ibidem, p.161.

A II Conferência do CELAM foi proposta ao Vaticano em 1966, sendo convocada pelo Papa Paulo VI para ser realizada em Medellín, em 1968, com o objetivo de aplicar os ensinamentos acolhidos no Vaticano II às demandas da Igreja Latino-americana¹²². Em vista disso, em 24 de agosto de 1968, o Papa Paulo VI fez a abertura da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Bogotá, na Colômbia.

Em seguida, todos os membros participantes do evento deslocaram-se para a cidade de Medellín, onde ocorreu a conferência do dia 26 de agosto ao dia 07 de setembro daquele mesmo ano¹²³. A conferência foi presidida pelo presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL), o cardeal Antonio Samoré, e teve como temática “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio¹²⁴”.

O evento contou, segundo a CNBB¹²⁵, com 86 bispos, 45 arcebispos, 06 cardeais, 70 sacerdotes e religiosos, 19 leigos e 09 ouvintes não católicos. Sendo 137 bispos com direito ao voto e 112 delegados.

Assim como no Concílio do Vaticano II, os bispos brasileiros tiveram uma boa participação em Medellín, em 1968, sendo Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina (PI)¹²⁶, era o vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano na época.

Do mesmo modo, Dom Hélder Câmara como um dos 39 brasileiros que participaram desta conferência, deixou um expressivo conjunto de correspondências, circulares conciliares, inter-conciliares e pós-conciliares, das quais foram editadas e publicadas posteriormente¹²⁷. Em um desses

¹²² No dia 22 de Agosto de 1968, o sumo pontífice dá início a sua peregrinação eucarística na Colômbia, sendo Paulo VI o primeiro papa a pisar em um país latino-americano. Nessa oportunidade, o Santo padre também veio para participar do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Cf: CNBB. *Há 50 anos, foi a primeira visita de um pontífice à América Latina para a II Conferência do CELAM*. Disponível em: [Há 50 anos, a primeira visita de um Pontífice à América para a II Conferência do Celam - CNBB](#). Acesso em 31 de outubro de 2020.

¹²³ BEOZZO, José Oscar. *Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois*. In: __. GODOY, Manoel. (Org.) AQUINO JÚNIOR, Francisco de. (Org.). 50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9 – 27.

¹²⁴ CELAM. II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. *Conclusões de Medellín*. 5ª ed. São Paulo, 1984.

¹²⁵ Dados disponíveis no site da CNBB. Cf: [Há 50 anos, a primeira visita de um Pontífice à América para a II Conferência do Celam - CNBB](#). Acesso em 31 de outubro de 2020.

¹²⁶ CPDOC. *Dom Avelar Brandão Vilela*. Verbete Biográfico. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: [biografico/avelar-brandao-vilela](#). Acesso em 30 de outubro de 2020.

¹²⁷ O teólogo brasileiro José Oscar Beozzo ao fazer um balanço dos 50 anos da Conferência de Medellín e a sua relevância no contexto atual, traz alguns relatos de Dom Helder Câmara. Cf: BEOZZO, José Oscar. *Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois*. In: __. GODOY, Manoel. (Org.) AQUINO JÚNIOR, Francisco de. (Org.). 50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho. 1ªed. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9 – 27.

relatos, ele não hesita em citar que o documento de Medellín teria para a América Latina igual importância que o Concílio do Vaticano II teve para todo o mundo¹²⁸.

Dito isso, ele observou durante toda a conferência alguns fatores positivos como a presença de muitos bispos, religiosos e padres que já vinham de uma caminhada desde o Concílio do Vaticano II e de outros episcopados do CELAM. Como resultado, isso contribuiu para que todos ficassem juntos durante os encaminhamentos dos trabalhos e das celebrações, construindo um “serviço litúrgico perfeito”¹²⁹.

Em contrapartida, alguns fatores tidos como “ameaçadores” e até mesmo “perigosos” foram apontados por Dom Helder Câmara. O primeiro deles seria a postura do Papa Paulo VI durante as suas alocações em visita à Colômbia, sendo que na sua concepção o sumo pontífice “mais freou do que abriu”¹³⁰. Do mesmo modo, o documento de trabalho preliminar foi duramente criticado por muitos episcopados, como o da Argentina, Colômbia e Venezuela, isto é, só depois de muitos pareceres e uma comissão de bispos e peritos é que o documento pode ser utilizado para os encaminhamentos da conferência.

Outro detalhe relatado por Dom Helder Câmara seria a escolha de alguns legados que presidiram a conferência, por exemplo, o presidente da CAL, o cardeal Samoré, conservador e “extremamente prudente”¹³¹. Essa influência conservadora na conferência levaria a muitos padres, bispos e colaboradores do círculo do Cardeal Samoré a utilizar palavras de recomendação e advertência, mostrando uma tentativa de controle da CAL.

Embora houvesse uma tentativa de controlar a Conferência, foi apontado por Dom Helder Câmara “novos dados que nos favoreceram¹³²”, começando pelas palestras que ajudariam a criar um clima de fraternidade entre os participantes, seguido de uma estratégica distribuição dos bispos e peritos nos grupos de trabalho, fazendo votações prévias e definitivas sobre o documento de Medellín.

¹²⁸ Ibidem, p.10.

¹²⁹ Ibidem, p.11.

¹³⁰ Ibidem, p.11.

¹³¹ Ibidem, p.12.

¹³² Ibidem, p.12.

Essa dinâmica de trabalho assumida durante a II Conferência de Medellín contribuiu para se construir um “grande texto”¹³³ que serviria como embasamento para as questões urgentes da América Latina naquele período.

Gustavo Gutiérrez, por exemplo, ao fazer uma análise exegética dos textos bíblicos e dos documentos da Igreja Católica, faz uma comparação entre o Concílio do Vaticano II e a II Conferência do CELAM, observando que:

(...)O Vaticano II fala do subdesenvolvimento dos povos a partir de países desenvolvidos e em função do que estes podem e devem fazer por aqueles; Medellín procura ver o problema partindo de países pobres; por isso os define como povos submetidos a um novo tipo de colonialismo. O Vaticano II fala de uma Igreja no mundo e descreve-a tendendo a suavizar os conflitos; Medellín comprova que o mundo em que a Igreja latino-americana deve estar presente encontra-se em pleno processo revolucionário. O Vaticano II dá as grandes linhas de uma renovação da Igreja; Medellín dá a pauta para uma transformação da Igreja em função de sua presença em um continente de miséria e opressão (...).¹³⁴

Analisando a fala acima, observamos até aqui o quanto a Igreja Católica latino-americana avançou, partindo de um esforço real de trabalho e organização nas conferências, nas reflexões teológicas, nos sínodos romanos e no trabalho pastoral. Além do mais, percebemos o nascimento de uma Igreja com linhas prioritárias e ações coerentes voltadas para as demandas da América Latina. E quais foram essas linhas prioritárias?

O teólogo José Marins¹³⁵ ao se debruçar no conjunto documental produzido pelas Conferências do CELAM no período de 1968 a 1979 observa que a II Conferência Episcopal de Medellín mostrou uma Igreja latino-americana com dinâmica própria e com a missão de responder às necessidades coletivas.

Da mesma maneira, ele elenca que essa conferência teve como tarefa “codificar” o que já estava sendo experimentado por muitos setores da Igreja desde o Concílio do Vaticano II. Essas experiências estavam embasadas em uma opção pelos pobres, pelos povos latino-americanos, pela libertação cristã integral, pela denúncia das estruturas de opressão internas e externas e pela promoção das Comunidades eclesiais de base.

¹³³ Dom Helder Câmara relata que o milagre do Vaticano II repetiu-se em Medellín. Ibidem, p. 12.

¹³⁴ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000, p.187.

¹³⁵MARINS, José; TREVISAN, Teolide M. CHANONA, Carolee. *De Medellín a Puebla: a práxis dos padres da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979, p.22.

Segundo o autor, a partir de Medellín a Igreja mudou o seu modo de atuação, principalmente no campo sociopolítico, buscando alcançar alguns objetivos como: frear os abusos do poder público; evitar valer-se da influência política para ter privilégios; tornar-se consciente de sua missão na realização do bem comum e formar a consciência crítica dos cidadãos¹³⁶.

Assim como aponta o teólogo Clodovis Boff¹³⁷, o fato de que o fruto maior deste evento foi “ter dado à luz a Igreja latino-americana como latino-americana”¹³⁸, ou seja, a partir de Medellín observamos a passagem de um Igreja-reflexo, tutelada e em estado de minoridade para uma Igreja-fonte e profética.

Com efeito, o autor reconhece que a experiência vivenciada em Medellín configurou três instituições essenciais que se tornaram típicas e manifestadas da Igreja latino-americana, sendo elas a opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base.

Ele destaca que a opção pelos pobres não é uma novidade na história da Igreja católica, sendo uma prática constante e na maioria das vezes assistencialista¹³⁹. Contudo, essa dimensão começa a ser questionada a partir das transformações ocorridas no Concílio do Vaticano II e em Medellín. O autor considera que no Concílio do Vaticano II fez-se ressoar a ideia de uma “Igreja dos pobres”, enfaticamente na voz do Papa João XXIII, mas não foi ouvida imediatamente.

Na sua visão, no Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen Gentium*¹⁴⁰ é construída uma ideia de uma Igreja de todos, especialmente dos pobres”, porém, essa ideia aparece de forma tímida, mas ele reconhece que já foi um avanço. Em Medellín, o autor observa um verdadeiro “divisor de águas”, pois o pobre não é mais pensado como um simples objeto de caridade, mas como um sujeito participante na construção do Reino de Deus aqui e agora.

¹³⁶ José Marins elenca outras experiências de libertação e conscientização sociopolítica dentro das religiões cristãs, como é o caso de Rubem Alves no Brasil e do pastor metodista José Bonino na Argentina. Cf: Ibidem, p. 23.

¹³⁷ BOFF, Clodovis. *A originalidade histórica de Medellín*. CEBs do Brasil, 2018. Disponível em: [A originalidade histórica de Medellín](#). Clodovis BOFF – CEBs do Brasil. Acesso em: 25 de Outubro de 2020.

¹³⁸ Ibidem, n. p.

¹³⁹ Leonardo Boff faz uma reflexão sobre o termo assistencialista. Na visão do teólogo a história da Igreja sempre houve uma sensibilidade com relação aos humilhados e ofendidos, e dentro dessa lógica a Igreja associou-se aos poderosos e benfeitores da sociedade para construir hospitais, escolas, orfanatos e outros locais de assistência. Essa estratégia acumulou muitos méritos, mas na medida em que a consciência crítica cresce no seio da Igreja os limites dessa estratégia dão os primeiros sinais, tornando – se inoperante e fechada em si mesma. Cf: BOFF, Leonardo. *Fome de Deus: Sim! Fome de pão: Não!* In: *E a Igreja se fez povo. Eclesiogeneese: A Igreja que nasce da fé do Povo*. 3ª ed. Petrópolis, 1986. p. 17–23.

¹⁴⁰ Declaração dogmática *Lumen Gentium* n.8. Cf: Arquivos da Santa Sé. Concílios Ecumênicos – Concílio do Vaticano II. 18 de Novembro de 1965.

Nessa conjuntura, observamos que mesmo após 52 anos de publicação das conclusões de Medellín¹⁴¹ suas reflexões são expressivamente atuais para a Igreja Católica, servindo ainda como base para as diversas reflexões teológicas e ações pastorais das Igrejas ao redor do mundo.

Contudo, naquele contexto foi fundamental para se construir uma Igreja com ação preferencial para os pobres¹⁴², como podemos perceber no trecho do tópico primeiro do 14º documento denominado “Pobreza da Igreja”:

O Episcopado latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana. (...) E chegam igualmente até nós as queixas de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. Sobre isso devemos esclarecer que com muita frequência se confunde a aparência com a realidade. Muitos fatores têm contribuído para a formação desta imagem de uma Igreja hierárquica rica. Os grandes edifícios, as residências dos párocos e religiosos, quando são superiores às dos bairros em que vivem; os veículos próprios, às vezes luxuosos; a maneira de vestir herdada de outras épocas; são alguns desses fatores (...).¹⁴³

Dito isso, a Igreja latino-americana assume a promoção da dignidade humana como linha de ação, reconhecendo que para fazer realmente uma “opção pelos pobres” precisava ser crítica de si mesma, despojando-se de sua relação com o poder, da riqueza material e de sua influência em prol dos mais ricos, como veremos abaixo:

Desejamos que nossa habitação e estilo de vida sejam modestos; nossa indumentária, simples; nossas obras e instituições funcionais, sem aparato nem ostentação. Pedimos aos sacerdotes e fiéis que nos deem um tratamento que convenha com a nossa missão de padres e pastores, pois desejamos renunciar a títulos honoríficos próprios de outras épocas. Com o auxílio de todo povo de Deus, esperamos superar o sistema de espórtulas¹⁴⁴, substituindo-o por outras formas de cooperação econômica, desligadas

¹⁴¹ As conclusões de Medellín é uma coletânea de 16 documentos produzida pelos integrantes do CELAM, em Medellín, 1968, sendo eles: 1º Justiça, 2º Paz, 3ª Família e demografia, 4º Educação, 5º Juventude, 6º Pastoral das Massas, 7º Pastoral das Elites, 8º Catequese, 9º liturgia, 10º Movimentos leigos, 11º Sacerdotes, 12º religiosos, 13º Formação do Clero, 14º Pobreza da Igreja, 15º Colegialidade, 16º Meios de Comunicação Social. Cf: CELAM. *Documentos do CELAM: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. Conclusões de Medellín*. 5ª ed. São Paulo, 1984.

¹⁴² Segundo Leonardo Boff a Igreja com seu plano de ação preferencial pelos pobres, busca ser uma aliada dos oprimidos contra a pobreza. Desse modo, nessa perspectiva de Igreja o termo pobre não está ligado somente à falta de recursos materiais, mas deve ser pensado também como aquele que constitui junto com outros uma experiência geradora de justiça, e de felicidade coletiva. BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Ecclesilogênese: a igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.19.

¹⁴³ Ibidem, p. 61.

¹⁴⁴ Espórtulas são valores cobrados pela Igreja quando ministra algum sacramento como batismo, crisma e matrimônio. As espórtulas foram regulamentadas em 1974, pelo Papa Paulo VI, no Motu Proprio *Firma in Traditione* e posteriormente foi regulamentado no direito canônico pelo Papa João Paulo II, mas esse assunto ainda gera muita controvérsia na instituição. Cf: AQUINO, Felipe. *Descubra por que a Igreja cobra espórtulas e taxas? Canção Nova*, Disponível em: [Descubra por que a Igreja cobra espórtulas e taxas?](#). Acesso em 02 de novembro de 2020.

da administração dos sacramentos. A administração dos bens diocesanos e paroquiais deverá ser integrada por leigos competentes e dirigida, da melhor forma possível, para o bem de toda comunidade(...)¹⁴⁵.

O texto acima evidencia vários significados pelos quais o termo pobreza é compreendido dentro dessa reflexão do episcopado latino-americano. O texto de Medellín traz três dimensões do termo pobreza.

A primeira dimensão é a pobreza como carência de bens, que é percebida como fruto da injustiça e do pecado dos homens; A segunda é a pobreza espiritual que é vista como uma experiência de abertura para Deus, disponibilidade e humildade para se valorizar “tudo o que vem do senhor como promessa do seu Reino”; e terceira, a pobreza como compromisso que nasce voluntariamente por amor aos pobres, a exemplo de Cristo que “sendo rico se fez pobre¹⁴⁶” para a salvação de todos.

Gustavo Gutiérrez ¹⁴⁷, por exemplo, nos chama atenção para essa questão trazida nas conclusões de Medellín. O autor elucida que para compreendermos a pobreza evangélica tão buscada pela Igreja latino-americana nesse contexto, devemos cotejar as ambiguidades que esse termo carrega.

Ele observa que o termo pobreza é retomado na bíblia com bastante frequência, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, dividindo-se segundo os estudos da Teologia¹⁴⁸ em duas linhas de pensamento: a pobreza como um estado escandaloso e a pobreza como infância espiritual.

O autor elenca que a pobreza como carência de bens é entendida pela bíblia como um estado escandaloso¹⁴⁹, um estado que atenta contra a dignidade dos homens e contrária a vontade de salvação

¹⁴⁵CELAM. *Pobreza da Igreja*. In: Documentos do CELAM: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. Conclusões de Medellín. 5ª ed. São Paulo, 1984, p.63.

¹⁴⁶ Referência no documento de Medellín ao Livro da Bíblia do Novo Testamento 2º Coríntios 8:9. Cf: Ibidem, p. 62. Ibidem, p.62.

¹⁴⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Pobreza: solidariedade e protesto*. In: Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 2000, p. 345- 363.

¹⁴⁸ Segundo Gustavo Gutiérrez essa reflexão é trazida através do teólogo e exegeta francês Albert Gelin em sua obra *Los pobres de Yahveh*, Barcelona, 1965; E também pelo teólogo espanhol José María González-Ruiz na obra *Pobreza evangélica y promoción humana*, Barcelona, 1966. Cf: Ibidem, 350.

¹⁴⁹ Ibidem, p.351.

divina. Essa pobreza que é produzida pelas ações dos homens é veemente denunciada e exposta pelos profetas do Antigo Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento¹⁵⁰.

Posto isso, Gustavo Gutiérrez à luz dos textos bíblicos conclui que a manutenção da pobreza na sociedade assume uma ruptura entre a comunhão de Deus com os homens; A pobreza é nesse sentido a expressão do pecado inconciliável com “o advento do Reino de Deus”.

A segunda linha de pensamento que é a pobreza espiritual é observada pelo autor nos textos bíblicos¹⁵¹ como um ideal de humildade diante de Deus, fé, “confiança no senhor”, isto é, ter total disponibilidade diante de Deus, acolher a palavra de Deus ou ter uma infância espiritual.

Nas conclusões de Medellín¹⁵², os padres, bispos e religiosas são chamados para testemunharem uma “Pobreza Evangélica”¹⁵³, um compromisso pautado na disponibilidade diante de Deus e na humildade, bem como no compromisso de tornar-se pobre, assumindo os problemas dos pobres, apoiando as suas causas, trabalhando com eles e denunciando a pobreza e a sua natureza injusta.

Sandro Ramon da Silva¹⁵⁴ nos ajuda a entender que as ações do clero dito progressista e a produção da Teologia da Libertação compartilhavam experiências e discursos comuns, como a exploração do continente, promoção da dignidade humana, colaborações entre os teólogos e participação em movimentos sociais. Contudo, ele observou que esse processo foi organizado e vivenciado conforme as particularidades de atuação da Igreja nos países latino-americanos.

¹⁵⁰ Nos textos do Antigo Testamento Gustavo Gutiérrez aponta vários tipos de denúncia aludindo situações e também apontando os culpados da situação dos pobres, por exemplo: condenação do comércio fraudulento e da exploração (Oséias 12:8; Amós 8,5; Miquéias 6: 10-11; Isaías 3,14); Ocupação Violenta das terras (Miquéias 2, 1-3; Ezequiel 22,29; Hebreus 2, 5-6); A violência das classes dominantes (2 Reis 23,30,35; Amós 4,1; Miquéias 3, 12; Jeremias 22, 13- 17); A escravidão (Neemias 5, 1-5; Amós 2,6;8,6); Os impostos injustos (Amós 4,1; 5, 11-12); Os funcionários extorsionários (Amós 5,7; Jeremias 5, 28); No novo testamento também há a condenação da opressão dos ricos, principalmente no Evangelho de Lucas (6,24-25;12, 13-21;16, 19-31; 18, 18-26), nas cartas de Tiago(2, 5-9;4, 13-17;5, 1-6) Cf: Ibidem, 352- 353.

¹⁵¹Jeremias 31, 31-34; Ezequiel 36, 26-28; Sofonias 2,3; Isaías 66, 2; Mateus 5, 1, 3,10; Lucas 6, 20. Ibidem, p. 356.

¹⁵² CELAM. *Pobreza da Igreja*. In: Documentos do CELAM: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. Conclusões de Medellín. 5ª ed. São Paulo, 1984, p.62.

¹⁵³ Ibidem, p.62.

¹⁵⁴ Sandro Ramon da Silva observa que durante os anos de 1960 e 1970, as esquerdas e a Igreja principalmente, contribuíram para criar o mito do homem latino-americano, como único. Essa concepção não levaria em conta a diversidade étnica, cultural e política. SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada na UFF, Niterói, 2006, p.70.

Enrique Dussel¹⁵⁵ observa que depois de Medellín houve uma verdadeira renovação das estruturas eclesiais. Segundo o autor, os bispos e padres passaram de ilhas isoladas para constituírem diversos movimentos, passando de um simples profissional do culto para um profeta social e real¹⁵⁶. Ou, bem como observa Gustavo Gutierrez¹⁵⁷ que as transformações no âmbito episcopal se expressaram tanto em textos e documentos quanto em ações concretas, participação em greves e em manifestações públicas.

Nesse caminho, temos no México¹⁵⁸, em 1970, os “sacerdotes para o povo”; no Equador, o “Movimento Nacional Cristão de Libertação” – MNCL; também o movimento “Êxodo”, na Costa Rica. Do mesmo modo, Monsenhor Manuel Larraín, bispo de Talca no Chile, que em 1962, organizou os camponeses como proprietários de 342 hectares de antigas terras da Igreja¹⁵⁹. Bem como, em 1969, Monsenhor Leônidas Proaño¹⁶⁰, bispo de Riobamba no Equador, formou na estância de Tepeyac, 3.000 hectares aos camponeses.

Na Nicarágua, segundo Sandro Ramon da Silva¹⁶¹, a Igreja Católica foi a que mais se polarizou entre contrários e favoráveis na construção de uma Igreja dos pobres e da Teologia da Libertação. Temos como exemplo os padres Fernando Cardenal e Ernesto Cardenal¹⁶², que apoiaram a luta armada contra a ditadura da família Somoza, ingressando na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), e tornando-se lideranças da Renovação Sandinista (1979- 1990).

Eles, em conjunto com outros padres e religiosas, articulavam a catequese com a realidade social em que vivia aquele país, aproximando a população mais pobre da luta armada.

No Brasil, seguindo as ações prioritárias da II Conferência de Medellín, as renovações eclesiais trouxeram diversas experiências que almejavam construir uma Igreja dos pobres. Mas, primeiramente, devemos observar que no caso da Igreja do Brasil, mesmo sob a organização

¹⁵⁵ DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930 – 1985)*. Caxias do Sul: Paulus, 1995, p. 44.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 45.

¹⁵⁷ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000, p.165.

¹⁵⁸ DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930 – 1985)*. Caxias do Sul: Paulus, 1995, p. 45.

¹⁵⁹ Temos também o cardeal chileno Raúl Silva Henríquez em conjunto com Mons. Manuel Larraín, que organizou 1.213 hectares para camponeses em “Las Pataguas” no Chile. Ibidem, p.44.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 45.

¹⁶¹ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada na UFF, Niterói, 2006, p.102.

¹⁶² O padre Ernesto Cardenal é considerado um expoente da Teologia da Libertação na Nicarágua, certamente de toda América Latina. Por conta de sua ligação com a luta armada foi desordenado pelo Papa João Paulo II em 1983. Cf: PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. Che Guevara e os movimentos revolucionários latino-americanos. In: _____. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 164.

colegiada da CNBB, sua atuação não era homogênea, e por vezes acompanhavam muitos atritos no seu corpo clerical.

Esses atritos ficaram mais evidentes com o golpe militar de 1964, contra o governo de João Goulart (1961-1964)¹⁶³, pois muitos setores da Igreja apoiaram esse golpe, e depois legitimaram a manutenção da ditadura militar no país. Temos como exemplo expressivo disso a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Mas qual liberdade esse movimento ansiava? E pra quem?

Podemos observar que este movimento foi fruto de muita articulação entre as entidades civis das classes média e dominante ¹⁶⁴, tais como a Campanha da Mulher pela Democracia, a União Cívica Feminina, a Fraterna Amizade Urbana e Rural, a Federação das Indústrias de São Paulo, entre outras.

Do mesmo modo, houve a participação de setores do clero brasileiro. Em 1963, por exemplo, com a ajuda de Dom Jaime de Barros Câmara, então arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), chegava ao Brasil o padre norte-americano Patrick Peyton, que promoveria a organização católica “Cruzada do Rosário em Família”¹⁶⁵.

Essa organização tinha como principal foco mobilizar a classe média contra o presidente João Goulart, pois viam nas “reformas de base” ¹⁶⁶ a iminência de um governo comunista no país. Dessa forma, defendiam a deposição do presidente, a ordem, a moral e a família tradicional.

¹⁶³ MELO, Demian Bezerra de. (Org.). O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: *A Miséria da Historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 159.

¹⁶⁴ A primeira marcha foi realizada em São Paulo, no dia 19 de março de 1964, dia em que se comemora o dia de São José, o santo padroeiro da família. Lá o movimento foi articulado pelo deputado Antônio Silva da Cunha, pelo governador Ademar de Barros e sua esposa Leonor de Barros. Contou com a participação de 300 mil pessoas, sendo realizada em outras cidades também, muitas com a denominação de “Marcha da vitória” no dia 02 de abril de 1964. Cf: CPDOC. *A trajetória política de João Goulart na presidência da República*. A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar: A Marcha da Família com Deus pela Liberdade. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marchadafamiliacomDeus. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

¹⁶⁵ CPDOC. *Cruzada do Rosário em Família*. Verbete Temático. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzada-do-rosario-em-familia>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

¹⁶⁶ Durante o seu governo, o presidente João Goulart propôs realizar muitas reformas, como nos setores bancário, fiscal, urbano, administrativo, agrário e universitário. Havia também a necessidade de promover medidas nacionalistas, ampliando as ações do Estado nas indústrias e no comércio, e, além disso, ampliar o direito ao voto da população. Esse conjunto de reformas ficou conhecido como “reformas de base” e obteve muita pressão popular, bem como resistência por parte dos setores conservadores do país. Essas reformas foram propostas diretamente em um comício na Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964. Cf: CPDOC. *A trajetória de João Goulart na Presidência da República*: As reformas de base. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/As_reformas_de_base. Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

Frei Betto¹⁶⁷ como um dos participantes da reunião da CNBB na época evidencia em seu artigo que o contexto de instauração do golpe militar de 1964, desencadeou em muita discussão entre os bispos.

Dom Helder Câmara já como bispo de Recife e Olinda (PE) e Dom Carlos Carmelo Mota, arcebispo de São Paulo (SP) e presidente da CNBB teceram críticas aos militares pelo ataque à ordem democrática do país.

Por outro lado, Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre (RS) e Dom Geraldo Sigaud arcebispo de Diamantina (MG)¹⁶⁸, se posicionavam como favoráveis ao golpe, glorificando a Nossa Senhora Aparecida pelo povo brasileiro ter se livrado da ameaça comunista. Temos como exemplo parte da declaração da Comissão Central da CNBB do dia 02 de junho de 1964:

(...) Atendendo à geral e angustiosa expectativa do povo brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do poder, as Forças Armadas acudiram em tempo e evitaram que se consumasse a implementação do regime bolchevista em nossa terra. Seria além do mais que se pode imaginar a supressão das liberdades mais sagradas e, de modo especial, da liberdade religiosa e civil. Logo após o movimento vitorioso da revolução, verificou-se uma sensação de alívio e de esperança, sobretudo porque, em face do clima de insegurança e quase desespero em que se encontravam as diferentes classes sociais, a proteção divina se faz sentir, de maneira sensível e insofismável. De uma outra extremidade da Pátria, transborda dos corações o mesmo sentimento de gratidão a Deus pelo êxito incruento de uma revolução armada. Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da nação.¹⁶⁹

O documento nos traz a evidência que o conflito que se abatia internamente na CNBB resultou em exaltação dos militares, denominado por aqueles bispos e padres como “movimento vitorioso da revolução”. Portanto, observamos também que esse parecer favorável contribuiu expressivamente para a legitimação do golpe de 1964, principalmente nos setores mais conservadores da sociedade.

¹⁶⁷BETTO, Frei. *Igreja Católica e o Golpe de 1964*. Frei Betto Org, 2020. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/39-igreja-catolica-e-o-golpe-de-1964>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

¹⁶⁸ O processo de renovação eclesial da Igreja do Brasil encontrou muita oposição, tanto dos setores civis e, principalmente de membros da própria instituição. Sendo que havia desde o concílio do Vaticano II a formação de um movimento tradicionalista dentro da Igreja chamado *Coetus Internationalis Patrum* que tinha o objetivo fazer frente às renovações assumidas pela instituição. Ele era dirigido pelo arcebispo francês Dom Marcel Lefbvre e contava com o apoio de dois bispos brasileiros, Dom Geraldo Proença Sigaud (1909 – 1999), bispo de Jacarezinho (PR) e depois de Diamantina (MG) e Dom Antônio Castro Mayer (1904- 1990), bispo de Campos (RJ). CF: MATOS, Henrique Cristiano José Matos. A Igreja e o golpe militar de 1964. In: __. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.170.

¹⁶⁹ CNBB. *Declarações sobre a situação nacional*. 1994, Apud: CF: MATOS, Henrique Cristiano José Matos. A Igreja e o golpe militar de 1964. In: *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.171.

Contudo, os ares vão mudando e, nesse contexto, Henrique José Matos nos evidencia dois fatores que colaboraram para “uma virada histórica da Igreja no Brasil”¹⁷⁰ naquele momento.

O primeiro deles foi à expressiva participação dos bispos brasileiros na II Conferência de Medellín, em 1968. Isso contribuiu para inserir boa parte do clero e do laicato brasileiro no espírito de renovação eclesial. O segundo fator foi o endurecimento do regime militar no dia 13 de Dezembro de 1968, com a instauração do Ato Institucional de nº 05, o AI-5¹⁷¹.

Este Ato afetou diretamente todos os sinais e tentativas de oposição, visto principalmente nas prisões arbitrárias, torturas, assassinatos e sequestros de pessoas e instituições consideradas como subversivas. Sendo assim, boa parte dos bispos brasileiros perceberam que havia uma incoerência entre as linhas prioritárias defendidas em Medellín e a sociedade proposta pelos militares, sendo urgente tomar um posicionamento. Logo, em fevereiro de 1969, a Comissão Central da CNBB se reuniu para fazer um pronunciamento oficial contra arbitrariedades, as violações de direitos fundamentais e a ameaça à dignidade humana que a ditadura representava¹⁷².

E nos setores de mobilização do campo e das grandes cidades, cresciam organizações e lideranças católicas que lutavam para construir uma Igreja autenticamente pobre, servidora e atuante nas causas sociais. E isso implicaria também em denunciar, dentro e fora do país, as graves violações dos direitos humanos cometidos por aquele governo¹⁷³.

¹⁷⁰ Ibidem, p.175.

¹⁷¹ O AI-5 foi um decreto baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do General Costa e Silva (1967-1969). Este decreto vigorou até 1978 e desencadeou em inúmeras supressões do Estado de Direito do país, dando suporte para que o regime militar assumisse ações arbitrárias, como as torturas, cassações, assassinatos, intolerância religiosa e genocídio. CPDOC. *O AI-5. O Mais duro Golpe do regime militar*. Fotos e Imagens: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil. Verbete temático. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: [O AI-5 | FGV CPDOC](#). Acesso em 05 de dezembro de 2020;

¹⁷² MATOS, Henrique Cristiano José Matos. A Igreja e o golpe militar de 1964. In: *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.195.

¹⁷³ Existe um material cinematográfico expressivo sobre os movimentos de resistência contra a ditadura militar (1964-1985), incluindo os movimentos ligados à Igreja Católica. Cf: COUTINHO, E. S. *Filme Cabra marcado para morrer* (1984), Cinemateca Brasil – Petrobras, 2000. METERSEN, Ricardo. *De Medellín a Aparecida: 40 anos de Igreja Católica na América Latina*. TV – PUC – TV, 2007; RATTON, Helvécio. *Batismo de Sangue*. 2007; POLATO, T. e PUC TV. *Lembrar é resistir: 40 anos da invasão da PUC- SP*, 2017; *Linha de Montagem*. Direção de Renato Tapajós e Maria Inês Villares; Produção de Tapiri Cinematográfica Ltda. Financiamento da Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. São Paulo, 1981; *Igreja da Libertação*. Filme de Silvio da Rin (1985). Produção de Hilton Hauffman. Direção: Walter Carvalho e *Igreja dos Oprimidos*. Filme de Jorge Bodanzky (1986).

Dom Helder Câmara, em maio de 1970¹⁷⁴, em Paris, foi convidado para falar sobre as responsabilidades da França com relação aos conflitos e transformações mundiais. Nessa oportunidade, no Palácio dos Esportes, para mais de 10 mil pessoas, o bispo denuncia todas as arbitrariedades, assassinatos, torturas e crimes que a ditadura militar empreendeu no Brasil.

Inclusive, ao fazer uma denúncia detalhada dessa situação, ele lembraria um caso que lhe marcou muito, a ocasião em que foi investigar uma tentativa de suicídio no prédio da polícia de Recife. Um rapaz, Luiz Medeiros¹⁷⁵, na tentativa de fugir de mais uma sessão de tortura, se jogou da janela e fraturou membros. Essa declaração de Dom Hélder lhe renderia em muitas calúnias e difamações, atos de vandalismo, perseguições diretamente a sua pessoa, e até mesmo tortura e assassinato de seus assistentes.

E mesmo buscando sanar esses conflitos pelos caminhos da justiça e da Paz, o bispo foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional¹⁷⁶, sendo acusado de corromper a Igreja Católica, sofrendo ainda boicotes sucessivos a sua candidatura ao prêmio Nobel da Paz¹⁷⁷.

Muitos foram os trabalhos nessa “messe”, e além de Dom Hélder Câmara, outras figuras ajudaram, como é o caso de Dom Paulo Evaristo Arns¹⁷⁸, que em 1972, juntamente com leigos da Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Feminina Católica (JFC), cria a Seção Brasileira de Justiça e Paz (CBJP)¹⁷⁹, em que realizavam o trabalho de relatar, denunciar e atender famílias de desaparecidos políticos e torturados, prestando apoio judicial e espiritual em São Paulo.

¹⁷⁴ CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: Modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social*. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2004, p. 44.

¹⁷⁵ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997, 382.

¹⁷⁶ A Lei de Segurança Nacional foi criada no dia 04 de abril de 1935. No período da ditadura militar (1964-1985) ganha força e estrutura, vista principalmente pela Doutrina de Segurança Nacional formulada pela Escola Militar Superior de Guerra. Tinha como objetivo defender o território, a nação dos inimigos internos e externos, submetendo os enquadrados nessa lei em um processo de abandono de suas garantias individuais. Cf: COMBLIN, Pe. José. *A Ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 151.

¹⁷⁷ CONDINI, Martinho. *Dom Helder Câmara: Modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social*. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2004, p. 45.

¹⁷⁸ Dom Paulo Evaristo Arns foi o 5º arcebispo da Arquidiocese de São Paulo (1970 – 1998); E foi nomeado cardeal em 1973 pelo Papa Paulo VI. Cf: Dom Paulo Evaristo Arns. *Memórias da Ditadura*. Biografias da Resistência. Disponível em: [Dom Paulo Evaristo Arns - Memórias da ditadura](#). Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

¹⁷⁹ IFFLY, Catherine. Gênese da Comissão Justiça e Paz de São Paulo: a conquista da autonomia. In: _____. *Transformar a Cidade: Igreja Católica, territórios e mobilizações sociais em São Paulo (1970- 2000)*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 98.

Em 1973, após voltar de Roma de sua consagração como cardeal ele lança o projeto “Operação Periferia”¹⁸⁰, que consistia na criação de centros comunitários nos bairros mais periféricos da região metropolitana de São Paulo. Tal projeto contava com a mobilização de agentes de pastoral e animadores, e tinha como objetivo despertar o caráter missionário da Igreja, disponibilizando para a população um local de convivência, regularização de documentos, alfabetização e semi profissionalização. E, além do mais, fomentava a formação de grupos de educação popular, clubes de mães, grupos de jovens, de casais e as “comunidades de base”¹⁸¹.

A atuação de Dom Paulo Evaristo Arns foi marcada também pela resistência e denúncia contra a ditadura. Em 1973, ele preside a “celebração da esperança”¹⁸² e em 1975, após o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, realizou na catedral da Sé um culto ecumênico contando com grande mobilização política¹⁸³. Nesse contexto, ele empreende o “Projeto Brasil Nunca Mais”¹⁸⁴, sendo lançado em 1985, denunciando internacionalmente em forma de relatório as graves violações aos direitos humanos cometidos pela ditadura militar.

As mobilizações católicas na Igreja do Brasil permeiam os diversos eixos de resistência, temos o caso dos frades dominicanos¹⁸⁵ que foram presos em 1969 e torturados nas dependências do DOI-CODI¹⁸⁶ de São Paulo. Tratava-se de Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), Fernando Britto, Ives Lesbaupin, Roberto Romano, Tito de Alencar Lima e outros.

Essas prisões arbitrárias foram resultado do apoio e envolvimento dos religiosos com os movimentos de luta armada como, a Ação Libertadora Nacional (ALN), e estudantis, como a União Nacional dos Estudantes (UNE). Alguns sobreviveram à prisão, outros foram expulsos e exilados.

¹⁸⁰ Dom Paulo Evaristo Arns vendeu o luxuoso palácio episcopal para ajudar a financiar o projeto. SADER, Eder. *O cristianismo das comunidades eclesiais de Base*. In: Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. (1970- 1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 149.

¹⁸¹ Ibidem, p. 149.

¹⁸² ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Biografias da Resistência*. Memórias da Ditadura, 2020. Disponível em: [Dom Paulo Evaristo Arns - Memórias da ditadura](#). Acesso em 07 de dezembro de 2020.

¹⁸³ SADER, Eder. *O cristianismo das comunidades eclesiais de Base*. In: Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. (1970- 1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 147.

¹⁸⁴ ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. *Brasil: Nunca mais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

¹⁸⁵ BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos nas Igrejas Cristãs*. In: Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 169.

¹⁸⁶ Destacamento de Operações de Informações- Centro de Operações de Defesa Interna- DOI-CODI. Cf:BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos na Universidade*. In: _____. Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 277.

Frei Tito, sofrendo intensamente as consequências psicológicas deste processo, cometeu suicídio em seu exílio em Paris, em 1974¹⁸⁷.

O Frei dominicano Giorgio Callegari¹⁸⁸, que também foi preso e torturado, depois de sua soltura, cria em 1973 o Centro Pastoral Vergueiro¹⁸⁹, com o objetivo de resgatar, arquivar e contribuir com a memória de movimentos populares de esquerda. O trabalho de sistematização e de manutenção deste arquivo contou com a ajuda de frades, seminaristas, estudantes e militantes.

Do mesmo modo, Dom Luciano Mendes de Almeida¹⁹⁰, que contando com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns fora nomeado como bispo auxiliar de São Paulo entre os anos de 1976 a 1988, bem como presidente da CNBB nos anos de 1987 a 1995, funda, durante a sua trajetória como bispo, a Pastoral do Menor, com foco para a educação e formação espiritual dos jovens e adolescentes das periferias da cidade.

Não podemos esquecer também das atuações de setores da Igreja pela Reforma Agrária e defesa dos povos da Floresta no Brasil. Em meio a muitos exemplos de luta, temos a trajetória de Dom Pedro Casaldáliga, religioso espanhol da ordem dos missionários claretianos, sendo considerado um expoente da Teologia da Libertação e da defesa dos direitos humanos dos povos indígenas, homens e mulheres do campo¹⁹¹.

Sua atuação se inicia no Brasil em 1968¹⁹², quando assumiu o trabalho missionário na Prelazia de São Félix do Araguaia, no Norte do Mato Grosso, sendo nomeado bispo em 1971.

¹⁸⁷ LIMA, Frei Tito de Alencar. *Biografias da Resistência*. Memórias da Ditadura, 2020. Disponível em: [Frei Tito de Alencar Lima - Memórias da ditadura](#). Acesso em 07 de Dezembro de 2020.

¹⁸⁸ SADER, Eder. *O cristianismo das comunidades eclesiais de Base*. In: _____. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. (1970- 1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 148.

¹⁸⁹ Atualmente chama-se de Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro. Com o “lema ousar resistir, lutar e vencer” este arquivo possui um grande acervo, contando com mais de 100 mil documentos, 77 mil periódicos, 12.500 livros, 550 fitas cassetes contendo memórias e fontes significativas dos diversos movimentos sociais que surgiram no período da ditadura militar e seu após. Cf: CPV. *Quem somos?*, CPV, 2020. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/quemsomos.php>. Acesso em: 07 de dezembro de 2020.

¹⁹⁰ BIER, Amanda. *Dom Hélder Câmara e Dom Luciano Mendes de Almeida: A opção pelos pobres*. Revista On line do Instituto Humanitas Unisinos, 2016. Disponível em: [Dom Hélder Câmara e Dom Luciano Mendes de Almeida: a opção pelos pobres - Instituto Humanitas Unisinos](#). Acesso em 07 de dezembro de 2020.

¹⁹¹ BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos nas Igrejas Cristãs*. In: _____. Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 162.

¹⁹² Ibidem, p. 162.

Segundo o historiador Mairon Valério¹⁹³, sua consagração como bispo evidenciava sentidos políticos que reiteraram seu compromisso com uma Igreja desvinculada do poder, uma Igreja dos pobres e oprimidos daquele lugar. No lugar da mitra, que é um acessório usado na cabeça do bispo nas cerimônias, Dom Pedro Casaldáliga utilizou um chapéu de palha, simbolizando a aliança da Igreja com os posseiros da região. Utilizou o remo de pau-brasil do povo Tapirapé, bem como o “anel de tucum”¹⁹⁴, representando a sua aliança com os povos indígenas. E nos pés utilizou sandálias havaianas, como sentido de união com todos os pobres e solidariedade com as dificuldades materiais que enfrentam¹⁹⁵.

Nessa oportunidade, o bispo lançou a carta pastoral “Uma Igreja da Amazônia em conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social”¹⁹⁶. Esta carta chamou atenção internacional para a situação agrária em todo Brasil, em especial na região amazônica, que estava inserida pelo estado ditatorial brasileiro em um esquema de exploração e desenvolvimento.

Esse esquema oferecia subsídios para grandes empresas no intuito de “colonizar” a Amazônia, criando conflitos com os homens e mulheres que lá moravam¹⁹⁷, fomentando a miséria, o trabalho análogo à escravidão, genocídio dos povos indígenas e o adoecimento dessa população. Essas questões foram denunciadas na carta e trouxeram consequências seríssimas à segurança pessoal de Dom Pedro Casaldáliga e de seus conhecidos¹⁹⁸.

¹⁹³ Dom Pedro Casaldáliga era espanhol e da congregação dos missionários claretianos. Tornou-se bispo- emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia e seu mandato como bispo foi de 1971 a 2005. Cf: VALÉRIO, Mairon Escorsi. *Entre a Cruz e a Foice: Dom Pedro Casaldáliga e a significação religiosa do Araguaia*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UNICAMP, São Paulo, 2007.

¹⁹⁴ O “Anel de Tucum” é um anel feito com a palmeira da Amazônia e tornou-se símbolo da Igreja dos pobres, da Teologia da Libertação, das causas indígena e da reforma agrária. Cf: BERNING, Conrado. *O Anel de Tucum*. Verbo fiömes, 1994.

¹⁹⁵ VALÉRIO, Mairon Escorsi. *Entre a Cruz e a Foice: Dom Pedro Casaldáliga e a significação religiosa do Araguaia*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UNICAMP, São Paulo, 2007, p. 171.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 39.

¹⁹⁷ BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos nas Igrejas Cristãs*. In: __. Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 162.

¹⁹⁸ São muitos os relatos de prisões e violências contra padres, religiosas e posseiros que atuavam nessa região, como é o caso do Padre João Bosco Penido Burnier, morto em 1972, por um policial em Ribeirão da Cascalheira (MT), após defender mulheres camponesas que estavam sob tortura pela polícia. Segundo a Prelazia de São Felix do Araguaia (GO) o alvo era Dom Pedro Casaldáliga, que também teria sido espancado pela polícia com socos no estômago. Temos Irmã Adelaide Molinari, militante da Comissão Pastoral da Terra, assassinada em Eldorado dos Carajás (PA). Ibidem, p.169.

O clérigo contribuiria com a fundação de dois¹⁹⁹ organismos ligados à Igreja Católica, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), criado em 1972, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), criada em 1975, após uma assembleia dos bispos e prelados da Amazônia, em Goiânia (GO)²⁰⁰.

1.1.4. Os anseios de Puebla

É em meio a múltiplas transformações eclesiais e sociopolíticas que a Teologia da Libertação inicia o seu processo de gênese (1968–1972)²⁰¹, tendo como principal característica a busca por uma identidade latino-americana, e contrapondo-se aos modelos teológicos tradicionais e neoliberais europeus. Para o teólogo Victor Codina ela nasce ecumênica, incorporando o esforço de estudiosos de outras confissões religiosas, caminho evidenciado na produção de obras como a tese de doutorado defendida pelo pastor e teólogo presbiteriano Rubem Alves, nos Estados Unidos, em 1968, com o tema “*Toward a Theology of Liberation*”²⁰².

Do mesmo modo, em 1971, no Peru, o sacerdote dominicano Gustavo Gutiérrez Merino publica o trabalho “*Teología de la Liberación: Perspectivas*”²⁰³.

Este esforço de renovação é apresentado no primeiro encontro da Teologia da Libertação, em *San Lorenzo de El Escorial*, na Espanha, em 1972. Tal encontro que tinha como temática a “Fé cristã

¹⁹⁹ Fato observado pela historiadora Maria do Carmo Sena Teixeira, em sua dissertação de Mestrado *Igreja Católica e Ação Indigenista na Amazônia Contemporânea: O CIMI (1972- 2000)*. Em que a partir de fontes da Igreja Católica na Amazônia, documentos internos do CIMI e do Jornal Porantim, a autora nos ajuda a compreender o contexto de luta, defesa dos direitos humanos e lideranças contra o genocídio dos povos indígenas no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), mostrando uma Igreja promotora do respeito aos diferentes modos de vida desses povos. Cf: TEIXEIRA, Maria do Carmo Sena. *Igreja Católica e Ação Indigenista na Amazônia Contemporânea: O CIMI (1972- 2000)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História. UFAM, 2008; O Porantim é o jornal impresso do CIMI, criado em 1979, ainda em meio à Ditadura Militar. Na língua de nação indígena Sataré-Mawé, “Porantim” significa remo, arma e memória. Cf: [Jornal Porantim | Cimi](#). Acesso em 26 de Junho de 2019.

²⁰⁰ BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos nas Igrejas Cristãs*. In: Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 162.

²⁰¹ LIBANIO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.148.

²⁰² CODINA, Victor. Teología de la Liberación 40 años después. Balance y Perspectivas. *Horizonte- Revista de Estudos da Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, vol. 11, nº 32, p. 1357 – 1377, Out/Dez, 2013, p.1360. Teologia de la Liberación: Perspectivas, CEP:Lima, 1971.Cf: LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.148.

²⁰³ Teologia de la Liberación: Perspectivas, CEP:Lima, 1971.Cf: LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.148.

e mudança social”²⁰⁴ foi realizado em plena ditadura Franquista (1939-1975) e, mesmo sob a fiscalização das forças policiais espanholas²⁰⁵, trouxe à tona uma grande mobilização de teólogos latino-americanos e europeus.

Assim, observamos que é a partir desse encontro que a Teologia da Libertação ganha corpo como linha teológica²⁰⁶, passando por uma fase de crescimento (1972-1979)²⁰⁷, acompanhado de muitos encontros, publicação de obras²⁰⁸ e atos públicos.

Em 1974, a publicação de um número especialmente voltado para Teologia da Libertação na Revista Internacional *Concilium*, contribui expressivamente para a sua afirmação no âmbito teológico mundial²⁰⁹. Ao mesmo tempo, acontecia em Roma o IV Sínodo dos bispos, aproximando da Igreja Católica as experiências vivenciadas pela Igreja latino-americana desde a II CELAM de Medellín (1968)²¹⁰.

Já no Brasil, em 1975, na cidade de São Paulo, como referido mais acima, temos o ato ecumênico em memória do jornalista Vladimir Herzog²¹¹, que foi preso, torturado e assassinado nas dependências do DOI-CODI, no contexto mais sombrio da ditadura militar no país. Esta organização contou com a participação de oito mil pessoas que se mobilizaram na Catedral da Sé e na Praça da Sé, e foi presidida pelo arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, pelo rabino Henry Sobel e pelo reverendo James Wright²¹². Este ato mostrou que a defesa dos direitos humanos e da vida era

²⁰⁴ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, 561.

²⁰⁵ CODINA, Victor. Teologia de la Liberación 40 años después. Balance y Perspectivas. *Horizonte*- Revista de Estudos da Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, vol. 11, nº 32, p. 1357 – 1377, out/Dez, 2013, p.1359.

²⁰⁶ Ibidem, p.1360.

²⁰⁷ LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.148.

²⁰⁸ “Teologia da Revolução” (1970), de José Comblin, teólogo belga naturalizado no Brasil; “Teologia da Libertação” (1972); “A Força Histórica dos pobres” (1983); “Religião? Instrumento de Libertação” (1973), de Gustavo Gutiérrez Merino, teólogo peruano e sacerdote dominicano; “Jesus Cristo Libertador” (1979); “Igreja, Carisma e Poder” (1982); “A Igreja se fez Povo” (1986), de Leonardo Boff, teólogo brasileiro e ex- membro da Ordem Franciscana dos Frades Menores.

²⁰⁹ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, 561.

²¹⁰ Ibidem, p. 561.

²¹¹ SADER, Eder. *O cristianismo das comunidades eclesiais de Base*. In: _____. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. (1970- 1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 147.

²¹² NOVAES, Julia; VALENTE, Juliana. *Dom Paulo Evaristo Arns: Uma Voz na Escuridão*. Jornal da PUC- RJ, 2016. Disponível em: [Jornal da PUC .: - Dom Paulo Evaristo Arns: uma voz na escuridão](#). Acesso em: 06 de janeiro de 2021.

uma tarefa que transcendia a Igreja Católica, dizendo respeito a todas as confissões religiosas. Além disso, contribuiu também para chamar a atenção do mundo para o que se passava no Brasil.

Nesse contexto, temos outros encontros que colocaram a Teologia da Libertação no centro das discussões teológicas e sociopolíticas, tal como na cidade do México, em agosto de 1975, o Encontro Latino-americano de Teologia²¹³, que visava debater sobre os desafios de evangelizar em meio às transformações do continente americano.

Em 1975, em Detroit, nos EUA, realiza-se o encontro de cristãos pela libertação no continente americano²¹⁴. Este encontro, de natureza ecumênica, deixou evidente que havia outras “teologias da libertação”, como a *Black Theology* e a *Feminist Theology*²¹⁵, inserindo na reflexão e prática da libertação temas como representatividade negra, racismo, igualdade de gênero e o machismo.

Desse modo, a palavra libertação ganha muita força e passa a ser reconhecida como um conceito teológico com “profunda articulação com a realidade social”²¹⁶, e mesmo tendo uma relação muito forte com a América Latina, essa teologia passa a ser pensada por teólogos de outros continentes. O encontro na cidade de Dar es Salaam²¹⁷, na Tanzânia, em 1976, reúne não só teólogos da América Latina, mas também da Ásia e da África, contribuindo para criar o movimento “Ecumênico de Teólogos do Terceiro Mundo”²¹⁸.

Enquanto a Teologia da Libertação passava por uma fase de crescimento, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) muda sua perspectiva de atuação²¹⁹. O primeiro ponto para essa mudança foi em 1972, numa assembleia em Sucre, na Bolívia, com a nomeação do cardeal colombiano Alfonso López Trujillo, tornando-se o secretário geral do CELAM²²⁰.

²¹³ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, 561.

²¹⁴ Ibidem, p. 561.

²¹⁵ SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?* Horizonte- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. V. 11, nº 32, p. 1678- 1691, out/dez. 2013, p. 1681.

²¹⁶ LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.166.

²¹⁷ TAVARES, Sinivaldo Silva. *À margem de uma comemoração: considerações sobre a Teologia da Libertação no seu quarentenário*. Horizonte- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v.11. n.32. p. 1378-1402, out/dez, 2013, p. 1395.

²¹⁸ Ibidem, p. 1395.

²¹⁹ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, 560.

²²⁰ Ibidem, p. 560.

Este cardeal assumiu uma postura conservadora dentro do CELAM, desencadeando em uma série de mudanças, o fechamento do Instituto de Pastoral de Quito (Equador); Instituto de Liturgia em Medellín (Colômbia) e Instituto de Catequese em Manizales (Colômbia)²²¹. Em seguida, o CELAM passa a se opor publicamente à Teologia da Libertação, e ainda contra as ações preferenciais aprovadas em Medellín.

O ápice dessa oposição aconteceu na Assembleia de Bogotá, na Colômbia, em 1973²²², e nas crescentes publicações das revistas *Tierra Nueva* e *Medellín*²²³.

Por outro lado, após o sínodo romano de 1974²²⁴, o Papa Paulo VI publicou a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*²²⁵, que tinha como objetivo instruir ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre a importância da evangelização no mundo contemporâneo²²⁶. E apesar de não fazer uma referência explícita ao documento de Medellín e das novas perspectivas teológicas da libertação, o sumo pontífice aborda temas como o anúncio da evangelização libertadora, comunidades eclesiais, diálogo entre a evangelização e promoção humana, bem como a justiça e a transformação social²²⁷.

Além da publicação desta encíclica, temos a convocação da III Conferência de Puebla, na XVI Assembleia Plenária Anual da Pontifícia Comissão para América Latina (CAL), em 1976²²⁸. E podemos elencar que o processo de preparação e realização desta conferência foi envolto de detalhes importantes para entendermos os “novos” rumos da Igreja Católica²²⁹.

Para o historiador Rafael Ferreira Leite²³⁰, a convocação da III Conferência trouxe muita esperança para os setores progressistas da Igreja Católica, incentivando a organização de reuniões e

²²¹ Ibidem, p.560.

²²² Ibidem, p.561.

²²³ LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24,1992, p. 147-192, p.148.

²²⁴ Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (Proclamando o Evangelho). PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975, p.5.

²²⁵ Ibidem, p. 6.

²²⁶ Ibidem, p. 7.

²²⁷ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018,562.

²²⁸ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 228.

²²⁹ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018,562.

²³⁰ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239,p. 228.

confeções de documentos para apresentar na conferência²³¹. A justificativa desse otimismo seria a chance de ratificar as posições tomadas na II Conferência de Medellín, e de ampliar tais posições²³².

No entanto, havia um movimento de “involução eclesial”²³³ e uma crescente influência conservadora no processo de organização da III Conferência do CELAM²³⁴. Um dos exemplos dessa influência foi o documento de consulta de Puebla, lançado em 1977. E mesmo sendo um documento de natureza preparatória, não foi bem recebido por parte do episcopado. Rafael Ferreira Leite explica que a rejeição a este documento se deu pelo teor retórico, situando-se em um nível mais doutrinário, dogmático, “e cuidadoso em temas mais críticos e questionantes”²³⁵.

Mas, foram muitas as tentativas de tornar o documento de Puebla em uma nova força de transformação para a Igreja da América Latina, sendo que no Brasil houve uma expressiva campanha para sua preparação.

A CNBB, por exemplo, por meio de seus canais de comunicação e nas homilias, incentivou a participação do povo nesse processo²³⁶, e também, realizou entre os dias 18 a 25 de abril, de 1978, na cidade de Itaici (SP), uma Assembleia Extraordinária, com o intuito de colaborar com a organização desta conferência. O encontro organizado pela CNBB trouxe como resultado o lançamento do documento “subsídios para Puebla”²³⁷, sendo enviado para a secretaria-geral do CELAM. Esta ação não ficou restrita ao Brasil, bispos, assessores e religiosas de outros países também fizeram seus “subsídios” com críticas e sugestões.

Sendo assim, em julho de 1978, o CELAM se reúne tanto para discutir as contribuições feitas pelos bispos latino-americanos, quanto para escrever o documento de Trabalho de Puebla²³⁸. Contudo, tais preparativos tiveram que ser pausados, pois alguns acontecimentos mudaram não somente os rumos desta conferência, mas também de toda Igreja Católica. Em 06 de agosto de 1978,

²³¹ Ibidem, p. 228.

²³² Ibidem, p. 228.

²³³ BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, p. 562.

²³⁴ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 229.

²³⁵ Ibidem, p. 229.

²³⁶ Ibidem, p. 230.

²³⁷ Ibidem, p. 230.

²³⁸ Ibidem, p. 231.

todos são surpreendidos com a morte do papa Paulo VI, e em seguida, depois de 33 dias o recém-eleito papa João Paulo I também faleceria em 28 de setembro²³⁹.

No mesmo ano, João Paulo II²⁴⁰ tornava-se o novo papa, remarcando a III Conferência do CELAM para os primeiros meses de 1979²⁴¹. Sendo assim, em 25 de Janeiro, o papa João Paulo II inicia a sua viagem apostólica à República Dominicana, México e Bahamas, estendendo-se até o dia 01 de Fevereiro de 1979²⁴². Nessa oportunidade, no dia 27 de janeiro, na cidade do México, o sumo pontífice celebrou uma missa inaugural na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe²⁴³. A conferência foi transferida no outro dia para a cidade de Puebla.

Michael Löwy²⁴⁴ observa que para entendermos a atuação da Igreja latino-americana a partir de Puebla, devemos analisar que não se tratava apenas de grupos conservadores de um lado e progressistas de outro, mas sim de vários grupos e de vários posicionamentos, dos quais ele pode identificar quatro. O primeiro seria um pequeno grupo com ideias ultraconservadoras e até mesmo fascistas, como é o caso do grupo “Tradição, Família e Propriedade”.

O segundo grupo seria de cunho tradicionalista e conservador, ligado às classes dominantes, à Cúria Romana e, principalmente, à direção do CELAM. Este grupo exercia forte oposição à Teologia da Libertação. O terceiro grupo seria formado por uma corrente de reformistas moderados, com certa autonomia intelectual frente às autoridades romanas. Esse grupo traz como característica a defesa dos direitos humanos e um “apoio” a certas demandas de transformação social. O quarto grupo seria formado por uma minoria muito influente de intelectuais e religiosos adeptos à Teologia

²³⁹ Ibidem, p.231.

²⁴⁰ Karol Józef Wojtyła conhecido como sua santidade o Papa João Paulo II, nasceu em 18 de Maio de 1920 em Wadowice, na Polónia. Tornou-se o Sumo pontífice da Igreja Católica em 1978 e exerceu este cargo até sua morte em 02 de abril de 2005. Cf: JOÃO PAULO II. *Perfil Biográfico*. Vaticano, 2014. Disponível em: <[Biografia de Sua Santidade João Paulo II](#)>. Acesso em: 06 de Janeiro de 2021.

²⁴¹ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP*, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 231.

²⁴² JOÃO PAULO II. *Viagem Apostólica do Papa João Paulo II à República Dominicana, México e Bahamas*. Site do Vaticano, 1979. Disponível em: [Na abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla - México \(28 de janeiro de 1979\) | João Paulo II](#). Acesso em 06 de Janeiro de 2021.

²⁴³ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP*, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 232.

²⁴⁴ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 81.

da Libertação. A atuação deste grupo estava ativamente ligada aos movimentos sociais populares, de trabalhadores e camponeses²⁴⁵.

O autor observa que a condução da III Conferência do CELAM foi uma tentativa de retomar o controle da Igreja latino-americana. A secretaria geral do CELAM proibiu a participação de teólogos da libertação²⁴⁶, quando Leonardo Boff e Jon Sobrino, que estavam assessorando Dom Paulo Evaristo Arns na Conferência, foram expulsos. E, além disso, o secretário-geral do CELAM Dom Alfonso Trujillo mandou reforçar a segurança, impediu a entrada de outros assessores e teólogos, bem como de qualquer documento ou reflexão para ser utilizado na produção do documento final²⁴⁷.

O próprio discurso de abertura do papa João Paulo II deixa evidente seu posicionamento com relação à Teologia da Libertação no primeiro tópico a “Verdade sobre Jesus Cristo”:

(...) Ora bem, hoje em dia e por muitas partes - o fenômeno não é novo – correm "releituras" do Evangelho, resultado de especulações teóricas mais do que de autêntica meditação da palavra de Deus e de um verdadeiro compromisso evangélico. Elas são a causa de confusão, ao afastarem-se dos critérios centrais da fé e da Igreja e cai-se na temeridade de os comunicar, à maneira de catequese, às comunidades cristãs. [...] Noutros casos pretende-se apresentar Jesus como um comprometido, como um lutador contra a dominação romana e contra os poderes e, inclusive, implicado na luta de classes. Esta concepção de Cristo como político, revolucionário, ou como subversivo de Nazaré, não se compagina com a catequese da Igreja. A perspectiva de sua missão, pois, é muito mais profunda. Consiste na salvação integral por um amor transformante, pacificador, de perdão e reconciliação²⁴⁸.

Esse posicionamento de João Paulo II em relação às novas perspectivas teológicas não era inédito. Segundo Rafael Leite Ferreira, o novo papa em viagem apostólica à América sempre falava com seus assessores e jornalistas de seu descontentamento com a crescente “politização do clero

²⁴⁵ Ibidem, p. 81.

²⁴⁶ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 94.

²⁴⁷ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 236.

²⁴⁸ JOÃO PAULO II. *Viagem Apostólica do Papa João Paulo II à República Dominicana, México e Bahamas*. Site do Vaticano, 1979, p. 4. Disponível em: [Na abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla - México \(28 de janeiro de 1979\) | João Paulo II](#). Acesso em: 06 de Janeiro de 2021.

católico” e o marxismo como deturpador da Igreja²⁴⁹. E analisando esse discurso podemos observar o aceno diferenciado que o seu papado traria para a atuação da Igreja, tal como para a Teologia da Libertação²⁵⁰.

Mas, apesar do descontentamento do papa com relação ao clero latino-americano, a III Conferência aconteceu e reuniu mais uma vez os bispos e assessores em prol de um tema comum a “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”²⁵¹. O evento contou com 22 delegações²⁵², sendo a do Brasil a maior com 37 delegados²⁵³ e nesse meio, Dom Hélder Câmara foi um dos participantes.

Mais uma vez, o historiador Rafael L. Ferreira nos ajuda a entender esse processo, pois ao analisar as cartas circulares de Dom Helder Câmara, observa que o arcebispo de Olinda e Recife teve uma boa participação na III Conferência, e assim como em Medellín (1968) nos deixou um relato expressivo com muitos detalhes²⁵⁴. O primeiro detalhe citado com muita recorrência pelo arcebispo seria a postura do papa João Paulo II em seu discurso inaugural, pois tal posicionamento além de mudar os rumos da conferência, deu legitimidade para os grupos conservadores na Igreja da América Latina.

²⁴⁹ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 233.

²⁵⁰ Matos, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003, p.225.

LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24,1992, p. 147-192, p.150.

²⁵¹ CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

²⁵² 04 delegados das Antilhas; 16 delegados da Argentina; 05 delegados da Bolívia; 37 delegados do Brasil; 14 delegados da Colômbia; 01 delegado da Costa Rica; 01 delegado de Cuba; 06 delegados do Chile; 06 delegados do Equador; 01 delegado de São Salvador; 03 delegados da Guatemala; 01 delegado do Haiti; 01 delegado de Honduras; 17 delegados do México; 01 delegado da Nicarágua; 02 delegados do Panamá; 02 delegados do Paraguai; 10 delegados do Peru; 01 de Porto Rico; 02 da República Dominicana; 02 delegados do Uruguai; 06 da Venezuela e 12 nomeados pelo próprio papa. Cf: FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus*- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 233.

²⁵³ Apesar do número da delegação brasileira, alguns bispos com forte participação em movimentos sociais não foram indicados para a III CELAM, por exemplo, Dom Tomás Balduino, presidente do CIMI; Dom Luíz Fernandes, ligados às CEBs; E Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, o único arcebispo negro na época também não foi indicado. *Ibidem*, p. 232.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 235.

Outro ponto relatado nessas cartas seria a recepção da Teologia da Libertação na conferência, evidenciando que houve uma verdadeira “luta de forças”²⁵⁵ entre “progressistas que eram a minoria na conferência, mas que defendiam temas como a educação libertadora dentro das diretrizes daquela Teologia, e os conservadores que defendiam a não inserção desses temas no documento final de Puebla”²⁵⁶.

No entanto, mesmo os bispos progressistas interagindo nos 21 grupos de trabalho no decorrer de toda a conferência, o resultado dessa “luta de forças” evidenciado por Dom Hélder Câmara foi um documento final demasiado longo, retórico e vago em muitas questões²⁵⁷. Michael Löwy²⁵⁸ também compartilha desse ponto de vista, sendo que para o autor a conferência de Puebla trouxe em sua “opção preferencial da Igreja pelos pobres”²⁵⁹ uma solução conciliatória, deixando a cargo de cada bispo assumir essa postura ou não.

Ainda que, a conferência de Puebla (1979) e o início do pontificado de João Paulo II tivessem alçado a Igreja latino-americana de “volta à grande disciplina”²⁶⁰, na visão de Leonardo Boff²⁶¹ podemos tirar alguns pontos positivos em meio a esse “embate eclesial”. Na visão do teólogo, um desses pontos seria a manutenção das instituições centrais de Medellín, fazendo oposição à leitura conservadora do Concílio Vaticano II²⁶². Desse modo, para o autor a conferência de Puebla pode ser pensada como o sacramento da crisma para a opção preferencial da Igreja pelos pobres.

Assim, o documento final de Puebla é apresentado depois de 18 dias após os bispos se reunirem, contando com mais de mil parágrafos e muitos capítulos²⁶³, trazendo temas sobre a realidade eclesial na América Latina; Evangelização, libertação e promoção humana; Centros de

²⁵⁵ Ibidem, p. 235.

²⁵⁶ Ibidem, p. 235.

²⁵⁷ Ibidem, p. 237.

²⁵⁸ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 94.

²⁵⁹ Ibidem, p. 94.

²⁶⁰ BEOZZO, José Oscar. *Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois*. In: __. GODOY, Manoel. (Org.) AQUINO JÚNIOR, Francisco de. (Org.). *50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9 – 27, p. 14.

²⁶¹ BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja dos oprimidos: do vale de lágrimas rumo à terra prometida*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 80- 95.

²⁶² Ibidem, p. 82.

²⁶³ FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP*, Recife, v. 03, nº06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 237.

Comunhão e participação; Comunidades Eclesiais de Base; Movimento de Leigos organizado; Opção preferencial pelos pobres; Opção preferencial pelos jovens, e entre outros.

Alguns teólogos apontam²⁶⁴ que foi nesse contexto que a Teologia da Libertação iniciou a sua fase de consolidação (1979- 1987). Michael Löwy²⁶⁵ observa que mesmo havendo diferenças entre os teólogos da libertação, podemos notar a defesa de alguns pontos em comum. O primeiro deles seria a luta contra as novas idolatrias, os novos “Herodes” e “Césares”, ou seja, acúmulo de bens materiais em detrimento da dignidade humana, segurança nacional, mercado e as forças militares. Segundo ponto, a libertação humana histórica em Cristo, aqui e agora, como o advento do Reino de Deus. Terceiro ponto, uma crítica à teologia dualista tradicional, influenciada pela filosofia grega de Platão, trazendo a reflexão que a história humana e a história divina podem ser diferentes, porém são inseparáveis.

O quarto ponto seria a proposta de uma nova leitura da bíblia, trazendo a experiência do livro bíblico do Êxodo como exemplo de libertação do povo oprimido. O quinto ponto seria uma crítica tanto moral quanto social contra o sistema capitalista dependente, tido como um pecado estrutural, transformando a nossa sociedade cada vez mais iníqua e injusta. O sexto seria o uso do marxismo como instrumento de análise social, a fim de compreender as causas da pobreza, as contradições ocasionadas pelo capitalismo, bem como as diferentes lutas de classe. O sétimo ponto, sendo o mais defendido entre os teólogos, seria a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com a sua libertação.

O oitavo e último ponto observado por Michael Löwy, porém não menos importante seria a promoção e desenvolvimento de comunidades cristãs de base entre o povo pobre, contrapondo-se dessa forma ao modo individualista de viver influenciado pelos ideais burgueses e capitalistas de vida.

Segundo o historiador Lucelmo Brito²⁶⁶ foi nessa mesma época que João Paulo II empreendeu uma ousada ação de combate a tudo o que considerava como “os excessos do concílio do Vaticano

²⁶⁴ LIBANEO, João Batista. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos*. Perspectiva Teológica, nº 24, 1992, p. 147-192, p.150; BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018, p.563.

²⁶⁵ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 77.

²⁶⁶ BRITO, Lucelmo Lacerda de. Uma análise da polêmica em torno do livro “Igreja: carisma e poder”, de Leonardo Boff, na arquidiocese do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2008.

II”²⁶⁷. Uma das primeiras ações de combate observada pelo autor foi o sufocamento dos teólogos da libertação na CELAM de Puebla (1979).

Contudo, o ato de expulsar “alguns” teólogos de uma conferência não seria tão eficaz, isso deveria ser feito de uma maneira mais formal e até mesmo jurídica. E, foi por meio da Santa Congregação para a doutrina da Fé, dirigida pelo cardeal alemão Ratzinger que tais “excessos” foram combatidos.

A Santa Congregação para a Doutrina da Fé foi a nomenclatura escolhida pelo Vaticano para substituir o termo Tribunal do Santo Ofício. Lucelmo Brito²⁶⁸ aponta que durante muito tempo o tribunal do Santo ofício exerceu violência física e simbólica para com os fiéis e clérigos. Mas, com o advento da modernidade e da pluralidade religiosa, a Igreja percebeu a falta de legitimidade do uso da violência física.

No caso da Santa Congregação para a Doutrina da Fé (CADF) a Igreja forjou uma violência simbólica, desmoralizando o processado, deslegitimando sua teologia em público, assim, para o autor o próprio ato de ser processado já era visto como uma condenação.

O primeiro teólogo a sofrer esse tipo de processo foi o peruano Gustavo Gutiérrez, considerado um dos fundadores da Teologia da Libertação. O Vaticano tentou condená-lo desde 1982, mas o processo deveria passar primeiro pela CADF do Peru, do qual foi absolvido²⁶⁹. Sem êxito com relação a Gustavo Gutiérrez, o Vaticano volta os seus olhos para outro teólogo que tem uma relação expressiva com aquelas práticas teológicas, Leonardo Boff.

O teólogo brasileiro chamou bastante atenção do Vaticano com sua publicação intitulada “Igreja: Carisma e Poder”, de 1982. O livro é uma coletânea de artigos, sendo alguns inéditos na época, e trazendo argumentos que estavam no cerne da reflexão e prática da teologia da América Latina, tais como: práticas pastorais e modelos de Igreja, práticas teológicas e incidências pastorais e também o papel da Igreja na luta pelos direitos dos pobres²⁷⁰, neste caso, fica evidente que as críticas dessa obra foram direcionadas à alta hierarquia da Igreja Católica.

²⁶⁷ Ibidem, p. 91.

²⁶⁸ Ibidem, p.91

²⁶⁹ Ibidem, p. 16.

²⁷⁰ Ibidem, p. 50.

A “polêmica”²⁷¹ em torno do caso de Leonardo Boff inicia, primeiramente, por alguns bispos brasileiros que irão se opor explicitamente ao livro, escrevendo artigos e enviando cartas ao Vaticano pedindo providências, como é o caso de Dom Estevão Bittencourt, Dom Boaventura Kloppenburg e Mons. Urbano Zilles²⁷².

O processo se iniciou na CADF da arquidiocese do Rio de Janeiro em 1982, contudo o Vaticano não poderia cometer o mesmo erro que cometeram com Gustavo Gutiérrez, assim, o processo é transferido para Roma sem consulta à CNBB. Outros bispos brasileiros como Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Ivo e Aluísio Lorscheider ainda tentaram intervir contra a condenação de Leonardo Boff, mas sem êxito²⁷³.

Sendo assim, em Agosto de 1984, o teólogo Leonardo Boff é “convidado” a explicar-se em Roma, sendo que na semana anterior o Cardeal Ratzinger, por meio da CADF do Vaticano publica uma “Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação”²⁷⁴. Para Lucelmo Brito a condenação de Leonardo Boff tinha o objetivo de admoestar os progressistas, fechar-lhes os espaços de debate e advertir os que flertavam com a Teologia da Libertação, além disso, ocasionou uma cisão na Igreja do Brasil²⁷⁵.

Podemos dizer, que em termos políticos, outros fatores também influenciaram para estremecer as bases da Teologia da Libertação. João Batista Libâneo ²⁷⁶observa que a derrubada do Sandinismo na Nicarágua²⁷⁷, bem como a queda do Socialismo no Leste Europeu levaria muitos teólogos, principalmente da América Central a revisarem suas análises e reflexões²⁷⁸.

Ele acreditava que foi em 1989 que a Teologia inicia sua fase de revisão²⁷⁹, e que no meio eclesial dois movimentos cresciam com bastante expressividade, de um lado temos um movimento

²⁷¹ Ibidem, p. 14.

²⁷² Ibidem, p. 47.

²⁷³ Ibidem, p. 16.

²⁷⁴ LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?*Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 94.

²⁷⁵ BRITO, Lucelmo Lacerda de. Uma análise da polêmica em torno do livro “Igreja: carisma e poder”, de Leonardo Boff, na arquidiocese do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2008, p. 111.

²⁷⁶ LIBANIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, nº 24(1992), p. 147 – 192.

²⁷⁷ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UFF, Niterói, 2006.

²⁷⁸ LIBANIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, nº 24(1992), p. 147 – 192, p. 152.

²⁷⁹ Ibidem, p.152.

conservador no interior da Igreja, e por outro temos as comunidades eclesiais de base, como expressão de uma Igreja na linha da libertação²⁸⁰.

Enquanto isso, João Paulo II construía seu papado com base na “restauração”²⁸¹ da ordem social da Igreja, que “por um lado”, persegue as correntes progressistas no interior da Igreja, e por outro lado, participa intensamente das lutas pelos direitos humanos fora da Igreja”²⁸².

Contudo, podemos observar que mesmo a Igreja Católica passando por uma nova fase com o papado de João Paulo II, e mesmo sofrendo alguns golpes e boicotes, a Teologia da Libertação continuará transformando a forma de fazer e pensar a Teologia²⁸³. Como ciência da fé, passaram a pensá-la a partir dos pobres para realmente ser libertadora. Ela acredita em uma igreja que deveria ser feita por aqueles próprios sujeitos históricos. É interessante pensar que por ocasião de questões que passaram a ser tomadas naquele projeto político de construção do “reino de Deus na terra”, a palavra libertação tomava sentido amplo.

Deste modo, podemos observar hoje uma ampliação ainda maior desses temas, como Ecologia, Ecumenismo e diálogos inter-religiosos; Teologia indígena e Teologia feminista.

1.2 As CEBs no Brasil

Temos no Brasil, na década de 1960, o aparecimento das primeiras Comunidades Eclesiais de Base, no município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte, bem como nas periferias das grandes cidades. E, apesar da organização de CEBs preceder a II CELAM (1968), foi durante esse encontro que elas foram consideradas e reconhecidas como uma das experiências mais ricas e significativas da Igreja latino-americana, como foi observado nas conclusões de Medellín:

A vivência da comunhão a que foi chamado, o cristão deve encontrá-la na “Comunidade de Base”. [...] A Comunidade Cristã de Base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que

²⁸⁰ Ibidem, p. 152.

²⁸¹ João Paulo II desenvolveu a partir da Exortação *Reconciliatio et Paenitentia* (1984), uma teologia centrada na “reconciliação” Cf: LIBANIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, nº 24(1992), p. 147 – 192, p. 186; LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016, p. 101;

²⁸² BRITO, Lucelmo Lacerda de. Uma análise da polêmica em torno do livro “Igreja: carisma e poder”, de Leonardo Boff, na arquidiocese do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2008, p. 15.

²⁸³ Haverá outras conferências do CELAM, tais como a IV Conferência de San Domingo (1992) e a V Conferência de Aparecida (2007).

deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento.²⁸⁴

De acordo com o teólogo José Cláudio Jordão a II CELAM de 1968, modificou a relação da Igreja com o mundo, em que a transformação não se dava somente na esfera institucional, mas também no contexto sócio-político.

Assim, podemos observar que o aparecimento das CEBs e o desenvolvimento de uma teologia libertadora acontecem de maneira sincrônica no que diz respeito à promoção da dignidade humana. E com isso, muitas CEBs que estavam em processo de gestação perceberam-se como núcleo eclesial, foco de evangelização nas áreas rurais e periféricas do nosso país, multiplicando suas mobilizações e ganhando muita visibilidade. Frei Betto observa que na década de 1980, existiam aproximadamente 80 mil CEBs no Brasil, sendo que só em um bairro da periferia de São Paulo havia 129 CEBs cadastradas.

Mas, o que significa CEBs? O documento de nº 25 da CNBB, de 1982, intitulado Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil, traz algumas reflexões sobre o conceito de CEBs. Portanto, de acordo com o documento as CEBs são comunidades, pois integram famílias, jovens, adultos e crianças em um relacionamento interpessoal na fé. São eclesiais porque celebram a palavra de Deus, na caridade e na esperança, colocando essa palavra em prática e como compromisso. São de base por serem constituídas por um pequeno número de pessoas ou como uma grande célula.

Do mesmo modo, Frei Betto também traz algumas definições, sendo que para ele as CEBs são comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região, vivendo em comum união. São eclesiais porque estão congregadas na Igreja como núcleos básicos de evangelização. São de base, pois reúnem pessoas que trabalham com as próprias mãos.

Além dessas informações, Frei Betto também evidencia que a base e as características podem variar de acordo com o espaço geográfico²⁸⁵, ou seja, nas periferias das grandes cidades as CEBs

²⁸⁴ CELAM: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. Conclusões de Medellín. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, pág.135.

²⁸⁵ SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, pág. 51.

podem estar distribuídas em pequenos grupos de dez, vinte ou cinquenta membros, formados principalmente por donas-de- casa, operários, subempregados ou do setor de serviços.

Já na área rural temos uma organização de cem ou mais pessoas que se reúnem numa capela aos domingos para celebrar o culto, sendo formada principalmente por pequenos arrendatários, posseiros, assalariados agrícolas e peões.

Sendo assim, ao tentarmos entender o que é CEBs percebemos que os conceitos se colocam para nós mais como problemas históricos em movimento, do que como mera informação ou conjunto de significados, isto é, a organização de leigos a partir das CEBs contribuiu para transformar não só as experiências, mas a interação desses homens e mulheres com os espaços das cidades, das capelas e paróquias. Uma vez que, a organização pastoral tradicional da Igreja católica dava-se na figura central do vigário que ficava à espera dos fiéis para o atendimento.

Apesar das CEBs terem a participação de padres e religiosas, os leigos são os coordenadores, tesoureiros e ministros da palavra nas celebrações, o padre nesse contexto surge como um amigo da comunidade, estando lá para aprender e cooperar. A historiadora Irinéia Maria F. dos Santos ao pesquisar sobre a CEB de São João Batista, em São Paulo, observa que em muitas comunidades surgiram num contexto eclesial em que havia uma falta de sacerdotes, ou no caso daqueles sacerdotes, que só apareciam de “vez em quando” para administrar os sacramentos.

De acordo com o Centro de Estatística Religiosa da Igreja – CERIS, em 1964 tínhamos o número de 12. 589 padres, sendo 42,3% estrangeiros e 57,7% brasileiros, esse levantamento de dados estatísticos evidencia que na época era praticamente 01 padre para o total de 6.200 habitantes. Assim, ao analisar o contexto de formação das CEBs em São João Batista, a autora observou que em muitos casos em que o padre não “fecha” com a comunidade, torna-se desnecessário.

Não queremos dizer que as CEBs surgem como um movimento “espasmódico”, sendo a falta do sacerdote uma consequência para a sua organização, mas demonstrar que homens e mulheres que antes iam à Igreja apenas para ouvir e obedecer, agora estão à frente da organização da comunidade. E quando dizemos comunidade estamos nos referindo não somente aos espaços da Igreja, mas também os locais de debates, associações de moradores, lideranças de sindicatos, passeatas e até mesmo em partidos políticos.

Assim, o campo de experiências constituídas pelas CEBs foi crescendo, do mesmo modo a necessidade de compartilhá-las. De tal maneira, que os encontros das CEBs que posteriormente ficaram conhecidos como “Intereclesiais”, surgiram como uma possibilidade de expandir e fortalecer

ainda mais essa articulação. O primeiro intereclesial das CEBs aconteceu em 1975, na cidade de Vitória, ES.

Tal encontro contou com a participação do bispo auxiliar de Vitória, Dom Luíz Gonzaga Fernandes, do historiador Eduardo Hoornaert e de Frei Betto, além disso, 70 pessoas de 12 diferentes dioceses. E como é evidenciado no cartaz acima, o tema do encontro foi “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”, trazendo discussões sobre a leitura popular da bíblia e o uso da religiosidade popular para incentivar a promoção social dos leigos.

De acordo com o documento de número 92 da CNBB, intitulado “Mensagem ao Povo de Deus sobre as comunidades Eclesiais de Base”, de 2010, os intereclesiais das CEBs “são patrimônio teológico e pastoral da Igreja no Brasil”, além disso, incentiva a comunhão ecumênica, pois há participação não só de bispos, religiosas, assessores e animadores da Igreja Católica, mais também de outras Igrejas Cristãs, tal como de outras tradições religiosas.

Podemos observar que essa primeira experiência de um intereclesial no Brasil serviu também como uma porta aberta para se pensar nos próximos encontros, em outros locais, com temáticas e problemas diferentes a serem abordados. Temos como exemplo, o segundo encontro intereclesial que aconteceu novamente em Vitória, ES, entre os dias 29 de julho e 30 de agosto de 1976, mas já com algumas mudanças. Houve uma produção de relatórios das comunidades que participaram, e também contou com a participação de 100 pessoas, sendo 24 dioceses, e representantes de 17 estados, bem como 13 bispos brasileiros e 02 do México. Depois disso, as CEBs passaram a se reunir constantemente:

3º Intereclesial – João Pessoa (PB), 1978. Tema: Igreja, Povo que se liberta.

4º Intereclesial – Itaici (SP), 1981. Tema: Povo oprimido que se organiza para a libertação.

5º Intereclesial – Canindé (CE), 1983. Tema: Igreja, povo unido, semente de uma nova sociedade.

6º Intereclesial – Trindade (GO), 1986. Tema: CEBs, povo de Deus em busca da terra prometida.

7º Intereclesial – Duque de Caxias (RJ), 1989. Tema: Povo de Deus na América Latina a caminho da Libertação.

8º Intereclesial – Santa Maria (RS), 1992. Tema: Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas.

9º Intereclesial - São Luís (MA), 1997. Tema: CEBs, Vida e Esperança nas massas.

10º Intereclesial - Ilhéus (BA), 2000. Tema: CEBs, Povo de Deus, 2000 anos de caminhada.

11º Intereclesial- Ipatinga (MG), 2005. Tema: CEBs, Espiritualidade Libertadora.

12º Intereclesial - Porto Velho (RO), 2009. Tema: CEBs: Ecologia e Missão e Lema: Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia.

13º Intereclesial – Juazeiro do Norte (CE), 2014. Tema: Justiça e Profecia a serviço da Vida.

14º Intereclesial – Londrina (PR), 2018. Tema: CEBs e os desafios no mundo urbano.

Ao refletir sobre estes encontros, façamos recordação do caso da favela do Rosário, em São Paulo, analisado por Marilena Chauí, em que os moradores criaram na década de 1980, a Rádio Favela, com fios, microfones e aparelhos encontrados em ferros-velhos e abandonados por emissoras de rádio.

O que se passava nesta rádio estava diretamente ligado ao cotidiano dessas pessoas, isto é, votos de feliz aniversário, de recuperação da saúde, informações sobre o preço dos alimentos, vagas de empregos, serviços públicos, músicas e novelas interpretadas pelos próprios moradores. Contudo, essa experiência de uma rede eficiente de comunicação foi barrada pelos grandes detentores do monopólio de comunicação, bem como do estado e da polícia.

A autora observa ao analisar este caso, que sempre houve uma tentativa por parte dos grupos televisivos, de rádio e das elites de cercear as práticas populares de comunicação, inserindo essas práticas em um contexto de “vigilância e disciplina”. Isso implica que os pobres podem ter acesso à modernidade, mas como consumidores e não como criadores e produtores.

No encontro das CEBs, não podemos deixar de evidenciar que cada encontro gera um saldo organizativo expressivo nas comunidades de todo o país, ou seja, as comunidades vão produzir relatórios de preparação, seminários, encontros, bingos, rifas, festas beneficentes para enviar seus representantes.

Além da parte do custo das viagens, há também os materiais produzidos no contexto de preparação desses intereclesiais, tais como cartazes, panfletos, notícias, documentários, fotos, músicas, símbolos e poesias. Esses materiais não são produzidos por grandes grupos de marketing ou agências publicitárias, mas pelos próprios participantes, demonstrando a capacidade criativa do povo.

Isto é, aquele povo que era tido pelas empresas e pelo poder público como mera mão de obra, agora tem a oportunidade de trabalhar de maneira autônoma, fazendo coisas pequenas, em lugares pequenos, muitas vezes tidos como pouco importantes, mas impactam extraordinariamente a vida em todos os sentidos.

CAPÍTULO II – QUE POVO É ESSE QUE SE FAZ IGREJA? ²⁸⁶

2.1. As Linhas de Ação.

Olha! Na realidade as CEBs foram surgindo. Dizem que é obra do Espírito Santo né, uma aqui e outra ali²⁸⁷.

A consolidação das CEBs em Manaus, no início da década de 1980, foi permeada por transformações que impactaram a organização da Igreja Católica na cidade, tal como a vida de muitos leigos, leigas, religiosas, padres e bispos que se comprometeram com essa experiência.

Mas, quando pensamos na cidade de Manaus nesse período, não podemos esquecer que ela estava inserida num contexto de repressão e desigualdades sociais. Desse modo, o geógrafo José Aldemir de Oliveira²⁸⁸, ao estudar sobre o processo de urbanização das cidades amazônicas durante as décadas de 1970 e 1980, nos chama atenção para alguns aspectos importantes.

Ele observou que há uma tendência na academia, bem como em alguns movimentos sociais pensar a Amazônia a partir de dois eixos: o primeiro a partir da perspectiva da natureza, do vazio e dos territórios e esquecendo – se das relações sociais dos sujeitos que nela existem.

Outro eixo também observado é pensar a Amazônia somente a partir dos grandes projetos e planos desenvolvimentistas e de integração nacional, que promoviam a criação de órgãos fiscalizadores tais como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, em 1966, e posteriormente, em 1969, o Instituto de Reforma Agrária – INCRA.

²⁸⁶ Título utilizado por Leonardo Boff para explicar sobre a Igreja que nasce da fé do povo. Cf: BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Ecclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

²⁸⁷ Areolino da Silva Santana. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 19 de agosto de 2017, pág. 11. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

²⁸⁸ OLIVEIRA, José. A.; GUIDOTTI, Humberto. (Orgs.). *A Igreja arma sua tenda na Amazônia: 25 anos do encontro pastoral de Santarém*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 155- 177.

Mesmo não excluindo a importância dessas reflexões, o autor propõe enxergar o processo de urbanização da Amazônia para além dos estudos dos territórios e dos grandes projetos, mas como dimensão de resistência e do vivido²⁸⁹, que transformam os espaços, nutrem relações sociais permeadas pelas lutas dos sujeitos, das experiências e contradições.

Posto isso, é de se observar que na região amazônica esse período foi marcado pelo genocídio de povos indígenas, expulsão de muitas famílias de suas terras pelo agronegócio e instalações de indústrias, deslocando seringueiros e camponeses que viviam da floresta e de meios alternativos para as cidades em desenvolvimento em troca de baixos salários e acesso às formas precárias de moradia.

Norma Bentes²⁹⁰, pesquisadora do planejamento urbano e regional, tecnologista em informações geográficas e estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, aponta em seu trabalho que o objetivo de integrar a Amazônia nesse modelo desenvolvimentista impactou o espaço amazônico rural e urbano, “desestruturando os meios e modos de sobrevivência (caça, pesca) do homem amazônida, forçando a fuga para a cidade”²⁹¹.

No entanto, devemos entender que tal processo não se deu de forma pacífica quando esses sujeitos resistiram e lutaram pela manutenção de seus modos de vida, pois tais homens e mulheres “forjam saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso das forças adversas”²⁹².

Nessa perspectiva, a historiadora Maria Antonieta Antonacci nos chama a atenção em seu trabalho “*Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre*”²⁹³, a partir dos entendimentos de cultura e experiência social apontados por Edward Thompson, Raymond Williams e Stuart Hall, para as formas de organização e “embates” dos seringueiros do Acre, na década de 1970.

²⁸⁹ Ibidem, 167.

²⁹⁰ BENTES, Norma. Manaus: realidade e contrastes sociais. 2ª ed. Manaus: Editora Valer e FAPEAM, 2014.

²⁹¹ Ibidem, p. 32.

²⁹² VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Maria Aun Yara. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991, p. 12.

²⁹³ ANTONACCI, Maria Antonieta. *Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre*. Comunicação apresentada ao 48º International Congress of Americanists. Estocolmo, 1994.

Aposta a autora neste trabalho a percepção de vozes e manifestações desses trabalhadores da floresta, em especial, no jornal “varadouro”²⁹⁴, a partir da luta e defesa contra a “destruição e descaracterização” de seus modos de vida na Amazônia.

Essas experiências de vida dos seringueiros do Acre dimensionadas neste jornal trazem reflexões para este trabalho de pesquisa sobre um diálogo entre natureza e sociedade na construção da libertação do homem, com a proposta política de outras formas de reprodução da vida sem a implicação do desmatamento, poluição, formas de exploração predatória das florestas e de seus moradores.

Ao se problematizar as fontes levantadas para esta pesquisa, fica evidente também que as CEBs na Região Norte percebem a natureza não como um vazio ou apenas como vegetação, a natureza é pensada como meio de vida e de trabalho, e são essas características que as diferenciam das CEBs de outras regiões.

Desse modo, ao refletir sobre as diversas experiências constituídas na Amazônia, percebemos que a resistência ultrapassa a organização de movimentos, de ações, de protestos, e vai além; percebendo-as no fazer social, no trabalho, no cotidiano, no agir e no falar.

Neste âmbito, em maio de 1972, a Igreja Católica, influenciada pelas ações pastorais do Concílio Vaticano II (1962- 1965) e da II Conferência de Medellín (1968), passa a ser “luz do mundo”²⁹⁵ sensibilizando-se para a situação dessa região permeada por desigualdades sociais.

Em vista disso, há o IV Encontro de linhas prioritárias da Pastoral na Amazônia, com as prelações do Regional Norte 1 e 2²⁹⁶, em Santarém, Pará.

²⁹⁴ Jornal “Varadouro” era editado quinzenalmente em Rio Branco (Acre), de maio de 1977 a dezembro de 1981. Cf. Ibidem, p. 248.

²⁹⁵ BENTES, Norma. *Manaus: realidade e contrastes sociais*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer e FAPEAM, 2014, p. 32.

²⁹⁶ A estrutura administrativa e pastoral da CNBB é organizada a partir de Regionais. A Amazônia é composta por Regional Norte 1: atualmente presidido por dom Mário Antônio da Silva, bispo da Diocese de Roraima, o regional representa o estado do Amazonas e de Roraima e tem sua sede em Manaus. O regional compreende a Província Eclesiástica de Manaus e tem as seguintes unidades eclesiais amazonenses: Arquidiocese de Manaus, Diocese de Coari, Prelazia de Borba, Diocese de Alto Solimões, Prelazia de Tefé, Diocese de Parintins, Prelazia de Itacoatiara, Diocese de São Gabriel da Cachoeira, além da Diocese de Roraima; Regional Norte 2: Tem sede em Belém (PA) e contempla também o estado do Amapá. É presidido por dom Bernardo Johannes Bahlmann, bispo de Óbidos. O regional cobre a Província Eclesiástica de Belém e conta com as seguintes Igrejas Particulares do Pará: Arquidiocese de Belém do Pará, Diocese de Óbidos, Prelazia do Xingu, Diocese de Santarém, Prelazia de Marajó, Prelazia de Itaituba, Diocese de Marabá, Diocese de Bragança do Pará, Diocese de Castanhal, Diocese de Abaetetuba, Diocese de Cametá, Diocese de Ponta de Pedras, Diocese de Santíssima Conceição do Araguaia e a Diocese de Macapá, no Amapá; Regional Norte 3: A mais recente criação de regional da Conferência, acolhe a Província Eclesiástica de Palmas (TO) com poucas Igrejas Particulares, com a estrutura em desenvolvimento, o regional é presidido por dom Philip Dickmans, bispo de Miracema do Tocantins (TO). As unidades eclesiais do regional: Arquidiocese de Palmas, Prelazia de Cristalândia, Diocese de

Neste documento, observamos as diretivas prioritárias a serem alcançadas pela Igreja Católica na região:

Atendendo a essa realidade Amazônica, com a nova consciência e atitude da Igreja universal, a partir do Vaticano II, em particular da Igreja latino – americana, a partir de Medellín, e recolhendo a experiência e os anseios das bases, formuladas, principalmente, através dos três encontros anteriores: A igreja da Amazônia opta por quatro prioridades e por quatro séries de serviços pastorais, à luz destas duas diretrizes básicas: Encarnação da realidade e Evangelização libertadora²⁹⁷

O documento de Santarém (1972), como ficou conhecido posteriormente, não é um documento definitivo, mas ajudou a traçar linhas prioritárias, colocando as pastorais da Igreja para se entrosar com a realidade concreta de seu povo, isto é, com as comunidades indígenas, com setores marginalizados da sociedade, como migrantes, ribeirinhos, sem-terra, crianças em situação de rua.

Tal documento nos dá dimensões das transformações concretas no seio da Igreja Católica na Amazônia, principalmente na compreensão da importância das “Comunidades Cristãs de Base”, como núcleos eclesiais de valorização e promoção humana, respeitando as particularidades de cada comunidade e de seus participantes:

A criação da comunidade Cristã de base tem que ser um dos objetivos primários da Pastoral Amazônica. Sabemos que os princípios teológicos para orientar o estabelecimento dessas comunidades são variados e devem ser interpretados de acordo com as circunstâncias de tempo e de lugar. Medellín nos dá um modelo: a) a comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e de desenvolvimento²⁹⁸.

Dessa maneira, o documento evidencia o aparecimento das “Comunidades Cristãs de Base” na região amazônica, e, embora não haja uma data exata, ou em qual cidade surgiu primeiro, ele traz uma informação importante: as CEBs como prioridade da Igreja para fomentar o seu o projeto de uma evangelização libertadora.

Miracema do Tocantins, Diocese de Porto Nacional, Diocese de Tocantinópolis e a Prelazia de São Félix, no Mato Grosso. Cf: A estrutura administrativa e pastoral da CNBB tem uma Matriz e 18 unidades regionais. Dispem:<http://www.cnbb.org.br/a-estrutura-administrativa-e-pastoral-da-cnbb-tem-uma-matriz-e-18-unidades-regionais/>. Acesso em 25 de Junho de 2019.

²⁹⁷ CNBB. *IV Encontro Pastoral da Amazônia: Linhas prioritárias de Pastoral da Amazônia*. In: Desafio Missionário: Documentos da Igreja na Amazônia, coletânea, Brasília: edições CNBB, 2014, p.14.

²⁹⁸ Ibidem. pág.18- 19.

2.2. As CEBs como prioridade da Igreja em Manaus

Prosseguindo com a pesquisa, buscamos conhecer como foi o início da organização dessas comunidades na cidade de Manaus, e nesse contexto, lembro-me da conversa que tive com o Sr. Areolino Santana, um dos primeiros coordenadores das CEBs na cidade e que acompanhou esse processo.

Mas como cheguei até o Sr. Areolino? Depois de entrevistar outros narradores, eles me contaram sobre um senhor que era considerado como um pai para as CEBs na cidade. Fui até a Arquidiocese de Manaus e lá a coordenadora de Leigos Patrícia Cabral me alertou para um evento de suma importância para as CEBs e que aconteceria na cidade, o II Intereclesial das CEBs Regional Norte I (AM/RR), com o tema “CEBs e os desafios de ser Igreja no mundo na Amazônia”.

O evento aconteceu de 06 a 09 de julho de 2017, na Paróquia de São Jorge, Zona Oeste. Havia gente de várias prelazias do Estado do Amazonas e de Roraima, e lá tive oportunidade de observar a organização das CEBs em um intereclesial. Fiz anotações de campo e registros fotográficos, como este observado acima.

Neste processo de pesquisa, conheci o Areolino, que estava responsável pelos animadores de canto, tocando alguns instrumentos de percussão. Depois do evento ele concordou em conversar comigo, mas só poderia fazê-lo depois de voltar de uma viagem à sua terra natal, Parintins. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2017, no Centro de formação da Arquidiocese de Manaus - CEFAM.

Na época da entrevista Areolino tinha 65 anos, ainda trabalhando como analista na empresa de processamentos de dados do Amazonas - PRODAM. Ele era coordenador da Paróquia Imaculado Coração de Maria, setor Maria Mãe da Igreja, no bairro Morro da Liberdade, zona sul da cidade. Segundo o narrador, a comunidade possui uma boa participação religiosa, com grupos de catequese e com os músicos da comunidade.

Lá, as missas e celebrações são realizadas todos os domingos. Logo, além de coordenador da comunidade, ele atua também como ministro da palavra. Areolino lembra que sua iniciação nas CEBs se deu por conta de um “encontro de casais com cristo”, para o qual foi convidado junto com sua esposa, sendo convocado depois de um ano para ser coordenador do Encontro.

Isso gerou até algumas discussões, pois tinha gente esperando uns dez anos para ser coordenador, mas tendo em vista a sua vontade de aprender aceitou esse desafio:

Então, eu comecei a trabalhar no encontro de casais com cristo, depois fui para liturgia. E depois, como eu sou, como eu queria muito aprender as coisas, porque muito tempo assim que eu frequentava sem entender nada da igreja. Então, eu passei a fazer muitos cursos a pedido do padre. O padre- “quando tiver uns cursos tu se escreves aí”, por isso que eu fiz um curso com o Bispo Dom Clóvis Frainer²⁹⁹, curso de Iniciação Cristã, e isso me ajudou bastante pra eu conhecer mais a minha igreja. E aí, depois desse curso, aí chegou um padre novo que trabalhava com as comunidades, fui chamado pelo regional da CNBB para trabalhar com as comunidades do Regional³⁰⁰.

Ao contrário dos outros narradores, Areolino iniciou seu trabalho nas CEBs um pouco mais tarde, com trinta e três anos de idade, já casado, mas isso não o impediu de ocupar espaços de liderança e coordenação na arquidiocese e nas comunidades. Segundo ele, o trabalho nas CEBs é muito bom, pois sempre alguém enxerga alguma coisa boa em sua pessoa, colocando o trabalho do leigo como essencial para a vida na Igreja, pois compartilha o trabalho que antes era só do padre.

Ele relembra que antes do aparecimento das CEBs na Amazônia, principalmente no interior e nas áreas de difícil acesso existia uma prática chamada de “desobriga”:

Porque tinha muita dependência do clero né, e o clero não é suficiente para atender aqui no nosso país. Já ouviu falar da “desobriga”? Essa questão aqui na Amazônia fica mais difícil ainda, nós éramos subjugados ao Pará.³⁰¹ E os padres que vinham visitar e os bispos que vinham visitar passavam dois a três anos sem aparecer de novo, por isso que chamavam desobriga né. Quando vinha um padre ou um bispo eles tinham que fazer tudo. Às vezes, pegava marido e mulher sem casamento e um monte de filho e aí fazia o

²⁹⁹ Dom Clóvis Frainer foi arcebispo de Manaus de 1985 a 1991, faleceu no dia 04 de abril de 2017 aos 86 anos. Dom Clóvis Frainer aparece em alguns momentos no jornal A Crítica de Manaus, na década de 1980, articulando a opinião da Igreja contra os projetos de constituição que estavam sendo postos, mostrando que o processo de construção da constituição brasileira de 1988, não foi um processo neutro, mas permeado de lutas e posicionamentos não só da Igreja, mas de outros movimentos sociais. Cf: *Carta Amazonense*: Dom Clóvis Frainer, Igreja participa da constituição. A Crítica, Manaus, 09 de janeiro de 1988, Caderno política, p. 7; *Opinião da Igreja*: Pacote poderia conter também medidas sociais. Dom Clóvis situou a posição da Igreja. A crítica, 13 de março de 1986, Caderno cidade, p. 10.

³⁰⁰ Areolino da Silva Santana. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 19 de agosto de 2017, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁰¹ A Diocese do Amazonas foi criada em 27 de abril de 1892 pela Bula *Ad universas orbis Ecclesias* do Papa Leão XIII, desmembrada da então Diocese de Belém do Grão-Pará (hoje Arquidiocese de Belém-Pará), tinha apenas duas paróquias: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Remédios. A 16 de fevereiro de 1952, pela Bula *Ob illud* do Papa Pio XII, foi elevada a Arquidiocese e sede metropolitana, passando a denominar-se Arquidiocese de Manaus. Cf: [Histórico | Arquidiocese de Manaus](#).

casamento, o batismo e tudo. (risos) Aí é desobriga, desobrigava o que estava devendo para Deus, então tinha muito disso aí na Amazônia.³⁰²

A narrativa nos faz refletir sobre a atuação da Igreja Católica na Amazônia, e como a relação entre os fiéis e a instituição se modificou a partir do processo de renovação eclesial, pois antes de conhecer as CEBs e uma evangelização com perspectivas libertadoras, ir para Igreja era apenas “desobrigar” suas pendências com Deus.

A palavra “desobrigar” nos faz pensar numa dimensão de fé vazia, que subsiste apenas como cumprir com os dogmas e sacramentos da Igreja. Em vista disso, fomentar o trabalho dos leigos e romper com a prática de “desobrigação” aparece como uma das metas de ação para as Comunidades Cristãs de Base:

À luz dessas diretrizes, os bispos e sacerdotes da Amazônia procurem transformar o tipo tradicional de paróquia: a) Nos centros urbanos, de molde a não mais consistir num aglomerado de fiéis sem possibilidade de engajamento na vida eclesial, mas, sobretudo, na participação de comunidades ambientais de base, como fermento no meio da massa. E, onde for possível, tentando também organizar comunidades territoriais. b) Nas áreas rurais e interioranas, transformando as capelas de simples ponto de passagem nas “desobrigadas sacramentalistas”, em centros comunitários que sejam fermento de organização da própria comunidade para o seu desenvolvimento integral. c) Nas áreas urbanas e rurais através da descoberta do outro, da integração de mútuos esforços, chegar a uma vivência cristã que seja o fator propulsor do desenvolvimento integral do homem como sujeito de sua promoção³⁰³.

A renovação eclesial proposta pelo Vaticano II trouxe para a Igreja o papel insubstituível do leigo, como afirma o documento de nº 25 da CNBB:

Desde seu início, as CEBs floresceram mais entre as populações simples e pobres. Várias razões estão na raiz desse fato. Em um primeiro momento, foi sobretudo, junto às populações dispersas pelo interior, que as CEBs se firmaram. A ausência de um vigário residente levou mais rápido os leigos a assumir ministérios e a colocar a força da Igreja na Comunidade de irmãos. Padres e religiosos locais passaram então, a assumir mais o papel de animadores de liderança, deixando maior espaço para os leigos³⁰⁴.

³⁰² Areolino da Silva Santana. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 19 de agosto de 2017, pág. 10. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁰³ CNBB. *IV Encontro Pastoral da Amazônia: Linhas prioritárias de Pastoral da Amazônia*. In: __. *Desafio Missionário: Documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea, Brasília: edições CNBB, 2014, p.13 -27.

³⁰⁴ CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. Documentos da CNBB*, n.25. 2ª ed. Brasília: Edições Paulinas, 1982, p.18.

É evidenciado aqui que o papel do leigo no processo de formação das CEBs é imprescindível, mas não foi pela ausência de um sacerdote que elas surgiram, e sim pela vontade do povo em se organizar, de construir seus espaços de comunhão e oração. Como nos lembra Edward Thompson, o povo não se organiza só pela falta de pão, pela falta do alimento, o povo se mobiliza para garantir direitos comuns e essenciais³⁰⁵.

Portanto, quando o documento de Santarém (1972) propõe que a Igreja supere “todo paternalismo, todo o etnocentrismo, todo modelo importado, pré-fabricado ou artificial de vida, fomentando uma decidida criatividade cultural”³⁰⁶. Ele estimula uma evangelização que valorize a fé, a missão do povo, as diferentes culturas e os modos de vida como fatores importantes para a construção de uma Igreja em comunidade, isto é, ser “fermento na massa”³⁰⁷.

Vale assinalar aqui que na documentação consultada há variações quanto à nomenclatura das CEBs, ora denominadas como Comunidades Cristãs de Base, Comunidades Ambientais de Base ou Comunidades Eclesiais de Base. O documento produzido no II Encontro Inter- Regional de Pastoral³⁰⁸, em Manaus, em 1974, pontua essa questão:

B.3.2.1- A maioria das dioceses e prelazias da região considera as Comunidades Cristãs de Base como linha prioritária absoluta da pastoral. B.3.2.2- Alguns observam que elas já existiam antes do encontro de Santarém, embora tenham recebido dele novo impulso. Em muitos lugares, só depois de 1972 é que começaram a surgir. B.3.2.3 – Embora haja uma convergência básica quanto à concepção das Comunidades Cristãs de Base, a maneira de entender sua natureza é bastante variada. Em algumas igrejas locais elas se diferenciam, quanto ao tipo: umas são ambientais, outras seguem mais o critério geográfico³⁰⁹.

Seja a comunidade que se inicia em uma área rural ou urbana, para Areolino as CEBs nasceram antes do Concílio do Vaticano II, e foram aumentando com a força de vontade do povo em

³⁰⁵ THOMPSON, Edward Palmer. Economia Moral da Multidão Inglesa no século XVIII. In: _____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.150- 202.

³⁰⁶ CNBB. Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. *Documentos da CNBB*, n.25. 2ª ed. Brasília: Edições Paulinas, 1982, p.14.

³⁰⁷ Dom Paulo Evaristo Arns pontua que Jesus Cristo para denominar a ação dos fiéis empregou três imagens que não devem ser esquecidas: “fermento, para levedar a massa, luz para descobrir a verdade e sal para preservar da corrupção”. Cf: ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja?* São Paulo: brasiliense, coleção primeiros passos, 1981, p. 51.

³⁰⁸ Este documento traça linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia, que por sua vez, tinha como objetivo fazer uma avaliação de tudo o que foi feito a partir de Santarém, em 1972, dando novo fôlego para a missão de evangelizar e trabalho de pastoral. Cf: CNBB. *II Encontro Inter- Regional de Pastoral: Linhas Prioritárias de Pastoral da Amazônia*. In: *Documentos da Igreja na Amazônia, coletânea*, Brasília: edições CNBB, 2014, p. 31 – 57.

³⁰⁹ Ibidem, p. 38.

celebrar a palavra de Deus, de devoção aos Santos padroeiros e nos festejos populares. Mas, no transcorrer do diálogo, o narrador passa a evidenciar pontos muito importantes para entendermos a organização das CEBs aqui na cidade de Manaus: Diz o narrador:

Olha! Na realidade as CEBs, elas foram surgindo. Dizem que é obra do Espírito Santo né, uma aqui e outra ali e pela igreja ela foi incorporada efetivamente em 1983 na primeira APA³¹⁰. E nesse tempo se escolhia quatro finalidades para trabalhar, e a primeira delas foi CEBs, depois comunicação, pastoral da juventude e pastoral da família, essas quatro. Fizemos a primeira, depois passou pra segunda, depois a terceira e na quarta APA eu já estava participando efetivamente.³¹¹

Em um primeiro momento, não sabia o que significava a sigla APA, quando Areolino me explicou que se tratava de uma Assembleia Pastoral Arquidiocesana que buscava alinhar a organização da Igreja Católica em Manaus, buscando alcançar alguns objetivos. Neste momento, percebi que assim como o narrador aprendeu muito sobre a sua igreja, eu como pesquisadora também estava aprendendo e precisava buscar mais informações sobre a APA.

Nesse contexto, encontrei uma pasta na Arquidiocese de Manaus com algumas informações e documentos sobre as CEBs, pois a maioria dos entrevistados me indicou que havia bastante documentação sobre as CEBs de Manaus, mas tive muita dificuldade em acessar esse acervo. A maioria dos documentos, fotografias e nomes desta pesquisa foram cedidos pelos próprios narradores.

Assim, analisando a documentação, percebi que havia uma rica comunicação com cartas-convites, convocações e memorandos entre os participantes das CEBs, leigos, bispos, e padres da Arquidiocese de Manaus, bem como em outras dioceses e arquidioceses do país. Nessa análise, consegui coletar informações sobre a APA.

³¹⁰ Nessa parte da entrevista, o narrador procurou recordar se era a I ou a II APA.

³¹¹ Areolino da Silva Santana. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 19 de agosto de 2017, pág. 11. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

De acordo com o Diretório Pastoral da Arquidiocese de Manaus, as Assembleias Pastorais Arquidiocesanas (APA 's) foram iniciadas com o esforço e colaboração de todos os setores da Igreja, e passaram a elaborar o Plano Pastoral para um período de 03 a 04 anos.

Com o intuito de sistematizar algumas informações coletadas sobre as APA's observemos o quadro abaixo: Figura 01 - Quadro destacando as Assembleias Pastorais Arquidiocesanas.³¹²

Período e características.	Arcebispo Responsável	Linhas prioritárias
I APA (1983). Plano Pastoral de (1984-1986).	Dom Milton Corrêa Pereira. ³¹³	Encarnação da realidade; Opção preferencial pelos pobres; Compromisso com a justiça; Organização e descentralização; Espírito evangélico e atitude dinâmica.
II APA (1986). Plano Pastoral de (1987-1989).	Dom Clóvis Frainer.	Valorização e Capacitação dos leigos e Agentes de Pastoral; Comunidades Eclesiais de Base; Pastoral Familiar e Pastoral da Juventude na dimensão vocacional.
III APA (1989). Plano Pastoral de (1990-1992).	Dom Clóvis Frainer.	Formação de Agentes de Pastoral e Ministérios; Pastoral Social; Comunidades Eclesiais de Base e Pastoral no Mundo do Trabalho.
IV APA realizada em duas etapas (1992/1993). Plano Pastoral de (1994- 1997). Produção de um relatório final.	Dom Luiz Soares Vieira ³¹⁴ .	Comunicação Social; Formação; E Combate à fome e ao desemprego.
V APA (1997) Plano Pastoral de (1997-1991). Lema: "A Igreja Somos Nós".	Dom Luiz Soares Vieira.	Testemunho da Comunhão; Serviço, Anúncio e diálogo.
VI APA (2000) Plano Pastoral de (2001-2005). Lema: "Ai de mim se não evangelizar"	Dom Luiz Soares Vieira.	As periferias; A Família e a formação. Foi elaborado o Plano de Pastoral Urbana em Comunhão (2001-2004).
VII APA (2005) Plano de Pastoral (2005-2010) Lema: "Queremos ver Jesus. Caminho, Verdade e Vida".	Dom Luiz Soares Vieira.	Família; Questões sociais; Periferias, ocupações e interior.
VIII APA (2010) Plano de Pastoral (2011-2014).	Dom Luiz Soares Vieira.	Pessoa: Evangelizar a pessoa e cuidar dos membros da Comunidade.

³¹² Quadro criado de acordo com as informações do Diretório Pastoral. Cf: Ibidem, pág. 18.

³¹³ Dom Milton Corrêa Pereira, nasceu em 18 de maio de 1919, em Cametá (PA). Foi Bispo- Auxiliar de Belém (1962-1967) e Arcebispo de Manaus (1980-1984), faleceu aos 64 anos em Manaus (AM).

³¹⁴ Dom Luiz Soares Vieira, nasceu em 02 de maio de 1937, em Conchas (SP) é atualmente Arcebispo Emérito de Manaus, e reside na cidade de Santa Fé (PR), com 84 anos de idade. Exerceu o cargo de bispo de Macapá (1984-1991) e como Arcebispo de Manaus (1992-2012).

Estabeleceu desafios no âmbito da Pessoa, Comunidade e da Saciedade.		Comunidade: Fortalecer a Pastoral de Conjunto, fortalecer as comunidades. Sociedade: Viver uma ética a partir do Evangelho e ser uma Igreja profética.
IX APA (2014) Plano Pastoral (2015 -2018) Estabeleceu desafios no âmbito da Pessoa, Comunidade e da Saciedade.	Dom Sérgio Eduardo Castriani ³¹⁵	Pessoa: Evangelização da Juventude, implantação do processo de iniciação à vida Cristã e Cuidado com os membros da Comunidade: Fortalecimento da Pastoral de conjunto; Renovação das paróquias e áreas missionárias como comunidades. Sociedade: Acolhida dos migrantes e indígenas; Retomada das Escolas de Fé e Política; Presença nos conselhos de Direito e participação política. Novos Desafios Missionários: Evangelização dos moradores dos condomínios e novos conjuntos habitacionais e Missão Ad gentes ³¹⁶ .
X APA (2017-2018) Plano Pastoral (2019-2022).	Dom Sérgio Eduardo Castriani.	Evangelização das Famílias; Presença Missionária no Interior e nas Periferias; Evangelização da Juventude; Ecologia Integral; Superação da Violência; Política e Cidadania; Migrantes e Indígenas. Animação Bíblica; Formação dos Cristãos Batizados; Formação dos Agentes de Evangelização; Renovação das Comunidades; Diálogo Ecumênico e Inter-religioso.

Fonte: ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Diretório Pastoral*. Coordenação de Pastoral, 2015, Manaus, pág. 18.

Analisando as informações acima, observamos que as CEBs como núcleos iniciais de evangelização foram incorporadas no Plano Pastoral da Igreja Católica em Manaus efetivamente. Mas, antes mesmo de serem incorporadas a esse contexto eclesial já trabalhavam diversos pontos destacados no quadro acima, como o combate à fome e ao desemprego, serviço e anúncio do evangelho, diálogo, a periferia, a família, as ocupações de terra, escolas de fé e política, cidadania, ecologia integral e combate a violência. Sendo assim, podemos perceber a contribuição das CEBs na

³¹⁵ Dom Sérgio Eduardo Castriani nasceu em 31 de maio de 1954, na cidade de Regente Feijó (SP). Foi Bispo-Prelado de Tefé (2000 – 2012) e Arcebispo Emérito de Manaus (2012 – 2019), faleceu aos 66 anos em Manaus (AM).

³¹⁶ Ad gentes é o decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária. O título é em latim para "Para as Nações". Cf: Ad Gentes . Acesso em 12 de dezembro de 2021.

própria organização da Igreja como instituição, nos temas propostos, na descentralização do trabalho nas paróquias, na delegação de responsabilidades para leigos e leigas nas comunidades.

Por exemplo, no dia 28 de novembro, do mesmo ano de realização da I APA em Manaus, o Arcebispo Dom Milton Corrêa Pereira emitiu uma carta-convite ou “convocação” aos presbíteros, religiosos, religiosas e leigos coordenadores de pastorais da Igreja Católica em Manaus. O objetivo da convocação era a participação de um curso sobre as CEBs.

O Arcebispo inicia a carta desejando uma boa vivência no advento para todas as comunidades e pede compreensão pelo convite feito em cima da hora:

Uma vez ainda vos é feito um convite, ou melhor, uma convocação, em cima da hora. É o insistente convite para participar de um curso sobre Comunidade Eclesial de Base (CEB), de 13 a 16 de dezembro, conforme comunicação da coordenação de Pastoral Arquidiocesana. Tenho acompanhado bem o trabalho da coordenação. Sei o quanto ela tem se esforçado em preparar com urgência o calendário Pastoral de 1984, para evitar esse erro de comunicação em cima das datas das ocorrências. Acredito que saibais compreender essa falha que é normal na fase inicial de qualquer atividade comunitária. Acredito também que com essa compreensão e com empenho de todos, cada um de vós saberá adaptar seus compromissos pastorais, durante os dias de curso, à urgência da prioridade da CEB.³¹⁷

No transcorrer da carta, Dom Milton Corrêa Pereira observa que para os outros leigos, aqueles que não foram convidados haverá oportunidade de um encontro com maior amplitude, ou será formado à noite grupos para revisarem o que foi trabalhado em cada dia, mas que a urgência estava na formação dos agentes de pastorais.

Ao concluir a carta ele pede que para ter um bom resultado do curso sobre as CEBs, os participantes estudem alguns documentos da Igreja como o *Evangelii Nuntiandi* (1975); Conclusões de Medellín (Doc.15, cap. I e III); Conclusões de Puebla (1979); Documento de nº 25 da CNBB e “Aos líderes das Comunidades Eclesiais de Base” (João Paulo II, Manaus 10/07/1980).

Dessa forma, não é pelo fato das CEBs não aparecerem como prioridade no planejamento pastoral de 1983, que elas deixaram de fazer o seu trabalho, ou mesmo, deixaram de ser importantes dentro desse âmbito de articulação. Pois, o trabalho dessas comunidades não é algo momentâneo ou

³¹⁷ Carta- Convite de Dom Milton Corrêa Pereira aos Presbíteros, Religiosos, Religiosas e Leigos coordenadores de Pastorais para realização de curso sobre as CEBs, em 28 de novembro de 1983. Cf: Arquidiocese de Manaus, pasta das CEBs, 2020.

como se fosse um *flash mob*³¹⁸, mas possui toda uma lógica de organização de pessoal, um trabalho cotidiano que vai desde encontros bíblicos nas casas dos participantes, grupos de estudos quanto a grandes intereclesiais.

2.3. As experiências nas CEBs: Uma Igreja- comunhão

Nos tópicos anteriores percebemos que as CEBs tornaram-se prioridades tanto para Igreja no Brasil, quanto em Manaus, um exemplo disso foram as Assembleias Pastorais Arquidiocesanas. Mas, nos transcorrer da pesquisa, as fontes levantaram as seguintes questões: Quem são essas pessoas que formam a base dessas comunidades em Manaus? Como é a organização dessas comunidades para além das (APA's) e espaços oficiais da Igreja? Por que se organizam? E onde?

Enfim, ao mesmo tempo em que as fontes levantam essas questões, elas nos ajudaram a respondê-las a partir do momento em que passamos a conhecer com mais profundidade as experiências de pessoas que participaram desse processo. Desse modo, a fim de evidenciar as experiências dos narradores foi importante saber de suas concepções de mundo, ocupação profissional e como iniciaram na vida religiosa, podendo- se assim analisar o tema de forma mais ampla, revalorizando os saberes e suas práticas.

A conversa que tive foi com o Carlos Alberto Maciel do Nascimento, quem conheci através de um amigo que participara da Pastoral da Juventude, na mesma área missionária, e que o conhecia como animador das CEBs e catequista, e que estaria disposto a dialogar com esta pesquisa sobre as suas experiências.

Carlos Alberto Maciel do Nascimento é trabalhador, eletricitista, e na época da entrevista tinha 52 anos de idade. Sua atuação é na área Missionária de Santa Helena³¹⁹, na comunidade de São Francisco, no bairro Terra Nova I, bairro surgido de uma ocupação de terra na zona norte da cidade de Manaus.

³¹⁸Flash Mobs são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas se dispersando tão rapidamente quanto se reuniram. A expressão geralmente se aplica a reuniões organizadas através de e-mails ou meios de comunicação social.

³¹⁹ Setor Padre Ruggero Rivoletto, composto pelas comunidades: Nossa Senhora do Rosário; Sagrado Coração de Jesus; Divino Espírito Santo; Sagrada Família; Santo Expedito; São Francisco; Santa Helena; Santa Marta, Sagrado Coração de Maria, Santo Antônio e São José.

Ainda atuante nas CEBs como catequista de adultos e animador dos encontros, Carlos, ou “Carlão”, como é conhecido pelas pessoas no bairro, concedeu-me a entrevista dentro da Igreja, que segundo Carlos congrega tanto pessoas ligadas ao movimento de Renovação Carismática, quanto das CEBs.

Lá estavam crianças brincando no campinho e pessoas cuidando e organizando a Igreja, a maioria mulheres, limpando e ornamentando o espaço.

A Igreja é modesta, mas no dia da entrevista estava toda colorida com fitas, balões e palhas de coqueiro, o que nos informou então Carlos serem os preparativos para a festa Junina da comunidade. Ele me chamou para dentro do templo, pois, do lado de fora estava muito barulho, por conta da organização da festa. Ao iniciar a entrevista, eu lhe mostrei os objetivos da pesquisa e indaguei sobre a sua ocupação atual, a fim de conhecer um pouco mais da sua trajetória de vida.

Carlos nos contou muito orgulhoso que durante os seus 50 anos de vida teve diversas experiências profissionais, sendo a primeira delas nos anos de 1980, no distrito industrial da cidade, depois como ajudante de pintor na rede de supermercados C.O (Casa do Óleo), como serígrafo e desenhista letrista no Hotel tropical e encarregado de obras e eletricista.

Ele gostaria muito de ser mestre de obras, mas não chegou a concluir os estudos para conseguir este ofício. Esse diálogo com Carlos, sempre sorridente ao falar de suas experiências profissionais, trouxe a possibilidade de conhecer sua realidade, assim como sua iniciação na vida comunitária em Manaus:

É que as CEBs né! Ela começou no Brasil, na América Latina, no Caribe! Por conta de um conselho que teve dos Bispos, por volta de 1962, então... Em 1979, praticamente 78 ou 79, fiz minha primeira Eucaristia, meu pai era ministro da Eucaristia, minha mãe trabalhava na comunidade também, ajudando na liturgia, daí então, comecei dentro desses serviços de coroinha, pastoral de juventude, depois catequista, grupo de juventude e assim sucessivamente né. Aí então, por volta de 1982, com uma idade de 15 anos aproximadamente, eu já estava envolvido mais pro lado da juventude né, então, a irmã Helena, foi uma forte orientadora para juventude na Compensa, que era setor três na época, que agora eu não lembro o nome do setor agora. Então, na Compensa ela tomava conta da espiritualidade da juventude né, e por ela já ter essa espiritualidade de CEBs como chamamos hoje “cebiana”, não de CEBI, mas de CEBs. Então, ela passava pra juventude essa visão, mais ampla, digamos dessa religiosidade né, então a partir dos anos de 1982, mais ou menos, foi quando realmente eu comecei a me inserir nesse jeito de viver a religiosidade, através dessa questão da Teologia da Libertação e opção pelos pobres³²⁰.

³²⁰ Carlos Alberto Maciel Nascimento. *As comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017, pág. 01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

A fala de Carlos nos possibilita entender o início das primeiras experiências de CEBs e a influência da Teologia da Libertação na cidade, principalmente, por mencionar de forma conjunta, vista também no cotidiano de seus pais, mostrando os leigos cada vez mais comprometidos e engajados na Igreja, com a opção e a prática pastoral libertadora.

Observa-se também nessa fala a figura de Irmã Helena Walcott, da qual só havia conhecido através de jornais da época de 1980, atuando nos movimentos por moradia, e com destacada presença frente aos jovens da cidade, sobretudo através da Pastoral da Juventude.

Neste contexto vivenciado por Carlos, há evidências de uma forte resistência de jovens trabalhadores frente ao processo de exclusão e exploração social que os limitavam nas relações de trabalho.

Essas dimensões sociais foram percebidas no trabalho de dissertação de mestrado de Maria Célia Santiago intitulado: *Clandestinidade e mobilização nas linhas de montagem: A construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus*³²¹.

Nele, a autora observa uma rede de mobilização e transformação nas relações de trabalho em um nível mais geral, principalmente, vista na greve do ABC paulista, espalhando-se em todo país. Contudo, ela aponta que a greve dos metalúrgicos em Manaus contou com uma rede de solidariedade e financiamento de operários e sindicalistas, moradores. O que mais nos chama atenção em sua pesquisa é a influência da Pastoral Operária e das CEBs atuando neste processo.

Nesse processo de pesquisa e com uma diversificação de fontes, tais como atas, jornais operários e de grande circulação, incluindo também as fontes orais, a autora guiada por referências metodológicas de Verena Alberti e Alessandro Portelli, constitui o quadro de entrevistados a partir das diferentes funções que tiveram na construção da greve de 1985, nos ajudando a perceber a constituição da memória sobre a greve, a partir de diferentes pontos de vista.

Pela presente pesquisa, buscamos compreender a história das CEBs e da Teologia da Libertação a partir da memória de trabalhadores e trabalhadoras com posições diversificadas nessas comunidades, ouvindo padres, religiosas, leigos que ainda participam e que não participam mais

³²¹ SANTIAGO, Maria Célia. *Clandestinidade e Mobilização nas linhas de Montagem: A construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. UFAM, 2010.

dessa frente de luta nas CEBs, procurando compreender práticas e interpretações próprias que dão acerca dessas experiências.

Dessa forma, o trabalho de campo realizado na comunidade de São Francisco foi além da entrevista, pois, como firmamos o compromisso de ter uma relação de diálogo e aprendizado com os narradores dessa pesquisa, voltamos a conversar com o Sr. Carlos outras vezes, quando ele me cedeu nomes de padres e coordenadores das CEBs.

Uma das visitas foi feita à comunidade do Sr. Carlos, em um domingo, no dia 24 de março de 2019, único dia que o Sr. Carlos poderia conversar comigo, pois trabalha durante a semana em seu campo profissional, e nos finais de semana em que trabalha na comunidade, assim como a sua esposa. Cheguei um pouco mais cedo e vi muitos pais e mães deixando os seus filhos no centro pastoral da comunidade, que conta com algumas salas de aula e também com uma cozinha para o preparo e armazenamento das comidas nas festas juninas e comemorações da Igreja.

Então, Sr. Carlos informou que a construção do templo contou com a ajuda financeira de um grupo religioso da Itália, assim como de um padre chamado Alberto Panichella, que ajudou a rearticular as CEBs em Manaus, nos anos 2000.

Não pude gravar a nossa conversa, pois estava tendo catequese com as crianças no fundo da igreja. Apesar de ser retangular por fora, a disposição do altar e dos bancos da igreja são circulares, proporcionando às pessoas nas missas e celebrações se olharem frente a frente. Havia uma moça organizando as vestimentas da sacristia, assim como outras mulheres, por organizar o altar, passando as toalhas e arrumando as vestimentas e objetos utilizados nos sacramentos das missas e celebrações.

Nesse trabalho de campo, ao observar as relações sociais vivenciadas na comunidade, os espaços construídos como o centro pastoral, a cozinha, o templo, a sacristia e o campo de futebol evidenciam uma Igreja baseada na comunhão. Não somente aquela comunhão do sacramento realizado nas missas, mas uma comunhão pautada no compartilhar, no cuidado com o outro, ou seja, cada um compartilha o que sabe fazer de melhor. Os homens e mulheres coordenam a catequese e a organização do templo, as crianças ajudam na ornamentação da Igreja, os jovens auxiliam na limpeza.

Essa questão vai de encontro com o que Leonardo Boff³²² comenta sobre as diferenças de se viver em uma Igreja-Comunhão e uma Igreja Sociedade. Para o autor a Igreja- comunhão as relações são imediatas, comunitárias e primárias.

As pessoas se conhecem pelo nome, não comungam apenas a fé e os sacramentos, mas também as lutas e a sobrevivência. A Igreja- sociedade por outro lado, se organiza mediante relações funcionais e anônimas, isto é, o fiel vai à Igreja e não precisa conhecer o celebrante, os outros fiéis. Basta ir e receber os sacramentos, como a penitência, a eucaristia e a unção. Estas são relações vazias e permeadas apenas pelo interesse de receber e não do “dar”.

2.3.1 A Igreja na Base

Além de se inscreverem em um modelo de Igreja-comunhão, outra característica essencial é o seu trabalho empreendido nas bases. Quando falamos em base, temos que ter ciência de seu amplo significado. De acordo com Leonardo Boff³²³, ela pode ter um sentido eclesial, teológico, antropológico e pedagógico. A base tem um sentido eclesial, pois, é formada e organizada pelos pobres, tem um sentido teológico, pois, é formada sobre o princípio fundamental para a fé cristã, Jesus Cristo.

A base também pode ter um significado pedagógico, sendo que remetem decisões e reflexões que são amadurecidas a partir de baixo, de maneira democrática, afetando a todos os setores da Igreja e da sociedade, e por fim, antropológico, pois representa um pequeno grupo, ou uma comunidade com vários núcleos de pessoas que se organizam e partilham a fé e a vida.

Dito isso, inserimos aqui nessa discussão mais uma experiência, ou melhor dizendo, experiências trazidas por Julie Joy de Souza Mesquita, trabalhadora, professora de História do ensino básico, 46 anos de idade, nos ajudará a entender esse trabalho de organização.

Bom, como cheguei até Julie? Através de um projeto social de dança para adolescentes do qual participei na comunidade de Sta. Luzia. Lá, Julie era a professora e a coordenadora do projeto. Diferentemente do Sr. Carlos, essa narradora não atua mais nas CEBs, tendo estado vinculada a essa frente de 1988 a 2007 como catequista nas comunidades de Santa Maria, na área missionária da

³²² BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Ecclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.84.

³²³ Ibidem, pág. 85.

divina Misericórdia³²⁴. São Benedito e Santa Luzia, no conjunto Francisca Mendes, Cidade Nova, zona Norte da cidade.

Atuou também na Pastoral Operária, na Comissão Pastoral da Terra-CPT e nas CEBs. De acordo com Julie, sua trajetória na Igreja a ajudou na escolha da profissão que exerce atualmente, ou seja, como professora de História, tendo interesse destacado pela história operária no Amazonas e no Brasil.

A entrevista foi realizada em sua casa, rodeada de muitos livros, com temáticas em torno de reflexões sobre o social e suas contradições, história das mulheres operárias e Revolução Russa, entre outros.

No período da entrevista, Julie estava fazendo um mestrado de gestão integrada sobre o meio ambiente, qualidade e prevenção, atuando principalmente com a questão dos trabalhadores, pesquisando sobre acidentes de trabalho e buscando evidenciar a história dos operários e suas lutas pela prevenção de acidentes ocupacionais. Diz Julie:

Na verdade, eu participei não só de, assim, tudo que se dizia a respeito a pastoral e as comunidades Eclesiais de Base. 1988 eu entrei na catequese, aí nossa catequese naquela época, aqui na Cidade Nova, não era catequese nas escolas, como em alguns lugares ainda são. O pessoal pega os prédios das escolas para fazer e ter, assim, digamos um pouco mais de conforto para dar aula. Mas não era, naquele tempo a catequese era nas ruas, era nas comunidades mesmo, por exemplo, eu morava no núcleo 14, da 2ª etapa da Cidade Nova e eu morava na rua 78. Lá na rua 78, era onde eu trabalhava com a catequese. A Catequese é o principal trabalho de base, ela é um principal trabalho Eclesial de Base. Por quê? Porque é através da catequese que você vai ver as dificuldades daquela criança, você vai acompanhar as dificuldades cotidianas da família daquela criança, identificar, confrontar e contextualizar³²⁵.

A memória de Julie sobre a sua iniciação nas comunidades, quando afirma que a catequese é o principal trabalho de base, e partir desse trabalho passou a identificar, confrontar e contextualizar os problemas vivenciados pelas famílias nos dá uma dimensão das práticas concebidas nas CEBs em Manaus, utilizando, por exemplo, o método “ver, julgar e agir”³²⁶.

³²⁴ A área missionária Divina Misericórdia faz parte do setor Padre Pedro Vignola - Região Episcopal Nossa. Sra. Aparecida, bairro Cidade Nova. É composta pelas comunidades: São José, Nossa Senhora da Assunção, São Pedro, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

³²⁵ Julie Joy de Souza Mesquita. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 22 de junho de 2017, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³²⁶ BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 29.

Segundo Frei Betto, o método é constituído nos estudos bíblicos em encontros da catequese, assembleias e mobilizações, em que o “Povo de Deus”, tomado por uma nova prática, que é a da libertação, vê seus problemas básicos e suas realidades sofridas não como a vontade de Deus em pleno conformismo.

Eles julgam essa realidade como uma construção dos homens para a manutenção das desigualdades sociais e agem refletindo no evangelho para que elas não existam mais, agindo, e tomando a reflexão bíblica, como exemplo de prática da construção comunitária do “reino de Deus na terra”.

Sendo assim, observamos até aqui que a ação das CEBs é plural, complexa e com um teor de organização impressionante, pois, são pequenos grupos de pessoas, que ao mesmo tempo em que estão comprometidos com a organização do templo, das celebrações, com a catequese das crianças e jovens, estão comprometidos também com a construção de uma Unidade Básica de saúde, de uma escola, de uma ocupação de terra.

Posto isso, além do método *ver-julgar-agir*, elas se organizam de maneira “intra-ecclesial”³²⁷, ou seja, nas celebrações, nas novenas, na catequese, nos estudos teológicos e na preparação dos sacramentos. Há também sua organização extra- ecclesial, isto é, quando as ações dessas comunidades estão voltadas para as lutas pela posse de uma terra, ou mesmo a reivindicação no bairro pela melhoria de sua infraestrutura.

Além disso, a narrativa de Julie nos traz dimensões de resistência e organização de agentes sociais, como disputa no campo da memória, revalorizada aí a presença de mulher, leiga, trabalhadora e negra no centro da Igreja, fazendo da catequese, que muitas vezes é símbolo de uma Igreja romana e centralizadora, a sua oportunidade de expor reflexões e reunir solidariamente outros trabalhadores e trabalhadoras para novas perspectivas de luta e ação social.

As lideranças da comunidade, nesse caso, compartilham interpretações do evangelho e práticas litúrgicas da missa, lado a lado com o padre que aparece na foto. Quando falamos do “povo” nesta pesquisa, pensamos tal categoria como socialmente constituída. Leonardo Boff, em *O político numa perspectiva de libertação*³²⁸, observa que as ações de uma igreja popular também é dimensão do político. Neste texto, ele distingue o conceito de massa como produto de manipulação das classes

³²⁷ Ibidem, p.32.

³²⁸ BOFF, Leonardo; O.F.M.. O político numa perspectiva de libertação. In: _____. *E a Igreja se fez povo. Ecclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do Povo*. 3ª ed. Petrópolis, 1986.

dominantes, diferente da categoria povo. Assim sendo, a partir das imagens aqui analisadas refletimos sobre dimensões do fazer social, como narrativas e memórias de resistência, procurando identificar em tais territórios “que povo é esse que se faz Igreja?”.

Neste caminho, para entender as ações de transformação social dentro da Igreja, podemos perceber a aproximação das Ciências Humanas, como a Sociologia, Filosofia e a História na Teologia da Libertação, dialogando como reflexões de Karl Marx³²⁹ sobre a história, ou seja, como uma força transformadora da vida.

Portanto, no decorrer das entrevistas, busquei ouvir atentamente todos os detalhes mencionados por Julie. Chama atenção sua definição de CEBs:

Na minha opinião é assim, as CEBs é uma forma de viver da Igreja Católica, uma forma, uma forma que a Igreja tinha como trabalhar a verdadeira pastoral, a verdadeira pastoral da Igreja Católica foi quando se trabalhava com as CEBs. Porque dentro das CEBs, por exemplo, você pega um “Canaranas”³³⁰ desse, um bairro como esse, você vê uma série de problemas: as ruas faltando asfalto, não tem unidade básica de saúde, uma série de problemas que são problemas básicos. Ai você vai perguntar assim: mas a Igreja ela vai... “Não, a Igreja não vai resolver os problemas, mas a Igreja, se a gente trabalhasse com a questão das CEBs aqui, qual seria o papel da Igreja? Conscientizar as pessoas que elas teriam que sair desse marasmo que elas vivem hoje, pra agir, para cobrar das instituições. Então, as CEBs na verdade ela é uma forma de Igreja, das pessoas que fazem parte da Igreja, não só os dirigentes, mas a comunidade toda, uma forma libertadora de viver”³³¹.

Também Carlos compartilha seus entendimentos sobre o que sejam as CEBs e a Teologia da Libertação:

Eu., acredito que como se fala já, a questão Teologia da Libertação, isso volta para uma libertação de uma forma mais “pé no chão”, como costumamos dizer assim nas CEBs, não só aquela libertação de espírito, se libertar dos pecados e tudo mais, por que nos anos 60, né, ainda na época da Ditadura, a Igreja Católica teve uma grande parcela de líderes que influenciaram na questão, no término da ditadura. Teve Leonardo Boff, Frei Tito, inclusive foi muito torturado que acabou se matando enforcado, teve Frei Betto, que ainda é vivo, né! E tantos outros formadores de líderes, que tinham uma visão que para ser livre, não seria só ser livre do pecado, mas livre de forma completa. Então, foi isso que motivou, no meu ponto de vista, essa libertação por completo. Às vezes você tá passando fome aqui dentro de sua casa, mas tá de joelho aqui rezando e às vezes se esquece que poderia estar de uma certa forma envolvido em uma outra coisa, que buscasse trabalho pra você, ou então reclamando da rua que tá com buraqueira ali. Quando o presidente de bairro convida

³²⁹ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

³³⁰ Canaranas é um conjunto habitacional do Bairro Cidade Nova, na Zona Norte da cidade de Manaus.

³³¹ Julie Joy de Souza Mesquita. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 22 de junho de 2017, pág.04. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

você pra ir pra reunião com os políticos e o cara não vai! Então, quer dizer se formos pedir tudo de Deus, tudo de Deus, mas não temos coragem de levantar a “bunda” pra fazer nada³³².

Observamos nessas narrativas “um mosaico ou colcha de retalhos”³³³, pois, mesmo compartilhando ideologias e lembranças aproximadas, os dois narradores têm percepções diferentes da realidade. Para o Sr. Carlos, a Teologia da Libertação é “ser pé no chão”, firme na missão, uma teologia formadora de liderança, destacando em sua fala a fé como dimensão do político, desconstruindo a ideia de que a política é feita apenas pelos “grandes”, criticando o clientelismo político.

Para Julie, é o trabalho pastoral, uma forma de viver na Igreja Católica, citando exemplos de problemas cotidianos de seu bairro, relembando quando “verdadeira pastoral, a verdadeira pastoral da Igreja Católica foi quando se trabalhava com as CEBs.”, transformando a realidade a partir disso. Assim, como um mosaico ou colcha de retalhos, quando reunidos, mesmo com matizes e formatos diferenciados, possibilitam mostrar o cotidiano das CEBs, marcando experiências e evidenciando as disputas e ambiguidades no processo de formação desses agentes sociais.

Nesse viés, as formas de luta e organização protagonizadas nessas narrativas são dinâmicas e complexas, assim como suas experiências nas ações cotidianas. Utilizam -se de símbolos da cultura popular, ou ainda em missas e celebrações, para expressar as suas demandas e seus modos de vida, vista na oferta de alimentos da terra, produtos de suas casas, e aqueles feitos à mão.

Eder Sader³³⁴, quando analisou a formação de uma nova configuração no sindicalismo, marxismo e na Igreja Católica, pautou-se nas experiências e novas formas de luta de trabalhadores e trabalhadoras que, através das diversas formas de resistência, modificaram suas realidades. E entraram em cena constituindo suas histórias através dos sindicatos, na rua, nas reivindicações pela moradia, pelo espaço público, na mudança de seus discursos e na tomada de consciência.

Mas, assim como Eder Sader observa esta transformação social na década de 1980, na grande São Paulo, revela a falsa ideia do cotidiano dos trabalhadores ser um lugar mítico e idealizado, pois também há as contradições, disputas pela memória e espaços de liderança.

³³² Carlos Alberto Maciel Nascimento. *As comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017, pág.13. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³³³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente, *Projeto História*, São Paulo, nº 14. P. 25-39, fev. 1997.

³³⁴ SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 1980*. São Paulo: Paz e Terra.

Deste modo, Sr. Carlos, quando lhe perguntei sobre sua experiência nas CEBs, vê como relevante a trajetória, pois trouxe-lhe a oportunidade de ajudar todas as comunidades que precisavam de apoio para a constituição daquelas formas de organização:

Até porque você não fica enraizado em uma determinada comunidade, as pessoas às vezes aqui me questionam muito, - “Carlos! Mas de qual comunidade tu é?” Porque, quando eu não estou nas CEBs eu tô aqui, “Aah! Vocês estão precisando de um rapaz pra tocar violão lá na Zona Leste?” Tu pode vim Carlos?” Eu vou lá participar duas ou três semanas, me convidaram pra fazer todo o roteiro da procissão do Divino Espírito Santo que foi semana passada, aí beleza! Aí eles estavam sem pessoas para tocar ali no Santo Expedito, passei quase dois anos participando lá, aí dois jovens já tomaram a frente, aí eu voltei pra cá. Então, quer dizer, essa experiência que você aprende, de não ficar simplesmente naquela comunidade, por conta de um amigo, por conta de uma vizinhança, ou por medo disso ou daquilo, ter essa coragem de falar. Então, toda essa experiência que você passa de vida, de CEBs, com essas questões das militâncias, “poxa vou participar da Pastoral Indigenista, porque eu gosto de estar com os índios”, “eu vou ver a questão dos presos, dos encarcerados”, então, tudo vai abrindo esse leque aí de possibilidades, que você pode se achar e viver essa religiosidade, se sentindo bem, então foi uma experiência muito boa que eu tive, por conta de tudo isso³³⁵.

A fala acima nos possibilita enxergar as reivindicações nos espaços públicos da cidade, nos espaços de lazer, mas também nas próprias comunidades, dialogando com as “autoridades”, tanto governamentais quanto eclesiásticas, bem como seus saberes, o seu tempo, seja arrumando a Igreja, seja ornamentando os espaços e as festas juninas.

Outra experiência de ação das CEBs em Manaus é narrada por Julie Mesquita, sobre uma ocupação de terra que teve a oportunidade de acompanhar no mesmo período em que estava fazendo um curso no Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (SARES)³³⁶.

O curso tratava da formação de ação social, como atividade de extensão da Universidade Federal do Amazonas sobre Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Para Julie, foi um período de grande aproximação com as teorias marxistas, sendo que para a narradora, estudar o marxismo para explicar a Teologia da Libertação era um “chamado de Deus”, sendo para as outras pessoas uma loucura.

³³⁵ Carlos Alberto Maciel Nascimento. *As comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017, pág.13. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³³⁶ Fundado em 2003, o Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (SARES) nasceu a partir de uma parceria entre a Companhia de Jesus, o Instituto Missionário da Consolata e a Arquidiocese de Manaus. A iniciativa é resultado de um apelo do então arcebispo de Manaus, Dom Luís Soares Vieira, que pediu aos jesuítas que criassem um serviço de pesquisa e ação social em prol da sociedade manauara e dos povos da Amazônia. Após uma década de atuação, em 2013, o então Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social, iniciou um processo de reestruturação. Então, no ano de 2016, a Província dos Jesuítas do Brasil assumiu integralmente a direção do SARES.

O teólogo João Batista Libânio³³⁷, ao mapear a constituição da Teologia da Libertação na América Latina, nos últimos 20 anos, aponta a utilização das Ciências Humanas para ajudar a explicar o social como um ponto positivo. Aliam-se aí materialismo histórico como método de análise e a percepção e a prática concreta de homens e mulheres de Manaus naquele momento. Desse modo, Julie conheceu a Comunidade do "Carbrás"³³⁸, em 2007.

Naquela ocupação, ela observava um trabalho muito grande da Igreja no movimento de moradia dessas comunidades, feito por padres, religiosas, até pessoas de outras religiões. Contudo, o que mais nos chama atenção é o protagonismo feminino e a rede de solidariedade constituída por essas mulheres, dimensão apontada por Julie quando lhe indaguei sobre suas experiências nessa ocasião. Ela comenta que se surpreendeu com a força das mulheres, a capacidade de organização que elas tinham. Diz Julie:

A minha participação era mais assim: ir pra lá para organizar, tentar organizar as mulheres, as mulheres têm uma força imensa, nós mulheres temos uma capacidade dinâmica muito grande, de ao mesmo tempo cuidar da casa, cuidar de filho e ter a mente aberta para questões que estão acontecendo. E isso foi interessante porque olha, não tínhamos creche, não tínhamos com quem deixar, as pessoas não tinham com quem deixar seus filhos. E a gente conseguiu organizar, reunir as mulheres e dizer: "olha gente, muita gente aqui tem que trabalhar, muita gente precisa trabalhar", tinham manicures, tinham empregadas domésticas ali, tinham pessoas que trabalhavam no distrito e dar um apoio moral pra essas pessoas, porque as pessoas tinham medo ". -Se eu for trabalhar eu vou deixar os meus filhos com quem?" Quer dizer, tem muita gente nesses lugares que não trabalha, que estava desocupada talvez porque nunca teve uma oportunidade de trabalho. Então, essa pessoa vai ficar responsável em cuidar das crianças. A gente foi perguntando quem poderia fazer isso "aah! Eu posso fazer isso, eu gosto de cuidar de criança". Então, as creches foi um trabalho assim que eu pude acompanhar verificar de perto como ia se desenvolvendo esse trabalho³³⁹.

A rede de solidariedade constituída por essas mulheres da ocupação de terra da "Carbrás" traz para a discussão nesta pesquisa uma grande contribuição de como observar as questões de gênero.

³³⁷ LIBÂNIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, nº 24 (1992), p. 147- 192.

³³⁸ Segundo a narradora, a comunidade do "Carbrás", compreende atualmente os bairros Parque Riachuelo e Parque São Pedro, no Tarumã, região Oeste da cidade de Manaus. Para a narradora esses bairros nasceram dos trabalhos das CEBs.

³³⁹ Julie Joy de Souza Mesquita. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 22 de junho de 2017, pág. 10. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

O gênero dentro da análise histórica pode ser pensado como uma construção social, cultural e histórica³⁴⁰, em que há hierarquias definidas entre homens e mulheres. As questões de gênero vigentes, como aponta Joan Scott³⁴¹ elencam uma hierarquia de gênero em que os homens ocupam uma posição privilegiada.

E como apontam as historiadoras Eloísa Pereira Barroso e Clerismar Aparecida Longo³⁴², que a transformação dos costumes trouxe outros papéis sociais às mulheres fora do ambiente doméstico, como o trabalho por exemplo, contribuiu para criar novas identidades nas mulheres.

Essas identidades perpassam pelo campo dos estudos, trabalho e participação política, as mulheres mesmo vivendo em uma situação de gênero vantajosamente masculina, criam redes de solidariedade e sobrevivência.

Assim, ampliando a temática sobre a participação feminina nos movimentos por moradia em Manaus, na criação, instituição e manutenção de políticas públicas, evidenciamos complexas redes de solidariedade, que vão além da criação de creches. Diz Julie:

Também tem as irmãs que fazem parte, acompanham como organizar uma creche? De que forma elas podem acompanhar e é isso. Porque não é interesse do governo ou de quem está no poder fazer isso, fazer, por exemplo, construir casas populares, como também não é interesse do governo construir creches, como também não é interesse do governo construir abrigo para as mulheres que sofrem violência. E nas comunidades Eclesiais de Base se trabalha também isso, se acolhe as mulheres que sofreram estupro, sofreram violência por parte dos seus companheiros, a gente encontra muito isso, é comum encontrar isso nas ocupações, é comum você encontrar mães solteiras, por isso que eu digo a mulher tem uma força incrível dentro dela, ela tem uma dinâmica incrível. Porque apesar dela sofrer ela consegue ter uma resistência muito grande³⁴³.

É de se observar que as experiências vivenciadas por Julie compreendem a mulher como agentes sociais na luta contra o machismo, a violência sexual, o preconceito, a falta de oportunidade, pois não as percebem em segundo plano e responsáveis por afazeres domésticos secundários.

Antes a narradora Julie as percebia como líderes dos movimentos, fazendo parte dessa

³⁴⁰ RAGO, Margareth. *Descobrendo historicamente o gênero*. In: Cadernos Pagu, nº 11, págs. 89- 98, 1998.

³⁴¹ SCOTT, Joan. “*Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*”. Educação e Realidade, V. 15, nº 2, págs. 5 a 12, 1995.

³⁴² BARROSO, Eloísa Pereira; LONGO, Clerismar Aparecida. *Ditadura civil-militar e relações de gênero: Uma análise das experiências de mulheres na guerrilha urbana no eixo Brasília – Goiânia*. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. (Org.). *História Oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos*. São Paulo: Letra e Voz, 2017, págs. 57-75.

³⁴³ Ibidem, pág. 10.

dinâmica “com os homens, e não para os homens”, vistas tanto na participação das leigas e agentes de pastorais nas CEBs, quanto na colaboração de religiosas caminhando em conjunto nos trabalhos da Igreja.

Dito isso, quando as CEBs em Manaus se organizam nas bases fica evidente que não é só a falta de emprego, de escola, de melhores condições de vida da população, mas outros temas também surgem nesse contexto tais como o machismo, a violência contra a mulher, a falta de valorização das mulheres nos trabalhos da Igreja. A necessidade do diálogo inter-religioso e a participação da comunidade na construção de políticas públicas.

2.3.2 “Sair da Paróquia e buscar a periferia”

Relembrando aqui o trabalho de Frei Betto, quando ele diz que “As Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno de uma paróquia (urbana) ou capela (rural), por iniciativa de leigos, padres e bispos”³⁴⁴, percebemos a dimensão do trabalho de transformação que as CEBs empreenderam em Manaus.

Então, quando falamos em transformação, não estamos nos referindo somente à mudança de vertentes teológicas e de estruturas organizacionais, mas, de mudanças nas paisagens da cidade e nas relações sociais. Uma dessas mudanças empreendida pela renovação eclesial pós-concílio do Vaticano II (1962-1965), foi à organização das comunidades e paróquias, descentralizando o serviço de evangelização que antes era somente do padre.

Os leigos transformaram-se em verdadeiros agentes de evangelização, promovendo a formação de pequenos núcleos de catequese³⁴⁵. Esses pequenos núcleos eram formados nas zonas periféricas da cidade, nos locais onde muitas vezes o alcance da paróquia não chegava.

E o termo periferia³⁴⁶ precisa ser pensado aqui não como um local de marginalidade, de segregação social e de distância do centro urbano, mas como um local de convivência, de

³⁴⁴ BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, pág. 16.

³⁴⁵ CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. Documentos da CNBB*, n.25. 2ª ed. Brasília: Edições Paulinas, 1982, pág. 19.

³⁴⁶ DOMINGUES, A. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série**. Porto, vol. 10/11, p. 5-18, 1994. Disponível em: <(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?*>. Acesso em: 19 set. 2009.

experiências e de resistências também, como é o caso da história de Helma Sampaio Aragão³⁴⁷, mais conhecida como professora Helma.

A entrevista aconteceu em sua residência, na sua capela pessoal, construída em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, da qual a narradora é muito devota. Na época da entrevista, Helma tinha 50 anos de idade, e ainda atuava na área da educação como professora de História e também como líder sindical no Sindicato dos Professores e Pedagogos de Manaus (ASPROM). A sua experiência como professora já passou pelos vários níveis, indo da pré-escola e alfabetização até o Ensino Médio.

Ela nos conta que sua vontade de ser professora sempre esteve presente desde criança, suas brincadeiras eram sobre ensinar, contudo, o fator que contribuiu para seguir essa carreira foi sua atuação na Igreja Católica como catequista, o que possibilitou uma maior interação com crianças e jovens. Diz a narradora:

Lá no bairro de Educandos³⁴⁸, foi onde eu morei 27 anos, quando eu tinha 07 anos de idade, eu já comecei na comunidade. Comecei na comunidade, no grupo de canto que se chamava canarinhos de Deus. Então, naquela época eu era uma menina de 07 anos, mas já era engajada no trabalho da liturgia. Mas na época era um grupo de animação de canto dentro da igreja e também fora, porque atuava na comunidade visitando as famílias, quando era aniversário de pessoas idosas e crianças para cantar. Então, foi assim que comecei a minha experiência dentro da Igreja, e depois na minha adolescência eu já comecei com o trabalho de catequese, então muito novinha eu fui catequista de crianças pequeninhas, de 06, 07 anos, 05 anos. Então, muito jovem com 12 anos eu já era catequista e passei a minha vida toda até, então, foram 20 anos dentro da Igreja o tempo todo nessa área da catequese³⁴⁹.

Percebemos até aqui, que a catequese é um dos principais trabalhos de base da Igreja, mas como isso foi possível na experiência de Helma? Bom, ela nos conta que no bairro de Educandos, no decorrer dos anos de 1980, a atuação da catequese dava-se nos locais mais afastados do bairro, em pequenos núcleos longe da paróquia:

³⁴⁷ Entrevista realizada com Helma Sampaio Aragão, no dia 04 de julho de 2018. É casada, tem 01 filha e é professora de História da rede municipal da cidade de Manaus. Atualmente, é coordenadora da Asprom sindical, e coordenadora da comunidade católica de Sta. Luzia, também é animadora de canto, sua atuação nessa comunidade tem mais de 20 anos.

³⁴⁸ Educandos é um bairro do município de Manaus-AM, e é localizado na Zona Sul da cidade.

³⁴⁹ Helma Sampaio Aragão. *As Pastorais Sociais*. Manaus, gravada, 24 de fevereiro de 2018, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Na década de 1980, a catequese era uma catequese que não se dava somente dentro dos muros da Igreja. A catequese se dava no que a gente chamava de núcleos, então, fora da Igreja e em vários locais do bairro, nas fronteiras do bairro em locais afastados da paróquia era que acontecia a catequese. Minha área de atuação era uma rua bem afastada da paróquia, se chamava rua labor e era lá embaixo, inclusive tinha famílias que viviam em torno das drogas, do tráfico mesmo³⁵⁰.

Aquele modelo centralizador da estrutura paroquial tradicional, em que as pessoas tinham que se deslocar até a paróquia foi pouco a pouco sendo deixado para trás, e no caso de Helma, ela via a catequese também como uma forma de tirar muitas crianças que estavam inseridas no mundo do tráfico, visto que a convivência com os traficantes era algo normal naquele bairro:

Inclusive, cheguei a dar catequese dentro da casa de traficante, porque era o espaço que tinha pra dar catequese. Sempre na perspectiva que aquelas crianças pudessem tomar outro rumo que não fosse o tráfico, porque ali os traficantes inclusive protegiam aquelas famílias. Então, as famílias não tinham preconceito com o tráfico, tinham uma convivência boa com os traficantes, e eles inclusive nos acolhiam naquela casa de traficantes. E nós não sabíamos, quando a gente começou a trabalhar lá que nós ficamos sabendo que era uma casa de traficantes, e como eles nos acolheram tão bem nós permanecemos lá³⁵¹.

E ao observarmos a fala de Helma, percebemos quão desafiadora foi essa experiência de uma Igreja em transformação, uma Igreja que se propõe a sair de seus muros e buscar as áreas periféricas do mundo moderno. Ela comenta que o bairro era muito dinâmico no sentido do comércio, principalmente na Av. Leopoldo Peres, pois agregava um grande centro comercial, onde as pessoas trabalhavam na feira da Panair e nas lojas aos arredores. Mas, de todos os problemas observados pela narradora, o que mais lhe chamava atenção era o tráfico de drogas, criando barreiras e separando ainda mais as pessoas deste bairro.

E as barreiras aqui atravessadas não são apenas urbanas, mas as barreiras do preconceito também, pois de acordo com o relato estamos falando de uma área da cidade que era afetada pelo tráfico de drogas, desemprego, violência, falta de saneamento básico, áreas de lazer e mesmo assim

³⁵⁰ Ibidem, pág. 02.

³⁵¹ Ibidem, pág. 11.

Helma que era uma jovem em conjunto com outros jovens não deixou de fazer o trabalho de catequese.

E, segundo ela, o trabalho foi essencial para transformar a vida de muitas crianças, pois ao se envolverem com as atividades da catequese, primeira comunhão e crisma, não seguiam no tráfico de drogas. E hoje essas crianças tornaram-se adultos com família, trabalho e profissões.

Mas, como era esse trabalho de catequese no bairro de Educandos e como era a sua organização? Helma nos conta que a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro³⁵², ficava no alto do bairro de Educandos, e isso contribui para que as pessoas das partes mais afastadas não participassem das atividades da Igreja, pois além da questão geográfica existia também um estigma com relação a essas pessoas:

Então, os catequistas engajados iam até os núcleos, então era uma igreja que se preocupava com os empobrecidos, com as minorias, com os afastados, desprestigiados. Então, era uma Igreja assim que eu atuei, uma igreja preocupada com as crianças, com os jovens. Então, o trabalho era muito fora da Igreja, tinha a catequese, tinha as novenas que faziam nos núcleos, novena do natal em família, natal da campanha da fraternidade, novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Por exemplo, eu sempre morei no alto dos educandos, bem perto da Igreja, mas todo sábado eu me deslocava lá do alto do morro pra baixo pra fazer a catequese, e nós íamos sem medo da violência que ia pra lá³⁵³.

Observa-se como foi colocar em prática as orientações pastorais discutidas e aprovadas desde o Concílio do Vaticano II (1962-1965) e pelas assembleias do CELAM. Por exemplo, no documento conciliar “Sobre o Apostolado dos Leigos”³⁵⁴, a Igreja declara o crescimento massivo da população, bem como o avanço das ciências e tecnologias no mundo moderno, suscitaram para os leigos novos problemas e desafios, tornando-os muito mais críticos e conscientes de seu papel no mundo.

O trabalho do leigo de acordo com o documento, que é o “glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a

³⁵² A paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro fica na Rua Inocêncio de Araújo, no bairro de Educandos.

³⁵³ Helma Sampaio Aragão. *As Pastorais Sociais*. Manaus, gravada, 24 de fevereiro de 2018, pág. 03. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁵⁴ *Apostolicam Actuositatem*. In: COMPÊNDIO VATICANO II. Arquivos da Santa Sé. *Constituições, decretos e declarações*. Disponível em : https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.html Acesso em 05 de Março de 2018.

terra”³⁵⁵, perpassa o local da Igreja e o segue também no seu local de trabalho, na sua família, nas suas relações sociais. E Helma nos conta que sua missão ia além da Igreja, sendo que esse posicionamento também acompanhava muitos jovens nos Grêmios estudantis das escolas estaduais do Bairro como Estelita Tapajós, Machado de Assis e Monteiro de Souza. Mas, na narrativa de Helma fica evidente que todo esse trabalho não seria possível sem a participação de outros sujeitos, principalmente quando lhe questionei como eram os outros atuantes e como eles organizavam o trabalho:

Minha catequese eram 03 moças, eu a Lena e a Neuzimar. Tinha um rapaz que se chamava Máximo, que ele também frequentava conosco, mas geralmente a atuação era de nós três. Três moças que eram responsáveis pela área. E como eu disse tinha 08 núcleos e em cada núcleo tinha um catequista responsável por aqueles núcleos, agora, claro que tinha uns rapazes, mas quem tinha coragem mesmo eram as meninas de participar. Agora, o incrível que eram os jovens, não eram pessoas adultas que participavam dos núcleos, eram os jovens que iam à busca de outros jovens, de outros adolescentes para que eles tivessem uma vida diferenciada né³⁵⁶.

É visível na fala de Helma a complexidade do trabalho organizado por esses jovens do Educandos, principalmente, pela liderança das mulheres, pois eram oito núcleos espalhados pelas áreas mais afastadas do Bairro, sendo que os núcleos iam crescendo conforme a necessidade de ampliação. E além dos núcleos que eram organizados nas periferias, a Paróquia de educandos funcionava como uma estrutura na prestação de serviços à comunidade, em um projeto chamado Instituto de Ordem Social e Educativa – IOSE. Esse projeto consistia em ofertar cursos de bordado, tapeçaria, costura, jardinagem, vaso de cerâmica e bordado aos estudantes depois do horário normal de aula.

Nesse mesmo contexto da década de 1970, Éder Sader³⁵⁷ traz a memória da Operação Periferia que foi iniciada por Dom Paulo Evaristo Arns, em São Paulo, logo após sua ordenação

³⁵⁵ Helma Sampaio Aragão. *As Pastorais Sociais*. Manaus, gravada, 24 de fevereiro de 2018, pág.03. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁵⁶ Ibidem, pág.03.

³⁵⁷ SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo /1970- 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, pág.149.

como cardeal em Roma. O trabalho realizado nessa operação tem muitas semelhanças com o trabalho de Helma empreendido em Manaus.

A Operação Periferia³⁵⁸ contava com aproximadamente 150 leigos em 17 comunidades periféricas de São Paulo, e o seu intuito era criar centros comunitários nos bairros mais carentes, onde a população tivesse um local para atividades de lazer, regularização de documentos, instruções religiosas, alfabetização e semi profissionalização. De acordo com o autor, esse tipo de trabalho empreendido pela Igreja de São Paulo se proliferou por toda a metrópole, pois os cursos de alfabetização eram os mais procurados, principalmente, por envolver os leigos com as necessidades da população local.

E a população que buscava esses cursos tinha a esperança de melhorar o currículo, se capacitar para o mercado de trabalho e “melhorar de vida”³⁵⁹. A memória de Eder Sader sobre a Operação Periferia vai ao encontro da experiência de Helma no bairro de Educandos, quando ela observa que apesar do problema do tráfico de drogas, que até hoje é muito presente, o engajamento dos jovens era muito forte, e não tinha um jovem sem oportunidade de estudar, e que muitos conseguiam ingressar na Universidade em cursos como Medicina, que na época eram cursos “elitizados”.

Mas, de onde esses jovens tiravam tanta coragem e inspiração nesse trabalho? Bom, a narradora comenta que na nas décadas de 1970 e 1980, viveu sob muita influência dos encontros da Pastoral da Juventude e que era comum ela ir aos encontros para discutir sobre os documentos conciliares do Vaticano II, Medellín e Puebla.

Então, foi nesse contexto que eu vivi muito lá no Educandos, nesse contexto que ela (teologia) tem que ser encarnada e temos que viver ao lado do pobre, teologia dos pobres em favor do Deus oprimido, nós falamos muito em “Javé o Deus do povo sofredor”. E nós falávamos muito do êxodo, dum trecho da bíblia que diz assim: eu ouvi, eu vi e descí, é um trecho do êxodo que Deus fala com o seu povo, “eu ouvi a aflição do meu povo, eu vi a aflição do meu povo e descí para acudir-los e ajudá-los”. Então, sempre nessa perspectiva de ouvi o povo, ver e descer junto com o povo lá, então, sempre a gente trabalhava com a metodologia ver- julgar- agir, pois você vê a situação da sociedade que você vive, do mundo que você vive e você julga à luz do evangelho e você age para tentar fazer uma

³⁵⁸ Ibidem, pág. 149.

³⁵⁹ Ibidem, pág. 148.

transformação, tudo em vista do reino de Deus, o Reino de Deus aqui e agora³⁶⁰.

Mais uma vez, é evidenciado o uso do método “ver-julgar-agir” nas experiências de evangelização das CEBs, em uma perspectiva de que o Reino de Deus não é algo distante, mas algo que se constrói coletivamente aqui e agora. Ela comenta que a Igreja Católica no contexto das décadas de 1970 e 1980 realmente acreditava em uma construção do Reino de Deus aqui na Terra, de um país de oportunidades e direitos para todos, com uma democracia forte em todos os aspectos e justiça.

Mas, será que esse Reino de Deus aqui e agora foi abraçado por todos? Helma nos conta que a proposta das CEBs foi muito frutífera na época que atuou na Igreja do Educandos, e até mesmo o Padre Souza, participava das missas nos núcleos, nos batizados e dava suporte aos jovens. É nesse momento da entrevista, que a narradora começa a fazer uma comparação com a sua experiência atual na comunidade Sta. Luzia, na Cidade Nova, quando eu a questionei sobre a sua atuação nos anos 2000 na Igreja. Ela viu que conforme o tempo foi passando todo esse empenho e comprometimento foi se perdendo, principalmente dentro das comunidades e que ela ainda lutava para mudar essa realidade:

As pessoas estão desacreditadas de tudo e de todos, por causa dessa descrença e falta de esperança elas não se comprometem mais, por nada. Então, se eu puder ficar aqui no meu comodismo, aqui no meu mundo, busco a minha segurança e não me importo com o outro, se está sendo morto nos assaltos das ruas, uma criança sendo massacrada, sendo aliciada. Meu sonho é esse, que as pessoas abrissem os olhos e se cada um fizesse ao menos um pouquinho eu acho que daria certo. A luta deve ser constante³⁶¹.

Nesse momento da entrevista, a narradora passa a falar da Igreja com um semblante saudosos, pois tudo aquilo que ela vivenciou nos seus 20 anos de idade no Educandos foi se transformando e a Igreja em sua opinião já não compartilha mais desse sonho. Segundo ela, a proposta das igrejas em núcleos como CEBs fazia com que as pessoas se encontrassem melhor, que se sentissem como parte da celebração e que eram mais acolhidas. Mas, começaram a criticar a Teologia da Libertação,

³⁶⁰ Helma Sampaio Aragão. *As Pastorais Sociais*. Manaus, gravada, 24 de fevereiro de 2018, pág. 04. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁶¹ Ibidem, pág.11.

dizendo que era uma Igreja que se preocupava só com o social e se esquecia da tradição, do louvor e da oração. E nesse contexto, criaram os grupos carismáticos, e para ela, foi nesse período que o trabalho social da Igreja foi se perdendo, pois:

Na época da Teologia da Libertação e das CEBs, eu sinto muita falta, pois eu estou na Igreja e sinto falta da atuação da Igreja em querer se engajar para transformar a sociedade. As pessoas se põem numa postura de não debater porque não querem se comprometer, elas pensam que Igreja é Igreja e política é política³⁶².

A fala de Helma sobre a falta de posicionamento da Igreja no cenário político do país, nos chama atenção sobre o entendimento do que é política para a narradora. Para a narradora a política não está separado do convívio religioso e do cotidiano, na perspectiva das CEBs o discurso não é só político e nem só religioso, o objetivo é dotar as pessoas de um senso crítico por meio de um discurso libertador à luz do evangelho junto à comunidade.

2.3.3 “As nossas sementes eram os círculos bíblicos”

Como observamos até o momento, as ações das comunidades eclesiais de base estão presentes nas celebrações das palavras, festas litúrgicas, novenas e catequeses, mas há algo que também nos chama a atenção na metodologia dessas comunidades, o círculo bíblico.

Na teoria os círculos bíblicos foram inseridos pelo teólogo carmelita Frei Carlos Mesters³⁶³, e são encontros em que seus participantes se reúnem e estudam a palavra de Deus, com uma linguagem visual, acessível, permeada por desenhos, símbolos e folhetos.

Frei Betto³⁶⁴ comenta que é por meio dos círculos bíblicos que a comunidade percebe o comprometimento de Jesus Cristo com a libertação dos homens, pois ao ler e interpretar os evangelhos, parábolas e histórias a comunidade percebe que a bíblia não é só um livro do passado, mas do presente também. É um livro do presente porque ao se comparar as experiências relatadas na bíblia com as experiências vividas pela comunidade, faz com que as pessoas percebam o comprometimento histórico de Deus na libertação de seu povo. É por meio do estudo bíblico que esse mesmo povo enxerga os problemas do mundo e também as soluções.

³⁶² Ibidem, pág.06.

³⁶³ BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 32.

³⁶⁴ Ibidem, pág. 33.

Dito isso, chegamos até o senhor Raimundo Souza dos Santos³⁶⁵, nascido em Manaus, técnico administrativo da UFAM aposentado, casado com Eglantina Brasil, também aposentada do serviço público da área da saúde. Na época da entrevista, ele tinha 73 anos, pai de cinco filhos, sendo três de sangue e dois adotivos, e avô de quatro netos. Mas, como chegamos até ele?

O nome do senhor Raimundo surgiu a partir da entrevista de Areolino Santana, quando me informou que junto com ele sempre estava um senhor que já tinha muita experiência na atuação da Igreja e que também era como “um pai para as CEBs”. Assim como Areolino Santana, Raimundo atuou como coordenador das CEBs logo no início dessa experiência em Manaus.

Raimundo nos concedeu essa entrevista em sua residência. Durante o diálogo, ele nos contou que atuava como coordenador de encontros bíblicos na Paróquia de São Jorge, e por volta dos anos de 1970, foi convidado a participar da 1ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana (APA) e percebeu que as pessoas estavam comentando muito sobre CEBs e começou a se interessar pelo assunto. Diz Raimundo:

Na década de 1970, finais de 69 para 70, a gente começou a trabalhar na Paróquia de São Jorge, nós fazíamos parte dos círculos bíblicos e eu me saí mais e acabaram me colocando na coordenação dos círculos bíblicos. E a gente sempre se reunia e juntava todos os círculos bíblicos de dois e dois meses, que a gente chamava de “grupão”. Então, a gente fazia esse trabalho e bastantes visitas, aí foi quando aconteceu a primeira “APA” e aquelas pessoas que se interessavam pelas comunidades falavam muito das CEBs. Eu comecei - “o que é?”, “como é?”, “pra quê faz”, “pra quem é?”³⁶⁶

A primeira APA aconteceu em 1983, sob a coordenação do Arcebispo Dom Milton Corrêa Pereira, contendo muitos objetivos dentre eles a ação preferencial pelos pobres. Dito isso, como foi observado à primeira APA contribuiu bastante para ativar a curiosidade de Raimundo e de muitos outros leigos que passaram também a questionar a profundidade do trabalho das CEBs em Manaus.

³⁶⁵ A entrevista foi realizada no dia 26 de Abril de 2019, na residência do senhor Raimundo.

³⁶⁶ Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019, pág. 01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Mas, ele observa que passou a entender mesmo sobre o assunto quando participou de um encontro de três dias sobre as comunidades na quadra da Inspetoria do Laura Vicuña³⁶⁷, nesse encontro ele passou a entender e colocar em prática tudo o que aprendeu:

Aí aconteceu em Manaus um encontro, eu não lembro do ano, lá no Laura Vicuña. Você conhece o Laura Vicuña atualmente? Andreza: Não! Raimundo: E foi naquele encontro, o primeiro encontro regional em Manaus, e eu participei e aprendi muito. E quando eu saí dali, acho que foi uns três dias, eu comecei a entender as comunidades eclesiais de base, e comecei a definir a vida, definir os direitos, vida digna e essas coisas. E assim eu comecei a me interessar nas CEBs, mais ainda nos círculos bíblicos e visitando, e buscando, soluções para determinadas situações³⁶⁸.

Nesse momento da entrevista, Raimundo sai do sofá e vai em direção à parte interna da casa e disse que tinha alguns livros que gostaria de mostrar. Dito isso, passamos também a conhecer os lugares dos encontros e de reunião das CEBs, ampliando as fontes e referências sobre o tema.

Ele trouxe vários livros, uns eu já tinha no meu acervo e outros não, e continuou apresentando o seu material que havia guardado em casa do tempo que foi coordenador das CEBs, e nesse momento ele me chama atenção para um livro em especial o relatório do 1º encontro intereclesial das CEBs do Regional Norte 1 (Amazonas e Roraima). .

Ao apontar a capa do livro Raimundo comenta que ele foi o coordenador desse encontro e que tinha muitas recordações, duas histórias para contar, uma história de felicidade e uma de tristeza, mas que ele ia falar primeiro das boas recordações. Continuamos folheando os livros e o questioneei sobre a capa do relatório, se para ele tinha algum significado.

Ele nos disse que a capa do relatório representa todos os trabalhos realizados pelas CEBs e as pessoas que lutam pelo direito dos povos indígenas, dos negros, dos ribeirinhos, dos jovens, dos sem-terra, dos que vivem em situação de rua e o direito das mulheres. E todos esses num contexto

³⁶⁷A inspetoria missionária Laura Vicuña é uma instituição ligada à Igreja Católica de Manaus e que presta serviços de assistência social à comunidade. Está localizada na Av. André Araújo, Petrópolis, Manaus-AM.

³⁶⁸Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019, pág. 01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

amazônico. De acordo com o narrador, participaram desse encontro cerca de 950 pessoas, do dia 19 ao dia 23 de setembro de 2007, com várias programações:

Raimundo: Sim, foi muita gente, tinha gente de todo regional. Então, a gente sempre fazia umas dramatizações e umas coisas assim, e lá nesse encontro do Laura Vicuña formaram os grupos de estudo. E tinha um do qual eu participava e eram dois trabalhos de um grupo só, um grupo era “o que é CEBs?”, o outro era “o que não é CEBs?”. O que é CEBs as celebrações dramatizadas era todo mundo junto, os leigos rezando. O que não é CEBs era um padre que fazia tudo e era um padre que fazia a gente rir, ele fazia assim: em nome do padre, do filho e do espírito santo. Não era em nome do pai, era em nome do padre. Você já viu isso? Na minha época era assim³⁶⁹.

Podemos perceber mais uma vez nas falas acima que os encontros são oportunidades de os leigos mostrarem todo o seu potencial e de realmente participarem das atividades da Igreja, e tudo isso era feito de uma maneira lúdica, com palavras e ações em que todos pudessem entender. O que ele achava mais interessante nesses encontros era essa capacidade criativa dos leigos, que por tanto tempo ficou excluída:

Influenciou geral, e hoje você encontra pessoas que têm aquela certeza que faz parte da Igreja, porque antigamente a gente fazia parte à medida que o padre mandava, tudo o que o padre mandava, hoje não! Hoje as pessoas já sabem que tem o seu papel na Igreja. Surgiu antigamente, e pessoas diziam “a igreja somos nós”, mas era só no falar. Hoje não, as pessoas se sentem Igreja³⁷⁰.

Raimundo acredita que até mesmo as comunidades que não tiveram as experiências de CEBs, também foram beneficiadas por esse modelo de evangelização, com metodologias e celebrações mais abertas e inclusivas, com conselhos comunitários em que os leigos participam, com ações sociais que envolvam toda a comunidade.

Mas, segundo Raimundo o seu trabalho nas CEBs só estava começando, pois ao assumir a coordenação, tanto arquidiocese quanto a do Regional³⁷¹, passava muito tempo nas comunidades,

³⁶⁹ Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019, pág.01 . Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁷⁰ Ibidem, pág. 03.

³⁷¹ Raimundo explicou que as coordenações das CEBs foram divididas em duas, para facilitar o trabalho e a organização dos encontros intereclesiais, ou seja, uma coordenação arquidiocesana (que envolve as comunidades da região

organizando os encontros e estudos bíblicos e que aos finais de semana gostava de descansar em um sítio nas proximidades do município de Iranduba e começou a conversar com a família que morava na localidade:

Lá a gente ficava em casa matando carapanã porque não tinha o que fazer. E começamos a conversar com a família com quem a gente mais lidava, e sobre o trabalho da igreja eles disseram que não tinha trabalho nenhum, disseram que não tinha nem Igreja e muito menos assembleia. Andreza: Nem padre? Raimundo: Nada! Nada! E quando passava era de dez e dez anos³⁷².

Como já apontamos em tópicos anteriores, a ausência de padres e de trabalhos na Igreja é uma realidade bem comum em localidades afastadas da capital Manaus. E de acordo com o Raimundo tudo o que aprendeu sobre as CEBs e sobre a seu papel como leigo nesse contexto, não poderia permitir que isso acontecesse:

Primeiro nós começamos a propor para eles, “senta aí, vamos conversar e tal”, - vamos! Vamos! Aí tinha doze adultos e quinze crianças. E sentamos e conversamos. – Gente! Se formos fazer um trabalho aqui, o que iremos fazer? É isso o que eles querem? É isso o que eles precisam? Eles disseram: seu Raimundo e dona Eglantina, a primeira coisa que vocês têm que fazer é nos ensinar a rezar, porque aqui ninguém sabe rezar. E nós começamos o trabalho, começamos a rezar o terço, tipo círculo bíblico mesmo. Só que eles eram tão estranhos ao tema, que a gente lia o evangelho aí começou a aparecer umas histórias que o boto rasgou a malhadeira de um, aí a gente tinha que moldar esse clima. A gente pegava o tema da malhadeira rasgada, do boto brabo e colocava dentro da reflexão, e íamos fazendo assim³⁷³.

Para poder fazer os círculos bíblicos nesta comunidade ele tinha que contextualizar o evangelho, fazer as pessoas perceberem que a bíblia fazia sentido no cotidiano deles, e não tentar fazer uma dicotomia entre o que é sagrado e o que é profano, sempre respeitando o tempo e o entendimento de cada um.

Contudo, observamos que não é pelo fato dessas pessoas não saberem rezar e não terem uma Igreja, que elas não tinham nenhuma forma de religiosidade e crença. Raimundo comenta que antes

metropolitana de Manaus), e uma coordenação do Regional Norte 1 (que segue a mesma divisão da CNBB, envolvendo as arquidioceses, dioceses e Prelazias do estado do Amazonas e Roraima).

³⁷² Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019, pág. 03. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁷³ Ibidem, pág. 04.

de iniciar o trabalho de catequese e criação de uma comunidade, havia uma tradição de fazer procissões nos dias de santos, com compartilhamento de comida, novenas e danças, e que essa realidade ainda continua.

Mas, de acordo com ele, o que essas pessoas queriam mesmo era fazer parte da Igreja, e o primeiro passo foi identificar o local, se pertencia à região metropolitana de Manaus ou a outra prelaia do estado do Amazonas:

Depois nós começamos a nos preocupar no local que nós estávamos, uns diziam que era Manacapuru, outros diziam que era Iranduba. São duas coisas diferentes, não sei se você sabe, mas se fosse de Iranduba a gente seria da arquidiocese de Manaus, se fosse de Manacapuru seríamos da prelaia de Coari. Então, é muito diferente, mas vamos tentar, conseguimos o telefone dos padres de Iranduba. Liguei pra lá e quem era responsável por aquela parte do interior era o padre Bruno. Agendamos uma reunião e chamamos uma pessoa para se reunir na casa dela e fomos encontrar com o padre Bruno. Aí, ele mostrou que aquela parte onde nós estávamos era Iranduba e falamos pra ele que começamos um trabalho³⁷⁴.

Esse trabalho evidenciado na fala acima teve início no ano de 2005, e depois de fazer o mapeamento e saber a qual arquidiocese pertencia a comunidade, a outra preocupação seria o local onde essa Igreja seria construída. Ela foi construída em uma localidade conhecida como Lago do Acajatuba³⁷⁵, e o nome da comunidade seria Sta. Maria, pois de acordo com o narrador era costume dos mais velhos fazer novenas e “rezas” no mês de maio que é considerado o mês de Maria, mãe de Jesus.

O primeiro local da Igreja foi fruto de uma doação e a partir daí outras comunidades foram surgindo nesse trabalho organizado por Raimundo, sua esposa do Eglantina e outros leigos e padres que começaram na caminhada desse projeto:

Em 2005, nós fizemos as comunidades, eles doaram um pedaço da terra pra Igreja, o homem foi lá assinar tudinho e fizemos um barraco coberto de palha. E depois fizemos um de alvenaria e está até hoje. E foi surgindo. Chegou o padre André, que nessa época era o padre Bruno e o padre João. Depois chegou o padre André e dividiram o Cacao Pirera que fazia parte da paróquia de São João Batista, e passou a ser área missionária de Nossa Senhora de Aparecida. E o padre André assumiu a área missionária, e criou muitas comunidades por lá, pois éramos seis comunidades, agora são cinco,

³⁷⁴ Ibidem, pág. 04.

³⁷⁵ A comunidade fica no lago do Acajatuba, entre os municípios de Iranduba e Manacapuru. As localidades onde Raimundo coordenava os trabalhos ficam no Lago do Acajatuba, Paraná do Tiririca e Lago do Ubim, todas no interior do estado do Amazonas.

uma porque venderam o terreno e transformou a Igreja num galinheiro (risos)³⁷⁶.

De acordo com Raimundo, o primeiro grande trabalho depois da construção da Igreja foi à organização da primeira eucaristia, crisma e batizado dos leigos, pois, de acordo com ele, não tinha nenhum casal com o sacramento do casamento:

O nosso primeiro grande trabalho lá foi o batizado. Tanta gente querendo um batizado, tinha gente com 14 e 15 anos. Então, foram 28 batizados, e foi uma coisa incrível, porque saía gente de tudo quanto era canto. Nós fizemos a preparação e levamos até uma irmã pra ajudar a gente lá. Então, fizemos três encontros com ela falando sobre o batismo e a Igreja, falando como ser cristão em si, deu bastante gente. A gente achava que era só por curiosidade, mas não era não, eles queriam ser batizados mesmo. Foram 28 de batizados³⁷⁷.

Nesse contexto, foram batizadas 28 pessoas de todas as idades, desde recém-nascidos até pessoas mais idosas. E, nesse momento da entrevista, Raimundo fica muito emocionado, pois lhe surpreendeu a força de vontade daquelas pessoas, visto que a dinâmica do local é bem diferente da realidade da cidade grande. De acordo com ele, a Igreja foi construída perto do rio e quando está no período da vazante dá para ir andando, mas no período de cheia fica tudo alagado e as pessoas tem que se locomover de canoa ou barco, e mesmo assim vieram pessoas de “todos os cantos”.

Segundo o narrador, era um templo bem simples, com acomodações de madeira, sem bancos, desafios que fizeram aumentar ainda mais o seu interesse pelas comunidades do interior. Ele menciona que esse interesse surgiu de sua experiência nas CEBs, pois ao visitar as periferias em Manaus conseguia enxergar as necessidades das pessoas.

Além de seu trabalho nas comunidades do interior, o Sr. Raimundo tinha simultaneamente um trabalho na Área Missionária Santa. Mônica, comunidade de Nossa Senhora de

³⁷⁶ Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de abril de 2019, pág. 04. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁷⁷ Ibidem, pág. 05.

Guadalupe³⁷⁸ em Manaus com uma turma de Crisma. Diante dessa situação, ele teve que priorizar os trabalhos:

Então, eu avisei a comunidade que ia só concluir a turma de crisma, porque ano que vem eu ia assumir o meu trabalho lá na Santa Maria. E a coordenadora disse: é bonito né, preferindo a Santa Maria do que a Guadalupe. Eu disse: olha! Eu participo de igreja há muito tempo, eu estive há muito tempo nas CEBs, e lá a gente aprende uma coisa: primeiro, trabalhe na comunidade onde você mora, e mais na frente a gente aprende a trabalhar onde a necessidade for maior. Aqui em Manaus tem muita gente que pode, mas não quer e lá tem muita gente que quer, mas não pode. Então, minha necessidade é aquela comunidade, pois são tão cristãos quanto nós, são tão carentes da palavra e eles não têm o que nós temos aqui. Aqui nós temos missa todos os domingos, e se não tiver tem bem ali e lá não tem³⁷⁹.

Como podemos observar na fala acima, a escolha de Raimundo em priorizar os trabalhos do interior lhe renderam algumas críticas, mas era necessário, pois em Manaus havia muita gente que pudesse lhe substituir e na comunidade de Santa Maria não havia essa disponibilidade. Dito isso, o próximo trabalho no Lago do Acajutuba foi organizar a 1ª Eucaristia com os jovens. O primeiro passo foi confeccionar as camisas, ensaiar as músicas e preparar o local da celebração.

O narrador observa que durante a organização da 1ª eucaristia, houve um esforço mútuo dos moradores da comunidade do Lago do Acajutuba em melhorar a estrutura do templo, substituindo as cadeiras de plástico pelos bancos de madeira, bem como a substituição das tábuas de madeira pela alvenaria. E, conforme os trabalhos iam sendo realizados outras demandas surgiam, mas tinha muita dedicação em coordenar, pois contava com a ajuda de sua esposa e dos leigos da comunidade de Santa. Maria do Acajutuba, sendo que a maioria eram as mulheres:

Então, quando a gente fez a primeira eucaristia da moçada, as mães chegaram e disseram: "Seu Raimundo, eu chorei tanto de felicidade, eu achei tão bonito de ver a minha filha fazendo a primeira eucaristia, eu tinha tanta vontade. Eu não consegui fazer, mas graças a Deus a minha filha fez. Eu te agradeço tanto seu Raimundo, mas se eu pudesse fazer eu fazia". Não tem nenhum casal casado lá. Quando eu cheguei lá e eu brinco muito sabe e disse: gente, o padre João autorizou a fazer a primeira eucaristia da "velharada". (risos) Aí

³⁷⁸ A comunidade de Nossa Senhora de Guadalupe está localizada na rua Prof. Manuel Belém, Bairro Manôa, Zona Norte de Manaus.

³⁷⁹ Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019, pág.07. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

eles se animaram, e não é que fizeram? Só as adultas, não tinha homem não, só era a mulherada³⁸⁰.

Para Raimundo as mulheres são fundamentais na organização das comunidades eclesiais de base, porque é no trabalho comunitário que elas exercem as habilidades de liderança, coordenação e organização com autonomia, habilidades que só eram conferidas aos homens. E que a maioria das ações que realizou no município de Iranduba, só foram possíveis pela grande participação de leigas e de sua esposa.

Diante disso, os trabalhos seguiram e Raimundo passou a orientar várias pessoas dessa localidade para assumir o seu lugar como coordenador da comunidade de Santa Maria, pois está quase deixando esse trabalho por motivos de saúde. Nesse momento da entrevista, o narrador fica em silêncio e começa a recordar as lembranças que de acordo com ele é a “parte ruim” da história. A primeira recordação ruim que teve de sua atuação nas CEBs foi a sua condição de saúde, que o impedia de continuar participando ativamente:

Então, as pessoas chamam a gente, e quando eu faço uma coisa eu gosto de fazer bem feito. E eu não aguento mais passar um dia em um encontro, imagina três como nós passávamos. Porque também eu tenho problema de coluna, dói minha coluna, não qualquer cadeira que eu consiga ficar, por exemplo, essa daí (apontou para a cadeira de plástico) eu fico nas últimas. Então, fica chato eu ir para uma palestra e eu ficar levantando e essas coisas assim. Então, são 73 anos de batalha³⁸¹.

Raimundo acredita que muitos dos seus problemas de saúde vieram da idade, pois já tinha 73 anos, mas outros problemas como hipertensão e gastrite foram consequências de muito estresse e preocupação quando foi coordenador das CEBs:

Então, as CEBs me trouxeram tudo isso também, por exemplo, quando a gente preparava o 11º encontro, muita coisa eu já peguei encaminhada, mas o 10º, 11º e o 12º eu ajudei totalmente. Andreza: Os anos que o senhor foi o coordenador? Raimundo: Sim, do Regional (pensativo). Teve muita gente que ajudou, mas teve muita gente que (silêncio). Esse meu problema de hipertensão nasceu lá. Era muito trabalho, fizeram muita coisa comigo lá, falsificaram a minha assinatura. O Dom Luís me tinha como uma pessoa excelente, eles fizeram o Dom Luís ficar com raiva de mim, fazendo pedidos absurdos, quando ele via a minha assinatura achava que era eu. E um monte de coisas assim³⁸².

³⁸⁰ Ibidem, pág. 08.

³⁸¹ Ibidem, pág. 09.

³⁸² Ibidem, pág. 09.

Analisando as falas acima, podemos apontar uma transformação nas relações desses sujeitos, não se esquecendo de evidenciar também os conflitos e ambiguidades que permeiam seus modos de vida como as dificuldades financeiras, doenças e desentendimentos entre os participantes.

Para o narrador, existiam muitas pessoas que não eram confiáveis, principalmente, quando envolviam os incentivos financeiros de instituições católicas para custear os encontros das CEBs, mas depois ele como coordenador deveria prestar contas para que no próximo encontro fosse disponibilizado novamente:

A gente tinha uns projetos, com a *Adveniat*³⁸³ e com a Conferência americana. Bom, a gente pegava de um ou de outro, pegava o dinheiro para custear os encontros né. Eu prestava contas direitinho, e o Orlando que trabalhava comigo era muito fiel, então nós nunca tivemos problemas. Agora, eles começaram a fazer tantas coisas, e essa é a parte triste que eu te falei, começaram a fazer tantas coisas. Fazíamos uns projetos doidos, por exemplo , pediram 600 quilogramas de carne. Aí, usaram minha assinatura enquanto durou, e o Dom Luís via isso e dizia que eu só podia tá doido³⁸⁴.

Raimundo comenta que a falsificação de sua assinatura lhe trouxe problemas muito maiores do que a compra de 600 quilogramas de carne, alugaram ônibus e locais em seu nome. E na época ele não entendia o porquê de as pessoas fazerem isso com ele, mas depois com o tempo percebeu que era por conta do dinheiro envolvido:

E muita confusão pra resolver. Foi aí que o Dom Luís ficou com raiva de mim, ficou chateado comigo e eu não sei se ele sabe que era a minha assinatura que estava falsificada. Andreza: O senhor acha que isso era pessoal ou só era pra desarticular as CEBs? Raimundo: Não, era por conta do dinheiro que a gente recebia, por causa do dinheiro. É triste, mas é a verdade³⁸⁵.

Nesse contexto da entrevista, pedimos para que o narrador identificasse o nome dessas pessoas, mas ao contar essa parte de sua história mexia muito com o seu emocional e então,

³⁸³ *Adveniat* é uma obra de caridade dos católicos da Alemanha para os povos latino americanos e caribenhos. Cf: *Adveniat* . Acesso em 28 de novembro de 2022.

³⁸⁴ Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de abril de 2019, pág.10. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

³⁸⁵ *Ibidem*, pág. 10.

respeitamos o silêncio da narrativa. Mas, apesar desses problemas, ele comenta que foi um período muito bom de sua atuação, pois como coordenador das CEBs em Manaus pôde participar dos encontros de Roraima, Coari, Manacapuru e Belém, além de conviver com muitas pessoas.

Além do convívio com pessoas de vários lugares e intereclesiais, o trabalho como coordenador o possibilitou que organizasse uma sala bem equipada no CEFAM, com livros, um computador e um aparelho de fax para se comunicarem melhor e adiantar os trabalhos. Todos esses recursos eram arrecadados e passavam pela prestação de contas.

Nesse contexto comentado pelo narrador Raimundo dos Santos, percebemos que a sua rotina na atuação das CEBs era bem agitada, pois tinha as responsabilidades como coordenador e secretário das CEBs em Manaus, ao mesmo tempo contribuía na organização das comunidades do interior.

E além dessas dificuldades aqui expostas, o Sr. Raimundo comenta que logo no início havia a resistência desses trabalhos promovidos pelas CEBs na própria Igreja, mas apesar de tudo isso, ele tinha uma lembrança que lhe trazia grande felicidade:

Andreza, o trabalho da Igreja é meio complicado às vezes. Quando nós estávamos iniciando o trabalho das CEBs ainda, que a nossa semente era os círculos bíblicos. Quando nós chegamos para realizar o círculo bíblico numa casa à noite, aí tinha um cidadão sentado lá fora, só de calção e molhado. Ele era irmão da dona da casa onde a gente ia fazer. – Aí eu disse: Quem é esse aí dona Nete? – É o Manuel, meu irmão. A mulher o colocou pra fora de casa e só fez jogar as roupas dele dentro de uma sacola e jogou, daí choveu e molhou tudo e ele ficou sentado lá na frente³⁸⁶.

Antes de começar o círculo bíblico, Raimundo chama o Manuel para participar do encontro, mesmo com ele todo sujo e sem camisa. Para o narrador, seria inadmissível ele deixar uma pessoa jogada do lado de fora da casa enquanto eles falavam da palavra de Deus, sendo este trabalho uma semente na atuação das CEBs, essa experiência transformou a vida desse rapaz:

– Manuel? Vem pra cá participar. – Não! Não! Seu Raimundo estou sem camisa. – Vem assim mesmo, na próxima semana você veste uma camisa, mas agora vem do jeito que tu estás. Aí ele veio, participou, falou umas coisas e aí ele ficou com a gente. Ele parou de beber, passou a ir para as

³⁸⁶ Ibidem, pág. 16.

missas com as filhas dela, arranhou outra mulher, arranhou trabalho, construiu a casa dele, virou um homem de bem³⁸⁷.

Dito isso, a lembrança feliz de Raimundo está vinculada a grande mudança que pôde realizar na vida das pessoas com o seu trabalho nos círculos bíblicos tanto na cidade quanto no interior, principalmente o caso de Manuel, que ao participar desses encontros parou de beber e conseguiu reestruturar sua vida.

E mesmo afastado dessa atuação, as sementes espalhadas por Raimundo através de seu trabalho nos círculos bíblicos foram semeadas, algumas lhe renderam bons frutos como é caso das comunidades do interior e dos encontros intereclesiais dos quais foi coordenador, outras sementes “foram lançadas em pedras”³⁸⁸, não lhe rendendo bons frutos e deixando marcas em sua vida.

³⁸⁷ Ibidem, pág. 16.

³⁸⁸ Referência a parábola de Jesus do semeador (MT 13, 18- 23).CF: ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

CAPÍTULO III - CONSTRUINDO O “REINO DE DEUS EM MUTIRÃO”: A LIBERTAÇÃO COMO RESISTÊNCIA NA CIDADE

Engraçado porque depois, eles sabiam. As autoridades sabiam que quando a gente entrava na terra a gente não saia. Quando nós ocupávamos uma área, não era ao léu. E no meu tempo eu tenho certeza que a maioria das ocupações no Brasil não eram iguais às nossas. E o que tá na frente de tudo isso? Cristo, Jesus. E se você não faz com ele, não ganha mesmo. E tudo o que nós fazemos é através da oração, da meditação, do libertador³⁸⁹.

Com o presente capítulo buscaremos alcançar outro objetivo traçado por este trabalho de pesquisa, qual seja o de perceber a construção e a organização de movimentos sociais, projetos alternativos de sociedade e na articulação política de suas ações na cidade, a partir de perspectivas pastorais da Teologia da Libertação.

Esta dimensão de transformação social da cidade a partir de diálogos entre fé e política, foi trazida pelas narrativas orais, quando observamos que a atuação desses narradores transcendia o campo religioso das comunidades católicas e passavam a transformar a cidade com as suas demandas.

Nisto, ficou evidente que as demandas são diferentes, como moradia, terra, lazer, qualificação profissional, pavimentação asfáltica, água encanada, luz elétrica, escola, creches, rádios comunitárias e associações de moradores.

3.1. Irmã Helena, uma liderança negra e religiosa na luta pela terra

³⁸⁹ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 04 de julho de 2018, pág. 06. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Irmã Helena, a quem conhecia, antes da presente pesquisa, apenas pelas suas fotografias em reportagens do jornal A Crítica de Manaus dos anos 1980, e a partir da narrativa de outras pessoas, mostra ao narrar sua trajetória de vida esse diálogo entre prática de transformação social e fé.

E a partir disso, quando passei a estudar e pesquisar sobre sua vida, tive como suporte teórico a obra de Walter Benjamin, sobretudo quando esse autor lembra que “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador”³⁹⁰.

Faço esta observação, pois quando pensamos a história da cidade de Manaus, fala-se muito pouco sobre a atuação de Irmã Helena na criação dos bairros, das comunidades. Muitas vezes, pergunto aos alunos do ensino básico e muitos não sabem quem é essa religiosa.

Então, como cheguei à Irmã Helena? Conheci a irmã Helena pessoalmente quando estava procurando o endereço certo da Associação das Adoradoras do Sangue de Cristo. Não tinha certeza do seu paradeiro, muitos diziam que não estava no Brasil e alguns achavam que ela já tinha morrido.

Dessa forma, procurei a congregação para conversar com alguém sobre isso, e coletar alguma informação. A Associação das Adoradoras do Sangue de Cristo fica nos fundos do colégio particular Preciosíssimo Sangue, na Av. Constantino Nery, bairro São Geraldo, região centro-sul de Manaus. Fui ao colégio e conversei com a coordenadora do local.

Ela me levou até uma casa nos fundos do colégio, edificação que traz a inscrição “casa de Nazaré”. O local é utilizado pelas freiras idosas da associação, onde recebem acompanhamento nutricional e médico.

Nesse dia, conheci Irmã Helena, bem idosa e sempre muito falante. Interessante que ao chegar à portaria do colégio, no momento em que me identifiquei à equipe de segurança, fui avisada de que o que eu estava fazendo era perda de tempo, pois, segundo a percepção daqueles profissionais, Irmã Helena já estaria “gagá”.

O trabalho de Ecléa Bosi “Memória e Sociedade: lembranças de Velhos”³⁹¹, é muito pertinente na trajetória de problematizações enfrentadas nesta pesquisa, pois traz justamente a reflexão sobre a importância de se revalorizar as memórias dos idosos, que na maioria das vezes são excluídos e ignorados.

Sendo assim, conversei com Irmã Helena, falei sobre a minha pesquisa e pedi permissão

³⁹⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1, 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.244.

³⁹¹ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

para retornar outro dia, a fim de dialogarmos na hora marcada que lhe parecesse mais conveniente. Ela me disse, já nessa oportunidade, que ficava muito triste quando alguém a procurava para uma entrevista e desaparecia.

Assim como os demais narradores deste trabalho, também firmei um compromisso com a irmã Helena³⁹² de manter uma relação com ela que prevê o retorno com o material transcrito para sua verificação e aprovação.

No dia 04 de julho de 2018, retornei à associação para a entrevista. Fiquei acomodada na sala de visitas, que era utilizada também para as orações matinais das Irmãs. Irmã Helena trouxe duas pastas com jornais, documentos oficiais da congregação, listas com os nomes de pessoas e fotografias para eu dar uma “olhada”, pois que não emprestava a valiosa documentação com o receio de que não a devolvessem.

Além dessas pastas, Irmã Helena foi caminhando com um pouco de dificuldade pelas salas da Associação, conhecemos a biblioteca que é também utilizada como uma pequena enfermaria para o preparo dos remédios das outras moradoras da casa. Conhecemos a cozinha, a sala de jantar e as cuidadoras, bem como o seu quarto, com muitos livros e imagens de santos católicos.

No decorrer do diálogo, quando nos contava sobre o cotidiano das ocupações, ficam evidenciadas restrições pelas quais fala pouco de sua família.

Diz Irmã Helena:

É porque nós damos terra para os pobres. Eu sou assistente social e tudo, e geralmente a gente estuda muita coisa assim. E sempre voltada para os problemas dos pobres, eu sou de família pobre, sofredora, vi meu pai ser morto pela polícia, por isso não sou muito amante de polícia³⁹³.

Irmã Helena contou também que acabara de perder a sua Irmã, e que a minha aparência fazia lembrar muito dela e por isso algumas lembranças precisariam ficar em silêncio. O silêncio no decorrer da entrevista também é importante, como nos lembra Alessandro Portelli: “talvez a coisa mais importante que eu aprendi seja a arte da escuta e o respeito às motivações e prioridades

³⁹² Nas visitas posteriores, Irmã Helena já se encontrava bastante debilitada em decorrência de problemas de saúde, por isso não há fotografias da narradora, mas sempre estava muito bem tratada pelas irmãs e cuidadoras da Casa de Nazaré. Ela faleceu no dia 13 de junho de 2022, aos 88 anos de idade.

³⁹³ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 04 de julho de 2018, pág. 01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

das outras pessoas”³⁹⁴.

A história oral, como arte da escuta, que não dicotomiza o ouvir do falar, pensa também os silêncios como um problema histórico.

A trajetória de vida dessa religiosa, evidenciada em sua fala, é permeada por múltiplas dimensões de resistência e repressão pela ditadura militar (1964-1985) e seu após. Sendo que, muitas ameaças foram feitas à irmã Helena³⁹⁵, fazendo com que a religiosa sentisse vontade de sair do país. Ela passou então mais de 05 anos no Guiné-Bissau, retornando para o Brasil apenas em 2003, em Santarém (PA) e, posteriormente em Manacapuru (AM), em 2009³⁹⁶.

Mas a irmã Helena se arrependeu de ter saído do Brasil naquele momento. E, reavaliando a terrível conjuntura enfrentada naquele contexto, pensa que seria melhor ter ficado, mesmo que isso a levasse à morte, pois todo o seu trabalho de criar e acompanhar as comunidades foi desarticulado com o exílio imposto.

Ao longo da entrevista, Irmã Helena foi me mostrando como cada ocupação era organizada, os nomes das ocupações, como escolheram esses nomes. Ela tinha um arquivo pessoal com as informações das comunidades formadas a partir do seu trabalho no movimento de ocupação e com alguns retratos, pois de acordo com ela facilitava quando alguém a procurava para conversar sobre esse assunto.

Olhando a pasta, foi possível observar que a narradora estava envolvida em muitos trabalhos desde 1951, como freira, professora e assistente social, mas foi na década de 1970, que começou a liderar os movimentos de ocupação em Manaus. De acordo com o pesquisador Ronald Seixas³⁹⁷, sua atuação começou com a ajuda aos presos na delegacia do Santo Antônio³⁹⁸, bem como, no acompanhamento nos abrigos de famílias que eram despejadas.

Mas, de onde vinha essa vontade de liderar e promover políticas de ocupação de terra na cidade de Manaus? No decorrer do diálogo, ela menciona que como religiosa não ia permitir que os pobres morassem nas ruas, debaixo de pontes e viadutos, principalmente, as crianças.

³⁹⁴ PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Arte da Escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

³⁹⁵ Cf. Peia na Irmã Helena: Irmã Helena, ao lado dos invasores de terras, que foram reprimidos pela polícia, explica suas razões. A Crítica, Manaus, 16 de julho de 1988, manchete.

³⁹⁶ SEIXAS, Ronald. *Irmã Helena Augusta: a mãe dos sem teto*. In. _____. SILVEIRA, Cristiane; WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, pág. 84.

³⁹⁷ Ibidem, pág. 79.

³⁹⁸ Bairro da Zona Oeste de Manaus.

Diz Irmã Helena:

Então nós começamos este trabalho, e neste trabalho nós tínhamos que preparar o povo. E qual foi o nosso objetivo? Eu sou uma religiosa, Cristo não ia permitir que os pobres morassem na miséria e no barro e tudo. Isso foi uma das primeiras coisas que nós fizemos. Dar ao jovem e às famílias o que ele merece. Então, nessa época eu fui morar na Compensa, não sei se você ouviu falar na Compensa. Lá na Compensa nós tínhamos um grupo de jovens, e fazíamos reuniões na Igreja do Perpétuo Socorro³⁹⁹.

Ao analisarmos a fala da Irmã Helena, podemos destacar a preocupação da religiosa em organizar “o povo” e preparar as famílias. Mas, como funcionava essa preparação? De acordo com ela, quando foi morar nesse bairro passou a fazer parte da Comissão Intercomunitária de Defesa da Compensa, e o primeiro passo era dividir os ocupantes em grupos de 50 pessoas. Esses grupos tinham a responsabilidade de ajudar um ao outro dentro da ocupação, sempre baseado no trabalho em conjunto.

Após a organização das equipes, o próximo passo era fazer as visitas às famílias que realmente estavam precisando da terra, das quais recebiam um cartão, representando a participação nas reuniões bíblicas e catequese com as crianças e jovens, como observa o pesquisador Ronald Seixas:

Para receber os lotes, as famílias passavam por uma série de reuniões coordenadas por essa religiosa. Antes, porém, a equipe da líder fazia visitas às famílias, para constatar as informações prestadas e se eles realmente precisavam da terra. Um filtro inicial que inviabilizou muitos oportunistas de se aproveitarem. Após essa etapa, a família era cadastrada e recebia a ficha para participar das reuniões, na qual era orientada para ocupar a terra⁴⁰⁰.

Tudo era bem organizado, Irmã Helena acompanhou todo o processo de conquista da terra, desde os primeiros barracos até a demarcação dos lotes pelo Instituto de Terras do Amazonas (ITERAM). E, de acordo com ela, essa organização e seriedade eram o diferencial de suas ocupações, pois havia todo um mapeamento do terreno e das famílias que iam ocupar, como diz Irmã Helena:

³⁹⁹ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 04 de julho de 2018, pág. 02. Entrevista concedida a Andrezza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁰⁰ SEIXAS, Ronald. *Irmã Helena Augusta: a mãe dos sem teto*. In: _____. SILVEIRA, Cristiane; WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, pág. 82.

Por exemplo, quando nós fomos ocupar Zumbi dos Palmares, as terras eram de quem? Do Gilberto Mestrinho⁴⁰¹ e tudo. Mas era deles? Não! É do povo, é da Pátria, é do Território. Não é dele. Eles que realmente invadem, eles são os invasores e não nós, eles sabem disso. Então, nos preparávamos de tal maneira que quando entrasse não era pra sair. Eles ficavam tão entusiasmados que quando nós íamos ocupar, era meia-noite, não tinha um horário assim certo, e era pra ocupar e ficar. Quando o povo dizia a “a irmã Helena tá no meio”, Pronto! Ficavam tristes, então, muitos desses grileiros “eles são chamados de grileiros” eles perdiam quando a multidão ocupava, não eram só 100 pessoas, eram 500, 1000. Cada um já levava sua casinha, sua casinha nas costas⁴⁰².

Além disso, a fala evidencia também uma grande mobilização de pessoas nessas ocupações, tais como mutirões de limpeza e de construção dos barracos, então, a questioneei como era possível organizar tantas pessoas, e como essas pessoas se comportavam em uma ação da polícia.

As táticas de sobrevivência e articulação nos movimentos de ocupação liderados por Irmã Helena eram diversificadas, mas sempre pautadas na disciplina, no amor ao próximo e nos valores cristãos. O primeiro passo mais importante era preparar “o povo”, fazendo reuniões, estudos de catequese, pois, de acordo com ela, não aceitava a violência e nem a venda dos lotes.

E, além das visitas e reuniões com as famílias, havia uma distribuição de cartões representando o comprometimento de cada um. A narradora cita também que sempre fazia orações e cantava louvores antes de iniciar efetivamente uma ocupação de terra, demonstrando que a causa era pacífica. Mas, havia outra tática que ajudava na organização, nas reuniões, nos mutirões e até mesmo nas ações policiais: o apito.

Quando a questioneei sobre o uso do apito, a narradora mostrou-me uma revista com o título

⁴⁰¹ Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1928- 2009) foi um político amazonense que exerceu vários mandatos de governador do Amazonas dos anos de 1959 até 1995.

⁴⁰² Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 04 de julho de 2018, pág.05. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

“Irmã Helena e a luta pela Terra: minha casa, minha vida, programa ou enrolação?”⁴⁰³. Ela nos contou que como assistente social não poderia deixar de criticar a falta de organização e ausência de políticas públicas de habitação no estado. Posto isso, ela explicou que o uso do apito era necessário, pois era uma forma de organizar uma grande quantidade de pessoas, sem gritaria e sem bagunça.

Diz Irmã Helena:

As autoridades sabiam que quando a gente entrava na terra, a gente não saia. Então, eles tinham um pavor porque não podiam matar quinhentas, mil pessoas. Não podiam atirar. Nós fazíamos tudo debaixo das árvores. Os helicópteros tudo isso voavam para procurar onde nós nos reuníamos e fazíamos. Até a polícia dizia: Esse povo obedece a essa irmã que nem os nossos policiais me obedecem. Porque você já pensou? Pra mil pessoas se reunirem? – “Cuidado! Que a polícia vem aí.” Não! Era assim não! Era em silêncio mesmo. Era no apito⁴⁰⁴.

A narradora comenta que para não virar bagunça somente ela fazia uso do apito, e que cada silvo emitido tinha um significado diferente, por exemplo, três silvos longos seguidos indicava a entrada dos ocupantes no terreno a ser ocupado ou para se reunirem. Em situações de perigo, eram silvos curtos e rápidos, representando que os ocupantes precisavam manter a atenção, caso precisassem se esconder ou correr.

Mesmo a violência sendo algo inaceitável dentro das ocupações lideradas por essa religiosa, os confrontos com as forças policiais e autoridades do governo eram quase inevitáveis, principalmente, quando o alvo principal era Irmã Helena.

É importante pontuar, que depois de algumas visitas à associação, aquele silêncio sobre algumas memórias de sua vida foi sendo deixado de lado e a narradora ficou mais à vontade para falar de suas experiências na prisão e de como escapou da morte algumas vezes.

Diz Irmã Helena:

Sim, já fui presa quatro vezes. Fui pra cadeia, eu sei o que é cadeia, eu sei o que é isso né. O Gilberto Mestrinho que Deus o tenha, ele fazia tudo para me matar, foi com o bispo e disse que ia me matar mesmo. Sabe o que eles faziam? Iam tirar os pobrezinhos da terra depois que chegava atrasado o

⁴⁰³ Revista publicada pelo Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental, em cadernos populares, no dia 01 de Julho de 2009.

⁴⁰⁴ Ibidem, pág. 06.

dono da terra. Eles corriam lá comigo. E agora irmã, o que nós vamos fazer? A polícia diz que vai derrubar as nossas casas. A é arruma um caminhão, põe 50 pessoas, vocês já lá na prefeitura e não perguntem, não é pra dizer o que é. E pra falar com o prefeito e acabou-se a história. Agora, de repente lá na prefeitura desceram 50 homens e abriram a porta, nem a polícia deu tempo de se defender⁴⁰⁵.

É evidente na fala da narradora que esse trabalho de ocupar e doar lotes de terras às famílias lhe rendeu muitas juras de morte e perseguições. Ela comenta que em muitas ocasiões de prisões que passou, alguns policiais se negavam a prendê-la, sendo que muitos também eram beneficiados com esses movimentos de ocupação. Esses policiais foram punidos por essa desobediência, em contrapartida, outros se aproveitavam para lhe bater, mesmo sendo uma freira⁴⁰⁶. Em sua concepção, não importava a denominação religiosa, a idade ou a profissão, o importante era se comprometer, entrar na terra e permanecer.

Mas, em sua memória houve uma tentativa de assassinato à sua pessoa que lhe marcou muito e que a fez refletir sobre uma possível saída do país. Foi durante a Campanha da Fraternidade de 1987, quando receberam doações de madeira, telhas e alimentos. Contudo, foram surpreendidos pela polícia. Diz Irmã Helena:

Então, nessa campanha da fraternidade nós ganhamos madeira e tudo isso. E calhou naquele ano, na campanha do menor, um menor foi morto. A bala era pra mim e aí me defenderam e não defenderam o garoto de 12 anos. O nome dele era Altenor Cavalcante. Esse Altenor Cavalcante, ele o tempo todo do meu lado – “irmã eu quero receber terra, o papai e a mamãe tá precisando de terra”, e eu “olha estão na lista vocês”, e ele o tempo todo do meu lado né, -não te preocupa que o teu nome tá aí⁴⁰⁷.

Essa memória foi a mais marcante, pois sabia que aquela bala não era para Altenor Cavalcante, visto que, tanto as ameaças quanto às tentativas de morte à sua pessoa eram muitas. E

⁴⁰⁵ Ibidem, pág.08.

⁴⁰⁶ Cf: Invasão da Ponta Negra: Juiz ouviu a Freira que passou cinco horas no Xadrez do 5º DIP. A Crítica, Manaus, 25 de outubro de 1985, caderno policial. Violência: Irmã Helena é colocada na cadeia às tapas. A Crítica, Manaus, 28 de setembro de 1987, Caderno policial; Esquadrão da Morte quer executar Juíza e Irmã Helena. A Crítica, Manaus, 28 de outubro de 1987, Manchete; Irmã Helena continua livre e os tratores não impedem a invasão. A Crítica, Manaus, 31 de outubro de 1985.

⁴⁰⁷ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 10 de julho de 2018, pág.02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

depois do ocorrido, passou a ter mais cuidado, principalmente quando havia confrontos com a polícia. A narradora comenta que uma das formas de evitar mortes era reunir grupos de homens, com mais de 50 pessoas para pressionar a prefeitura⁴⁰⁸ e os demais órgãos responsáveis.

Em algumas ocasiões eram só os homens que participavam dessas manifestações, pois as mulheres ficavam nas ocupações, cuidando das crianças e vigiando as movimentações dos barracos. E observando os retratos e dialogando com a religiosa, a questioneei se houve uma ocupação que foi muito marcante em sua experiência e como eles construíam os barracos, como essas ocupações se transformaram nesses bairros de hoje.

Diz Irmã Helena:

Tinha uma técnica pra isso; você sabe como a gente fazia? Era os meus passos 1, 2, 3, 4, eram 10. 10 passos já era uma casa de 20 metros, nós não dávamos terreno pequenininho que eles davam né. Você já ouviu falar da Terra Nova? Terra Nova recebeu o nome de terra para que as pessoas pudessem plantar, criar e tudo isso. Novo Israel, tudo isso não existia antes, tudo isso nós fizemos⁴⁰⁹.

Irmã Helena sempre teve preocupação ao ocupar uma terra em deixar um local reservado para a escola, posto de saúde e a Igreja. E como podemos observar na narrativa acima, os lotes dessas ocupações eram grandes, pois em sua concepção os moradores precisavam ter um quintal amplo, para plantar, criar animais e ter espaço para as crianças brincarem. Para a religiosa, era inadmissível “os terrenos pequenininhos “que eram os conjuntos habitacionais do governo.

De acordo com Ronald Seixas⁴¹⁰, a religiosa era uma líder nata, todos a respeitavam pela sua seriedade, organização e disciplina. Além disso, sempre ensinava aos ocupantes que a higiene também era algo muito importante, orientando que a construção das fossas sépticas deveria ter uma distância do poço de água potável. Estimulava a boa convivência entre vizinhos, bem como, a

⁴⁰⁸ É pertinente observarmos também a forma como a religiosa e sua liderança são representadas nos discursos do jornal A Crítica de Manaus nesse contexto da década de 1980. Sempre vinculada às páginas do caderno policial, sendo presa e sofrendo violência. Em contrapartida, a terra é usada como clientelismo político pelas autoridades locais, como algo que foi dado e não conquistado. Cf: Amazonino garante terra ao povo. A Crítica, Manaus, 11 de abril de 1988, caderno Cidade; Amazonino resolve: Terreno para invasores foi presente de Natal. A Crítica, Manaus, 26 de novembro de 1985, caderno Cidade; Governo usa poder garantindo terra a 03 mil famílias. A Crítica. 28 de outubro de 1987, Manchete.

⁴⁰⁹ Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 10 de julho de 2018, pág. 07. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴¹⁰ SEIXAS, Ronald. *Irmã Helena Augusta: a mãe dos sem teto*. In:____. SILVEIRA, Cristiane; WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, p. 84.

plantação de árvores frutíferas e hortas.

Ela nos contou que cada ocupação tinha sua particularidade, e por isso todas a marcaram profundamente, por exemplo, certa vez, ao iniciar uma ocupação próximo ao São José Operário III⁴¹¹, o governo já tinha dividido os lotes, mas ela percebeu que aquele conjunto habitacional não seria para àquelas famílias que a acompanhavam. Diz Irmã Helena:

E aí a polícia e o ITERAM lá no meio. “Olha! A irmã está aqui, e por isso nós vamos dar essas terras pra vocês. Que vocês precisam” aquela lábia. Onde eles vão ficar mesmo? (Irmã Helena) Vocês estão achando bonito esse lugar aqui? Era um morro. Eu disse assim, onde é que nós vamos ficar mesmo? É no morro? É porque esse dali já tem dono. Eles olhavam pra mim e piscavam dizendo: A irmã já tem a solução. E agora Irmã, o que nós vamos fazer? Eu dizia - nós não temos outra alternativa, temos que ficar mesmo e a piscada já “tava” em todos eles, mais de 500 pessoas. A polícia contente, o ITERAM também ficava contente porque a polícia ia em cima deles. E eles tinham um pavor, tanto o ITERAM tinha deles quanto eles tinham de mim. Mas, eles gostavam mais de mim, porque eu ajudava mais os pobres. A gente precisa de uma semana, duas semanas, e eu “piscava” assim é o jeito, pobre é assim mesmo. E eles muito obrigada, só faltavam me beijar e depois iam embora. Depois o ITERAM se encarrega de saber a notícia como é que estão. Tchau! Tchau! E eu piscava! Tchau! Tchau! Eles foram embora! Graças a Deus! E agora irmã, onde nós vamos ficar? A gente vai ficar no plano, onde tava tudo dividido e bonitinho⁴¹².

Irmã Helena ao narrar essa parte de sua história, contava com muita alegria e com riqueza de detalhes. Para ela, seria impensável ocupar uma área de morro, com barrancos, muito barro e pouca segurança. Em sua concepção, tudo o que os governos estadual e municipal construíam naquele contexto para os pobres era péssimo, sempre visando o lucro e não a qualidade de vida das pessoas.

Depois desse ocorrido, com a 3ª etapa do São José, o ITERAM voltou para “saber as notícias” e de acordo com a narradora tomaram um susto, mas não puderam fazer nada, pois as pessoas já estavam morando e com os seus barracos montados. Outra preocupação da religiosa eram os nomes das ocupações, pois o povo sempre escolhia nomes que faziam lembrar de suas lutas para conquistar a terra. Diz Irmã Helena:

Lá na Redenção. Lá era o Planeta dos Macacos. Que ver! Pergunta do seu

⁴¹¹São José Operário é um bairro da Zona Leste de Manaus.

⁴¹² Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 10 de julho de 2018, pág.07. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

avô! Vê qual era o nome daqui antes? Ele vai responder: era planeta dos macacos. (risos) Isso era uma humilhação, então vamos lá mudar. É que estava passando uma novela com esse nome, e como estavam arrumando as barracas colocaram esse nome, comparando as pessoas como fossem macacos, e eles não gostavam, e como eles fizeram? Foram com o padre e mudaram isso, vamos achar um nome mais bonito “Redenção”. O Bairro da Paz quando iniciaram mesmo bem na força dos sem-terra, a polícia entrou mandando brasa na ocupação numa área onde hoje é o “Bairro da Paz”, foi derrubada pelos policiais, mas continuaram morando lá⁴¹³.

A ocupação que posteriormente ficou conhecida como Redenção⁴¹⁴, era conhecida como o “Planeta dos Macacos”, fazendo alusão à produção de Hollywood da década de 1970, comparando as casas e aquelas pessoas aos personagens do filme. Esta situação para a religiosa era inadmissível, orientando os ocupantes a mudarem esse nome. De acordo com a religiosa, a inspiração para o nome foi em decorrência da Páscoa, quando escolheram o nome de “Redenção”.

Além do bairro Redenção, a religiosa mencionou que os nomes dos bairros Zumbi dos Palmares e João Paulo II foram escolhidos como forma de homenagem aos sujeitos históricos e a força que eles representavam naquele contexto. Havia também em sua lista o bairro Novo Israel, do qual ao recordar, menciona com grande carinho que o bairro recebeu esse nome, pois quando estava organizando a ocupação sempre cantava o louvor “O povo de Deus no deserto”.

Esse louvor era sempre vinculado à reflexão bíblica do livro de Êxodo⁴¹⁵, relacionando aquela luta de ocupação da terra com a luta do povo de Deus no deserto em busca da Terra prometida.

Os nomes dos bairros que estavam em sua lista eram: Terra Nova II e III, Redenção, Bairro da Paz, Zumbi dos Palmares (1,2,3), São José 3, Lírio do Vale, Nossa Senhora de Fátima, São Sebastião, Novo Israel, Santa Etelvina (etapa 03), Valparaíso, João Paulo II (1,2,3), Compensa e Monte das Oliveiras, Monte Pascoal.

⁴¹³ Ibidem, pág. 15.

⁴¹⁴ Redenção é um bairro da Zona Centro-Oeste de Manaus.

⁴¹⁵ Cf: EX 15, 18-22, 27 em ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

Evolução da Expansão Urbana de Manaus por Ciclos Econômicos

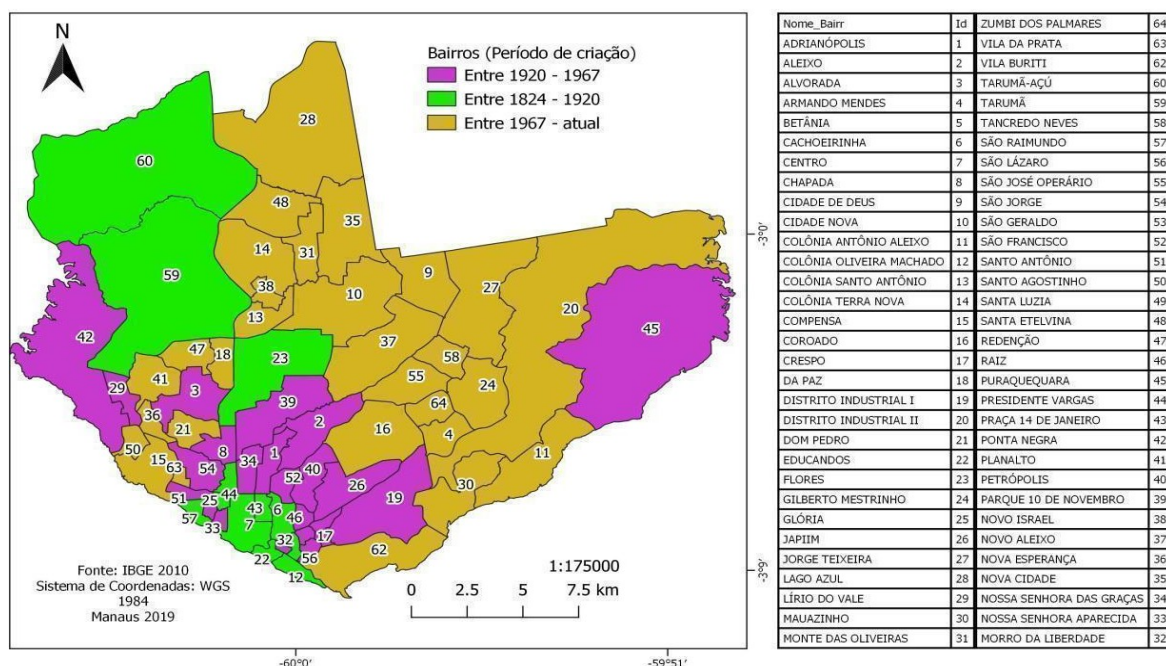


Figura 02 - Mapa da Evolução da Expansão Urbana de Manaus, 2019. ⁴¹⁶

O mapa acima busca destacar a transformação da cidade em períodos definidos. Chama atenção o período de 1967 até o presente momento, com um crescimento expressivo da área urbana do município, momento que se sobrepõe ao do processo de implementação da Zona Franca de Manaus. Dimensiona-se aí a tentativa de exploração econômica na Região Norte, viabilizada pelos projetos desenvolvimentistas da ditadura militar.

Norma Bentes⁴¹⁷ observa que a população da cidade cresce expressivamente nesse momento, passando de 175.343 habitantes em 1960, para 642.462 em 1980, transformação que interfere fortemente na ocupação do espaço. Cuida-se aqui, contudo, para não se reafirmar eventuais dos argumentos ideológicos da demografia. As estatísticas, problematizadas, evidenciam que mais do que o crescimento da população, o que define a ocupação do espaço urbano de uma cidade é a luta social, e, no nosso caso, a luta de classes.

A partir de pesquisa prévia sobre os movimentos de ocupação na cidade de Manaus naquele

⁴¹⁶ Organizado por Andreza Michelle dos Santos e pelo técnico de processamento de dados André Oliveira Reis da Escola de Serviços Cartográficos Azimute.

⁴¹⁷ BENTES, Norma. *Manaus: realidade e contrastes sociais*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer e FAPEAM, 2014, p.48.

período no Jornal A Crítica⁴¹⁸ evidencia-se naquelas páginas a ideologia do progresso e do moderno. O discurso laudatório dos feitos da Zona Franca de Manaus, como, ao que afirmam ser o único projeto de desenvolvimento econômico possível, aparece associado com o elogio da limpeza social, valorizando-se nesse meio a “elegância” da classe dominante.

Exclui-se dessas páginas a atuação política da cidade de pessoas como Irmã Helena, que quando aí figura, é para reforçar a ideia de “problema social”, de “desajuste da sociedade”, evidenciando o poder de construção social da memória.

As ações promovidas por Irmã Helena e pelas pessoas que lutavam pela terra contribuíram para pressionar o poder público em criar políticas públicas de habitação, em 1993, foi criada a Secretaria Municipal de Organização Social e Fundiária (SEMOSF)⁴¹⁹. Em seguida, como Assistente Social foi convidada também a participar na promoção de políticas de habitação durante o governo de Alfredo Nascimento, ex-prefeito de Manaus.

Dito isso, percebemos que a tentativa de organizar o espaço urbano e o acesso à moradia digna aos habitantes de Manaus naquele contexto resultou em inúmeros bairros. E mesmo sendo obrigada a deixar o país e a sua missão, o seu trabalho incentivou outros movimentos de habitação, bem como leigos e educadores sociais.

⁴¹⁸ Biblioteca Pública do Amazonas (BPAM) – *Jornal A Crítica*: 02 de Janeiro de 1985 – 31 de Dezembro de 1989.

⁴¹⁹ SEIXAS, Ronald. *Irmã Helena Augusta: a mãe dos sem teto*. In.____.SILVEIRA, Cristiane; WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, p. 85; Atualmente, os assuntos de natureza fundiária em Manaus são tratados na Vice-Presidência de Habitação e Assuntos Fundiários (Vpreshaf).

3.2. Padre Alberto e a rearticulação das CEBs

Além de Irmã Helena, são muitos os exemplos entre padres e religiosas⁴²⁰ de coragem, liderança e determinação nas mais variadas frentes de lutas por direitos. Em Manaus, por exemplo, podemos destacar também a atuação de Padre Alberto Panichella.

Quem é o Padre Alberto Panichella e qual é a sua importância nas experiências das CEBs em Manaus? Padre Alberto como é mais conhecido é italiano, nasceu em 1955, na comuna de Macerata (município) , e entrou para a congregação dos Missionários Xaverianos quando era apenas um garoto.

Após alguns anos de formação dentro da congregação tornou-se padre e missionário para o exterior, sendo mandado para o Brasil ainda na década de 1990, do qual passou a viver nas periferias das grandes cidades. A relevância de sua trajetória para este trabalho pode ser percebida no empenho em rearticular e promover as Comunidades Eclesiais de Base em Manaus, nos anos 2000.

O nome de Padre Alberto surgiu no decorrer de algumas entrevistas deste trabalho, tais como a entrevista com Carlos Alberto, Areolino Santana, Raimundo dos Santos, Antônia Santos e Moisés Aragão. Embora eu tenha tentado entrar em contato com o sacerdote, fomos informados que ele não estava em Manaus, pois estava realizando um trabalho missionário em um município do interior do estado do Amazonas.

Nesse sentido, continuei fazendo a minha pesquisa, participando dos encontros e coletando informações. Logo, em maio de 2019, fui convidada por Dona Antônia Santos, a coordenadora das CEBs para participar de uma novena na arquidiocese de Manaus. Chegando ao local encontrei o Padre Alberto pessoalmente, sendo apresentado a mim pelos participantes da novena.

⁴²⁰ Podemos citar Irmã Alzira Fritzen, da Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho; Irmã Neuma Dantas Garcia, da Pastoral do Menor, da Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas; Padre Humberto Guidotti, com vários trabalhos sociais e humanitários como Coordenador do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Manaus e em outros projetos sociais da Igreja Católica; Padre Ruggero Ruvoletto, diretor do Centro Missionário Diocesano em Roma, missionário no Brasil; Padre Luís Giuliani, nascido e ordenado na Itália, veio como missionário ao Brasil, atuando em vários estados brasileiros, bem como o Amazonas; Padre Luis Miguel Mondino, espanhol, realizou muitos trabalhos missionários em São Gabriel da Cachoeira(AM) e como assessor do Vaticano no Sínodo para a Amazônia em 2019.

Falei da minha pesquisa e perguntei sobre a possibilidade de fazer uma entrevista, para dialogarmos melhor sobre o assunto. Ele deu o seu contato e pediu para eu lhe mandar uma mensagem, que ele marcaria um dia para eu entrevistá-lo, pois estava em Manaus para cuidar de sua saúde e fazer exames de rotina, pois é diabético.

Assim, a entrevista foi marcada para o dia 29 de maio, de 2019, em uma casa destinada aos padres que atuam na Área Missionária São Pedro Apóstolo⁴²¹.

Na época da entrevista, Padre Alberto tinha 65 anos de idade, e ficou muito feliz com o tema deste trabalho e disse que as universidades e o mundo acadêmico deveriam pesquisar e estudar mais sobre as CEBs e a Teologia da Libertação. Ele nos contou que chegou a Manaus no ano de 2003, e passou a procurar as CEBs, onde ficavam, onde eram os encontros e percebeu que já existia uma experiência na cidade, contudo estava reduzida. Diz Padre Alberto:

A questão das CEBs é que quando eu cheguei, eu procurei saber se existia alguma coisa. E as CEBs já tinham uma história anterior que eu descobri e já estavam muito reduzidas, umas 15 a 20 pessoas. Eu me informei, descobri quando era o encontro e fui ao encontro, e meio que estava muito devagar aqui em Manaus. Então, havia o Raimundo⁴²², algumas pessoas de idade que levavam a questão das CEBs, mas, sobretudo não era uma sensibilidade da arquidiocese toda, dos bispos, dos padres, era algo como se fosse uma pequena coisa entre muitas. Aí eu comecei a sonhar com as CEBs na área de São Francisco na época, que agora são três paróquias, mas na época era uma única área missionária, e 250 mil pessoas, desde o Mutirão, Novo Aleixo, Fátima I, Fátima II, era uma área muito grande⁴²³.

De acordo com o narrador, o seu objetivo não era “aparecer” ou mesmo tomar o poder dos leigos, mas continuar com uma linha de Igreja que conheceu ainda na Itália, com outros confrades antes de vir ao Brasil. Apesar de na Itália não ser conhecida como CEBs, muitos religiosos de sua congregação seguiam um modelo de “Igreja mais libertadora”.

Sendo que para ele, as CEBs representam a Igreja povo de Deus, igreja-reza, igreja- luta, igreja- festa, igreja- circular. e quando chegou em Manaus, procurou promover essas experiências.

Contudo, ele observa que nas CEBs há uma característica muito importante, que é o encurtamento das distâncias entre um padre e os leigos. Em sua concepção, o padre e a Irmã

⁴²¹ A Área Missionária São Pedro Apóstolo possui 08 comunidades eclesiais e fica no setor Padre Pedro Vignola .

⁴²² Raimundo dos Santos.

⁴²³ Padre Alberto Panichella. *As comunidades Eclesiais de Base e os Intereclesiais*. Manaus, gravada, 29 de maio de 2019, pág. 01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

popular devem ter muito cuidado para não se sobressaírem, mas sempre deixar os espaços sob a coordenação dos leigos e leigas.

Assim, os padres e religiosas podem ter um conhecimento vasto na Teologia tradicional, da Libertação e das escrituras, mas é o povo nas CEBs que têm muita espiritualidade, devoção popular, rezas de terço, ofertórios com símbolos que representam a vida, a política, as lutas e a oração

Além disso, o narrador observa também que há uma presença bastante feminina nas CEBs, muitas animadoras que coordenam intereclesiais, muitas Irmãs que lideram e coordenam cursos de verão. E que devido ao machismo e a discriminação de gênero, as mulheres tem um espaço nas CEBs que em outros lugares são reduzidos, refletindo também numa mudança de comportamento dentro de casa, no trabalho e nos movimentos sociais. As mulheres passam a ser mais confiantes e mais críticas.

Contudo, para ele as CEBs na Amazônia têm as suas particularidades, há uma simplicidade das vestimentas, devido ao clima mais quente, e os retiros e encontros são feitos em lugares abertos, com a comida regional, bem como, com as ilustrações indígenas e caboclas. A preservação do meio ambiente e da cultura dos povos indígenas são os pontos que mais lhe chamam a sua atenção nas CEBs dessa Região.

Dessa maneira, o narrador comenta que já tinha um base de trabalho e um sentimento de fraternidade e engajamento entre os participantes, só estava faltando compartilhar esse trabalho e essa experiência com um número maior de leigos, padres, bispos, arquidioceses, dioceses e prelazias. Diz Padre Alberto:

Aí, a gente tomou consciência do quê que eram as Comunidades Eclesiais de Base, e formamos muitos grupos de CEBs, então, cada CEBs tinham 4, 5 e 7 grupos que reuniam nas casas e com os livrinhos, na metodologia latino-americana de Paulo Freire, da teologia da Libertação, ver- julgar e agir. Então, a caminhada se fortaleceu porque muitos líderes daqui entenderam, gostaram, sobretudo, mulheres foram se inserindo, se entrosando nesse grupo de CEBs da arquidiocese. O número dobrou, triplicou e depois passou a ter os encontros, os retiros, os encontros de 03 dias. Houve uma grande empolgação naqueles anos, passou a participar o pessoal do setor 09 que é esse setor aqui, depois começou a participar também os outros setores, passamos a ter conversas com Dom Luís Soares, o arcebispo. Começamos a sonhar com um encontro intereclesial das CEBs, do Regional Norte 01⁴²⁴.

⁴²⁴ Ibidem, pág.02.

Há muitos pontos importantes que podemos perceber na fala de Padre Alberto, pois quando ele iniciou o trabalho em Manaus, em 2003, começou a partir da Área Missionária São Francisco, que fica atualmente no Setor Padre Pedro Vignola, que reunia pessoas de vários bairros da Zona Norte da Cidade. Ou seja, a proposta dos grupos de CEBs nasceu como forma de levar a Igreja até as periferias, pois os encontros eram feitos nas casas.

Dessa maneira, Padre Alberto nos explica que conforme a atuação dos leigos ia se desenvolvendo naquele contexto, foi crescendo também as áreas missionárias e comunidades eclesiais dentro de cada bairro e de cada localidade. Visto que, os grupos começaram a crescer e a se expandirem para as várias regiões da cidade, incluindo também as regiões ribeirinhas.

Primeiramente, começava com os trabalhos missionários, leigos assumindo coordenações de pastorais, convidando as pessoas a participarem das reuniões. Em seguida, faziam a construção de um salão que era utilizado para as festas, celebrações da palavra, fóruns comunitários, ações políticas, cursos comunitários e catequese.

Com o tempo, a comunidade passava a ansiar por uma Igreja mais formal, com o templo, sacrário e bancos, em alguns casos a estrutura era construída em forma de anfiteatro, circular e em outros a igreja era construída de forma retangular. Padre Alberto nos conta que a escolha da forma da Igreja, do nome da comunidade e do padroeiro passava sempre por uma votação entre os leigos, pois de acordo com ele, nas CEBs não há hierarquia, há uma circularidade entre os participantes, e as decisões são tomadas de maneira democrática, mesmo que não lhe agrade.

Outro trabalho empreendido na Área Missionária São Francisco naquele contexto, era também a promoção da Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP⁴²⁵. Os jovens participavam dos encontros das CEBs na comunidade São Francisco⁴²⁶, e faziam muitas apresentações incluindo encenações das consequências da violência na periferia. Para o narrador a PJMP é mais arrojada no campo de atuação social e político, os jovens por serem da periferia eram mais cientes e críticos de sua situação. Para ele, os jovens são o futuro da Igreja, e tinha que atrair esse público também para

⁴²⁵ Em 1978, na cidade de Recife (PE), houve um encontro de jovens animadores do meio popular, remanescentes da Juventude Operária Católica, que trouxe a necessidade de criar um movimento de jovens que ampliasse a representatividade de suas demandas. Nesse contexto, em 1978, nasce a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Cf: A história da PJMP. Disponível em: < [História | PJMP - Pastoral da Juventude do Meio Popular](#) >. Acesso em 23 de Dezembro, de 2022.

⁴²⁶ Hoje a comunidade faz parte da área Missionária São Pedro Apóstolo, Setor Padre Pedro Vignola.

o convívio nas CEBs.

Dito isso, a juventude era convidada aos encontros, celebrações da palavra e reuniões nesta área missionária, sempre fazendo apresentações de dança, teatro, grafite e Hip Hop, praticando esportes e ajudando na organização dos eventos. Como aponta o narrador, era uma forma de tirar muitos jovens da influência do mundo do crime e das drogas, bem como promover o lazer na comunidade.

Assim, o sonho tão almejado por Padre Alberto e pelos leigos da Igreja em Manaus de realizar um grande encontro do Regional Norte 1(AM/RR), ia aos poucos se tornando uma realidade. Logo, o 11º Intereclesial Nacional das CEBs, em Ipatinga (MG), realizado em 2005, contou com a participação de muitos leigos, animadores, padres e religiosas das CEBs da Região Norte. Foi colocado como proposta nesse encontro a realização de intereclesiais nos estados mais distantes da Região Sudeste.

Nesse contexto, a Região Norte entra em destaque, sendo escolhido como sede do 12º Intereclesial Nacional das CEBs a cidade de Porto Velho (RO), com o tema “CEBs: ecologia e Missão”, com o lema “Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia”.

Padre Alberto comenta que a ideia de se fazer um encontro Nacional das CEBs em meio a Amazônia, floresceu também o desejo de se fazer um grande encontro do Regional Norte 1(AM/RR) em Manaus, em 2007. A ideia foi amplamente aceita, mesmo com as dificuldades previstas, como falta de transporte, locais e recursos financeiros.

Dessa forma, antes da realização do grande intereclesial em 2007 na cidade de Manaus, o ano de 2006 serviu como uma experiência de preparação, organização e crescimento das CEBs a nível arquidiocesano, com encontros ecumênicos, retiros, cursos e círculos bíblicos.

Havia um esforço de divulgação desse encontro de preparação. Assim, em setembro de 2006, ocorreu na Área Missionária São Francisco, na Comunidade São Francisco de Assis⁴²⁷, um encontro Intereclesial das CEBs a nível de arquidiocese, convidando as comunidades de toda a cidade para participarem da preparação do grande encontro de 2007.

Padre Alberto comenta que os leigos são responsáveis pela ornamentação, pela administração e organização dos espaços. Tem o momento do café coletivo, com a partilha de frutas

⁴²⁷ Atualmente, a comunidade São Francisco de Assis, que fica na Rua 81, s/nº, no Amazonino Mendes, faz parte da Área Missionária São Pedro Apóstolo, Setor Padre Pedro Vignola.

e guloseimas; tem a missa de abertura; tem os grupos de estudos e o momento de reflexão; tem o momento dos grupos falarem suas demandas. Há momentos de espiritualidade com entonação de cânticos e mantras. Isto é, há um cronograma nesses encontros, que permite a participação de todos.

Essa participação era organizada por meio de grupos temáticos, e para tornar essa discussão mais dinâmica e interessante, cada comunidade era representada por um barquinho de madeira, e outros elementos que representam a cultura amazônica, como os remos, as malhadeiras, o peixe, a farinha e o açaí. Indaguei o narrador qual seria o significado desses símbolos.

Ele nos contou que os barcos estão representando as comunidades que estão participando, e os demais símbolos representam as ofertas dos participantes, para ser apresentado no altar como gratidão à vida, bem como, a representação de suas lutas no cotidiano.

Dessa forma, percebemos que o trabalho foi intenso, pois em paralelo a realização do encontro a nível arquidiocesano na Comunidade de São Francisco, muitos leigos e leigas saíram em viagem pelas cidades do interior do estado do Amazonas para divulgarem o encontro de 2007.

Diz o narrador:

Foi um evento muito grande, 2007, e envolveu o Amazonas todo. A coisa maravilhosa foi que os animadores e animadoras, sobretudo alguns dessa área foram andar o Amazonas todo para convidar as pessoas para o evento, que seria em agosto de 2007, me parece. Veio uma assessoria do Benedito Ferraro, e naquela fase a arquidiocese toda endossou o evento, eram umas 400 pessoas de fora e umas 400 pessoas de Manaus. O povo dormiu nas casas, nas famílias, e isso fortaleceu muitíssimo as CEBs⁴²⁸.

E levando em consideração o contexto da época, que as tecnologias da comunicação não estavam tão avançadas, muitos leigos iam pessoalmente às inúmeras dioceses e prelazias do interior do estado do Amazonas para levar a boa nova do encontro.

O desafio de acesso à tecnologia, que ainda é uma realidade, também está atrelado à logística de acesso há algumas cidades do nosso estado. Dito isso, Padre Alberto nos faz observar que tudo foi pensado pelos organizadores e animadores do evento para garantir a presença de

⁴²⁸ Padre Alberto Panichella. *As comunidades Eclesiais de Base e os Intereclesiais*. Manaus, gravada, 29 de maio de 2019, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

todos, independente da localidade, fazendo o convite com antecedência para que pudessem se organizar.

Deste modo, nos dias 19 a 23 de setembro, do ano de 2007, aconteceu em Manaus o 1º Encontro Intereclesial das CEBs do Regional Norte 01(AM/RR), com o tema “CEBs, Igreja Missionária e Libertadora com o rosto amazônico”, lema “Acorda Amazônia, mostra a tua luta”.

Padre Alberto menciona que o local de concentração das comunidades vindas do Amazonas e Roraima, foi na Paróquia de São Jorge para o credenciamento, que se estendeu ao longo dia, devido às muitas delegações que vieram de barco.

O barco como já analisamos neste trabalho é um elemento fundamental na cultura dos povos da Amazônia, é usado para transporte, para o trabalho, para o comércio. Dito isso, nesse encontro ele representa também as particularidades e as dificuldades dos leigos da Igreja nesta Região.

O local principal escolhido para as celebrações, plenárias, grupos de trabalho, inauguração e encerramento foi o Ginásio Poliesportivo Ninimberg Guerra, no bairro São Jorge. O encontro foi conduzido pelas reflexões bíblicas e pelos 07 grupos temáticos que eram representados pelos barcos.

Grupo Temático (Barco)	Assessores e Coordenação	Local
1º Barco: Levantamento da realidade sobre a destruição dos valores da cultura Amazônica.	Assessores: Frei Bosco e Prof. Gessé. Coordenação: Cáritas Arquidiocesana. :	Comunidade São Francisco no bairro Vila da Prata.
2º Barco: Exclusão Social e as injustiças da Sociedade em que vivemos.	Assessores: Pe. Benedito Ferraro e Moisés Aragão. Coordenação: Pastoral Social.	Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro no bairro Vila da Prata.
3º Barco: Carência Missionária e ecumênica na Amazônia.	Assessores: Ir. Inês e Pe. Edilson. Coordenação: COMIDI ⁴²⁹ .	Comunidade São Dimas no bairro São Jorge.
4º Barco: Opressão, massacre e exclusão dos indígenas e etnias discriminadas.	Assessores: Pe. Salvador e Francisco. Coordenação: CIMI.	Paróquia de São Jorge no bairro São Jorge.
5º Barco: Esquecimento e Exclusão da juventude.	Assessores: Ir. Maria Couto e Pe. Alberto Panichella. Coordenação: Pastoral da Juventude.	Escola Municipal São Dimas no bairro São Jorge.
6º Barco: Destruição da natureza da Amazônia	Assessores: Prof. William Andrade e Pe. Luis Ceppi. Coordenação: Cáritas.	Paróquia Mãe da Misericórdia no bairro da Compensa.
7º Barco: Machismo e a discriminação de gênero.	Assessoras: Irmãs Alzira e Ane.	Paróquia de Santo Antônio no bairro de Santo Antônio.

Fonte: CEBs. CEBs, Igreja Missionária e Libertadora com rosto Amazônico, Relatório e Cartilha do 1º Encontro Intereclesial das CEBs do Regional Norte 1 (Amazonas e Roraima). Manaus: Gráfica Geal, 2007, págs. 23 e 24.

Como podemos perceber no quadro acima, cada barquinho era trazido para o encontro pelos representantes de pastorais e movimentos sociais, com temáticas desafiadoras para o trabalho da Igreja naquele momento. Alguns grupos temáticos como podemos observar foram em outros bairros para além do São Jorge, tais como Compensa, Vila da Prata e Santo Antônio. Sendo que, essa mobilização de pessoas contribuiu para que os leigos de outras cidades conhecessem não somente outras comunidades, mas também a cidade anfitriã do encontro.

Houve a participação de 700⁴³⁰ pessoas, terminando no dia 23 e com delegados e delegadas

⁴²⁹ Conselho Missionário Diocesano.

⁴³⁰ CEBs. CEBs, Igreja Missionária e Libertadora com rosto Amazônico, Relatório e Cartilha do 1º Encontro Intereclesial das CEBs do Regional Norte 1 (Amazonas e Roraima). Manaus: Gráfica Geal, 2007, pág. 11.

das CEBs de Manaus, Coari, Borba, Tefé, Alto Solimões, Parintins e Roraima, com padres, bispos e irmãs. E, dentre as muitas memórias que viveu durante seus 08 anos e meio de atuação nas comunidades de Manaus, Padre Alberto relembra com muita alegria o acontecimento do 1º Intereclesial das CEBs em 2007. Diz o narrador:

É difícil escolher porque têm várias, mas a coisa que mais me alegrou muito foi o encontro intereclesial das CEBs em 2007. Por causa do monte de gente, por causa das leigas e as missões que elas fizeram no “interiorzão” do estado de barco, passando uma semana, 15 dias. A organização e a execução são muito alegres, muito feliz. No anfiteatro os grupos ficavam sentados, faziam orações, as celebrações com muitos símbolos. Saber que antes eram 20 pessoas, aí eram 800, 700, foi eletrizante, foi muito, muito rico⁴³¹.

Ele nos conta que essa riqueza expressada por meio do encontro é uma forma das pessoas entenderem que CEBs não é simples politicagem, mas é a fé, e a mística do povo, a oração, a devoção e o engajamento político de leigos e leigas nas pastorais e áreas missionárias. É uma forma das pessoas enxergarem a importância dos encontros intereclesiais, pois demonstra a organização do povo e as lutas para que suas demandas sejam atendidas.

Assim, para o narrador as maiores vitórias que esse encontro realizou foi o fortalecimento das CEBs no Regional Norte 01 (AM/RR), o crescimento do fórum das águas que funcionava como um local de cobrança das autoridades, a inserção de leigos e candidatos do meio popular nas campanhas políticas, bem como o crescimento das escolas de Fé e Política nas comunidades.

Atualmente, a missão de Alberto Panichella está voltada para o interior do estado do Amazonas, no município de Atalaia do Norte.

⁴³¹ Padre Alberto Panichella. *As comunidades Eclesiais de Base e os Intereclesiais*. Manaus, gravada, 29 de maio de 2019, pág.08. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

3.3. Francy Júnior, ações de Fé e Política

Outro exemplo de transformação social da cidade, a partir de diálogos entre fé e política, e entre perspectivas pastorais da Teologia da Libertação, são as experiências trazidas pelas memórias de Francimar dos Santos Júnior. Mulher negra, historiadora, educadora, atriz e ativista dos movimentos sociais pelos direitos das mulheres e pela igualdade racial e filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT-AM).

Filha de Alcimar de Oliveira Santos e Mário Jorge Júnior, nasceu em 1967, em Manaus, e viveu a sua infância no bairro de São Geraldo, zona Centro- Sul da cidade. Depois de fazer uma pesquisa sobre a sua família, descobriu que em seu sobrenome “Júnior” traz a marca de sua ancestralidade oriunda da Ilha do Cabo Verde, na África. Além de seu sobrenome, carrega também consigo as tradições das religiões de Matriz africana, como forma de memória e resistência da cultura negra em Manaus.

Francy Júnior, como prefere ser chamada, ao estudar teatro aprendeu a importância das letras e dos nomes na carreira de um ator, e, portanto, adicionou a letra “Y” ao seu nome, pois representava 400 vezes mais força que a letra “i”.

Dito isso, como cheguei até Francy Júnior? O seu nome surgiu a partir do diálogo com Julie de Souza Mesquita, que é também narradora desse trabalho. Durante o diálogo com Julie, ela nos contou que durante sua atuação nas CEBs, conheceu muitas pessoas ligadas às escolas de Fé e Política e educação popular. Ela me cedeu alguns nomes como o do Sr. Arruda e de Francy Júnior.

Consegui o contato do Sr. Arruda e conversei com ele apenas por telefone, devido à distância, ele estava morando em um sítio na BR- 174. Mesmo pelo telefone trocamos muitas informações, incluindo o contato de Francy Júnior. Entrei em contato com ela e falei da minha pesquisa, e se poderia me ceder um tempo para dialogarmos sobre o assunto.

Ela marcou a entrevista para o dia 23 de Fevereiro de 2019, um sábado, pois ia participar de uma reunião e teria um tempo para conversarmos, pois está sempre muito ocupada, ajudando a cuidar de seus netos, bem como, com os trabalhos nos movimentos sociais em que participa.

O local da entrevista foi em um prédio anexo da Universidade Estadual do Amazonas, UEA, na Av. Djalma Batista. Quando cheguei ao local agendado, tratava-se de uma reunião do Fórum Permanente de Mulheres de Manaus, com representantes de vários movimentos feministas, tais

como as mulheres da Pastoral Operária, mulheres indígenas das etnias Sateré Mawé e Ticuna, mulheres do espaço Dandaras.

Fui muito bem acolhida, aproveitei a oportunidade para aprender com aquelas mulheres e ouvir as suas histórias. Assim, o objetivo do encontro era organizar protestos e ações contra crimes de feminicídio e assédio sexual para o dia 08 de março, conhecido como o Dia Internacional da Mulher. Após o encontro, Francy Júnior pôde me conceder a entrevista.

Francy Júnior inicia contando um pouco de sua trajetória e de como ingressou nos movimentos sociais e na vida política. Ela observa que o seu engajamento político e o seu senso crítico começaram quando era apenas uma criança, pois ao sair de casa passava por situações de racismo e intolerância religiosa devido a sua fé nas religiões de Matriz africana. Ouvia na rua palavras como “preta” e “macumbeira”, dito isso, se fortaleceu, estudou, leu e aprendeu a se defender e às suas irmãs.

Aos treze anos de idade começou a se interessar pelo teatro e por conta da sua admiração aos seus professores de História, passou a admirar a disciplina, tornando-se historiadora anos depois. Para a narradora, a História, assim como o teatro a ajudaram a perceber a importância de suas raízes, de sua origem e da cultura afro-brasileira em sua vida, dando embasamento crítico para lutar contra o preconceito, discriminação e violência que o machismo e o racismo impõem.

Ao longo de sua formação na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Aparecida, teve contato com um grupo teatral ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), do qual passou a ter contato com um teatro mais voltado às críticas sociais.

Nesse contexto, teve contato também com Nestor do Nascimento, advogado negro, perseguido pela ditadura militar e um dos fundadores do movimento “Alma Negra”, um dos primeiros movimentos negros do Amazonas.

Passando esses fatos que marcaram a sua história, em 1997, Francy Júnior foi morar em uma ocupação coordenada por Irmã Helena, chamada de Monte Pascoal⁴³². Diz a narradora:

Em 97, eu fui morar em uma ocupação chamada Monte Pascoal, mas antes de 97 eu já sabia o que era educação popular, eu já fazia parte da Igreja, de processo de formação de Igreja e tudo mais. E quando eu fui pra lá pro Monte Pascoal eu quis esquecer de todo envolvimento com comunidade. Eu queria sair do bairro só pra viajar e ir para o teatro, porque eu ando muito nessa questão do teatro, eu dava aula e tudo mais. Em 97, aconteceu uma

⁴³² Atualmente, o Monte Pascoal fica no Bairro Monte das Oliveiras, Zona Norte da cidade.

brutalidade na comunidade, que foi um estupro de uma senhora que saía às 3h30 da madrugada para esperar o ônibus e foi violentada sexualmente e foi violentada fisicamente, essa mulher⁴³³.

A narradora passou a morar no Monte Pascoal, em 1997, por conta de sua necessidade de ter um local para poder sair em viagem com o seu grupo de teatro, bem como, dividir o local com uma amiga. Nesse momento, o Monte Pascoal era uma ocupação, ainda carente de infraestrutura, como ruas de acesso pavimentadas, energia elétrica, água e segurança. E todos os dias a senhora citada na fala acima, precisava passar por uma ponte improvisada até o bairro Manôa para poder pegar o transporte para o trabalho.

Um dia no mesmo horário, a senhora foi impedida de passar pela ponte, sofrendo o ato de violência, indo pedir socorro na casa de Francy Júnior. A narradora comenta que naquele dia passou a repensar o propósito de ter ido morar naquela localidade.

O primeiro passo foi juntar um grupo e fazer um mapeamento das pessoas daquela ocupação, chegando à conclusão que 70% eram negros, vindos do Pará, Maranhão, Salvador e cidades do interior do Amazonas.

Nesta ocasião, Francy Júnior observa que houve uma característica fundamental no início desse trabalho, o fato de a ocupação ser liderada por Irmã Helena, e a sua metodologia ser baseada na educação popular. Essa característica contribuiu muito, pois como já tinha também um conhecimento prévio nessa metodologia, passou a utilizá-la nas reuniões e ações políticas no Monte Pascoal. Mas o que é educação popular a partir da perspectiva da narradora?

Diz Francy Júnior:

Ela (Irmã Helena) utilizava muito a questão da educação popular também, claro que com um jeito de freira, de orar, de rezar e tudo mais. Mas, assim ela fazia algo determinante em uma ocupação, tanto é que estou lá desde então. A educação popular sempre está nessa linha de libertação, educação libertadora, para que a pessoa e a comunidade vejam o seu papel na sociedade. Observe o seu papel na sociedade, e faça a partir de si, que contribua para o bem comum. Política é o bem comum, agora esse bem comum ele só surge a partir do seu processo de formação, porque se não, não resulta⁴³⁴.

⁴³³ Francy Júnior. *As escolas de Fé e Política e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 23 de fevereiro de 2019, pág. 02. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴³⁴ Francy Júnior. *As escolas de Fé e Política e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 23 de fevereiro de 2019,

Logo, em 1997, foi fundada a Associação de Moradores do Monte Pascoal, passando a fazer parte do cotidiano daqueles moradores a formação política e as ações comunitárias. Sempre baseado na metodologia da educação popular e tendo como base teórica a Lei orgânica do município, Paulo Freire, Clodovis Boff, Leonardo Boff, Plínio Arruda, Karl Marx, luta de classes e luta operária, e outras referências. Mas, tudo isso era levado para a comunidade com uma linguagem acessível, e até quem não sabia ler participava ouvindo dessas formações.

Então, surge o primeiro desafio como associação, não ser usada como instrumento do clientelismo político ou ser base de curral eleitoral para venda de votos, como diz a narradora: “ficar com o pires na mão mendigando de A ou B”. Dessa forma, os moradores do Monte Pascoal passaram a fazer parte do Fórum do Orçamento, bem como, estudar a fundo a Lei Orgânica do Município, aprendendo dessa forma por meio da lei sobre como cobrar o que ia entrar no orçamento, de quem cobrar e onde cobrar. Diz a narradora:

Então, foi isso que aconteceu nesse período de 97, 98, 99, 2000, 2001 e 2002. E sempre com formação, era ação e formação, você estudava, lia materiais e depois a gente agia, e dentro de uma de nossas ações, essa associação de moradores do Monte Pascoal, nós vimos que teria no orçamento do município verba para expansão da rede elétrica, para o asfalto, beneficiamento de sarjeta e tudo mais, a construção da ponte de Ligação entre nós e o bairro depois da ponte que hoje se chama florestal. Essa era a nossa demanda, pra você ver que é importante à formação política⁴³⁵.

Lendo os materiais, estudando e buscando informações a associação de Moradores do Monte Pascoal percebeu que havia verba para a melhoria daquela localidade. Francy Júnior comenta que a primeira ação diante desse desafio, foi passar 04 dias em frente à Câmara Municipal de Manaus, período em que ia ser votado o que as questões orçamentárias da cidade.

Ela nos conta, que os moradores faziam revezamento para não se cansarem muito e poderem continuar acampados. A votação aconteceu, mas não obtiveram êxito, pois muitos vereadores não apoiavam o Fórum do Orçamento Municipal, dando total autoridade para o prefeito decidir o que seria colocado ou não na lista de gastos.

Mesmo assim os moradores não desistiram, fizeram uma reunião e tomaram uma decisão.

pág. 03. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴³⁵ Ibidem, pag. 03.

A decisão foi ir diretamente com o prefeito, pois eles descobriram que o chefe do executivo municipal poderia remanejar 30% da verba do orçamento.

Num certo dia, depois dessa derrota e nós não desistimos, nos reunimos enquanto coletivo, fizemos a assembleia dentro da comunidade e fomos bater atrás do senhor prefeito. Até então naquela época era o Alfredo Nascimento⁴³⁶, que aí a gente descobriu onde ele jogava bola todos os sábados e então nós fomos atrás dele. Era no Santa Etelvina que ele jogava bola, e trouxemos o prefeito para dentro da nossa comunidade, buscamos ele lá do futebol mesmo⁴³⁷.

O ato de levar o prefeito Alfredo Nascimento até a comunidade do Monte Pascoal, chamou a atenção de todos os moradores, até mesmo aqueles que não participavam da associação. Todos os problemas de infraestrutura, inclusive a ponte que ligava a comunidade ao Manôa, foi mostrada ao prefeito. A narradora comenta que eles não foram aprovados no orçamento, mas os 30% da cota foram remanejados para aquela comunidade. Sendo que, na segunda-feira, as máquinas já estavam trabalhando, fazendo o asfaltamento das ruas, extensão da distribuição de água e de energia e a construção de uma ponte nova.

A melhoria da infraestrutura do Monte Pascoal, era um exemplo entre muitas conquistas traçadas na trajetória de Francy Júnior. Os anos se passaram e as lutas foram alcançando outros setores das comunidades, tais como as áreas missionárias da Igreja Católica. A narradora comenta, que mesmo tendo uma ligação muito forte com as religiões de Matriz africana, também professa a fé católica, costume deixado por sua avó, e que contribuiu na sua formação como catequista também.

Assim, em 2002, a narradora é convidada pelo pároco das Áreas missionárias Santa Helena e Santa Mônica para participar de um outro projeto social, como uma das participantes da Cáritas Arquidiocesana, entidade da Igreja Católica que atua na promoção e defesa dos direitos humanos, em vários países do mundo. Sua função dentro dessa entidade era fomentar um curso alternativo que

⁴³⁶ Alfredo Pereira do Nascimento é um político amazonense, do qual exerceu alguns mandatos como prefeito de Manaus de 1997 até 2004, e Vice- governador do estado do Amazonas de 1995 até 1997. Posteriormente, atuou como Senador, Deputado Federal, Secretário de Fazenda de Manaus e Ministro dos Transportes.

⁴³⁷ Francy Júnior. *As escolas de Fé e Política e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 23 de fevereiro de 2019, pág. 04. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

estava crescendo dentro das comunidades, as escolas Fé e Política.

Diz a narradora:

Muito bem, aí fui e começamos a visitar o que tínhamos na época sinais de escola de fé e política, e começamos a fomentar (as escolas) em outras comunidades, em outras – o que a gente chamava de área missionária. E o objetivo das escolas de fé e política era isso, era ligada a fé nessa linha da teologia da libertação, mas também era ligada à política, que muitos não gostavam da palavra política, por conta da politicagem, mas até isso nós tínhamos a obrigação de dizer e levar o conhecimento que politicagem era uma coisa e política era outra⁴³⁸.

O trabalho que Francy Júnior iniciou na promoção dessas escolas não foi uma tarefa fácil, pois em algumas comunidades havia uma resistência ao se ouvir as palavras “fé” e “política” juntas. Mas, mesmo com uma certa resistência, às escolas de Fé e política continuaram trabalhando sob as perspectivas pastorais da Teologia da Libertação, sempre mostrando a diferença de política e politicagem.

A narradora nos conta que teve contato com várias escolas de fé e política na época, apesar de cada escola lutar em prol de objetivos específicos, havia um objetivo em comum que era uma formação política em prol de uma cidadania, bem como uma fé libertadora. Pois, em sua percepção a Igreja naquela época era muito atuante, e era inadmissível ir para Igreja só para rezar enquanto as mazelas afetavam a comunidade. Diz a narradora:

Porque a fé não poderia ser fé se fosse uma fé parada, se for só pra ficar no templo, na igreja, só indo aos domingos e rezando, e ao redor da nossa comunidade as mazelas sociais acontecendo. Tanto é que nessa época de 2000 começaram a surgir candidatos a deputados estaduais, vindo da Escola de Fé e Política, candidatos a vereadores, candidatos a conselho tutelar. Que através também da Cáritas, a gente também fomentava as discussões e formação para futuros conselhos tutelares, aqueles que queriam se candidatar⁴³⁹.

Nesse contexto, a fala de Francy Júnior nos revela muitas dimensões do cotidiano, do fazer social da cidade de Manaus, nos anos 2000. Além das CEBs, as escolas de Fé e Política contribuíram

⁴³⁸ Ibidem, pág. 06.

⁴³⁹ Ibidem, pág. 07.

para o crescimento da participação popular nas instituições políticas, promovendo o lançamento de candidaturas de pessoas ligadas aos movimentos sociais da Igreja Católica.

Contudo, ela olha para essa época e relembra esse período de sua trajetória com um certo saudosismo, pois menciona que esse engajamento, formação e ação política que eram feitas nas comunidades, dentro das associações de moradores e nas escolas se desgastou.

Ela relembra que antes falar sobre política nas escolas, nas comunidades, nas aulas de História era algo saudável, normal, pois naquele âmbito a política era vista como algo intrínseco do ser humano, como algo voltado para o bem comum, e não meramente uma escolha para beneficiar só a uma pessoa. De acordo com ela, hoje, as pessoas vendem os seus votos, em troca de um emprego, em troca de um barco, de algo que vai lhe beneficiar, não que isso não era feito antes, mas no contexto atual, a maioria das pessoas perderam o foco e a vontade de reivindicar pelos seus direitos.

Contudo, Francy Júnior aponta que esse fato é consequência de vários erros dos governos populares. Ela explica, que em 2002, tivemos a eleição de Luís Inácio Lula da Silva para presidente, e muitos católicos que apoiaram o candidato foram fazer parte de seu governo. Em sua concepção foi algo positivo, pois muitos projetos que eram coordenados pela Igreja católica influenciaram na criação dos programas sociais, como Bolsa Família, Fome Zero, Minha Casa Minha Vida, Luz para todos, bolsa universidade e entre outros.

Mas, muitas lideranças católicas esqueceram - se de continuar com a formação política na base, nas comunidades, nas Igrejas, nas escolas. Dito isso, ela aponta que muitas pessoas que conseguiram emergir da linha da pobreza, que eram beneficiadas com os programas sociais do governo, foram as mesmas que passaram a criticar e a condenar o governo do Partido dos Trabalhadores. Antes, o que era visto como conhecimento, por meio da educação popular, como a luta de classes, Filosofia, Sociologia, História, Pedagogia libertadora, agora é visto como pura ideologia, assuntos proibidos.

Em seu ponto de vista, essa proibição e controle, causou um grande retrocesso não só no desenvolvimento econômico, mas também no desenvolvimento humano da população. Além disso, questões que eram trabalhadas na educação popular como a promoção da igualdade racial, de políticas públicas voltadas à comunidade LGBTQUIA+ , promoção da tolerância religiosa, foram

sendo deixadas de lado.

Mas sua maior esperança, é que esses processos de formação política voltem para as comunidades, para as escolas, para as salas de aulas, para as Igrejas. E que a fé e a política possam caminhar sempre juntas em prol de um mundo melhor. E por isso, continua lutando por meio dos movimentos sociais e campanhas políticas na cidade.

3.4. Moisés Aragão e os trabalhos pastorais

Moisés Aragão é um entre os muitos participantes e organizadores do 1º Encontro Intereclesial das CEBs, do Regional Norte 01(AM/RR), em 2007, o seu nome aparece muitas vezes no relatório do evento. Contudo, além da participação neste evento tão importante, o seu nome aparece também vinculado a experiências anteriores ao Intereclesial, como catequista, participante da Pastoral da Criança e da Pessoa Idosa, como radialista e assessor parlamentar.

Dito isso, percebemos a importância de sua trajetória de vida para entendermos as dimensões do cotidiano vivenciadas nas CEBs em Manaus, nas décadas de 1990 e 2000. O contato com o narrador veio após a entrevista realizada com a professora Helma Sampaio Aragão, quando ela me informou que um primo de seu marido também atuava nas CEBs e em movimentos da Igreja. Entrei em contato com Moisés Aragão e falei dos objetivos dessa pesquisa, e se poderíamos conversar, marcar um dia para que eu pudesse entrevistá-lo.

A entrevista foi marcada para o dia 04 de abril, de 2019, em minha residência. Foi a primeira vez que fiz uma entrevista em minha residência, mas para o narrador ficaria mais viável, pois poderia ir direto ao trabalho quando terminasse.

Bom, Moisés Aragão trabalha como Assessor parlamentar do Deputado Estadual José Ricardo Wendling do PT (AM), e na época da entrevista, era também secretário de comunicação do mesmo partido, e estava trabalhando na organização da Caravana Lula Livre, que aconteceria em maio do mesmo ano.

Nascido em Manaus, em 1966, morou até os 18 anos no bairro de Educandos, estudou na escola técnica, mas não teve a oportunidade de fazer uma faculdade na época, pois teve que ir trabalhar cedo no Distrito Industrial para sustentar sua família. Na década de 1990, foi morar na 5º

etapa do Bairro Cidade Nova, Zona Norte. Mas, o narrador comenta que nem sempre foi assim, sua atuação nos movimentos da Igreja Católica e sua inserção na política, veio com o tempo. Diz Moisés Aragão:

Eu comecei a ir para a Igreja todo dia com 12 anos, o meu pai deixava e eu ia todo dia pra jogar bola (risos)! Aí um dia lá chegaram! -Para você jogar bola tem que participar do coral, mas o coral era só sábado e domingo, tinha a semana todinha pra jogar bola. Mas, depois que a bola ficou secundária, aí veio pastoral da juventude, caminhada de Igreja né, acho que toda essa caminhada da Igreja me ajudou. E eu tinha muita raiva de política, eu achava que não era pra mim a política. Aí fui para escola bíblica, li o Apocalipse (livro) e vi a opressão, ali João que estava preso escrevendo, preso pela política da época. Eu disse, estou errado, tenho que ir pra política, porque a política é uma coisa boa pra todo mundo, a bíblia é uma política, se você segue a linha de Jesus Cristo você vai está exercendo um fator político na essência da palavra⁴⁴⁰.

É evidenciado na fala do narrador, que na sua adolescência o fato de ir para Igreja inicialmente, estava ligado mais ao fato de se divertir e jogar bola, mas com o tempo o “jogo de bola” foi ficando em segundo plano, e passou a participar efetivamente da Pastoral da Juventude e da escola bíblica.

Nesse sentido, ele menciona que as suas habilidades de falar em público, empatia, administração, organização, atendimento ao público foram aprimorados na Igreja Católica. A Igreja em sua concepção realiza um trabalho grandioso e complexo, pois não foi só a sua vida que foi modificada por meio da ação social dessa instituição, mas a vida de muitos jovens naquela época e hoje também.

Dessa maneira, como um posicionamento político influenciado pela trajetória de Jesus Cristo, resolve continuar na caminhada da Igreja transformando a vida de outros jovens, inicialmente como catequista na Paróquia de São Bento⁴⁴¹, nos anos de 1990. Nesse âmbito, ele conhece o Pe. Luís Giuliani, italiano e seguidor da linha CEBs de Igreja. O religioso o convidou para ajudar na organização de novas comunidades na Área Missionária São Francisco, próximo a sua casa.

⁴⁴⁰ Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019, pág.19. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁴¹A paróquia de São Bento fica localizada na Rua: Prof. Felix Valois, Cidade Nova e faz parte do Setor Padre Pedro Vignola.

Ele nos conta que na época a Área Missionária São Francisco passou a ser composta por 24 comunidades, envolvendo muitos bairros⁴⁴² da Zona Norte da cidade. E nessa Área Missionária passaria 10 anos realizando os trabalhos sociais da Igreja, na Pastoral do Idoso e na Pastoral da Criança. Diz o narrador:

Nós tivemos, por exemplo, a oportunidade de ter uma ONG, e nessa ONG nós trabalhamos para ter a lei das rádios comunitárias, a primeira rádio comunitária legalizada no Brasil foi a nossa, teve a lei e lutamos aí seis anos para que aprovassem a lei, éramos contra a lei da rádios comunitárias que foi aprovada no Brasil, porque era uma lei injusta com os movimentos sociais que querem ter vez e voz. Mas, nós tivemos a rádio comunitária que foi uma das nossas grandes ações⁴⁴³.

A ONG citada por Moisés Aragão, era o Movimento Comunitário de Cidadania (Mococi), que foi fundado pelo Pe. Luís Giuliane, em 1996. Tal movimento consistia em uma entidade jurídica que representava os serviços sociais desenvolvidos na Área Missionária São Francisco. O narrador pode acompanhar de perto esses trabalhos, pois na época tornou-se um dos presidentes do movimento.

Assim, um dos primeiros desafios como atuante do Mococi foi a criação e implementação da rádio comunitária no Amazonino Mendes. Ele nos conta que o processo de criação dessa rádio foi um desafio, pois eles não concordavam com a Lei 9.612/98 das rádios comunitárias que estava em vigor, principalmente pelo fato de calar os movimentos sociais.

Logo, por meio da articulação de leigos, da Pastoral da Comunicação e de Pe. Luís Giuliane, é criada a Associação Nacional Católica de Rádios Comunitárias (Ancarc), movimento que contribuiu para o nascimento da Rádio Comunitária “a Voz das Comunidades”, na frequência 87.9 FM⁴⁴⁴, em Manaus.

E em sua concepção, naquele contexto, muitas rádios para conseguirem se manter, eram patrocinadas pelo governo, empresários e acabavam se tornando rádios comerciais, voltadas para a arrecadação de dinheiro e não para expor as necessidades da periferia. A rádio “A voz das

⁴⁴² Amazonino Mendes 1 e 2; Cidade Nova; Nossa Senhora de Fátima 1 e 2; Águas Claras, Alfredo Nascimento, Novo Aleixo e adjacências.

⁴⁴³ Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019, pág.01. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁴⁴ A rádio funciona na Rua 36, quadra 58, nº 66, Novo Aleixo (Mutirão), Manaus- AM.

Comunidades”, 87,9 FM foi a primeira rádio comunitária legalizada do país. Moisés Aragão comenta que as estruturas da rádio foram construídas por meio de um mutirão realizado pelos moradores, e todos podiam participar da programação. Diz o narrador:

A rádio “a voz das comunidades” 87. 9 e fica aqui no mutirão, ela é uma rádio diferente na época que a gente trabalhava, uma rádio diferente, aí as pessoas, mas diferente? É porque na rádio nós tínhamos programa de criança, feito por criança e para a criança. Quer dizer, só saia música de criança, a criança ligava e falava com uma criança, porque eram cinco duplas de criança que faziam os programas. Tinha um programa de idoso, feito por idosos também da Pastoral da pessoa idosa, que saiam suas músicas antigas e saia também atuais. Porque a gente acredita que o idoso não vive só no passado⁴⁴⁵.

A rádio entrou em caráter experimental no dia 15 de julho de 2001⁴⁴⁶, com uma programação feita para a comunidade e voltada para comunidade, como podemos perceber as crianças e os idosos também tinham uma participação importante na programação. Moisés Aragão comenta que dentro de uma comunidade carente da periferia, em que muitas vezes há focos de criminalidade e tráfico de drogas, é fundamental que as crianças e jovens façam parte desse tipo de ação social.

Dito isso, em sua perspectiva, além de ser um espaço para passar informações sobre vagas de emprego, aniversariantes, datas de reuniões, preço de produtos e reclamações, era uma forma também de oportunizar momentos de lazer e descontração.

Além de crianças, jovens e idosos, a rádio também atendia aos povos indígenas, com o programa que passava aos sábados “a voz dos povos indígenas”, em que eles apresentavam de acordo com a língua de sua etnia. Posto isso, para o narrador, seria inadmissível em um estado como o do Amazonas não ter um programa para a população indígena. A criação da rádio e a participação dos programas foram lembradas com muita felicidade por Moisés Aragão, pois foi um trabalho que trouxe muitas transformações positivas para a Área Missionária São Francisco.

Entretanto, ele comenta que houve uma experiência ainda mais forte que marcou a sua trajetória dentre os seus 10 anos de trabalho social, a defesa dos direitos da Criança e do adolescente.

⁴⁴⁵ Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019, pág.01 . Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁴⁶ WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, p. 176.

Diz o narrador:

Nós atendemos, nós chegamos a atender mais de 25 mil crianças nessa história de 10 anos, e um dos fatos que ocorreu, um pai queria, um pai ali do Mutirão queria matar o filho enforcado, e o filho participava do projeto com a gente, tinha um projeto lá conosco que a Criança de manhã ia lá e tomava café, participava e de tarde ele ia pra aula, e quem estava na aula de manhã, vinha de tarde. A gente atendia de manhã e de tarde com um grupinho, era uma terapia ocupacional para a criança não ficar só na rua. Então, nós atendemos essas crianças e o pai queria matar a criança enforcada e a criança correu lá para o projeto, o pai foi lá atrás e foi uma confusão, e aí me ligaram eu era o coordenador do projeto⁴⁴⁷.

O projeto citado acima chamava-se “Projeto Menor”⁴⁴⁸, e foi criado em 1992, na Área Missionária São Francisco em conjunto com a Pastoral da Criança e de Padre Luís Giuliani. O narrador aponta, que o contexto social vivenciado pelas comunidades da área atendida pelo projeto era muito difícil, como podemos perceber na fala acima, muitas crianças eram vítimas de violência doméstica, eram aliciadas pelo tráfico de drogas e muita evasão escolar. Então, o projeto surgiu como uma forma de oferecer orientações sobre cidadania, reforço escolar, recreação, trabalho na autoestima das crianças e adolescentes.

O projeto chamou a atenção tanto do governo estadual quanto do governo municipal, que ao fazerem uma parceria com a Igreja Católica, promoveu a ampliação para outras comunidades. Contudo, o narrador comenta que situações como as de violência doméstica eram comuns, de pai querendo matar ou espancar os filhos, principalmente, pelo fato de não haver uma conscientização do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Ele nos conta que na década de 1990, quando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi lançado, havia um discurso no senso comum que tal lei seria para proteger delinquente e bandido. Esse pensamento dificultava e muito o progresso dos projetos sociais da Igreja, além disso, faltava uma legislação e fiscalização por parte do poder público para inibir os casos de violência doméstica, bem como proteger as crianças.

⁴⁴⁷ Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019, pág.12. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁴⁸ WENDLING, José Ricardo. (Orgs.). *Vidas que falam: promotores dos direitos humanos, da justiça e da paz*. Manaus: Valer, 2018, pág. 173.

Dessa maneira, pode acompanhar o processo de implementação e aprovação da Lei Municipal nº 359/1996, que garante o processo de formação de conselhos tutelares. Para a aprovação desta lei foi preciso muita articulação com os promotores de justiça, o Fórum Estadual do Direito da Criança e do Adolescente, bem como a Mococi.

Com a implementação dos conselhos tutelares em cada região da cidade, possibilitou um apoio maior no combate à violência doméstica, dando um suporte jurídico na resolução de problemas envolvendo esse tema. No entanto, de acordo com a sua concepção, os conselhos tutelares precisam melhorar bastante. Ele relembra o caso do garoto que foi espancado pelo pai, pois como coordenador do “Projeto Menor”, precisou resolver o assunto. Diz o narrador:

Fui no conselho e não tinha nenhum conselheiro e eu fiz uma confusão lá ,brigamos e tal, mas apareceu lá um conselheiro e aí contamos nossa situação. Olha o apelido da criança! “Noiado”. Depois eu fui à delegacia, nós pegamos um policial e fomos à casa do menino, quando nós chegamos lá e é interessante a cena porque os vizinhos todos apontavam: ele tá aí! Tá aí! Tá aí! Os vizinhos sabiam que ele fazia isso, daí eu bati na porta e veio um velhinho, um senhor idoso, era o pai dele. Ele abriu a porta, ficou parado me olhando, aí eu perguntei por que ele estava querendo matar o filho, daí ele ficou calado, daí o policial perguntou pra mim o que fazer. Mas, quando a polícia pegou o senhor, o menino gritou: tio! Não deixe prender o papai! E o sofrimento daquela criança, (emocionado). Nós percebemos que nós pobres sofremos com as injustiças de quem tem dinheiro, aquela criança também era um injustiçado, sofrido⁴⁴⁹.

O narrador nos conta que depois de presenciar essa cena, ficou muito emocionado e passou a refletir que dentro de um contexto de violência doméstica tanto o garoto quanto o pai precisavam de ajuda. O menino era chamado de “noiado” pelo fato de ter um problema de visão, que não permitia que abrisse os olhos normalmente e o pai, que já era idoso, era alcoólatra e por isso tentava matar o filho. Mas, diante de todos esses problemas, o pai foi apresentado na delegacia, e depois conseguiu o alcoolismo, o menino foi operado da vista e retornou ao projeto para estudar.

Esse fato o fez indagar consigo mesmo: quantas e quantas famílias não passam pela mesma situação? Quantos idosos não sofrem e usam a bebida como refúgio? Quantas pessoas usam a droga como refúgio? Desde esse dia, Moisés Aragão passou a refletir sobre essas questões e percebeu que às vezes é muito fácil condenar as pessoas, mas não sabe do histórico e do que a pessoa já vivenciou.

⁴⁴⁹ Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019, pag. 13. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Diz o narrador:

Isso é a cara das CEBs, olhar o carente e entender, entender a história, entender os fatos da vida. Porque hoje ser cristão é isso é entender, e acho que Jesus Cristo tinha tudo isso aí. Num dia que trouxeram uma mulher para tacar pedra ele disse, olha! Jesus Cristo faz ao invés de oprimir e condenar a pessoa, vai e não peque mais, vai e não peque mais, acho que isso é a nossa linha de CEBs⁴⁵⁰.

Para o narrador as CEBs é a vivência, é a prática dos ensinamentos de Jesus Cristo na Bíblia. E mesmo considerando a riqueza eclesial da Igreja Católica, com grupos de oração, grupos de renovação carismática, mas foi nas CEBs que passou a ter um olhar mais humano, mais crítico do mundo, foi nas CEBs que se “sentiu a presença de Deus” como cristão.

Foi seguindo essa linha de CEBs na Igreja Católica que se sentiu encorajado a ingressar na vida política e se filiar ao Partido dos Trabalhadores do Amazonas, pois acredita que esse partido tem fundamentos e ações muito parecidas com as da Igreja Católica sob a perspectiva da Teologia da Libertação.

Moisés Aragão tem 56 anos, é casado e pai de 02 filhos, ele é ex-presidente do Movimento Comunitário pela Cidadania (Mococi), ex-coordenador da Área Missionária São Francisco e membro da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço- Brasil).

⁴⁵⁰ Ibidem, pág. 14.

3.5. Antônia Santos e a coordenação das CEBs

Outro objetivo que queremos alcançar nesta pesquisa é analisar através das narrativas, e também de fontes coletadas em trabalho de campo, como as CEBs estão se organizando, bem como perceber as dificuldades e mudanças ocorridas no tempo presente.

Nesse sentido, com intuito de compreender essa dimensão atual das CEBs, iniciei o trabalho de campo nos encontros das comunidades a partir do mês de abril de 2019.

Fui convidada a acompanhar esses trabalhos pastorais pela coordenadora arquidiocesana das CEBs em Manaus, na época, Sra. Antônia Santos. O seu nome surgiu em uma de minhas buscas por fontes e materiais na Arquidiocese de Manaus, em que me passaram o seu contato. A entrevista foi realizada em sua residência, no dia 14 de março de 2019.

Antônia Santos é natural do Pará, tem 56 anos, é divorciada e tem três filhos, dos quais dois moram com ela e o outro mora em Itacoatiara, há dois netos morando com ela. Atua nas CEBs desde 1997, iniciando na Comunidade de Santana, no Alvorada, na Área missionária São Pedro, e trabalha com reciclagem em uma cooperativa de catadores, artesanato e venda de confecções.

E ao falar de sua trajetória, ela explica que já tinha experiência com a vida na Igreja, e que as CEBs no estado do Pará são mais atuantes. Diz Antônia Santos:

Eu sou do Pará e vim pra cá com 35 anos e estou com 56, e lá já tinha uma experiência de Comunidades Eclesiais de Base, pois querendo ou não as CEBs são mais fortes, ela é mais vivida. Lá o povo é na rua mesmo, lá tem grupos de vizinhos, as reuniões são nas famílias. Meus pais foram duas pessoas muito marcantes nas nossas vidas, porque nós nascemos e crescemos indo para a Igreja todos os domingos, para as celebrações dominicais. E como a gente era do interior as capelas eram muito distantes, as capelas que chamavam. Então, meu pai era o dirigente das celebrações, minha mãe é que cantava na Igreja, que fazia a catequese. Então, eram eles dois que conduziam todo esse aparato aí. Então, a gente cresceu nessa caminhada de Igreja, fazendo várias missões, viajando com os ribeirinhos e a gente foi vendo tudo isso⁴⁵¹.

Quando chegou em Manaus, no ano de 1996, acabou perdendo um pouco dessa rotina de organizar comunidades e estar à frente de pastorais, principalmente, pelo fato de estar trabalhando, cuidando dos filhos e da casa e não poder se comprometer realmente com a missão da Igreja.

⁴⁵¹ Dona Antônia, coordenadora das CEBs. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 14 de março de 2019, pág.03. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Mesmo indo à missa aos domingos e participando das celebrações das palavras, sempre era convidada a participar das reuniões de Pastorais, coordenação e estudos bíblicos.

Contudo, sua rotina começa a mudar quando seu marido na época pediu para que saísse do trabalho para se comprometer somente com a criação dos filhos e com os serviços domésticos. Ao mesmo tempo, um sobrinho seu viria do Pará para passar uns dias de férias em Manaus, e como de costume foram todos à Igreja no domingo. Diz Antônia Santos:

E a gente levava ele(sobrinho) para a Igreja, nesse tempo era na casa de uma senhora, pois não tinha Igreja, e hoje em dia todo canto tem. E a gente se reunia na casa de uma senhora, nos fundos que ela cedeu esse espaço pra gente e lá a gente se reunia, e lá surgiram convites para catequista, para outros trabalhos na comunidade. E ele (seu sobrinho) dizia assim: Vai lá tia! – Vai lá tia! – A senhora sabe! – A senhora foi catequista! – Aceite! – Não! Não posso! E nesse negócio de vai e não vai, aceita e não aceita, eu aceitei e fiquei até hoje, não saí mais do trabalho da comunidade⁴⁵².

A sua resistência em retornar para a missão na Igreja era devido a sua dupla jornada de trabalho, tanto em casa com os filhos e serviços domésticos, quanto fora de casa, e para ela a missão da Igreja requer comprometimento, organização e preparação. Posto isso, tinha receio em aceitar e como disse “não dar conta do recado”.

Porém, ao aceitar o pedido do marido de trabalhar só em casa, viu a oportunidade de continuar com o trabalho pastoral, visto que seus outros irmãos não continuaram seguindo na Igreja Católica, passando a professar a fé protestante.

Dito isso, a narradora comenta que passou a buscar muitas formações e cursos de teologia para leigos, ainda na Paróquia de Santana, no Bairro Alvorada. E essa busca por aprender a história da Igreja e das CEBs, a fez conhecer o trabalho que já era realizado antes de chegar em Manaus, conheceu Areolino Santana, Raimundo dos Santos e outras pessoas ligadas às CEBs em Manaus.

Em 1999, o seu trabalho pastoral continua, porém em outro bairro da cidade, pois em 1997 se mudaria para o bairro Novo Aleixo, zona Norte da Cidade. É nesse contexto que passa a ter contato com a área Missionária São Francisco⁴⁵³, e com os padres Luís Giuliane e Cláudio Dalbon, que eram incentivadores das CEBs e de movimentos sociais. Ela relembra que a Área Missionária

⁴⁵² Ibidem, pág. 05.

⁴⁵³ Atualmente a narradora participa da Área Missionária São Pedro Apóstolo, com oito comunidades, Setor Padre Pedro Vignola.

São Francisco chegou a ter 24 comunidades e que já foi redistribuída várias vezes.

Apesar da articulação e do trabalho desenvolvido na Área Missionária São Francisco e nas Pastorais da Igreja Católica, Antônio Santos relembra que a atuação das CEBs ainda era muito tímida na arquidiocese. Havia um esforço por parte das Áreas Missionárias, havia círculos bíblicos e a participação em intereclesiais em outros estados, mas eram poucas pessoas ainda.

Porém, em Manaus, a experiência com as CEBs inicia um novo rumo com a chegada à cidade, em 2003, do padre italiano Alberto Panichella, missionário xaveriano⁴⁵⁴. Ela nos conta que o primeiro Encontro Intereclesial “CEBs, Igreja missionária e libertadora com o rosto amazônico” foi um marco na história das comunidades na cidade.

Em sua memória, ela recorda que foram dois anos de preparação para um encontro de 01 semana, pois pode participar na coordenação fazendo um diálogo entre as comunidades da arquidiocese de Manaus, com outras dioceses e prelazias do interior.

Mas, o esforço “valeu a pena”, pois o trabalho iniciou nas comunidades pequenas, passando para as Áreas Missionárias e posteriormente para os setores da arquidiocese. Tornando-se um trabalho grandioso e com muita repercussão na época.

Contudo, a grande mudança viria no ano de 2019, quando foi escolhida para ser a coordenadora a nível arquidiocesano das CEBs em Manaus. Em sua concepção foi uma mudança, pois não estava participando das CEBs a nível de arquidiocese, na coordenação e nem como secretária. Ela estava mais focada nos trabalhos de base da Área Missionária São Pedro Apóstolo, visto que, depois que Padre Alberto Panichella foi para o interior e com a vinda do outro religioso, percebeu que o trabalho pastoral decaiu.

Antônia Santos comenta que muitas vezes não há continuidade nos trabalhos e ações sociais nas comunidades, devido às divergências com os novos padres que assumem e até mesmo com outros participantes. E quem segue a linha CEBs de Igreja precisa está forte no sentido emocional e teológico, pois as críticas são constantes.

Assim, após participar do 14º Intereclesial das CEBs em Londrina (PR), o seu nome é cogitado para a coordenação das CEBs em Manaus, no ano de 2019. Mas, muitos desafios foram encontrados enquanto coordenadora. Diz a narradora:

⁴⁵⁴ A Pia Sociedade de São Francisco Xavier para as Missões Estrangeiras é um instituto religioso masculino católico, cujos seus filiados são chamados de “xaverianos”. Tal instituto foi fundado em Parma na Itália e aprovado pela Santa Sé em 21 de Outubro de 1921.

É uma responsabilidade muito grande e a princípio você fica meio perdido, porque a gente pegou a coordenação um pouco fragilizada, então até agora nós estamos procurando coisas, situação de objetos da sala que não sabemos por onde está. Eu nem sei te dizer como, porque não era a nossa gestão, mas a cobrança chega para gente, porque a gente não recebeu nada, nem uma lista do que tinha. A sala da arquidiocese a gente perdeu porque não estava sendo usada, então, tudo o que tinha dentro da sala a gente perdeu, e a gente tentou resgatar esse material, mas a gente não consegue. Ninguém sabe com quem ficou. Eu não sei o que aconteceu, até eu me surpreendi quando eu cheguei lá e ela disse que não tinha nada de CEBs⁴⁵⁵.

A falta de arquivamento da documentação, o sumiço de registros dos encontros, bem como a perda de materiais são uns dos desafios encontrados na gestão de Antônia Santos como coordenadora. Ela comenta que antes de participar novamente da coordenação, viu pessoalmente muitos materiais sobre CEBs, cartas datilografadas, cartas escritas à punho, mas ninguém sabe onde está essa documentação, “se perdeu”. Indagamos o porquê dessa falta de registro, pois na arquidiocese tem apenas uma pasta das CEBs e ela nos explica que há uma falta de preocupação de algumas pessoas em guardar os documentos: Diz a narradora:

Não tem nada porque eu vejo assim, as próprias pessoas que compõem o grupo de coordenação não se preocuparam de registrar, não tem registro, não tem Ata, então, é uma história que se perde. E você vai lembrando e vai escrevendo a história, então, é um pouco assim essa caminhada de CEBs, a história que não está registrada, mas que tem história, tem⁴⁵⁶.

O sumiço de documentação citado por Antônia Santos a preocupa no sentido de ter toda uma história, dos intereclesiais, dos encontros, cartas, convites, que poderiam ser incorporados e tornar as experiências das CEBs ainda mais ricas. Contudo, ela acredita que conversando com as pessoas, coletando dados, muitos materiais e informações poderiam ser resgatados. Ademais, ela nos conta que a coordenação vai receber uma sala, da qual vai dividir com outra pastoral, em vista disso vai ter como organizar algumas coisas.

Além da falta de alguns materiais e documentação, outra dificuldade encontrada na sua gestão foi naquele contexto, fazer com que as CEBs saíssem mais do Centro de Formação da Arquidiocese e fossem para as bases, para os grupos de jovens, para a periferia. Diz a narradora:

Então, nós estamos lutando pra isso, para as CEBs de Manaus, do Amazonas

⁴⁵⁵ Dona Antônia, coordenadora das CEBs. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 14 de março de 2019, pág.09. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

⁴⁵⁶ Ibidem, pág. 09.

seja uma Igreja aberta, inclusiva, missionária e evangelizadora. E a gente só tem dois anos, a gente só tem um ano, porque um já passou. Então, dois anos é pouco pra fazer algo diferente, porque esse é o meu pensamento: que as CEBs sejam vistas em Manaus como uma Igreja que acolhe e não uma Igreja fechada. Então, eu critico muito isso no grupo e cobro deles a postura deles na base, porque é aquilo que te falei, as CEBs não acontecem aqui no CEFAM, mas lá na base. Se eles vão ali naquele grupo achando que isso é CEBs, estão errados, não é CEBs⁴⁵⁷.

O fato de ser uma atuante nas CEBs não exime a sua responsabilidade de fazer críticas, fazer observações, pois de acordo com a sua concepção é escutando uns aos outros, e refletindo sobre as limitações, qualidades e defeitos de cada um é que vai trazer benefícios ao grupo. Mas, os desafios e dificuldades precisavam ser enfrentados, com a união e o trabalho de todos. Mas, como essas dificuldades foram ultrapassadas.

A primeira estratégia apontada por Antônia Santos foi retomar um antigo desejo da Arquidiocese de Manaus, em fazer um grande encontro das CEBs com as prelazias e dioceses do interior. Tal encontro demandaria muita preparação, grupos de estudos bíblicos e arrecadação de recursos financeiros.

Após solicitar o apoio do arcebispo de Manaus, na época Dom Sérgio Castriani⁴⁵⁸, passou a organizar o encontro em parceria com o Padre Cândido, responsável pela área do Cacau Pirêra⁴⁵⁹, local onde seria realizado o encontro. O próximo passo foi fomentar a formação de assembleias, com um número maior de pessoas. Diz a narradora:

Então, quanto arquidiocese é um grande desafio fazer acontecer nesse momento. O primeiro já teve que foi realizar uma assembleia para mais de 20 pessoas que não acontecia. A gente conseguiu 50, eu queria 100, mas já conseguimos a metade. Então, outra coisa que nós conseguimos na nossa gestão foi a participação dos setores, de 13 setores, somente 2 não estavam presentes na assembleia, os demais estavam todos representados. Então, para a gente foi gratificante, porque a arquidiocese ouviu o chamado e participou. E o encontro que nós tivemos agora em março a gente conseguiu levar 30 pessoas, o que não acontecia, porque a gente só levava 10 pessoas, 15, 04, 05. E eu questioneei, por que fazer encontro com tão pouca gente? Vamos mudar a estratégia⁴⁶⁰.

⁴⁵⁷ Ibidem, pág. 17.

⁴⁵⁸ Dom Sérgio Castriani, é arcebispo Emérito de Manaus, faleceu no dia 03 de Março de 2021.

⁴⁵⁹ O Cacau Pirera é um distrito que pertence ao município de Iranduba, que faz parte da Região Metropolitana de Manaus- AM.

⁴⁶⁰ Dona Antônia, coordenadora das CEBs. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 14 de março de 2019, pág.08. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Com efeito, podemos observar que em seu aspecto administrativo, as CEBs possuem secretários e tesoureiros e outras ocupações de pessoal que participam da produção de agendas pontuais como feijoadas beneficentes, bingos e rifas. O dinheiro arrecadado é usado para custear as atividades do grupo, como viagens para os encontros de outros estados. Cada participante preenche uma ficha, que segundo dona Antônia é para manter o controle do dinheiro, bem como para conhecer melhor as pessoas, caso haja algum problema de saúde, alguma limitação alimentar.

Além disso, nos chama a atenção para o tema do encontro “Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, tema escolhido pelo Papa Francisco para a convocação do Sínodo para Amazônia, que aconteceu em outubro de 2019.

Antônia Santos Comenta que em todos os encontros a questão ecológica, da preservação do meio ambiente e da valorização da floresta e dos modos de vida do homem e da mulher da Amazônia são eixos fundamentais.

Por isso, é orientado sempre levar copos, talheres e pratos, pois não é utilizado descartável, bem como, produtos naturais, como frutas, sucos, guloseimas, mas nada industrializado.

Sim, a gente tem uma preocupação de não usar o descartável e na nossa alimentação usar mais coisas naturais, frutas. Então, se a gente vai ter um encontro e vai ter um café partilhado, nos orientamos a não levar refrigerante e não levar nada que não seja da natureza, e levar o seu Kit com copo e colher pra não levar descartável. E quando não leva tem que esperar o outro terminar pra ser servido com a mesma vasilha e com a mesma louça. Então, a gente tem muita essa preocupação enquanto CEBs, com o meio ambiente, a gente faz essa orientação no grupo, também a economia solidária, que a reciclagem não deixa de ser uma economia solidária, onde você reaproveita os resíduos para fazer o artesanato e vender⁴⁶¹.

Antônia Santos relata que além de não utilizar os descartáveis nos encontros, há o incentivo nas CEBs na produção de materiais a partir de resíduos sólidos, como a garrafa de refrigerante do qual é feita a vassoura, bem como a reutilização do óleo de cozinha usado para fazer sabão. Dentro de uma perspectiva de economia solidária esses materiais são produzidos de maneira coletiva e os lucros compartilhados.

Além da questão ambiental, a narradora comenta que há a necessidade de incluir outros grupos na discussão das CEBs, incluir os povos indígenas, as religiões de matriz africana, a juventude, a comunidade LGBT para trocar experiências, coibir situações de preconceito e

⁴⁶¹ Ibidem, pág. 06.

intolerância religiosa. Ela comenta que fazer esse diálogo é fundamental, e o primeiro passo foi trazer os povos indígenas para participar, na verdade as CEBs que foram convidadas a realizar o seu encontro em uma comunidade indígena.

Trata-se da Comunidade Associação Ticuna Watchimaücü (ACW), localizada na Rua São Salvador, no Bairro Cidade de Deus, Zona Norte da cidade. O encontro com o povo Ticuna aconteceu no dia 06 de abril de 2019, e era uma forma de discutir pontos para o cronograma anual das CEBs, e também era uma forma de conhecer a realidade da comunidade indígena, escutar suas lideranças, quais eram suas causas, as vitórias que a comunidade conquistou.

O primeiro momento do encontro foi o café partilhado, momento em que os participantes levam alimentos, frutas, pães, bolos, tapiocas, para que todos possam iniciar a reunião com mais tranquilidade. No contexto das CEBs, o café partilhado não é só a alimentação do corpo, visto que, muitos vieram de outras áreas missionárias e saíram muito cedo de casa, contudo, dentro do ponto de vista simbólico é a oferta de cada um para a partilha com os irmãos da comunidade.

Depois da partilha todos foram convidados a se dirigirem ao salão principal, local que é utilizado pelo povo Ticuna como sala de aula para as crianças da comunidade, onde são realizadas as assembleias da comunidade.

O encontro contou com a participação de pessoas de várias Áreas Missionárias, dos quais cada representante teve o seu momento de expor sobre os trabalhos realizados em sua comunidade. No decorrer da manhã, após a pautas sobre viagem, arrecadação do dinheiro para passagens e o local do próximo encontro, foi o momento em que fomos convidados a fazer uma oração com o povo Ticuna, de acordo com a língua de sua etnia. Terminando o encontro as mulheres Ticuna fizeram uma feira de artesanatos, com brincos, pulseiras, potes, alimentos, todos os produtos confeccionados naquela comunidade.

Dito isso, a narradora percebe que o trabalho nas bases, nas periferias, dialogando com diversos grupos é uma estratégia fundamental, pois o distanciamento das bases é uma questão a ser pensada e refletida como um problema histórico, quando a cada momento crescem mais as perspectivas carismáticas dentro do contexto da Igreja na atualidade.

Assim, percebemos que as experiências nas CEBs foram vivenciadas por homens e mulheres que acreditaram que por meio da união e das lutas poderiam transformar o mundo em um lugar melhor. Para alguns é apenas um sonho ou utopia, para muitos é um objetivo e uma realidade, como

é caso de Antônia Santos, que ao assumir a coordenação das CEBs não foi fácil, é trabalhoso, existem dificuldades, falta de recursos, críticas, burocracias, mas é gratificante no sentido de poder servir, ser útil e poder continuar na missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chegamos a essa parte das considerações finais, percebemos que o trabalho do historiador não é perfeito e tampouco completo, pois está permeado por limitações.

Mas, apesar de todas as limitações que foram encontradas no decorrer deste trabalho de pesquisa, tais como dificuldades para acessar os arquivos, desencontros nas entrevistas e trabalhos de campo, é no trabalho do historiador que podemos reacender as “centelhas da esperança” ⁴⁶².

Nesse ponto, vamos de encontro com essa citação, pois pensamos este trabalho como uma contribuição para entendermos as memórias e resistências perpassadas pelas Comunidades Eclesiais de Base em Manaus, na década de 1980 e no tempo presente.

Assim, em um primeiro momento, verificamos neste trabalho, por meio das fontes, que no decorrer do século XX, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), passa por um processo de transformação. E o que mais nos chama atenção neste processo, são as experiências dos sujeitos históricos envolvidos.

Dito isso, em meio aos diversos contextos históricos que permearam o século XX, temos uma Igreja Católica que busca mais uma vez sua influência perdida, por meio da criação de universidades católicas, missões internacionais e institutos de catequese.

A busca de influência empreendida por essa instituição foi de encontro com um mundo em transformação. Um mundo agora tomado pelas novas tecnologias, disputas ideológicas, teorias, movimentos sociais, novas concepções de mundo e também de fé.

E ao passo dessas mudanças, temos na renovação eclesial empreendida pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965), uma Igreja desafiada por essas transformações. Ao mesmo tempo, temos também uma Igreja desafiadora em suas experiências, com a composição e articulação de trabalhos tanto dentro quanto fora de suas estruturas.

Como exemplo, temos o surgimento do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), que torna -se um organismo da Igreja Católica, com o objetivo de ser comunicação e serviço de ação pastoral na América- Latina.

No Brasil, há também o surgimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

⁴⁶² BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1, 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.244.

que passa a ser pensada como uma organização colegiada, favorecendo o diálogo entre as inúmeras dioceses e arquidioceses do país, cada qual com os seus desafios e particularidades.

Do mesmo modo, temos o nascimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Nordeste brasileiro, passando a representar um protagonismo católico diferenciado de tempos anteriores. Um protagonismo Católico que foge do exemplo de condução única do clero, mas o exemplo do leigo na organização da Igreja, assim como na transformação social a partir dos pobres.

Nessa perspectiva, o campo teológico e tradicional da Igreja católica passa a ser fomentado por várias linhas de pensamentos, fruto dos diversos encontros e produções de relatórios episcopais que surgiram na época.

Entre diversas linhas de pensamento, práticas e teorias a Teologia da Libertação conquista o seu espaço com uma proposta de pensar e fazer teologia a partir dos pobres. Essa proposta colocou em evidência nesse meio de discussões, muitos teólogos e intelectuais que passaram a criticar o modelo de Igreja assistencialista, autoritária, omissa e mediadora de conflitos.

Sim, as experiências aqui dimensionadas trazem exemplos de renovação eclesial, com a criação de pastorais, centros de pesquisas e estudos sociais, coordenação de leigos e ministros da palavra. Contudo, evidenciamos também que essas experiências expressaram pensamentos, formas de conduzir os projetos da Igreja e posicionamentos políticos em contradição.

Observamos que os homens e mulheres que estavam inseridos nesse processo, influenciados por uma perspectiva libertadora de Igreja, deixaram de ser apenas “preocupados” com as mazelas da sociedade, e passaram a ser exemplos de transformação desse social por meio das CEBs.

Nesse contexto, a pesquisa demonstrou ao analisar essas experiências, que as CEBs foram percebidas como o principal núcleo de evangelização. Dessa maneira, o campo de atuação dessas comunidades foi crescendo, havendo a necessidade de compartilhar essas experiências. E como forma de fortalecer essa articulação, temos a organização dos inteleclesiais, ou seja, encontros nacionais ou regionais das CEBs no Brasil.

Além de fomentar a troca de experiências e os desafios das CEBs de cada região do país, observamos nos inteleclesiais a capacidade de gerenciamento e produção de materiais visuais, musical e teológico dos leigos.

Em Manaus, na década de 1980, essa experiência passou a ser evidenciada por meio das

fontes, sendo colocada como prioridade pela Arquidiocese de Manaus, pois as CEBs contribuíam para fomentar o seu projeto de evangelização na Região Amazônica.

Dessa forma, os leigos e leigas transformaram-se em verdadeiros agentes de evangelização, promovendo a formação de pequenos núcleos de catequese nas periferias, círculos bíblicos nas comunidades ribeirinhas, encontros e celebrações da palavra.

Os padres, bispos e religiosas, e a Igreja Católica em Manaus como um todo, assumiram o compromisso de fomentar as CEBs por meio de cursos teológicos, formação de leigos e assembleias pastorais arquidiocesanas. Percebeu-se também que muitos padres e religiosas assumiram esse compromisso de forma integral, passando a compor as comunidades, não como dirigentes, mas como atuantes na transformação social assumida pela Igreja.

Esta dimensão de transformação social da cidade a partir de diálogos entre fé e política, foi trazida pelas narrativas orais, quando observamos que a atuação desses narradores transcendia o campo religioso das comunidades católicas e passavam a transformar a cidade com as suas demandas.

No desenvolvimento do trabalho, é evidenciado que as demandas são diferentes, como moradia, terra, lazer, qualificação profissional, pavimentação asfáltica, água encanada, luz elétrica, escola, creches, preservação do meio ambiente, rádios comunitárias e associações de moradores.

Dessa forma, percebemos o processo de construção social e histórica de manifestações e formas de resistência pelo fim das injustiças e desigualdades pelos operários, pelas mulheres da periferia, com novo sentido das redes de colaboração realizadas por esses sujeitos através da solidariedade, bem como através de simbolismos e novas formas de luta.

Assim, ao revalorizarmos as experiências desses homens e mulheres importantes na defesa e manutenção dessas lutas, aprendemos neste trabalho o contexto social em que essas lutas foram travadas, os sonhos, tristezas, alegrias, as realizações e as ambiguidades desses sujeitos históricos.

As lutas das CEBs em Manaus têm se articulado nos encontros inteclesiais, e suas ações de evangelização e libertação na cidade, bem como processos ambíguos nessa caminhada. Logo, foi possível perceber que as CEBs continuam como experiências ativas e em transformação, e não como estruturas fixas paradas no tempo.

FONTES

Fontes Orais

Carlos Alberto Maciel Nascimento. *As comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 03 de junho de 2017. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Julie Joy de Souza Mesquita. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 22 de junho de 2017. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Areolino da Silva Santana. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 19 de agosto de 2017. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Helma Sampaio Aragão. *As Pastorais Sociais*. Manaus, gravada, 24 de fevereiro de 2018.

Irmã Helena Augusta Walcott. *Teologia da Libertação e os movimentos de ocupação em Manaus*. Manaus, gravada, 04 e 10 de julho de 2018. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Francy Júnior. *As escolas de Fé e Política e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 23 de fevereiro de 2019. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Dona Antônia, coordenadora das CEBs. *As Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 14 de março de 2019. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Moisés Aragão. *As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 04 de abril de 2019. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Raimundo Souza dos Santos. *As comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação*. Manaus, gravada, 26 de Abril de 2019. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Padre Alberto Panichella. *As comunidades Eclesiais de Base e os Intereclesiais*. Manaus, gravada, 29 de maio de 2019. Entrevista concedida a Andreza Michelle dos Santos Alves.

Fontes Escritas

Biblioteca Pública do Amazonas
Jornal A Crítica 1985 a 1989.

Arquidiocese de Manaus
Pasta de documentos das CEBs.

Documentos da Igreja

ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Diretório Pastoral*. Coordenação de Pastoral, 2015, Manaus, pág. 18.

CELAM. *Documentos do CELAM: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio. Conclusões de Medellín*. 5ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

CELAM. *Documentos do CELAM: III Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Texto oficial, Puebla de Los Angeles, México, 1979*. São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

CNBB. *Desafio Missionário: Documentos da Igreja na Amazônia (coletânea)*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CNBB. Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil. *Documentos da CNBB*, n.25. 2ª ed. Brasília: Edições Paulinas, 1982.

CNBB. Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades de Base. *Documentos da CNBB*, n. 92. Brasília: Edições Paulinas, 2010.

CEBs. *CEBs, Igreja Missionária e Libertadora com rosto Amazônico, Relatório e Cartilha do 1º Encontro Intereclesial das CEBs do Regional Norte 1 (Amazonas e Roraima)*. Manaus: Gráfica Geal, 2007.

COMPÊNDIO VATICANO II. Arquivos da Santa Sé. *Constituições, decretos e declarações*. Disponível: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.html. Acesso em 05 de Março de 2018.

BIBLIOGRAFIA

AARÃO REIS FILHO, Daniel. (Org.). RIDENTI, Marcelo. (Org.). MOTTA, R. P.S. (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil – 50 anos de Golpe de 1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. *Brasil: Nunca mais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. *O que é Igreja?* São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1981.

ANTONACCI, M. A. *Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre*. Comunicação apresentada ao 48º International Congress of Americanists. Estocolmo, 1994.

ANTONACCI, M; AZEVEDO, A. M. Em lutas culturais com Stuart Hall. In: *Projeto História*, São Paulo, n.56, p. 7-12, mai. – agos. 2016.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Fé e Política: Povo de Deus e Participação Política*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

BARROSO, Eloísa Pereira; LONGO, Clerismar Aparecida. *Ditadura civil-militar e relações de gênero: Uma análise das experiências de mulheres na guerrilha urbana no eixo Brasília – Goiânia*. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. (Org.). *História Oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos*. São Paulo: Letra e Voz, 2017, págs. 57-75.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos dos Camponeses*. In: __. Relatório/Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 91 – 153.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Textos temáticos: Violações de Direitos Humanos nas Igrejas Cristãs*. In: __. Relatório/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, Vol. 2, 2014, p. 155 – 200.

BAKHTIN, Mikail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BEOZZO, José Oscar. *Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois*. In: __. GODOY, Manoel. (Org.); AQUINO JÚNIOR, Francisco de. (Org.). *50 anos de Medellín: revisitando os textos e retomando o caminho*. 1ªed. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9 – 27.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1, 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BETTO, Frei. *Igreja Católica e o Golpe de 1964*. Frei Betto (Org.), 2020. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/39-igreja-catolica-e-o-golpe-de-1964>. Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

BENTES, Norma. *Manaus: realidade e contrastes sociais*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer e FAPEAM, 2014.

BIER, Amanda. *Dom Hélder Câmara e Dom Luciano Mendes de Almeida: A opção pelos pobres*. Revista On line do Instituto Humanitas Unisinos, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602257-dom-helder-camara-e-dom-luciano-mendes-de-almeida-a-opcao-pelos-pobres> . Acesso em 07 de Dezembro de 2020.

BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. *Horizonte*. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, V. 16, nº 50, p. 544-575, 31 ago. 2018,562.

BRITO, Lucelmo Lacerda de. Uma análise da polêmica em torno livro “*Igreja: carisma e poder*”, de Leonardo Boff, na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada na PUC, São Paulo, 2008.

BOFF, Leonardo; O.F.M. *E a Igreja se fez Povo. Ecclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo*.

Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo; O.F.M. *Teologia do Cativo e da Libertação*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BOFF, Leonardo; O.F.M. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja dos oprimidos: do vale de lágrimas rumo à terra prometida*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

CAPARELLI, Sérgio. *Ditaduras e indústrias culturais: No Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai*. (1964 – 1985). Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRG, 1989.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CPDOC. *Cruzada do Rosário em Família*. Verbetes Temáticos. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzada-do-rosario-em-familia>. Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

CPDOC. *A trajetória de João Goulart na Presidência da República: As reformas de Base*. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/As_reformas_de_base. Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

CPDOC. *Dom Avelar Brandão Vilela*. Verbetes Biográficos. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/avelar-brandao-vilela>. Acesso em 30 de Outubro de 2020.

CPDOC. *A trajetória política de João Goulart na Presidência da República. A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar: A marcha da família com Deus pela Liberdade*. CPDOC/FGV, 2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marchadafamiliacomDeus. Acesso em 05 de Dezembro de 2020.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CODINA, Victor. Teologia de la Liberación 40 años después. Balance y Perspectivas. *Horizonte-Revista de Estudos da Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, vol. 11, nº 32, p. 1357 – 1377, Out/Dez, 2013.

COMBLIN, Pe. José. *A ideologia da segurança nacional: O poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: Modelo de Esperança na caminhada para a Paz e Justiça Social*. Dissertação Apresentada na PUC, São Paulo, 2004.

CRUZ, H. de F; PEIXOTO, M. do R. da C. Na Oficina do Historiador: conversar sobre História e Imprensa. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, p. 253 – 270, dez. 2007.

CRUZ, H. de F. A Cidade do Reclame: Propaganda e Periodismo em São Paulo - 1890/1915. *Projeto História (PUCSP)*, São Paulo, v. 13, n.1, p. 81-92, 1996.

DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana – (1930- 1985)*. São Paulo: Editora Paulus, 1989.

FENELON, D. R; THOMPSON, E. P. História e Política. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 12, p. 77-93, out. 1995.

FENELON, D. R; THOMPSON, E. P. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: _____. *Projeto História*, nº 10, São Paulo, dez. 1993, p. 73 – 90.

FERREIRA, Rafael Leite. Revelando os Bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Câmara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). *Paralelus- Revista Eletrônica de Ciências da Religião – UNICAP*, Recife, v. 03, nº 06, Jul/dez. 2012, p. 227-239, p. 228.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

IFFLY, Catherine. *Transformar a Metrópole: Igreja Católica, territórios e mobilizações sociais em São Paulo. (1970-2000)*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

JORDÃO, José Cláudio. *Estudo do Conceito “Povo de Deus” na Lumen Gentium*. Dissertação apresentada no Programa de Pós- Graduação em Teologia da PUC de São Paulo, 2011.

JURKOVICS, V. I. Resenha. LÖWY, Michael. A Guerra dos deuses: religião e política na América Latina. *História & Debates*, Curitiba, nº 38, ed. UFPR, 2003.

KUZMA, Cesar Augusto. *A Esperança Cristã na “Teologia da Esperança”*: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Prax, Teologia Pastoral*, Curitiba, v.1, n.2, p. 443-467, Jul/dez, 2009.

LAMAS, Rita Suriani. *A Igreja Católica e a sua atuação política no Brasil: A oposição frente ao governo ditatorial militar ocorrida entre os anos de 1960 e 1980*. *Revista Faces de Clio*. Vol. 5, nº 10, Jul./ Dez. 2019, p. 159 – 168.

LIBANIO, João. B. Panorama da Teologia da Libertação na América Latina nos últimos 20 anos. In: _____. *Perspectiva Teológica*, nº 24, 1992.

LIBANIO, João B. Teologia em Revisão Crítica. *Horizonte*. Revista de Estudos da Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte. V.11 ,nº33, p. 1328- 1356, 12 dez. 2013.

LIMA, Frei Tito de Alencar. *Biografias da Resistência*. Memórias da Ditadura, 2020. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/frei-tito-de-alencar-lima/> . Acesso em 07 de Dezembro de 2020.

LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação*: Religião e prática na América Latina. 2ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016.

MATOS, Henrique Cristiano José Matos. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. Período Republicano e atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades*: alternativas para a crise urbana. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARINS, José; TREVISAN, Teolide M.; CHANONA, Carolee. *De Medellín a Puebla*: a práxis dos padres da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 1ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2008.

MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MACIEL, Laura Antunes Et all (Org.). *Outras Histórias*: Memórias e Linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MATOS, J. S; SENNA, A. K. de. História Oral como fonte: problemas e métodos. In: _____. *História*, Porto Alegre, nº 02, p. 95 – 108, 2011.

MARICATO, E. Metrópole, Legislação e Desigualdade. In: _____. *Estudos Avançados*, Vol. 17, ano 48, p. 151 – 167, 2003.

MENEZES NETO, A. J. *A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra*. Caderno CRH, Salvador, vol. 20, nº 50, p.331- 341, mai-ago. 2007.

MUSZINSKI, Luciana. *A Teologia da Libertação e a Luta pela Reforma Agrária*: os casos dos assentamentos 24 de Novembro e 25 de Outubro /Capão do Leão (RS). Dissertação Apresentada no Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da UFPEL, Rio Grande do Sul, 2010.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. Che Guevara e os movimentos revolucionários latino-americanos. In: _____. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 151- 166.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara*: Entre o Poder e a Profecia. São Paulo: Ática, 1997.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Arte da Escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 15, p. 13 – 49, abr. 1997.
- PORTELLI, A. Sonhos Ucrônicos: Memórias e Possíveis mundos de Trabalhadores. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 10, p. 41 – 58, dez. 1993.
- PORTELLI, A. História Oral como gênero. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº 22, p. 9 – 36, jun. 2001.
- PORTELLI, A. *Memória e diálogo: desafios da História oral para o século XXI*. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia M; FERREIRA, Marieta, M. (Orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- ROVAI, Martha Gouveia de Oliveira. (Org.). *História Oral e História das Mulheres: Rompendo silenciamentos*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.
- ROLNIK, R. *É possível uma política urbana contra a exclusão?* Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/politicaurbanacontraexclusao.pdf>. Acesso em Setembro de 2016.
- RAGO, Margareth. *Descobrimos historicamente o gênero*. In: Cadernos Pagu, nº 11, págs. 89- 98, 1998.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970/1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SADER, EDER. (Org.). Notas para o estudo da ideologia da Revolução Cubana. In: _____. *Che Guevara: Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 113 – 125.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. In. *Temporalidades*, Doutorado, vol. 2, nº 2. Agos./Dez. 2010. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/temporalidades>. Acesso em: 20 de Abril de 2023, p. 24-33.
- SANTIAGO, Maria Célia. *Clandestinidade e Mobilização nas linhas de Montagem: A construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. UFAM, 2010.
- SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. *Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: o Caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980 – 2000*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 2006.
- SERÁFICO, M. A Zona Franca de Manaus e o Capitalismo no Brasil. In: _____. *Estudos Avançados*, vol. 19, ano 54, p. 99 – 113, 2005.

SILVA, Carla. L. História e Memória da Repressão nos anos 1970 e 2014. In:_. *Projeto História*, São Paulo, nº 50, p. 138 – 170, ago. 2014.

SILVA, Marcos. A. da. A cidade e seus patrimônios (textos, imagens e sons). *Revista Projeto História*. São Paulo, vol. 13, jun. 1996.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Revolução e Reação interiorizados na Igreja*. Dissertação apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UFF, Niterói, 2006.

SCHIAVO, R. A. As comunidades Eclesiais de Base no Brasil: um balanço historiográfico. In: MATA, Sérgio Ricardo; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino. (Orgs.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História: aprender com a História?* Ouro Preto: EDUFOP, 2009.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa e construção social da “Ditabranda”. In:_. MELO, Demian Bezerra de. (Org.). *A miséria da Historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 189 – 217.

SILVA, Marcos A. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SOUZA, João Carlos de. *Na Luta por Habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: EDUC, 1995.

SOARES, Elisângela Socorro Maciel Soares. *Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: A diocese de Manaus vivendo a romanização (1892- 1926)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFAM, Manaus, 2008.

SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?* Horizonte- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. V. 11, nº 32, p. 1678- 1691, out/dez. 2013.

TAVARES, Sinivaldo Silva. *À margem de uma comemoração: considerações sobre a Teologia da Libertação no seu quarentenário*. Horizonte- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. V.11. nº. 32. p.1378-1402, out/dez, 2013.

SCOTT, Joan. “*Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*”. Educação e Realidade, V. 15, nº 2, págs. 5 a 12, 1995.

TEIXEIRA, Faustino. *Cristianismos e Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Maria do Carmo Sena. *Igreja Católica e Ação Indigenista na Amazônia Contemporânea: O CIMI (1972- 2000)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História. UFAM, 2008.

TONETTI, Júlio Cesar Minga. *Nossa Senhora Aparecida: A Nova Padroeira do Brasil: Diálogos sobre a Devoção Popular e a Romanização*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da PUC-SP, 2019.

THOMPSON, Edward. P. *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. (Orgs.). São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

THOMPSON, Edward. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward. P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária*. 4ª, vol. I, II e III, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. *Entre a Cruz e a Foice: Dom Pedro Casaldáliga e a significação religiosa do Araguaia*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós- Graduação em História da UNICAMP, São Paulo, 2007.

VATICANO. *Catecismo da Igreja Católica*. Loyola: São Paulo, 1998.

VIEIRA, R. M; KHOURY, Y. A. Movimentos sociais, documentação e História Oral. In: _____. *Projeto História*, São Paulo, nº (8/9), p. 103 – 109, 1992.

VIEIRA, Maria; ROSÁRIO, Maria; YARA, Maria. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

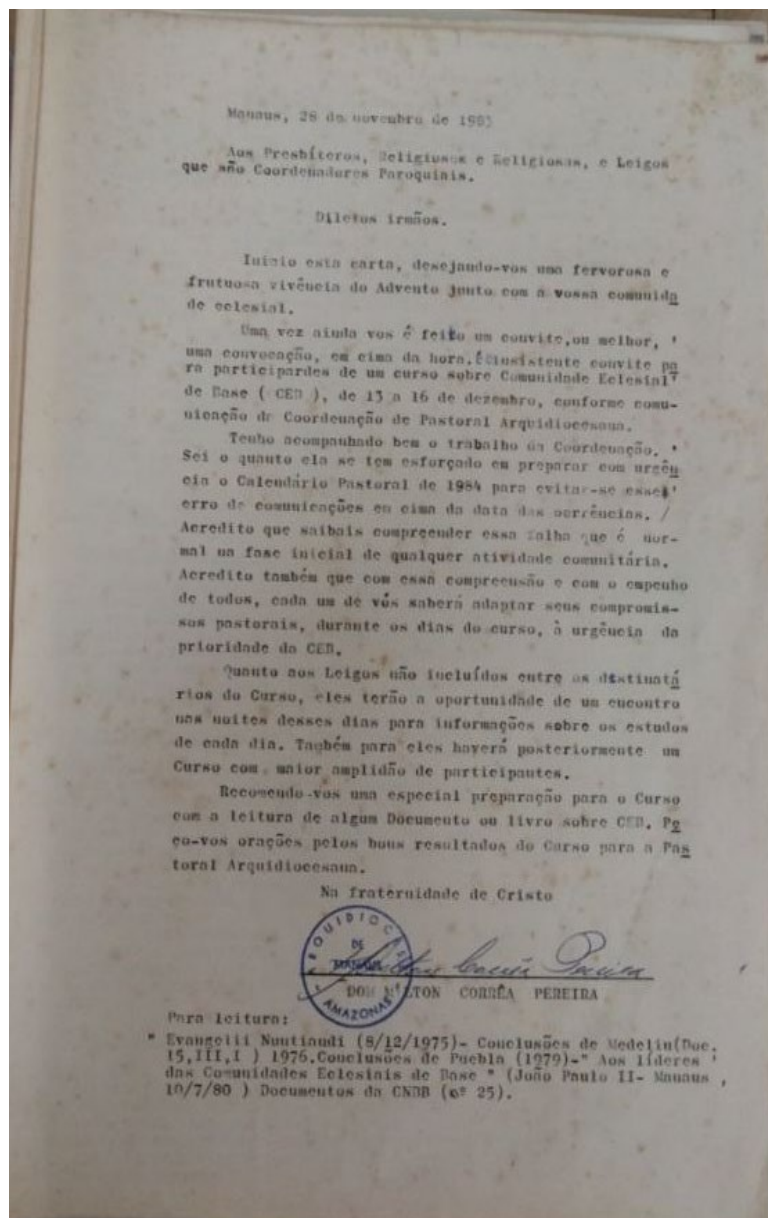
ANEXOS

ANEXO A- Sr. Areolino no CEFAM.



Fonte: Fotografia cedida pelo autor, 2017, CEFAM-AM.

ANEXO B- Carta-convite de Dom Milton Pereira.



Fonte: Pasta das CEBs da arquidiocese de Manaus, 2019.

ANEXO C- Sr. Carlos na Comunidade São Francisco.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO D- Centro Pastoral da Comunidade São Francisco.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO E- Julie Mesquita em sua residência.



Fonte: Acervo Pessoal, 2017.

ANEXO F- Celebração da catequese com a família , no colégio Dom Milton Corrêa.



Fonte: Foto do acervo pessoal de Julie, 1988.

ANEXO G- Professora Helma em sua residência.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

ANEXO H- Sr. Raimundo em sua residência.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO I- Relatório do 1º Encontro Intereclesial das CEBs Regional Norte 1.

**1º ENCONTRO INTERECLESIAL
DAS CEBs DO REGIONAL NORTE 1
(AMAZONAS E RORAIMA)**

**"CEBs, IGREJA MISSIONÁRIA E LIBERTADORA,
COM ROSTO AMAZÔNICO"**



Relatório e Cartilha

Manaus - AM

Fonte: Acervo Pessoal, 2007.

ANEXO J- 1ª Eucaristia no lago do Acajatuba, Iranduba-AM.



Fonte: Acervo cedido por Raimundo Santos, 2013.

ANEXO K- Sr. Raimundo se preparando para a cerimônia do batismo.



Fonte: Acervo cedido por Raimundo Santos, 2013.

ANEXO L- Casa de Nazaré.



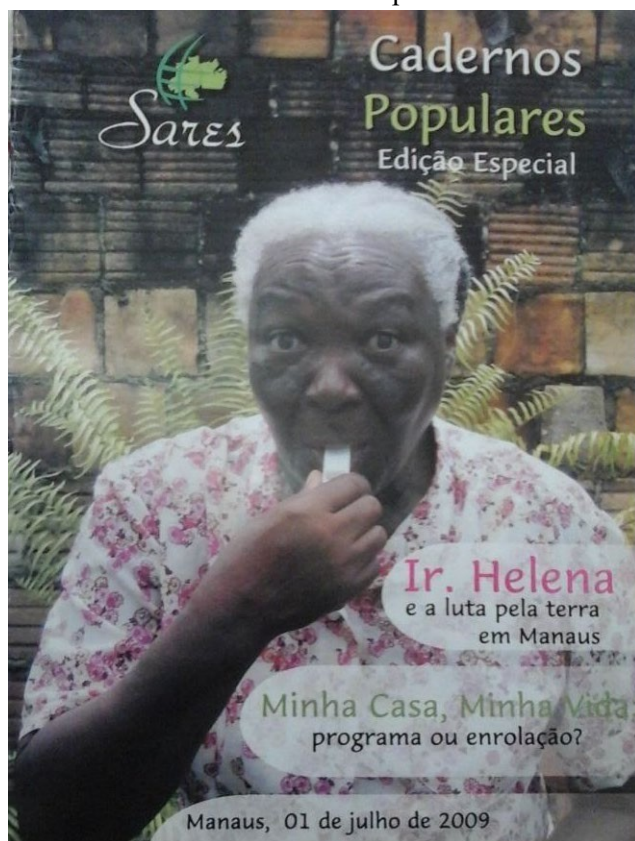
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

ANEXO M- Pastas de Irmã Helena.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

ANEXO N- Revista SARES especial Irmã Helena.



Fonte: Acervo cedido por Irmã Helena, 2018.

ANEXO O- Padre Alberto em sua casa.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

ANEXO P- Outdoor das CEBs na Av. Noel Nutels, Cidade Nova.



Fonte: Acervo cedido por Padre Alberto, 2006.

ANEXO Q- Jovens da PJMP da Área Missionária São Francisco.



Fonte: Acervo cedido por Padre Alberto, 2006.

ANEXO R- Francy Júnior em campanha pelo PT/AM.



Fonte: Domínio público, 2022.

ANEXO S- Antônia Santos em sua residência.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO T- Ficha para a participação da Assembleia arquidiocesana.

	ARQUIDIOCESE DE MANAUS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE – CEBs Assembleia Arquidiocesana – 22-24/11/2019	
---	--	---

FICHA DE INSCRIÇÃO

“Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”

DADOS PESSOAIS					
Nome completo					
Nome para crachá			Data de nascimento		
Profissão			Escolaridade		
Função religiosa	() Leigo	() Religioso(a)	() Diácono	() Padre	() Bispo
Região episcopal		Setor			
Paróquia/Área Missionária					
Comunidade					

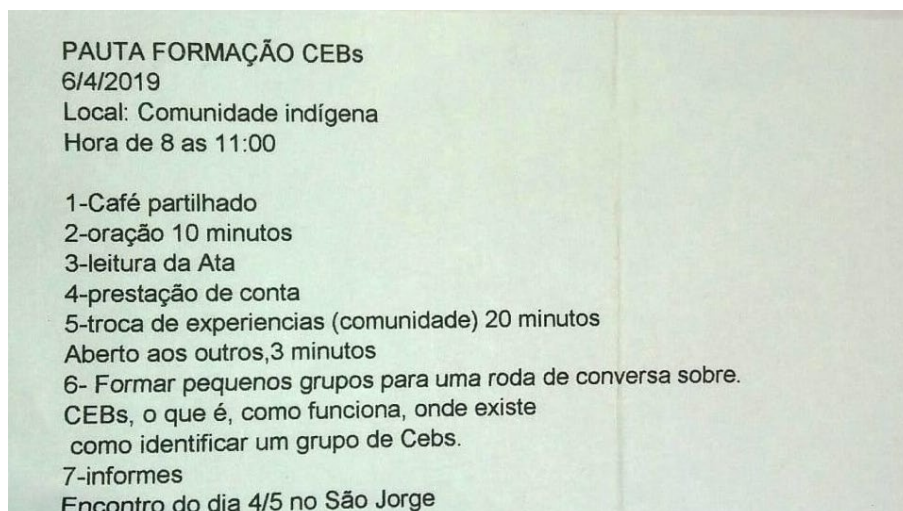
REFERENCIAS	
Endereço	
Complemento	CEP
Cidade	Estado
Telefones	
E-mail	

RECOMENDAÇÕES
Necessita de alimentação especial? () Sim () Não
Tipo de alimentação ou restrição alimentar
Necessita de transporte/acolhida?

ORIENTAÇÃO
1. Levar kit CEBs (Prato, copo, talher)
2. Levar material de higiene (Toalha, pasta, escova, sabonete, desodorante, etc.)
3. Levar material de pesquisa (Documento 109, X APA, Resultado do Sínodo)
4. Levar rede, lençol, sandália, roupa de banho e para a noite cultural
5. Levar alegria, espírito de solidariedade e de colaboração, boa vontade
6. Local: AM10, Km 43, Casa de Retiro Dom Luciano Mendes Data: 22 a 24 de novembro de 2019 Horário: Saída 19:00 horas da Praça da Saudade. Chegar no local às 18:00 horas. Quem possuir condução própria favor avisar à Coordenação.
7. Colaboração: R\$ 30,00 (Trinta reais)

Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO U- Pauta das CEBs em reunião.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

ANEXO V – Leitura da Ata da reunião pela coordenadora Antônia.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.